

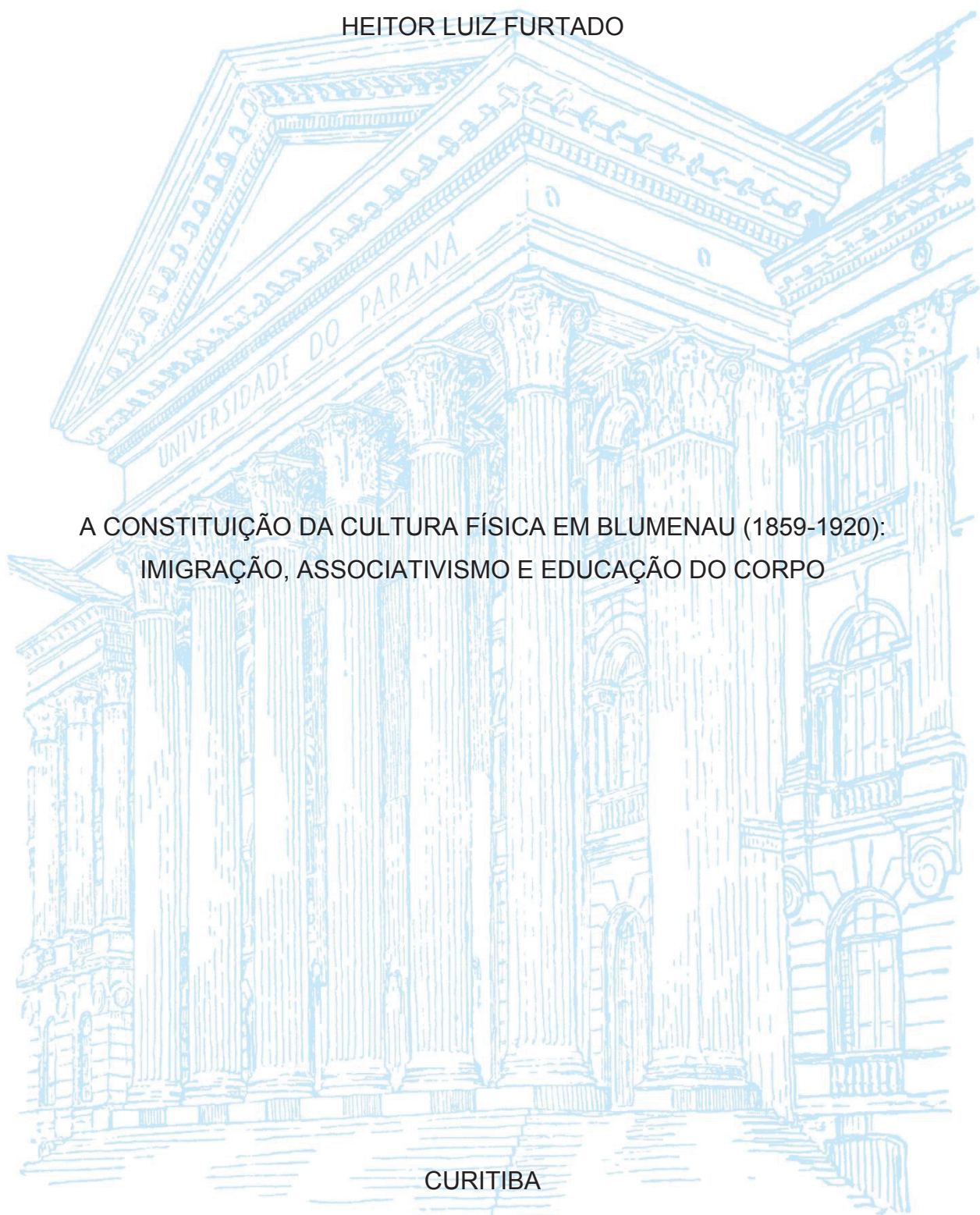
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HEITOR LUIZ FURTADO

A CONSTITUIÇÃO DA CULTURA FÍSICA EM BLUMENAU (1859-1920):
IMIGRAÇÃO, ASSOCIATIVISMO E EDUCAÇÃO DO CORPO

CURITIBA

2021



HEITOR LUIZ FURTADO

A CONSTITUIÇÃO DA CULTURA FÍSICA EM BLUMENAU (1859-1920):
IMIGRAÇÃO, ASSOCIATIVISMO E EDUCAÇÃO DO CORPO

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Educação Física, no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Moraes e Silva
Coorientador (a): Prof^a. Dr^a Evelise Amgarten Quitzau

CURITIBA

2021

Universidade Federal do Paraná
Sistema de Bibliotecas
(Giana Mara Seniski Silva – CRB/9 1406)

Furtado, Heitor Luiz

Constituição da cultura física em Blumenau (1859-1920): imigração, associativismo e educação do corpo. / Heitor Luiz Furtado. – Curitiba, 2021. 225 p.: il.

Orientador: Marcelo Moraes e Silva.

Coorientadora: Evelise Amgarten Quitzau.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Imagem corporal. 2. Aparência física. 2. Destreza motora. 3. Clubes - Blumenau (SC). 4. Associações, instituições, etc. I. Título. II. Moraes e Silva, Marcelo, 1975-. III. Quitzau, Evelise Amgarten. IV. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (22. ed.) 613.71



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA -
40001016047P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de HEITOR LUIZ FURTADO intitulada: "A CONSTITUIÇÃO DA CULTURA FÍSICA EM BLUMENAU (1859-1920): IMIGRAÇÃO, ASSOCIATIVISMO E EDUCAÇÃO DO CORPO", sob orientação do Prof. Dr. MARCELO MORAES E SILVA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 26 de Julho de 2021.

Assinatura Eletrônica
29/07/2021 11:47:59.0
MARCELO MORAES E SILVA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
29/07/2021 15:03:42.0
ANDRÉ MENDES CAPRARI
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
04/08/2021 12:42:27.0
LIANE MARIA BERTUCCI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
29/07/2021 13:58:19.0
MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
29/07/2021 12:40:07.0
CARMEN LUCIA SOARES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

AGRADECIMENTOS

Ao final deste processo, me deparo com a difícil tarefa de tecer meus agradecimentos. Meu caminhar durante o doutorado foi carregado de encontros com pessoas que modificaram meu modo de ver e interpretar o mundo. Passo aqui, a expressar minhas palavras.

De forma inicial, gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, que na figura do Estado brasileiro me abriu as portas para que pudesse realizar meu sonho de se tornar doutor. Em nome do Programa, estendo meu agradecimento a todos os professores e professoras, em especial, aqueles da Linha de Pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade que em cada aula, texto indicado, me conduziu para que pudesse enxergar uma outra perspectiva de sociedade, de educação e de educação física. Aproveito também para agradecer o corpo técnico-administrativo, na figura do Rodrigo Waki.

De forma destacada, agradeço imensamente ao professor Dr. Marcelo Moraes e Silva por todo empenho, orientação e afeto durante todo o processo de doutoramento. Minhas voltas de Curitiba, após nossas conversas modificaram meu modo de enxergar as coisas. Não há palavras que possa descrever a gratidão que tenho pela oportunidade a mim dada, mesmo não possuindo, naquele primeiro momento, nenhum vínculo. Após duas recusas nos processos de seleção, você me deu a chance para que pudesse tornar isso realidade. Suas orientações me fizeram reconstruir minha trajetória acadêmica, científica, profissional e intelectual. Sua dedicação e comprometimento, são dignos de exaltação e de exemplo. Serei eternamente grato.

Agradeço também a professora Evelise Amgarten Quitau, que na figura de coorientadora contribuiu imensamente para o desenvolvimento do trabalho. Sua responsabilidade, ética e comprometimento servirá de exemplo para o prosseguimento de minha trajetória científica.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa, nas pessoas do Rodrigo, Vera, Tabea, Cahuane, Hanin, Henrique, Leonardo em mais recentemente a Daniele, Silmara, Karin, e de forma especial, a Priscila, pelas leituras e contribuições realizadas em meu texto. Fazer parte deste grupo foi extremamente engrandecedor.

Aos professores da banca de qualificação e defesa, professor André Mendes Capraro, professora Carmen Lucia Soares, professor Marcus Levy Albino Bencostta e a professora Liane Maria Bertucci pelos valiosos ensinamentos e conselhos. O cuidado, o zelo e o respeito ao trabalho, serão por mim sempre lembrados. Em um período histórico em que aponta a necessidade de tantas lutas, vocês representam o verdadeiro papel de ser professor.

Ao Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, na figura da professora Sueli Petry e da Milena que sempre estiveram disponíveis para que a pesquisa pudesse ser realizada.

A meus familiares por toda o amor e incentivo para que pudesse alcançar este tão desejado sonho. Meu maior presente foi ter nascido em uma família de

professores. Para minha Vó Ivone, que dentro de sua simplicidade me mostrou o caminho do trabalho, da dedicação e da beleza de viver a vida. Esta tese sobre imigração alemã, é uma homenagem a senhora. A minha mãe, pelos aprendizados ao longo de cada carinho, conversa, incentivo, pelo valor e pela busca incessante do conhecimento, pelo amor aos estudos, pela necessidade do olhar atento e cuidadoso aos mais necessitados. Você sempre foi e sempre será meu maior exemplo. Ao meu pai, pela sua inteligência, por todos os momentos alegres vividos. Sua presença me faz tanto falta e este doutorado, também é uma homenagem a ti. Aos meus irmãos, Mano e Gena que são meus pilares de sustentação. Com vocês, aprendo diariamente sobre verdadeiro valor do amor. Obrigado por todo apoio durante este processo. A minha tia Sueli e Tio Bruno por todo carinho e dedicação. A minha madrinha Edna, que por meio do seu imenso amor, me ensinou e ensina a cada dia. Ao meu sogro Thomas e sogra Nadia por todo incentivo e pelo entendimento do quão este momento era importante. A minha cunhada Deise, pelo incentivo e parceria ao longo de todos estes anos. A Daniela e Leandro pelo carinho e pela relação afetuosa, ao Mauricio com quem tenha o prazer de compartilhar momentos de minha vida, a Manoela por toda a parceria e a todos meus sobrinhos, Artur, Caroline, Maria Clara, Lara e Rafael.

A minha esposa, amiga e companheira Maira. Sem você, jamais conseguiria ter chegado a este sonho. Todos os incentivos, todas as conversas, todos os puxões de orelha me fizeram seguir em frente. Esta conquista é nossa. Você é exemplo de lealdade, respeito, afeto e amor. Meu muito obrigado! E em nome da Maira, um beijo e um abraço especial, ao meu filho amado Vicente. Sua vinda foi um presente ao longo do doutorado. Ao cresceres lerás esta singela homenagem que expressa todo meu amor por ti. Que seja feliz. O pai te ama muito.

A Universidade Regional de Blumenau – FURB, por ter oportunizado durante a graduação o desenvolvimento do amor pela educação física e posteriormente, a oportunidade de me tornar professor universitário. A Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, pelas oportunidades dadas a cada dia e pela possibilidade de exercer a função que mais amo, ser professor.

Por fim, agradeço imensamente a Deus e a cada aluno, cada atleta que pude ter contato ao longo de minha trajetória acadêmica, científica e profissional. Suas inquietações, dúvidas, reflexões me fizeram seguir em frente. Meu muito obrigado! A partir destas singelas palavras, agradeço a todos e todas que direta ou indiretamente contribuíram para este sonho. Se a vida é feita de ciclos, hoje encerro mais um, com a certeza de que tudo valeu a pena. Esta conquista é coletiva! Meu muito obrigado.

“Viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz. Ah meu Deus! Eu sei, eu sei, que a vida devia ser bem melhor e será, mas isto não impede que repita, é bonita, é bonita e é bonita”
(O que é, o que é. Gonzaguinha)

RESUMO

Situada no nordeste de Santa Catarina, na região do Vale do Itajaí, Blumenau é conhecida em todo o Brasil como uma das cidades com maior influência germânica. A cidade foi se desenvolvendo aos poucos e seus habitantes, majoritariamente alemães, se adaptaram ao clima e às condições de vida da região. Este processo trouxe consigo a entrada de novos hábitos, costumes e crenças, que se materializaram nas vestimentas, nos modos de viver e se comportar. Para o desenvolvimento da presente tese de doutoramento, optou-se pelo recorte temporal entre os anos de 1859 e 1920, tendo como base o conceito de cultura física. O trabalho buscou analisar a emergência de uma cultura física na cidade de Blumenau a partir da influência do processo imigratório alemão. A tese foi desenvolvida a partir de três conjuntos de fontes. O primeiro, os jornais, em específico o *Blumenauer Zeitung*, o *Immigrant* e o *Der Urwaldsbote*. No segundo conjunto foram analisados os relatórios produzidos pelo então diretor da Colônia; bem como as cartas e diários escritos e enviados à Alemanha pelos imigrantes; além dos documentos dos Clubes e Associações tais como: estatutos, atas, medalhas, bandeiras e painéis textuais. Por fim, foram analisadas as fotografias. Os resultados encontrados apontam que as transformações que atravessaram Blumenau, marcadamente por sua influência imigratória germânica, resultaram no desenvolvimento da cidade. Tais mudanças se manifestaram em um conjunto de transformações que culminaram em novos modos de olhar a cidade, seus tempos e espaços, assim como nos elementos relativos ao próprio corpo. A partir dos achados do trabalho foi possível inferir que elementos relativos às interpretações dos indivíduos acerca da natureza, foram aos poucos se modificando, o que acarretou na emergência de uma nova relação indivíduo/natureza/cidade. Até o surgimento das primeiras associações, os divertimentos aconteciam principalmente no âmbito privado, no contexto do lar, em períodos recortados do trabalho no campo e/ou em pequenos encontros entre os vizinhos. Aponta-se que as competições de tiro, realizadas na *Schützenverein Blumenau* favoreceram modelos mais sutis de educação do corpo que implicavam boas pontarias e destrezas, somando novas exigências mais refinadas. À destreza acrescentava-se a elegância, o porte, o respeito às regras do decoro, caminhando cada vez mais da defesa e segurança para a destreza e eficiência no uso das armas de fogo. Somados aos clubes de tiro, as práticas de ginásticas, realizadas pela *Turnverein Blumenau* proporcionaram a valorização da regeneração, do cultivo e exaltação de práticas corporais atreladas ao ideário alemão, nacionalista, ao passo que também apontaram para o desenvolvimento cada vez maior das técnicas e das mecânicas dos movimentos. Assim, a construção de uma cultura física em Blumenau foi fortemente marcada pela influência dos hábitos e costumes trazidos pelos imigrantes alemães que, ao entrarem em contato com a localidade, buscaram criar sociedades e associações que contribuíssem para a manutenção e celebração de uma certa etnicidade teuto-brasileira, e que também potencializaram o desenvolvimento de novas interpretações relacionadas ao corpo e contribuíssem para o aprimoramento de inéditas técnicas e destrezas corporais.

Palavras-chave: Cultura física. Imigração. Associativismo. Educação do corpo.

ABSTRACT

Located in the northeast of Santa Catarina, in the Vale do Itajaí region, Blumenau is known throughout Brazil as one of the cities with the greatest German influence. The city developed gradually and its inhabitants, mostly German, adapted to the climate and living conditions in the region. This process brought with it the entry of new habits, customs and beliefs, which materialized in clothing, ways of living and behaving. For the development of this doctoral thesis, a time frame between the years 1859 and 1920 was chosen, based on the concept of physical culture. The work sought to analyze the emergence of a physical culture in the city of Blumenau from the influence of the German immigration process. The thesis was developed from three sets of sources. The first, the newspapers, specifically the *Blumenauer Zeitung*, the *Immigrant* and *Der Urwaldsbote*. In the second set, the reports produced by the then director of the Colony were analyzed; as well as the letters and diaries written and sent to Germany by immigrants; in addition to the documents of the Clubs and Associations such as: statutes, minutes, medals, flags and textual panels. Finally, the photographs were analyzed. The results found show that the transformations that went through Blumenau, markedly by its Germanic immigrant influence, resulted in the development of the city. Such changes were manifested in a set of transformations that culminated in new ways of looking at the city, its times and spaces, as well as in the elements related to the body itself. From the findings of the work, it was possible to infer that elements related to the interpretations of individuals about nature were gradually changing, which led to the emergence of a new relationship between individual/nature/city. Until the emergence of the first associations, entertainment took place mainly in the private sphere, in the context of the home, in periods cut off from work in the field and/or in small meetings between neighbors. It is pointed out that the shooting competitions held at *Schützenverein Blumenau* favored more subtle models of body education that implied good marksmanship and skills, adding new, more refined requirements. To dexterity was added elegance, bearing, respect for the rules of decorum, moving increasingly from defense and security to dexterity and efficiency in the use of firearms. In addition to the shooting clubs, gymnastics practices carried out by *Turnverein Blumenau* provided the appreciation of regeneration, cultivation and exaltation of bodily practices linked to the German, nationalist ideals, while also pointing to the increasing development of techniques and mechanics of the movements. Thus, the construction of a physical culture in Blumenau was strongly influenced by the habits and customs brought by German immigrants who, upon coming into contact with the locality, sought to create societies and associations that contributed to the maintenance and celebration of a certain German ethnicity. -Brazilian, and which also boosted the development of new interpretations related to the body and contributed to the improvement of novel techniques and body skills.

Keywords: Physical culture. Immigration. Associativism. Education of the body.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 Pintura alusiva a chegada dos primeiros imigrantes a Colônia Blumenau	27
Figura 2 Pintura alusiva ao barracão de imigrantes no início da Blumenau Colônia	30
Figura 3 <i>Stadplatz</i> Blumenau em 1869 (centro da colônia)	56
Figura 4 Rua das Palmeiras em 1885	62
Figura 5 Rua XV de Novembro 1905 – Bilhar e Cerveja Gross	64
Figura 6 Piquenique realizado no ano de 1908	69
Figura 7 Piquenique realizado no ano de 1910	70
Figura 8 Piquenique realizado no ano de 1911	71
Figura 9 Vista aérea da cidade de Blumenau do morro da Igreja	77
Figura 10 Primeira Sede da <i>Schutzenvereine Blumenau</i>	92
Figura 11 Sócio em frente a Sociedade comemorando aniversário – 1859	92
Figura 12 Vista lateral da Sociedade de Atiradores	93
Figura 13 Pintura alusiva as festividades da sociedade no ano de 1861	94
Figura 14 Programação Sociedade de Atiradores Blumenau	100
Figura 15 Programação <i>Theater Verein</i>	102
Figura 16 Recepção tribulação do Encouraçado alemão Panther 1905	103
Figura 17 Convite Baile de Máscara oferecido pela Sociedade de Atiradores	105
Figura 18 Cartaz de programação de uma festividade promovida pela Sociedade de Atiradores	107
Figura 19 Festividades com a presença de figuras ilustres da cidade	114
Figura 20 Segunda sede da <i>Schutzenvereine Blumenau</i>	115
Figura 21 Sócios em frente a Sociedade de Atiradores – 1905	117
Figura 22 Grupos de praticantes de bolão da <i>Schutzenvereine Blumenau</i>	120
Figura 23 Jogo de <i>Skat</i> no Clube Teutônia – 1909	121
Figura 24 Grupo feminino de Bolão – 1902	122
Figura 25 Atiradores no interior da sociedade 1909	124
Figura 26 Festa dos atiradores promovida pela Sociedade em 1910	125
Figura 27 Sócios e convidados no interior da Sociedade de Atiradores	126
Figura 28 Sócios em festividade no interior da Sociedade Atiradores 1910	127
Figura 29 Sócio Atirador – Sociedade de Atiradores Blumenau – final década de 1920	133
Figura 30 <i>Frohsinn</i> construído em 1896	139
Figura 31 Alunas e seu respectivo instrutor de ginástica (1908)	145

Figura 32 Exercícios ginásticos realizados pela <i>Turnverein Blumenau</i> década de 1920	146
Figura 33 Diploma de Honra produzido pela <i>Turrnverein Blumenau em 1888</i>	149
Figura 34 Certificado de vitória em competição de ginástica promovido pela <i>Turnverein Blumenau (1888)</i>	153
Figura 35 Folheto Comemorativo aos 40 anos da <i>Turnverein Blumenau</i>	155
Figura 36 Poema alusivo à comemoração de 40 anos de aniversário da sociedade	156
Figura 37 Poema em homenagem a Ginástica Alemã	159
Figura 38 Poema alusivo as subidas ao morro <i>Spitzkopf</i>	165
Figura 39 Convite para o primeiro encontro Regional de Ginástica promovido pela <i>Itajahy-Gau</i>	176
Figura 40 Apresentação pública de ginastas durante o Festival	187
Figura 41 Primeira sede da <i>Turnverein Blumenau</i>	188
Figura 42 Ginastas da <i>Turnverein Blumenau</i> em partida de futebol contra os marinheiros alemães	189
Figura 43 Ginastas da <i>Turnverein Blumenau</i> e marinheiros alemães após aos a partida	190
Figura 44 Jogadores do Amazonas Esporte Clube	194
Figura 45 Inauguração das primeiras embarcações	201
Figura 46 Remadores do Clube Náutico América	202
Figura 47 Competição de Remo no Rio Itajaí-Açu 1927	202

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 DESCRIÇÃO DAS FONTES	19
2 BLUMENAU NOVOS TEMPOS, ESPAÇOS E POSSIBILIDADES	26
2.1 A PEQUENA VILA, SUAS IMAGENS E IMPRESSÕES: A CONSTRUÇÃO DE IDEÁRIO URBANO EM BLUMENAU	26
2.2 DOS IMPREVISTOS DA NATUREZA AO DESENVOLVIMENTO DA COLÔNIA: A ESTRUTURAÇÃO DE ELEMENTOS URBANOS EM BLUMENAU	41
2.3 DA COLÔNIA À PEQUENA CIDADE: A EMERGÊNCIA DE NOVOS CÓDIGOS DE CIVILIDADE	52
2.4 A CONSTRUÇÃO DE UMA “CERTA MODERNIDADE” EM BLUMENAU: A EMERGÊNCIA DE NOVOS TIPOS DE DIVERTIMENTOS	66
3 AS <i>SCHÜTZENVEREINE</i> EM BLUMENAU: EMERGÊNCIA E CULTIVO DE UMA CULTURA FÍSICA NA CIDADE	82
3.1 IDENTIDADES E PERTENCIMENTOS: OS CLUBES DE TIRO NA CIDADE DE BLUMENAU	82
3.2 A CRIAÇÃO DA <i>SCHÜTZENVEREIN</i> BLUMENAU: PRIMEIROS MOMENTOS DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CULTURA FÍSICA	90
3.3 ENTRE TIROS E COMPETIÇÕES: A SOCIEDADE DE TIROS E A FORMULAÇÃO DE UMA NOVA PEDAGOGIA CORPORAL.....	108
4 ENTRE PRESCRIÇÕES, EXIBIÇÕES E ESPETÁCULOS: UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA DA <i>TURNVEREIN</i> EM BLUMENAU.....	136
4.1 A CRIAÇÃO DA <i>TURNVEREIN</i> BLUMENAU: CONSOLIDANDO UMA CULTURA FÍSICA EM BLUMENAU.....	136
4.2 A GINÁSTICA ALEMÃ EM BLUMENAU: CORPO, IDENTIDADE E ETNICIDADE.....	149
4.3 DOS ESPAÇOS FECHADOS AO AR LIVRE: O IDEÁRIO SOBRE NATUREZA PRESENTES NA <i>TURNVEREINE</i> BLUMENAU	161
4.4 A CRIAÇÃO DE UMA LIGA SUPRARREGIONAL: O LUGAR ITAJAHY-GAU PARA O DESENVOLVIMENTO DA GINÁSTICA NO VALE DO ITAJAÍ – SC	169
4.5 A SISTEMATIZAÇÃO DAS PRIMEIRAS PRÁTICAS ESPORTIVAS NA CIDADE DE BLUMENAU	189
5 CONCLUSÕES	205
6 FONTES.....	214
7 REFERÊNCIAS.....	216

1 INTRODUÇÃO

Situada no nordeste de Santa Catarina, na região do Vale do Itajaí, Blumenau é conhecida em todo o Brasil como uma das cidades com maior influência germânica. Para Machado (2011), a localidade é interpretada como um espaço cultural que contempla uma rica teia de elementos identitários que contribuíram para a sua construção, a partir das tradições estabelecidas pela imigração.

Ao circular por Blumenau atualmente ainda são constantes as referências e alusões deixadas e reelaboradas por esta tradição, fruto de um processo imigratório marcadamente alemão que é presente e cultivado pela população. Podem ser citados como elementos enraizados na cultura local os diferentes sotaques da língua germânica, a *Oktoberfest*, comemoração anual conhecida nacionalmente, as roupas, trajes e danças típicas, bem como os Clubes de Caça e Tiro. Esses elementos são indícios de que o processo iniciado em 1850 pelo alemão Hermann Bruno Otto Blumenau¹ ainda se mostra presente no imaginário coletivo e muito enraizado nas dinâmicas sociais e culturais de seus habitantes.

A fundação da colônia Blumenau situa-se em um contexto historicamente amplo da chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Brasil e na então província de Santa Catarina. Excluídos os açorianos e portugueses que aqui chegaram como imigrantes após a independência do Brasil, o primeiro grande contingente imigratório mais ou menos constante foi de alemães (SEYFERTH, 1990).

Segundo Luebke (1987) e Seyferth (1994), o ano de 1824 é considerado o marco inicial da imigração alemã no Brasil, com a criação do primeiro núcleo germânico na cidade de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul. Já, em Santa Catarina, a chegada ocorreu em 1829, na Colônia de São Pedro de Alcântara, atual região da grande Florianópolis. A localização inadequada e o despreparo daqueles imigrantes para a vida rural, culminou na saída deste grupo em busca de áreas mais favoráveis para o seu estabelecimento.

¹ Alemão, nascido na cidade de Hasselfelde no ano de 1829, químico, farmacêutico, e filósofo de formação é considerado o fundador da cidade de Blumenau. Sua primeira viagem ao Brasil é datada do ano de 1846 (GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI, 2019).

Para Seyferth (1993); Siriani (2005) e Quitzau (2016) muitos dos imigrantes, ao aportarem em terras brasileiras, foram encaminhados para localidades sem infraestrutura, com terras impróprias para o cultivo e sem o apoio imperial. O que resultou na necessidade para alguns grupos de deixarem seu núcleo inicial e se dirigirem a outros centros mais próximos. Outras colônias, como Blumenau e Joinville, obtiveram êxito em seus processos de desenvolvimento, influenciados por suas condições geográficas e climáticas, transformando-se em cidades referências do estado².

Seyferth (2004) indica que, na sua grande maioria, os imigrantes que vieram ao Brasil foram recrutados por agentes de empresas colonizadoras ou por aqueles nomeados pelo governo imperial, em um sistema de imigração subsidiada majoritariamente pelo estado brasileiro. A autora afirma que o projeto de imigração fazia parte de um processo civilizatório da sociedade brasileira em que predominava a preferência por europeus, brancos e católicos e os alemães estavam no topo da lista de preferência do governo.

O ponto de partida para a entrada considerável de imigrantes europeus no Brasil foi o decreto de 25 de novembro de 1808, de D. João VI, que permitiu aos estrangeiros o acesso à propriedade da terra. Segundo Seyferth (1990), a cidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, é considerada o primeiro núcleo formado por imigrantes europeus, neste caso, suíços. Na mesma época, também se identifica a tentativa fracassada de imigrantes alemães na construção de uma colônia na província da Bahia. Com o insucesso desta e de outras colônias, as correntes imigratórias europeias passaram a se dirigir principalmente para o sul do país, ou para São Paulo, onde eram encaminhados, em geral, para trabalhar nas fazendas de café.

Seyferth (1974; 1990) salienta que, embora o primeiro núcleo colonial fundado por imigrantes alemães tenha sido na Bahia no ano de 1818, sua maior concentração aconteceu em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A autora ainda indica que os imigrantes alemães nestas duas províncias se localizaram nas áreas

² Segundo o IBGE (2020), Joinville é a maior cidade de Santa Catarina em termos de habitantes (população estimada em 583.144 pessoas) e caracteriza-se por ser um importante polo industrial do estado. Já Blumenau conta atualmente com cerca de 350.000 mil habitantes e é considerada a cidade mais importante do Vale do Itajaí.

de florestas, entre o litoral e o planalto, longe das regiões de grandes propriedades, marcadamente de luso-brasileiros.

As regiões de colonização alemã se caracterizavam principalmente pelas pequenas propriedades de policultura e pelo seu relativo isolamento, acarretando certa autonomia, já que a vida cotidiana era de pouco contato com demais indivíduos. Após 1850, há uma intensificação da imigração, pois ela passa para a responsabilidade dos governos provinciais, onde foi aberta também a possibilidade para a iniciativa privada (SEYFERTH, 1974; 1990).

Os imigrantes de origem alemã, tanto de Santa Catarina como do Rio Grande do Sul foram enviados para regiões despovoadas, quase sempre em vales de rios, como o Itajaí (Santa Catarina) e o Sinos (Rio Grande do Sul). As características principais deste sistema de colonização foram seu isolamento e sua homogeneidade étnica. As chamadas colônias alemãs ficaram distantes por um período relativamente longo e, por isso formaram, em vários casos, núcleos etnicamente homogêneos em que a presença de outros segmentos populacionais era mínima (SEYFERTH, 1990).

Seyferth (1990) lembra que, juntamente com a colonização oficial, financiada pelo Estado, estimulou-se também as companhias de colonização. Destaca-se por exemplo, como fruto de um processo de colonização privada, as Colônias Dona Francisca de Bragança (atualmente cidade de Joinville) e Blumenau, ponto de partida para o povoamento da região do Vale do Itajaí.

Neste contexto, no ano de 1850 teve início o processo de fundação da Colônia Blumenau, por Hermann Bruno Otto Blumenau. Dr. Blumenau, como era conhecido, chegou ao local com mais dezessete imigrantes alemães, marcando oficialmente a colonização do Vale do Itajaí. Registra-se que os imigrantes encontraram na região boas condições para a instalação da colônia, principalmente pela fertilidade do solo e por sua localização geográfica, às margens do Rio Itajaí-Açu (PETRY, 1988; SEYFERTH, 1994; 2004; ROSSBACH, 2008; HOFFMANN; MELO, 2014).

Inicialmente, em condição de colônia particular, a comunidade passou por inúmeras dificuldades, sanadas apenas em 1860, com a transposição de Blumenau à condição de colônia do governo brasileiro, o que lhe permitiu a obtenção de

recursos e investimentos. Tal mudança culminou em considerável crescimento no número de imigrantes e no seu maior desenvolvimento (PETRY, 1988; SEYFERTH, 1994; 2004; ROSSBACH, 2008; HOFFMANN; MELO, 2014).

Petry (1988) sinaliza que em 1860 a população de Blumenau chegava apenas a 947 habitantes, quase todos alemães, distribuídos entre 171 famílias, ocupando 169 lotes. A autora lembra que trinta anos após sua fundação, no ano de 1880, a população de Blumenau já contava com 14.981 habitantes. Este crescimento populacional é resultado de um importante incremento no influxo de imigrantes que chegavam à região, em que se pode destacar três picos importantes: 1868, com a entrada de 1.686 alemães; em 1875, quando se estabeleceram 1.129 e em 1876, com a instalação de mais 1.076 novos imigrantes. Petry (1988) aponta também que a produção da colônia se caracterizava pela policultura, pecuária e transformação de seus produtos através dos engenhos de açúcar e aguardente. Como resultado desse crescimento, em 1880 a colônia passou à condição de município, por meio da Lei nº 860 do Governo Provincial.

Sendo assim, Blumenau foi se desenvolvendo aos poucos e seus habitantes, majoritariamente alemães, se adaptaram ao clima e às condições de vida da região. Este processo trouxe consigo a entrada de novos hábitos, costumes e crenças, que se materializaram nas vestimentas, nos modos de viver e se comportar, bem como na emergência de novas formas de divertimentos. Uma característica importante dos imigrantes alemães, apontada por Seyferth (1999; 2004) e Quitzau (2016), era a tentativa de suprir demandas não atendidas pelos governos por meio da fundação de associações com diversas finalidades, como beneficentes, religiosas, educacionais e recreativas.

O associativismo possui suas raízes no início do século XIX na Europa e foi trazido pelos próprios imigrantes quando migraram ao Brasil (QUITZAU, 2016). Para Quitzau (2016, p. 17) a partir dos conceitos de Nipperdey (1972) o associativismo caracteriza-se “como a reunião voluntária de um grupo de indivíduos, com objetivos comuns, em uma sociedade regida por estatutos, os quais garantiam a todos os membros um conjunto de direitos e deveres comuns”.

Em meio às heranças germânicas trazidas pelos imigrantes, destacam-se, por exemplo, a *Schützenfest*, celebração dos atiradores que evidenciava as velhas tradições de tiro ao alvo, que eram realizadas nos clubes de tiro, conhecidos como

Schützenvereine, e se constituíram como uma das festas mais populares de Blumenau, bem como a presença das sociedades ginásticas (*Turnverein*). Segundo Petry (1988), estes indivíduos recém-chegados ao Vale do Itajaí tinham a tendência de viver em comunidade e formar associações na formação daquilo que Elias (1997) denominou de “boa sociedade”. Cabe destacar que estes espaços, além de importantes locais de sociabilidades, consistiam também em importante *lócus* de educação dos indivíduos.

Elias (1997) salienta que a criação de associações era um dos elementos para o estabelecimento de uma “boa sociedade”. A admissão em uma entidade era uma clara expressão de pertencimento a determinado grupo, visto que a filiação determinava com quem o indivíduo podia relacionar-se. O autor alemão ainda aponta que a “boa sociedade” era um modelo específico de formação social, constituindo uma série de complexos institucionais, capazes de manter a posição de poder monopolístico de determinados grupos sociais.

As mudanças pelas quais as cidades passaram e a forma como tais metamorfoses penetraram nos corpos dos indivíduos têm sido objetos de pesquisas que buscam identificar e compreender estes processos (LUCENA, 2001; MORENO, 2001; DALBEN, 2009; MORAES E SILVA, 2011; GÓIS JÚNIOR, 2003; ASSMANN, 2015; DIAS, 2010; MONTENEGRO, 2020; MEDEIROS, 2021). Esse conjunto de trabalhos tomam como principal eixo de análise as questões vinculadas à educação do corpo e à disseminação das práticas corporais e esportivas em diversas cidades brasileiras.

Para o desenvolvimento da presente tese de doutoramento, tomou-se como base o conceito de cultura física desenvolvido por Kirk (1999), tematizado posteriormente na América do Sul por Moraes e Silva (2011), Scharagrodsky (2014), Reggiani (2016), Furtado, Quitzau e Moraes e Silva (2018), Moraes e Silva e Quitzau (2018), Moraes e Silva, Quitzau e Soares (2018), Medeiros, Quitzau e Soares (2020) e Medeiros (2021) os quais o compreendem como uma complexa rede de significados que permite a análise multidimensional que ultrapassa a dimensão biológica em que, na maioria das vezes, são pensadas as distintas práticas corporais. Kirk (1999), bem como Furtado, Quitzau e Moraes e Silva (2018), salientam que a definição oportuniza a operação com discursos sobre o corpo a partir de três formas: divertimentos, ginásticas e esportes. A cultura física deve ser

pensada e interpretada a partir de um amplo conjunto de transformações sociais, políticas, econômicas e demográficas vinculadas a um determinado espaço e temporalidade específica.

Para Kirk (1999), a cultura física permite operar com discursos e práticas centradas no corpo, possibilitando a compreensão de certas relações sociais, econômicas, políticas, sexuais, éticas e morais que se configuram no passado e de alguma forma seguem ou não se manifestando no presente. A noção de cultura física permite identificar um amplo repertório de práticas e construções discursivas sobre o corpo, produzidos por diferentes grupos sociais, indivíduos e instituições. Essa noção é corroborada por Scharagrodsky (2014), para quem a expressão está relacionada a sistemas modernos de exercícios físicos consolidados ao longo do século XIX, e que se traduzem pela busca de uma simetria corporal e racionalização energética. As ginásticas, as danças, os jogos e os esportes foram mais do que apenas exercícios físicos, dado que carregam consigo traços importantes da experiência moderna, dialogando assim com a noção de educação do corpo.

Para compreender esses espaços de educação, o conceito de educação do corpo se torna uma definição de fundamental importância. Desta forma, a definição elaborada por Soares (2014, p. 221), fornece importantes elementos para um maior entendimento sobre a questão:

Entre sua polissemia e consequentes ambiguidades, a noção de educação do corpo caracteriza-se pela progressiva repressão das manifestações corporais naquilo que parece ser incontrolável. Educar o corpo vem sendo, desse modo, torná-lo adequado ao convívio social e inseri-lo em processos de aprendizagens que buscam encobrir e apagar uma natureza rebelde, trazendo à luz uma natureza pacificada.

Nesta mesma linhagem levantada por Soares (2014) a pesquisa de Moraes e Silva (2011) buscou analisar, entre os anos de 1899 e 1918, o surgimento de um dispositivo esportivo na cidade de Curitiba. O autor apontou elementos centrais das transformações dos divertimentos, o que culminou com o processo de esportivização de algumas práticas corporais. Seus achados em Curitiba oportunizam reflexões importantes ao contexto blumenauense, principalmente pelas transformações históricas e pelas relações entre a cidade catarinense e seus imigrantes alemães, visto que essas metamorfoses são indícios importantes na medida em que se

relacionam a diferentes aspectos da vida, perpassando por distintos modos de agir, se comportar e se divertir.

A forte presença dos Clubes de Caça e Tiro, da Associação Ginástica e de outras distintas sociedades no processo de desenvolvimento de Blumenau podem se tornar objeto de análise e oferecer elementos interessantes sobre a emergência e o cultivo de uma cultura física na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX no Brasil, e em especial, Blumenau.

O recorte temporal desta pesquisa situa-se entre os anos de 1859 e 1920. Este período justifica-se, pois, 1859 é o ano da criação da primeira sociedade com fins recreativos na cidade, a *Schutzenverein Blumenau* e o marco temporal final, o ano de 1920, situa-se pela criação das primeiras entidades com finalidades esportivas na cidade, além de representar o final de uma década de mudanças estruturais, sociais e culturais em Blumenau. Tal momento marca também a chegada de novos imigrantes pós Primeira Guerra Mundial, que assim como também aconteceu em primeiro ciclo no final do século XIX, apresentavam características mais urbanas e industriais.

Nesse sentido, a pesquisa é norteadada pela seguinte problemática: Como os distintos divertimentos, a ginástica e as primeiras práticas esportivas contribuíram para a emergência, materialização e cultivo de uma cultura física na cidade de Blumenau, no período entre a segunda metade do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX?

A presente tese buscou, de forma geral, analisar a emergência de uma cultura física na cidade de Blumenau a partir da influência do processo migratório alemão. Por sua vez seus objetivos específicos são os seguintes: a) identificar elementos da transformação ocorrida na cidade e que potencializaram a sistematização de distintos processos relativos a cultura física; b) compreender o espaço dos clubes e associações na constituição e materialização de uma cultura física na cidade de Blumenau; c) identificar os elementos que potencializaram o surgimento de novas práticas corporais de caráter mais esportivizado a partir da sociedade ginástica em Blumenau.

A fim de dar conta dos objetivos e questões elaboradas, a tese se divide em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “*Blumenau novos tempos, espaços e*

possibilidades” buscou analisar as configurações que resultaram em transformações ocorridas na cidade e os desdobramentos na formação dos indivíduos, buscando tecer olhares analíticos acerca das relações desenvolvidas entre indivíduo-cidade-natureza e que culminaram com novas formas de ver, sentir e vivenciar o espaço. Já no segundo capítulo, “*As Schützenvereine em Blumenau: emergência e cultivo de uma cultura física na cidade,*” buscou-se compreender e identificar os clubes de tiro enquanto espaços importantes na constituição da cidade e que contribuíram para a emergência de uma cultura física em seus habitantes.

No terceiro capítulo, “*Entre prescrições, exposições e espetáculos: um olhar sobre a presença da Turnverein em Blumenau*”, a centralidade volta-se para a *Tunverein Blumenau* (Sociedade Ginástica) buscando-se analisar sua presença, desenvolvimento, estruturação bem como sua contribuição para o desenvolvimento de uma cultura física na cidade de Blumenau, principalmente no que concerne ao seu espaço na educação do corpo dos indivíduos da localidade, além de apontar sua contribuição para o aparecimento das primeiras práticas esportivas na cidade.

1.1 DESCRIÇÃO DAS FONTES

Olhar para os seres humanos em determinados períodos históricos é buscar identificar aspectos visíveis e concretos, tanto como aspectos sutis, imperceptíveis, banais que revelam traços de sua existência. Para Bloch (2002) a história é a ciência que estuda as ações dos indivíduos no tempo, pois todo conhecimento da humanidade, qualquer que seja, beberá em certo sentido em tempos passados. Foi na cidade, nas suas ações, no seu cotidiano que os indivíduos expressaram seus costumes, hábitos e interpretações. Buscar farejar esses elementos, como indicado por Marc Bloch, é uma tarefa complexa que requer do investigador um trabalho cuidadoso, interpretativo e organizado.

A fim de alcançar tais objetivos, os materiais selecionados para a construção da presente tese foram constituídos em uma série de fontes que se relacionam à cidade de Blumenau e à emergência uma cultura física. Em um primeiro conjunto, encontram-se os jornais, que fornecem importantes indícios do processo de desenvolvimento da cidade, bem como a identificação de aspectos presentes no

cotidiano dos seus habitantes³. Foram analisados três periódicos: *Blumenauer Zeitung*, *Immigrant* e *Der Urwaldsbote*.

O *Blumenauer Zeitung* foi o primeiro jornal da Colônia de Blumenau, fundado em 1881 por Hermann Baumgarten⁴ e com circulação até o ano de 1938, com publicação na cidade todos os sábados. Vinha em formato 30 x 39,5 cm, com quatro páginas, trazendo sob o título letras góticas e redigido completamente em alemão. Era considerado como um periódico tradicionalista, pois a maioria de seus membros eram atrelados ao partido conservador. A publicação surgiu pela dificuldade cada vez maior de contato com Joinville, fator que, somado ao desenvolvimento em que a localidade atravessava, levou um grupo dos principais moradores de Blumenau a se reunir em uma sociedade, em 1879, e formar uma comissão para angariar recursos e dar passos necessários para o início das atividades do jornal. Por meio de suas publicações, o jornal esteve fortemente ligado aos indivíduos mais influentes de Blumenau e que buscavam veicular a defesa do bom nome da colônia e dos interesses dos seus moradores, fato que contribuiu posteriormente para o aparecimento de outro periódico, O *Immigrant* (FERREIRA DA SILVA, 1977).

O segundo jornal da Colônia de Blumenau – *Immigrant*, fundado em abril de 1883, circulava todas as quartas-feiras, também era redigido em alemão, mas com algumas informações em português, apresentando um caráter mais liberal. O periódico apareceu com a prerrogativa de ser um veículo de oposição aos ideais conservadores, expostos no *Blumenauer Zeitung*. Era uma publicação bem-organizada, com três páginas em formato de 21 x 45cm. Trazia, geralmente um suplemento contendo variedades, anúncios e literatura. As laudas principais eram destinadas aos noticiários, sempre amplos, do exterior, do país e da própria cidade. O semanário teve como redator Bernardo Scheidemantel e circulou de abril de 1883 a abril 1891, de tendência progressista e defensor da república entrou em confronto com o *Blumenauer Zeitung*, de cunho conservador e monárquico, o que lhe custou a perda de aliados levando ao fim de suas atividades (FERREIRA DA SILVA, 1977).

³ Blumenau até 1881 não teve imprensa própria (FERREIRA DA SILVA, 1977), servia como órgão de divulgação dos principais acontecimentos, o jornal “*Colonie-Zeitung*” da cidade de Joinville.

⁴ Nascido na colônia Blumenau no ano de 1853, filho de um dos primeiros imigrantes da colônia, foi importante figura política na cidade, apresentava convicções firmes tendo lutado ao lado de outras figuras como Hercílio Luz e Bonifácio Cunha pelos ideais republicanos (GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI (2019).

Outro periódico elencado foi o terceiro jornal de Blumenau – *Der Urwaldsbote*, fundado em 1893 a partir da compra do *Immigrant*, e que circulou até 1941. O jornal teve, de início, orientação exclusivamente religiosa, feito de porta-voz dos anseios e interesses das Comunidades Evangélicas e das escolas controladas por elas. Tratava-se de um periódico também redigido em alemão com circulação semanal (FERREIRA DA SILVA, 1977). Segundo Mailer (2003) o jornal surgiu com o desaparecimento do jornal *Immigrant* em 1891, sob a direção do Pastor Faulhaber. Teve em seu início orientação exclusivamente religiosa como porta-voz dos interesses das Comunidades Evangélicas do Município e das escolas, como já citado anteriormente. Em 1898 assume a redação do jornal Eugen Fouquet, bacharel em direito e jornalista e dá ênfase à campanha política municipal (MAILER, 2003). Como salientado pela autora, Fouquet foi o organizador do *Volksverein*, instituição que, transformada em partido político, exigia a participação dos imigrantes e seus descendentes na vida pública nacional. Era também um defensor ferrenho do *Deutschtum* seguindo orientação pangermanista e contra a assimilação. Por essas ideias, Fouquet era combatido pela maioria dos jornais em língua portuguesa.

A coleta deste material se deu diretamente no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, na cidade de Blumenau. Uma parte destes escritos também se encontra disponível para consulta eletrônica através da Hemeroteca Digital do Estado de Santa Catarina, o que por vezes foi utilizado como recurso para compilação de documento. Para o desenvolvimento da tese de doutoramento foram também utilizadas as traduções⁵ das fontes realizadas por Edith Eimer, disponíveis no Arquivo Municipal de Blumenau José Ferreira da Silva. Além dos jornais já citados, foi realizada busca na Hemeroteca Digital Nacional buscando identificar jornais, principalmente das cidades de Florianópolis e Joinville que também retratavam informações, características, acontecimentos da então colônia Blumenau.

A utilização de periódicos (“impresso revista”) como fontes históricas, conforme aponta Martins (2003) não representa ineditismo, uma vez que desde o século XIX os jornais já eram considerados documentos pertinentes para análises do

⁵ Destaca-se porém, que várias das traduções disponíveis no Arquivo Histórico não indicavam sua autoria bem como sua data de realização. Algumas traduções estavam escritas a mão, outras datilografadas e digitadas. Reitera-se a limitação no que concerne ao uso das traduções na medida que resultam da interpretação de quem o faz, além somar-se a dificuldade de tradução da língua alemã utilizada no período recordado do estudo.

passado, mesmo que com restrições e com pouca frequência. Estes periódicos se traduzem, segundo os argumentos levantados pela autora, como um conjunto rico de interpretações, reunindo textos, imagens, características técnicas, visões de mundo e imaginários coletivos. Dada essa complexidade, sua utilização como testemunho de um determinado tempo histórico só é pertinente se for levado em conta todas essas condições de sua produção.

Para Zicman (1985) é possível identificar dois grandes campos de estudo em relação à história e à imprensa, um primeiro denominado “história da imprensa”, que busca reconstruir o desenvolvimento histórico dos órgãos da imprensa, e um segundo grupo, no qual esta tese se enquadra, uma “história através da imprensa”, ou seja, que a toma como fonte de pesquisa. Luca (2008) indica que na década de 1970 a utilização da imprensa como fonte de pesquisa histórica ainda era relativamente pequena, pois rompia com uma tradição do fazer historiográfico, que compreendia que as fontes deveriam ser marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade e credibilidade. Os jornais, neste contexto, pareciam pouco adequados, pois continham registros fragmentários que permitiam captar imagens parciais, distorcidas e subjetivas. A autora indica que foi a introdução das reflexões da Escola dos *Annales* não só na historiografia brasileira, mas também mundial que possibilitou romper com esta perspectiva, inserindo os jornais enquanto fontes de pesquisa.

Neste sentido, a imprensa (jornais impressos) é uma rica fonte de dados, e por vezes é uma das poucas tipologias de fonte que possibilita uma aproximação a determinados períodos históricos. Sua riqueza de informações permite uma visualização de distintos temas que perpassavam o cotidiano das sociedades analisadas, suas condições de vida, manifestações culturais, sociais, políticas e econômicas. Pode-se dizer que algumas das vantagens de se utilizar os jornais como fontes históricas residem nos seguintes aspectos: a periodicidade, pois são arquivos do cotidiano, registrando a memória do dia-a-dia; a disposição espacial da informação, na medida em que para cada período há a possibilidade da inserção de determinado fato histórico em um contexto mais amplo; e o tipo de censura, pois diferente de outros tipos de fontes, a imprensa sofre apenas a interdição instantânea e imediata (ZICMAN, 1985).

Moraes e Silva (2011) ao se valer também das fontes jornalísticas para o desenvolvimento de sua tese de doutoramento, também corrobora com esta perspectiva e salienta que as informações veiculadas na imprensa permitem uma compreensão mais aprofundada da cidade, apontando, por exemplo, como os governantes, intelectuais e escritores de determinado período histórico retratavam e compreendiam os acontecimentos da cidade. O autor acrescenta ainda que os jornais possuem a peculiaridade de veiculação de ideias e representações acerca do corpo e das práticas esportivas de um determinado contexto histórico.

Dentro deste primeiro conjunto de fonte, também foram utilizadas como complemento as edições da *Revista Blumenau em Cadernos*, disponíveis eletronicamente, que consiste em local de publicação do próprio Arquivo Histórico de Blumenau, em que busca ser importante meio de veiculação da história da cidade, situando-se como um lugar de memória e exposição de fontes primárias para a realização de pesquisas tais como: cartas, relatórios, notícias de jornais, acontecimentos etc. A *Revista Blumenau em Cadernos* serviu de importante objeto de análise para a construção da pesquisa, permitindo a identificação de diversas fontes relacionadas à tese.

Já no segundo conjunto de fontes foram analisados os relatórios produzidos pelo então diretor da Colônia, Dr. Blumenau; bem como as cartas e diários escritos e enviados à Alemanha pelos imigrantes instalados em Blumenau; além dos documentos dos Clubes e Associações relacionados aos elementos da cultura física, tais como: estatutos, atas, medalhas, bandeiras e painéis textuais. De forma destacada, foi analisado o folheto comemorativo relativo aos 40 anos da *Turnverein Blumenau*, além das publicações da Liga Suprarregional (ITAJAHY-GAU).

Os relatórios produzidos por Dr. Blumenau tornaram-se importantes fontes de pesquisas, pois expressam as impressões e interpretações do então diretor da província e materializaram imagens do cotidiano expondo as conquistas e as necessidades ainda presentes em Blumenau. Da mesma forma, as atas e demais fontes elencadas deram indícios e forneceram valiosos vestígios de como as sociedades estavam organizadas e das atividades ali desenvolvidas.

Além disto, a utilização deste conjunto de fontes justifica-se, pois retratam de forma bastante singular o cotidiano e as impressões dos imigrantes com a localidade, além do que permitem uma aproximação a um período em que a cidade

ainda não contava com jornais e outros veículos de informação. Os dados foram coletados no Arquivo Histórico de Blumenau, bem como diretamente dos acervos dos clubes e associações.

Para Alves (2003), as cartas são fontes ricas de tratamento histórico na medida em que expõem subjetividades de quem as escreve, bem como materializam olhares e experiências do cotidiano, cabendo ao pesquisador um olhar atento e interpretativo sobre o contexto e suas relações. Este tipo de documento se constitui em importante recurso analítico, pois materializa as imagens produzidas pelos indivíduos, neste caso os imigrantes, do seu novo país, o Brasil. Cunha (2018) aponta que as cartas de imigrantes oportunizam ao pesquisador a compreensão da complexidade do fenômeno migratório humano, a partir de suas distintas interpretações e significados, além de possibilitar uma interpretação, que levando em conta o contexto de quem a escreve, recupera o vigor originário do pensamento.

Por fim, o último conjunto de fontes utilizadas nesta tese refere-se às fotografias. Fontes estas selecionadas também no Arquivo Histórico de Blumenau, além de acervos próprios das sociedades e associações. A seleção dos acervos iconográficos buscou contribuir para o desenvolvimento da narrativa, entendendo as imagens enquanto textos ricos em que as palavras não conseguem alcançar. A fim da utilização desta tipologia de fontes, foram compiladas fotos que retravavam as transformações e características da cidade, de forma geral, dos clubes, sociedades, associações bem como de suas atividades desenvolvidas, como suas festividades, desfiles, eventos.

Como salientado por Burke (2017) a partir do advento de novas perspectivas historiográficas, que buscam romper estritamente com o registro de eventos políticos, tendências econômicas e estruturas sociais, o surgimento da nova história, da história das mentalidades, da história cultural, novos objetos, bem como fontes de pesquisas tornam-se possíveis para o ofício dos historiadores. Ao analisar, por exemplo, a história do corpo, Burke (2017) aponta que as imagens constituem um guia importante que evidencia certas mudanças, padrões, ideais de beleza, saúde e doença. Estas fontes permitiriam, assim, imaginar no passado de mais vívida, rompendo com a ideia de apenas meras ilustrações. As imagens, assim como textos e os testemunhos orais, são importantes fontes de evidência histórica, registram atos, experiências de testemunho ocular.

Foi a partir deste conjunto de fontes em que a pesquisa buscou ser construída, tendo como finalidade compreender o processo de desenvolvimento da colônia e posterior cidade. Nesse sentido, o primeiro capítulo apresenta as transformações ocorridas na localidade e a emergências de distintas e novas formas de educação do corpo.

2 BLUMENAU NOVOS TEMPOS, ESPAÇOS E POSSIBILIDADES

2.1 A PEQUENA VILA, SUAS IMAGENS E IMPRESSÕES: A CONSTRUÇÃO DE IDEÁRIO URBANO EM BLUMENAU

Finalmente, aportamos pela última vez! Perto da embocadura do Garcia os botes acostaram e o patrão – o próprio Dr. Blumenau – disse: “Não ir adiante! Aqui ser Blumenau” ... Diante de nós víamos apenas um pedaço de terra desmatada, cheia de capoeira. Aproximamo-nos da margem e procuramos a cidade de Blumenau. Pai do Céu! Onde finalmente ficava a cidade? E mesmo que não fosse uma grande cidade, mas pelo menos fosse uma cidadezinha, ou, no mínimo, uma pequena aldeia. Nada disso!... Era somente ranchos, ou melhor, choupanas, erigidas à maneira brasileira, que em parte ainda estavam abertas. Isso era o *Stadtplatz*⁶ de Blumenau (IMIGRANTE, 1856, s.p).

A cidade que atualmente apresenta características urbanas com seus carros, edifícios, e com população de aproximadamente 360.000 habitantes⁷, outrora fora uma pequena vila acanhada em meio à Mata Atlântica, como retratado pelo imigrante em sua chegada à colônia no ano de 1856. Contar esta história, a partir de um recorte temporal específico, é dar visibilidade às transformações ocorridas neste espaço, tomando como foco os indivíduos ali presentes.

A relação com a natureza, com os índios, a necessidade do trabalho no campo, o isolamento espacial, a vida na nova localidade e os costumes alemães trazidos do velho continente, foram elementos importantes da vida dos colonos recém-chegados à Blumenau. Por meio da tentativa de dar sentido e expor suas impressões sobre o novo local, os imigrantes buscavam manter seus contatos com a terra natal por meio de cartas a seus familiares. Outros possuíam diários que, ao serem preenchidos, materializavam suas interpretações e impressões sobre o processo que estavam vivendo. As cartas, os diários escritos pelos imigrantes e os relatórios produzidos pelo fundador da colônia, Dr. Blumenau, fornecem vestígios

⁶ *Stadtplatz* pode ser definido com o centro da cidade. Espaço aglutinador dos principais comércios, dos estabelecimentos políticos e das principais residências da localidade.

⁷ Segundo o IBGE em 2020 Blumenau possui uma população estimada de 361.855 habitantes (IBGE, 2020).

significativos, na medida que relatam fatos do cotidiano, costumes e interpretações singulares do viver na colônia Blumenau.

O relato a seguir, apresenta interpretações iniciais, datadas do período entre 1850 e 1853:

Não sei descrever o vagalhão de impressões que me invadiu ante o estranho ambiente que me deparava. Era tudo tão esquisito, tão diferente, a natureza, o céu, os costumes, os alimentos... Todos nós nos sentíamos desambientados e uma grande nostalgia invadiu-nos o coração. Entretanto, não tínhamos tempo para dedicar-nos a sentimentalismos, pois o trabalho requeria todo nosso tempo e todo o esforço possível (IMIGRANTE, 1853, s.p).

O trecho acima reproduzido fornece pistas que inúmeras eram as dificuldades encontradas pelos imigrantes, principalmente no que concerne às condições climáticas. O contato com a natureza, a temperatura, o acesso e o cultivo de alimentos, bem como os novos costumes e hábitos contribuíram para o estranhamento com Blumenau e a constituição de um sentimento de saudade da terra natal. Porém, este novo espaço, que padecia de todos os insumos alimentícios, habitacionais e higiênicos necessitava do trabalho diário dos colonos. Foi a partir desta imposição que o colono imigrante transformou, pouco a pouco, suas condições de vida. A figura a seguir representa a chegada simbólica dos primeiros imigrantes à localidade que viria a se tornar mais tarde a cidade de Blumenau.

Figura 1 Pintura alusiva a chegada dos primeiros imigrantes a Colônia Blumenau



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Blumenau possuía fortes relações com a natureza, seja pelos próprios imigrantes, cujas atividades econômicas eram vinculadas ao cultivo da terra, ou então por sua geografia, às margens do Rio Itajaí-Açu, encravada numa região de Mata Atlântica. Foi por meio desta relação indivíduo-natureza-colônia que ocorreu o desenvolvimento da localidade, em que se traduziram ao longo do tempo, em rupturas que possibilitaram a emergência de novas formas de enxergar, vivenciar e educar o corpo.

Com características de colônia particular, de posse de Dr. Blumenau até o ano de 1860, Blumenau foi se desenvolvendo pouco a pouco. Por meio dos relatórios produzidos pelo proprietário e enviados à Desterro⁸, foi possível identificar o desenvolvimento, mesmo que superficial, da localidade. Os primeiros informes encontrados⁹, datados de junho de 1852 e janeiro de 1853, indicam o quadro precário da colônia:

No meu primeiro relatório [...] expus o estado da colônia até este termo. Desde então, os meus trabalhos com a mesma progrediam lenta, porém regularmente, por falta de maior número de trabalhadores; fiz grandes roçadas e picadas, medi terras e preparei um edifício bastante grande para o abrigo de colonos. [...] O pessoal da Colônia até agora não sofreu grande mudança, por não chegar ainda senão um navio com colonos para a colônia de Dona Francisca, ao qual seguem em breve outros, com os quais estou esperando maior número de colonos para a minha colônia [...] Desgraçadamente, houve também dois mortos, afogando-se dois moços solteiros no rio Itajaí por virar com canoa. A cultura do fumo promete na Colônia bem fundadas esperanças de grande sucesso (BLUMENAU, 2002, p.23).

As poucas transformações atravessadas pela colônia e a espera ansiosa pela chegada dos novos imigrantes à localidade foram apontadas no relatório, pois, segundo Dr. Blumenau sem um maior número de colonos a localidade não poderia prosperar. Seyferth (1990) indica que a abertura de novas colônias em Santa Catarina, como o caso de Blumenau, se fazia de forma precária. A autora salienta que se escolhia um local, instalavam-se os ranchos de administração, um

⁸ Desterro hoje conhecida como a cidade de Florianópolis era o nome dado a capital da Província de Santa Catarina.

⁹ Todos os relatórios Dr. Blumenau produzidos até 1855 foram coletados diretamente do livro “A Colônia Alemã de Blumenau na Província de Santa Catarina no Sul do Brasil” escrito pelo próprio diretor da colônia, Hermann Bruno Otto Blumenau (BLUMENAU, 2002).

ancoradouro e galpões para alojar os imigrantes enquanto aguardavam a demarcação dos lotes.

Na sequência de sua análise Seyferth (1974; 1990), argumenta que uma picada principal, aberta na floresta, servia de ponto inicial para a demarcação dos primeiros lotes. Na maior parte das colônias, como no caso de Blumenau, houve um povoamento disperso, realizado em fileiras. Os colonos não concentravam suas moradias em lugares específicos. As picadas com o tempo se transformaram em estradas. Tanto estes povoados como as sedes administrativas, pela distribuição dos lotes em fileiras e por estarem situados às margens do rio, tomaram forma alongada.

Os núcleos administrativos, de onde se irradiaram as picadas, transformaram-se nos centros mais importantes das colônias. Os colonos as denominavam de *Stadplatz* (praças da cidade), no sentido de que possuíam funções “urbanas”, com pequenos comércios, sede administrativa, serviços médicos e políticos. Os barracões de imigrantes serviam de espaço de acolhimento e instalação inicial, e buscavam suprir as necessidades dos então recém-chegados imigrantes (SEYFERTH, 1974; 1990). A figura 2 (dois) apresenta outra pintura alusiva ao espaço disponível aos colonos que recém-chegavam à colônia de Blumenau.

Tratava-se de um lugar simples, provisório, de pouco tempo de estadia, mas que supriu as necessidades iniciais de acolhimento aos novos habitantes da colônia. Era ali que os imigrantes recém-chegados, recebiam as primeiras informações e eram enviados para os seus futuros lotes, como apontava os primeiros relatórios produzidos por Dr. Blumenau (BLUMENAU, 1853).

Figura 2 Pintura alusiva ao barracão de imigrantes no início da Blumenau Colônia



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

No segundo relatório, produzido pelo diretor da colônia em 1853, encontram-se elementos que indicam quais eram as necessidades para o desenvolvimento da localidade:

[...] Desde aquela data a face dos negócios da mesma empresa mudou inteira e rapidamente e promete para o futuro as mais bem fundadas esperanças [...] O mesmo total dos colonos por mim introduzidos nas margens do rio Itajaí desde o princípio da empresa com a chegada dos primeiros colonos no mês de agosto de 1850 é de 134 [...] o número total dos colonos neste momento estabelecidos na Colônia é, pois de 102. [...] Entre os colonos que se estabeleceram ou ainda o pretendem, acham-se: um médico; um professor formado, um jardineiro formado no Jardim Botânico da Universidade de Berlim, um alveitar e vendeiro, um ferreiro, um espingardeiro, um torneiro, 2 alfaiates, 2 sapateiros, um pedreiro escultor, um pedreiro, um cavouqueiro, três marceneiros, um construtor de engenhos, um moleiro, dois carpinteiros, um tanoeiro: os outros são paisanos, lavradores e pertenciam a diversas classes da sociedade europeia. Todos trabalham na lavoura sem exceção alguma e os oficiais ao mesmo tempo no seu ofício. Em geral são muito morigerados e dedicam-se ao trabalho com extraordinária energia e perseverança de maneira que já tem roças extensas plantadas e a plantar nos meses próximos [...] O Vale do Ribeirão Garcia é um dos mais formosos, com excelente água, a terra é das melhores do fértil Vale do rio Itajaí e mesmo o clima, não obstante a muitas influências desastrosas, provenientes das imensas chuvas dos meses passados, confirmava-se excelente e não houve nem um só caso de doença grave. [...] Assim a Colônia promete um futuro bastante lisonjeiro e eu Heide continuar na obra encetada com a maior circunspecção e todo o fervor de que estou capaz, para mostrar-me digno também no futuro da confiança com que o Governo Imperial me honrava. [...] Os gentios bugres ou botocudos deram no dia 28 de dezembro um assalto ao meu próprio sítio no Ribeirão da Velha sendo eu desgraçadamente ausente, mas a coragem e vigilância dos meus arrendatários frustrava as suas intenções sinistras. Mataram aos bugres, cujo número era de seis, em justa legítima defesa de suas vidas e propriedades (BLUMENAU, 2002, p. 25).

A fonte indica que a Colônia Blumenau, três anos após sua fundação, iniciou um lento processo de transformação que salientou a heterogeneidade profissional de seus colonos para além do trabalhador do campo. Compunham o crescente universo do trabalho na colônia professores, médicos, jardineiros, ferreiros, sapateiros dentre outros. Entretanto, mesmo exercendo seus ofícios específicos necessitavam também trabalhar na lavoura.

A construção de espaços específicos, como por exemplo de uma igreja, aponta para uma intenção de prosperidade futura da colônia. Essa perspectiva mostrava-se importante tanto para atrair novos imigrantes, como para o recebimento de recursos do governo brasileiro. Era preciso afirmar que aquela localidade apresentava características geográficas, climáticas e humanas de desenvolvimento. Os relatórios produzidos por Dr. Blumenau, serviam também para construir uma visão simbólica positiva de que a pequena colônia era próspera e digna do recebimento de novos habitantes.

Por sua vez, o quarto relatório é bastante detalhado e caracteriza bem a localidade com informações técnicas tais como: localização geográfica, condições de navegabilidade do rio e a fertilidade do solo para o plantio e cultivo.

O clima é dos mais salubres e até agora tem tido poucos casos de doenças entre os colonos, tanto entre aqueles que chegaram recentemente como entre os domiciliados. Foram estas, principalmente a fertilidade e a boa situação das terras, num rio navegável com porto seguro, à proximidade do mar o clima salubre e a circunvizinhança de muitas terras devolutas os motivos que me determinaram fixar o meu estabelecimento no lugar onde existe [...] Á vista de todas as circunstâncias acima enumeradas, [...] que estes (colonos) vivem satisfeitos, alegres e sossegados e cheios de esperança num futuro próspero. Continuando eles no mesmo andar de trabalho e na mesma boa harmonia como até agora, o que é de presumir da boa índole deles, quase sem exceção, a colônia será dentro de poucos anos uma das mais bem cultivadas regiões desta província. Sendo assim, todas as condições para a prosperidade interna da colônia e dos seus habitantes as mais esperançosas e favoráveis, o seu engrandecimento exterior depende, desgraçadamente, de outras que um particular da minha posição não pode vencer senão por parte e ainda isso com grandes dificuldades. (BLUMENAU, 2002, p.28).

Na visão de Dr. Blumenau, a escolha por esta região, após idas a províncias do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, bem como a outras localidades de Santa Catarina, foi assertiva. A colônia era fértil e afortunada. A soma dos imigrantes de “boa índole”, morigerados, aptos ao trabalho e inseridos num espaço adequado, resultaria em província promissora e digna do recebimento de proventos.

A imprensa de Desterro, então capital da província, retratava algumas características da Colônia Blumenau. Há de se destacar que a colônia ainda não apresenta nenhuma imprensa própria e que as informações escritas eram produzidas em Desterro. O semanário *O Conservador*, no ano de 1854, assim descreveu Blumenau: “[...] existiam em dezembro 19 casas construídas, e 3 em construção, um engenho de assucar e aguardente, e um de mandioca. Dos colonos só 4 são Catholicos, todos os mais pertencem a comunhão Evangélica”. Cabe destacar que a vila acanhada que se iniciou em 1850 com a chegada de 17 (dezessete) imigrantes alemães ainda era bastante pequena e possuía poucas moradias. Seus habitantes eram predominantemente evangélicos, protestantes e alguns poucos católicos.

Em 1850, fundar uma colônia em meio a um vale despovoado na floresta atlântica representava dar um novo sentido aquele lugar, já que era povoado anteriormente por índios. Era necessário primeiramente ordenar o espaço. O diário de um colono imigrante fornece indícios sobre as condições, os hábitos e os costumes dos primeiros imigrantes na localidade. Por meio de encontros com os familiares e parentes e de idas aos cultos religiosos, aos poucos os indivíduos se relacionavam e produziam novos sentidos e sensibilidades neste espaço ainda com características eminentemente rurais.

Aos domingos reunimo-nos ora na casa de um ou ora na de outro dos amigos e aí homens e mulheres discutem seus múltiplos problemas e todas as suas apreensões. Gosto deste intercâmbio de idéias; poderia escutar horas a fio estas conversas, apreciando a grande experiência que todos em todos os sentidos, já adquiriram. Hoje, que também é domingo, fomos à casa de nosso vizinho mais próximo e aí, se falou muito nas grandes dificuldades que, ora, pesam sobre a nossa colônia (IMIGRANTE, 1854, s.p).

Andamos agora mais satisfeitos com nossas condições de vida. Mamãe está passando relativamente bem e meus irmãos, já bem crescidos, ajudam com grande aplicação, na roça e nos currais. Conseguimos criar alguns porcos e nossas galinhas nos fornecem grande quantidade de ovos. Papai orgulha-se muito de tudo que conseguimos realizar a custa do próprio esforço. E eu o admiro por sua incrível tenacidade e chamo de heróicos os esforços e as conquistas de todos os colonos de Blumenau. Aprendi a amar esta nova terra em que vivemos e procuro penetrar os segredos de suas misteriosas selvas, de toda a imensidão que nos envolve (IMIGRANTE, 1855, s.p).

Os ricos relatos, datados respectivamente de 1854 e 1855, apontam para as transformações no modo de vida dos indivíduos, notadamente no que concerne à

interpretação e ao sentimento de pertencimento no novo espaço. Mesmo com fortes referências aos trabalhos no campo, ao cultivo de alimentos e criação de animais, novas rotinas eram mencionadas. Afinal, foram os encontros, visitas e conversas que possibilitaram a construção de novas imagens deste lugar. Assim, consolidava-se uma outra relação entre indivíduo e natureza, fomentando a possibilidade de descobertas e releituras deste novo ambiente.

Diferente de outros fluxos migratórios, que se caracterizaram pela ida a um determinado local, por tempo determinado e posterior regresso a sua terra natal, os imigrantes alemães radicados em Blumenau vieram em sua maioria para ficar. Para Seyferth (1990), isto representava a ideia da necessidade do estabelecimento de uma “nova pátria”. Essa expressão materializa-se na ideia de *Heimat*.

Tal palavra, deriva de *Heim* (lar) e, no seu significado mais específico, a pátria de um indivíduo é o seu lar. Enfim, a *Heimat* poderia ser construída em qualquer lugar, inclusive em um continente distante, de características bastante diversas. Esta nova pátria era ao mesmo tempo alemã e brasileira. Étnica e culturalmente era alemã, mas também era brasileira não só por sua localização geográfica, como também por seus membros estarem integrados econômica, social e politicamente (SEYFERTH, 1990).

A satisfação em viver em um outro espaço, tão distante e diferente da sua terra natal, estava atrelada à manutenção de traços e elementos trazidos do velho continente, como apontado anteriormente. A língua, os costumes, os hábitos, as crenças e os modos de viver marcadamente alemães eram pontos que deveriam ser cultivados e que contribuíram para a construção deste novo lar. Porém, este espaço mesmo ainda sendo pouco desenvolvido foi paulatinamente incorporando no seu cotidiano elementos de civilidade. Foi a partir da relação entre determinada cultura, neste caso alemã, e um determinado espaço social que se produziram profundas transformações.

O isolamento geográfico em meio à Mata Atlântica e a homogeneidade étnica marcada pela presença dos colonos alemães foram características importantes que contribuíram para a construção desta nova pátria em solo brasileiro. Era possível construir uma Alemanha no Brasil. Os encontros, as conversas, as trocas de informações e o cultivo de hábitos e costumes trazidos do velho continente, que se materializavam na língua, nos trajes, nos divertimentos, contribuíram para a

construção de uma identidade, de um pertencimento social, e potencializaram a emergência de uma cultura física, agora derivada da relação entre uma cultura alemã e as terras brasileiras.

Se a cultura física, como apontado por Kirk (1999), Scharagrodsky (2014), Moraes e Silva e Quitzau (2018), Moraes e Silva, Quitzau e Soares (2018) e Medeiros (2021), se constitui a partir de um amplo conjunto de fatores sociais, culturais, econômicos foi por meio da relação entre tradições trazidas pelos imigrantes, como apontado anteriormente nas fontes, em que novas necessidades presentes no cotidiano e potencializadas por uma espacialidade geográfica, que os distintos elementos da cultura física apareceram na Blumenau do segundo quartil do século XIX, conforme indicam Furtado, Quitzau e Moraes e Silva (2018).

Neste sentido, uma troca de cartas de um imigrante com seu irmão, nos anos de 1855 e 1856, fornece indícios do cotidiano da colônia.

[...] Aqui tivemos chuvas, ou tempo frio e chuvoso, na maior parte de tempo
[...] O primeiro tempo na mata virgem nem sempre transcorre conforme se espera. Com o calor, entretanto, não há maiores dificuldades, pois a gente se acostuma depressa - perde-se a boa côr, que mais tarde se recupera, talvez devido de alimentação, ou por não estar acostumado as frutas tropicais. Animais selvagens, como tigres e onças, existem poucos aqui, pois são tenazmente perseguidos, por abaterem, por vezes, bezerras ou porcos à noite nos pastos, dando preferência, entretanto, aos cachorros. Jaguatiricas, que devastam a noite a criação de aves, e crocodilos, que passam a maior parte de tempo nágua, há muitos. Tôdas essas féras, entretanto, serão exterminadas dentro de pouco tempo. Também os índios não apreciam muito os estampidos dos tiros de nossas espingardas, e o assobio de balas [...] mais tarde, talvez, uma batalha decisiva será inevitável, mas com o número de alemães estabelecidos nos arredores, não haverá problema (WEISE, 1855, p.96).

A menção às chuvas se faz presente tanto nos diários, cartas, como nos relatórios de Dr. Blumenau, devido à localização de Blumenau, no Vale do Itajaí, que é caracterizada por uma região com períodos de chuvas durante todo o ano, inclusive com históricos de grandes enchentes e inundações¹⁰ (KLAUMANN;LINS, 2020). O cuidado e o receio com as chuvas, salientado pelos imigrantes, se relacionavam principalmente com a dificuldade no cultivo da lavoura.

¹⁰ Blumenau e a região do Vale do Itajaí, possuem histórico marcadamente de inundações e enchentes. A título de exemplificação menciona-se as enchentes de 1983, 2008, 2011 e 2013.

A questão da adaptação ao clima, tanto do inverno com as chuvas, bem como no verão com o forte calor e a localização da colônia no interior de uma mata selvagem fechada, com a presença de animais silvestres, eram preocupações presentes no cotidiano. Porém, este espaço logo deveria ser organizado e racionalizado, seja por meio de uma melhor distribuição espacial, como também pelo uso da força, notadamente no uso de armas de fogo, algo bastante característicos dos imigrantes alemães.

Nesse período, a posse da arma oportunizava para o imigrante maior segurança frente aos possíveis ataques de indígenas e animais selvagens. Vale destacar que os ataques indígenas eram vistos como ameaça para os colonos imigrantes, da mesma forma que este grupo era visto como invasor pelas populações indígenas que ocupavam o local há muito mais tempo (PETRY, 1988; PERES E NÖTZOLD, 2011).

Tal relação foi bastante conflituosa e culminou com a morte de grande contingente de indígenas, o que será exposto em algumas fontes a seguir. Peres e Nötzold (2011) apontam que as histórias contadas sempre são retratadas a partir das impressões dos colonos, na medida em que por serem apócrifos, os indígenas não deixaram suas impressões e versões sobre os acontecimentos decorrentes do contato entre eles e os imigrantes. As fontes aqui apresentadas apresentam apenas um ponto de vista sobre estes acontecimentos e necessitam ser relativizadas e tensionadas.

Na época da colonização, Santa Catarina era habitada por povos indígenas de pelo menos três etnias: Botocudo, Coroados e Guarani/Xokleng. Sua localização não era precisa pois possuíam a característica de migrarem constantemente em busca de suas necessidades de sobrevivência. O nomadismo era uma característica essencial do Xokleng, sua mudança de local ocorria conforme a estação do ano na busca pelas melhores frutas e caças. A caça era atividade exclusiva dos homens e as mulheres responsáveis pelas coletas (PERES; NÖTZOLD, 2011).

Peres e Nötzold (2011) argumentam que os confrontos entre os indígenas e os imigrantes remontam principalmente à segunda metade do século XIX, quando os últimos começam a chegar ao Brasil e tomam posse de terras em territórios da Província de Santa Catarina. Este período de hostilização é marcado, muitas vezes, por enfrentamentos entre os imigrantes e os indígenas com o uso das armas de fogo, além da disseminação por parte dos imigrantes, através de seus discursos

destinados a população, da criação da imagem do indígena como selvagem, incivilizado. Como salientado pelos autores, os discursos nos documentos oficiais e nos jornais apontavam o indígena, como um obstáculo para o desenvolvimento da Província e das suas colônias, além de construírem clima de medo e tensão entre os habitantes. O que estes discursos tinham em comum, sempre era silenciar o autóctone, não expondo os porquês de os indígenas agirem de tal forma (saques, invasões, confrontos).

Ao analisar as publicações no *Blumenauer Zeitung* sobre os discursos proferidos em relação aos índios, Peres e Nötzold (2011) indicam que eram comuns as associações dos indígenas aos estereótipos de vadios, assassinos e ladrões que buscavam dar maior legitimidade a figura dos *bugreiros*. Wittmann (2007), identifica a figura de Matinho Bugreiro, considerado o indivíduo mais temido da história regional de Santa Catarina, líder de um grupo responsável pelo extermínio de centenas de índios entre o final do século XIX e início do século XX, estima-se pelo menos 2/3 da população Xokleng.

Em síntese, os discursos que narravam o convívio conflituoso entre os indígenas e os imigrantes, serviram para aumentar o medo da população, por dar maior legitimidade aos atos violentos contra os nativos, além de silenciar os indígenas, quando suas visões e interpretações daqueles acontecimentos.

Wittmann (2007) ao analisar a relação entre os imigrantes alemães em Blumenau e o índios Xokleng, corrobora com os argumentos levantados anteriormente, em que os discursos produzidos e disseminados eram feitos e destinados aos brancos, além de lembrar que os ataques sucedidos ao longo do processo de ocupação das terras ao longo do Vale do Itajaí eram recíprocos. Ao analisar os relatos de memorialistas e do jornal *Blumenauer Zeitung*, a autora salienta que os assaltos realizados pelos índios eram frequentes e muitas foram as vítimas. Estas incursões teriam o objetivo da aquisição, por parte dos índios, de um bem até então desconhecido, o ferro.

Wittmann (2007) salienta que os imigrantes na busca pela adaptação a nova localidade acabaram por desenvolver ao mesmo tempo medos e esperanças. Por outro lado, a autora aponta que os Xokleng exímios conhecedores daquele espaço passavam a sentir de forma gradual os efeitos da presença destes novos habitantes. Foi a partir desta relação de universos e culturas completamente diferentes que os

estranhamentos e os conflitos se instalaram. Segundo os pontos levantados por Wittmann (2007), no início houve a observação daquela população distinta, após o reconhecimento da presença do outro e o início dos ataques, o medo se instaurou no cotidiano da localidade.

Se por um lado os imigrantes comemoravam o desenvolvimento da colônia, para os Xokleng, pessoas desconhecidas estavam aparecendo em seus territórios, e estes não eram os Kaingangs, nem os tropeiros que atravessavam por vezes a região. Eram os alemães que derrubavam as árvores para a construção das casas, criação de animais e cultivos diversos. Assim os indígenas, tinham cada vez mais o seu território de caça e coleta diminuído (WITTMANN, 2007).

Silva, Perini e Agostini (2003) salientam que durante o século XIX era comum encontrar dados frequentes de caça aos índios. Aos caçadores de indígenas era atribuído o nome de “batedores do mato”, eufemismo utilizado pelos documentos oficiais, e só escapavam da morte as mulheres jovens, utilizadas como esposas pelos tropeiros, e as crianças de colo, a serem criadas pelas famílias caboclas ou brancas. As autoras, por meio da análise do contexto catarinense, mais precisamente a imigração na cidade de Joinville, indicam que a civilização da localidade foi marcada pela violência e crueldade entre grupos étnicos distintos, notadamente alemães e indígenas. Estes conflitos e disputas caracterizam-se com umas das maiores dificuldades e medos dos colonos na região.

A adaptação dos alemães à colônia não ocorreu de forma fácil e tranquila. Somados aos frequentes conflitos com os indígenas, existem indícios apontando para um cotidiano paupérrimo e cansativo e uma lembrança nostálgica da terra natal:

[...] como em um ano tudo mudou, cada dia traz novas lembranças. Hoje os dias são um como o outro, só raramente ocorre uma mudança e só o domingo pode interromper a monotonia da vida diária. Por aqui poucas vezes se perde uma pessoa, nenhuma mocinha, além dos irmãos Kellner dificilmente outro jovem. Vivo aqui bem sozinho com dois empregados no meu belo Lichtenburg, mas como eu ficaria contente se fosse surpreendido por uma das belezas da Alemanha tão minhas conhecidas. Bem minhas queridas, eram outros tempos nos quais o corpo vivia numa euforia, mas o espírito sofria. Em sua tranquilidade roía um verme, que agora foi afugentado. A calma faltava, pelas péssimas perspectivas para um futuro. Assim estou agora satisfeito com a atual situação. Mesmo que a vida, às vezes, apresenta-se monótona, fica a boa perspectiva e com o tempo tudo vai melhorar [...] de manhã levantamos às 5:30, tomamos uma cachaça e em seguida os trabalhadores saem para o trabalho. Eu permaneço em casa ocupado com a arrumação da casa e cozinhar. As 8 horas fazemos a merenda, que é carne seca frita num espeto com pirão (mandioca – farinha) café preto com açúcar. Em seguida coloco o feijão preto no fogo. Ocupo-me

até o meio-dia com os operários. Em seguida almoçamos, os operários descansam uma hora e eu preciso lavar louça e fazer café. As 13 horas todos voltam ao trabalho até às 18 horas quando escurece. A noite às 19 horas comemos outra vez carne seca com feijão, café preto, às vezes também batatas e carne silvestre. Depois passamos a ler um bom livro ou fazemos música, para às 21 horas cair nas nossas fofas camas. Acontece também que às vezes, caçamos um papagaio, tucano ou galinha silvestre. A carne é muito gostosa e para nós é uma festa no prato diário. As vezes também colocamos armadilhas nas quais pegamos quatis, pacas, veados, etc, onças ainda não pegamos, mas dizem que a carne é deliciosa. (JULIUS, 1853, p.41).

A carta, escrita por uma imigrante, destinada a sua irmã, retrata a passagem de um tempo solitário e triste até o momento que denota certa satisfação com a vida na localidade. Resumida à vida doméstica, com os cuidados da casa, a alimentação dos filhos, as mulheres imigrantes exerciam papéis fundamentais na manutenção da vida diária. O dia a dia parecia ser bastante monótono e rotineiro, o que ocasionava certa tristeza e saudade da terra natal. Porém, este cotidiano simples, também possuía espaços para alguns divertimentos que estavam atrelados à leitura de livros e à composição de músicas.

Era principalmente no âmbito privado, no contexto do lar, em períodos recortados do trabalho no campo que as famílias usufruíam de momentos de divertimentos. Tais ocasiões eram ocupadas geralmente com leitura, cantorias, contação de estórias e/ou conversas ao redor da mesa. Tempos marcados por fragmentos de alegria, diversão e prazer.

Estes elementos enfatizavam valores identitários alemães e que culminaram com a constituição de novas sensibilidades e de processos de educação do corpo, principalmente com as músicas compostas e cantadas em alemão nos encontros das famílias. Foi esta manutenção da identidade étnica que, inclusive mais à frente, resultou na criação de associações destinadas por exemplo, aos cantos e corais.

Corbin (1995), ao tecer uma história dos tempos livres, em uma temporalidade na qual o trabalho ainda era descontínuo, argumentava que enquanto desempenhava suas tarefas diárias o indivíduo bebia, fumava, conversava, enfim se divertia. O historiador francês indica que entre o tempo de trabalho e não-trabalho não havia ainda uma distinção marcada. Então, as duas categorias se relacionam. As fontes encontradas para a construção da presente tese fornecem indícios de que os elementos levantados por Corbin (1995) também se mostraram presentes na colônia de Blumenau da segunda metade do século XIX.

Em carta enviada a sua irmã, Fritz Muller¹¹descreveu de forma ainda mais detalhada o cotidiano na colônia, apontando sua satisfação pela escolha da mudança para Blumenau:

Minha querida Rosinha! Tu, certamente, ficarás alegre em saber que eu estou inteiramente satisfeito com a escolha que fiz do país que me servirá de segunda pátria e que me sinto feliz e alegre com a vida que escolhi. O começo, foi difícil. Sentimos, na própria carne, tudo quanto de mal há por aqui; houve momentos em que sentimos vontade de amaldiçoar o Brasil. Desde a nossa chegada no maio, em fins de agosto, até meados de novembro, só tivemos aborrecimentos e tempo chuvoso [...] Depois desse tempo chuvoso, veio um calor medonho; pelos fins de novembro, muitas vezes o termômetro alcançou 29° R. à sombra. E em dias tão quentes, nós tínhamos que derrubar mato. Suamos como nunca na vida havíamos suado [...]. Esse calor desanimava-nos mais que o tempo chuvoso, e temíamos nem poder mais trabalhar quando chegassem os meses de janeiro e fevereiro, que são muito mais quentes [...] os perigos que aqui nos ameaçam, de quando em quando, nos fornecem exemplos que nos tornam mais prudentes e cuidadosos. Um dos nossos colonos, um amável rapaz de 20 anos, geralmente muito estimado, afogou-se a 29 de dezembro, no Itajaí. [...] Por isso, aqui, o nadar é uma arte necessária. Minha mulher terá ainda que aprendê-la. Pouco depois, fomos surpreendidos por outro acontecimento. Os bugres (como aqui os indígenas são chamados) assaltaram o acampamento do Dr. Blumenau, na Velha, distante de nós nem meia hora. Eles, naturalmente, notaram que, por duas vezes pela manhã, uma canoa, com homens, havia saído mas não os viram quando regressaram, bem junto à margem [...] Naturalmente, após o assalto dos bugres, as armas passaram por uma revisão e foram postas à mão, devidamente carregadas e, nos primeiros dias não caía, nem mesmo uma rolha de palmeira, no mato, sem que se ficasse na expectativa de ver surgir um bugre de trás de alguma moita. [...] Assim, se muitos de nós tiveram que passar por duras provas, nos primeiros tempos e ver nisso o motivo para amaldiçoar esta bela terra, basta uma visita aos alemães estabelecidos rio abaixo, para se ganhar novo ânimo. Se uma família, há quatro anos começou com nada, uma família, naturalmente, bastante disposta ao trabalho, e se essa família, agora, em um só ano, fez açúcar, além disso, tem fartura em gado e verduras e quando a gente vê como crescem ligeiro os careeiros e as árvores Frutíferas [...], chega-se a uma vida satisfeita e alegre e a transformar caos e troncos e galhos. meio queimados, que agora rodeia o nosso rancho, num pequeno paraíso. Tu, naturalmente, te perguntarás a ti mesma como é que se pode, numa casa tão miserável e num trabalho tão desagradável e pesado, sentir-se feliz. Mas, conhecesse tu este pedacinho de terra que agora se pode alcançar com a vista, no seu atual estado, comparado com o que era, a poucos meses atras, onde eu em meio ao mato fechado, escolhi um local para construir o rancho e através cerrada capoeira, por caminhos quase intransitáveis ia buscar a água, pudesse tu fazer uma idéia disso aqui, como era e agora é, e ainda dizer-te a ti mesma: "Agradece tudo isso ao teu próprio trabalho! [...] Eu me sinto tão bem aqui, no mato, que até mesmo nos domingos só mesmo por motivos poderosos o abandono. (MULLER, 1853, p.45).

¹¹ Naturalista, botânico e professor de matemática e ciências naturais teuto-brasileiro. Nascido na Alemanha na pequena aldeia de *Windischholzhausen*, ficou conhecido posteriormente por suas trocas de cartas com Charles Darwin e por sua contribuição para a teoria evolucionista (GERLACH; KADLETZ; MARCHETTI 2019).

Solidificava-se a satisfação do colono imigrante na escolha por Blumenau. O duro trabalho na mata, a abertura de caminhos, a falta de insumos foi compensada pela recompensa das conquistas alcançadas de suas lutas diárias. Este indivíduo, a partir da relação com o novo espaço, foi construindo sua nova identidade, marcada pela supervalorização de seu trabalho, da mesma forma como apontava para as necessidades existentes, como por exemplo, saber nadar e os cuidados com os ataques dos indígenas e de animais selvagens.

Novas atribuições aparecem agora como necessárias, como o recorte da fonte, *“Por isso, aqui, o nadar é uma arte necessária”*. A proximidade das casas com as margens do Rio Itajaí-Açu incentivou a necessidade de uma boa destreza corporal nas águas. Tanto para os divertimentos, nos banhos presentes no forte verão da colônia, como também para a sobrevivência contra os possíveis afogamentos. Foi nesta ambiência que novos usos do corpo foram sendo gestados, e que mesmo que de forma não sistematizada, produziram elementos constitutivos de educação do corpo dos moradores.

Ao analisar a relação entre a imigração e as propriedades rurais, Seyferth (1990) busca apresentar como se deu o processo da organização das localidades. Para a autora o resultado mais significativo da colonização esteve ligado justamente à formação de uma sociedade rural diferente do modelo camponês tradicional no restante do Brasil, onde não havia lugar para o pequeno proprietário. O que aconteceu em Santa Catarina, mais precisamente em Blumenau, foi a formação de uma sociedade camponesa, cuja base era a pequena propriedade policultora trabalhada pela família, com um estilo de vida próprio, com um modo de produção específico, mas que aos poucos vai ganhando outros traços. Pequenos lotes, multicultura agrícola, criação de animais, trabalho no campo eram retratos importantes do cotidiano dos blumenauenses.

Seyferth (1990) salienta que a influência cultural alemã, fundamentada na propriedade familiar, oportunizou o aparecimento de pequenas e médias cidades nas áreas coloniais catarinenses e resultou na manutenção de símbolos e valores étnicos que preservaram as diferenças entre os imigrantes e os brasileiros. Tais elementos modificaram sensivelmente o panorama cultural e social do sul do país. A autora indica que a consequência dessa diversificação foi o aparecimento de uma classe média, rural e urbana, cuja ascendência social, foi potencializada pela

solidariedade étnica. Foi nesse contexto que um conjunto de instituições fundadas por estes colonos permitiu a manutenção de valores étnicos, com destaque para as escolas, igrejas, associações culturais, recreativas e assistenciais.

2.2 DOS IMPREVISTOS DA NATUREZA AO DESENVOLVIMENTO DA COLÔNIA: A ESTRUTURAÇÃO DE ELEMENTOS URBANOS EM BLUMENAU

Da mata fechada para as pequenas plantações e campos produtivos, a natureza até então intacta, habitada pelos índios, passou por um processo de ressignificação. Para o desenvolvimento da colônia de Blumenau, foi preciso dominar este espaço, controlar para que seus mistérios e seus perigos fossem minimizados, reduzidos e eliminados.

A necessidade do trabalho pelos membros das famílias colonas exigiu uma aproximação cotidiana com a natureza que ora era fonte de medo e desconfiança, ora se transformava em elemento de exaltação e contemplação. Assim, poucos anos após a chegada dos primeiros imigrantes, o espaço já apresentava sinais de mudanças. O trecho da carta reproduzida abaixo sinaliza muito bem esse conjunto de transformações:

Já se passou muito tempo da última vez que te escrevi [...] Agora mesmo, enquanto te escrevo, relembro a nossa situação, assim como a de toda a Colônia, na data em que te escrevi a última carta – foi em outubro de 1855 – e vejo, então, que não apenas as nossas próprias condições melhoraram muito, mas que toda a Colônia teve um desenvolvimento tal que pode encher de satisfação e orgulho o peito de todos os moradores. A mata bruta sentiu bem os efeitos do machado e cedeu lugar a campos produtivos e a plantações de cana-de-açúcar e de café. Passa-se, agora, de um colono para o outro, por caminhos bons e não se precisa mais esperar às margens dos riachos e ribeirões por uma canoa para atravessá-los, pois há pontes pelas quais se pode fazê-lo sem perda de tempo e com segurança. A cidade de Blumenau merece já esse título, pois já tem umas ruas bonitas com casas elegantemente construídas. Também os moradores esparsos melhoraram os seus sítios de forma que a gente, de vez em quando, defronta-se com fazendas que não é por toda a parte que se encontram na Alemanha. **Uma das causas principais do florescimento da Colônia Blumenau, segundo o meu modo de ver, se deve ao fato de ser habitada quase exclusivamente por alemães, conservando assim, os costumes, a língua e sobretudo a atividade e persistência dos alemães** (KIRSCHNER, 1855 p. 196 – grifos nossos).

A localidade, após intervenções dos imigrantes com uso do seu trabalho e força, foi sendo cada vez mais controlada possibilitando novas formas de sociabilidade. Os indivíduos se aproximavam, o isolamento diminuía e, com isso, a possibilidade dos encontros entre os moradores foi aumentada de forma considerável. Este domínio da natureza, acontecido de forma gradual e lenta dentro da colônia, foi aos poucos possibilitando maiores trocas e encontros entre os moradores.

Cabe destacar que as fontes apresentadas anteriormente fornecem vestígios de que a configuração de Blumenau ainda era rural, contudo, nas palavras do encontradas na carta do imigrante, o desenvolvimento da colônia foi fruto da persistência dos alemães, bem como da manutenção dos seus costumes e hábitos originados da velha pátria. De uma condição de isolamento, Blumenau começou a realizar os pequenos encontros entre parentes e vizinhos, as conversas propiciavam a troca de ideias, formulações de decisões e elaboração de novas formas de divertimento.

Para Thomas (1996), o domínio do indivíduo sobre o mundo da natureza seria uma meta incontestável do esforço humano. Uma das primeiras grandes modificações desta relação estabeleceu-se na Europa e, em certa medida, também pode ser observada em grandes centros brasileiros, pelo crescimento das cidades e pela rígida diferença entre a vida urbana e a rural. Thomas (1996), indica que a cidade era sinônimo de civilidade em contraposição à imagem do espaço rural, que era aproximado à imagem de rudeza e rusticidade. Existiu, portanto, no contexto da imigração alemã em Blumenau a intenção de integrar o indivíduo ao espaço urbano. A cidade em gestação seria, então, o berço do aprendizado, das boas maneiras, do gosto e da busca, mesmo que de forma inicial, pela sofisticação.

Destaca-se que esse contexto de formulação de um novo ordenamento do espaço público não é algo restrito à Blumenau. Muito pelo contrário, trata-se de um movimento presente nas principais cidades brasileiras, conforme indicado nos estudos de Segawa (1996), Bahls (1998) e Dias (2010). Com objetivo de analisar as transformações ocorridas nas praças e jardins em Curitiba, Bahls (1998) indica que o século XIX foi o século das mudanças, o que provocou nas cidades transformações de conceitos e valores que orientavam o espaço citadino.

De localidades sombrias, aglomeradas, sem atrativos, constroem-se modelos de cidades ideais, buscando embelezar a recente paisagem urbana. Influenciadas principalmente por Paris, as cidades brasileiras também adotam estes ideais, Dias (2010) ao pesquisar o Rio de Janeiro indica que ocorreu uma significativa transformação nas percepções e entendimentos sobre os usos dos espaços públicos e suas relações com a natureza na então capital brasileira. O autor salienta que no final do século XVIII cresceu o interesse por parte dos governantes em controlar os divertimentos da população. Nesse sentido, seria necessário um novo ordenamento do espaço público, e foi por meio desta racionalidade que distintos divertimentos foram sendo propiciados e sistematizados na principal cidade brasileira do século XIX.

A natureza era ainda bastante preservada, porém as primeiras intervenções já produziam novas percepções e diferentes formas de sociabilidade emergiam no contexto blumenauense, conforme indica o relato de um imigrante em 1856:

As florestas de Blumenau são ricas de grandes árvores e como a colônia é cortada de cursos d'água, há facilidades para a instalação de engenhos de serrar. As tábuas são muito procuradas e podem ser serradas à vontade. Quanto ao clima, tenho também que testemunhar de que me sinto satisfeito. Os meses mais quentes são os de janeiro, fevereiro e março, que constituem a força do verão. Há, naturalmente, durante esta época do ano comumente de 7 a 10 horas da manhã um forte calor, mas também, e só neste tempo, sopra um vento fresco do mar, o que purifica o ar e alivia o corpo, de sorte que se suporta qualquer serviço durante todo o dia [...] A natureza ostenta sempre o seu magnífico verde, só que no tempo do verão o verde é mais escuro do que nos meses de inverno [...] Nós alemães nos acostumamos logo a um tão soberbo espetáculo da natureza quando os raios cortam o espaço e a trovoada roça furiosamente. Apenas nos fica uma forte impressão, pois todo o receio desaparece quando se pensa que na realidade nada de mal pode acontecer, antes só bem pode causar. Aqui a língua e os costumes são alemães, na colônia e nos seus arredores. Mas a gente se adapta logo aos costumes brasileiros ou por necessidade ou por prazer. Assim tanto o meu irmão como a esposa dele e eu já nos acostumamos a andar a cavalo em vez de ir a pé [...] A língua portuguesa não é difícil. Em comunicação com os brasileiros eu já aprendi tanto que podemos nos entender perfeitamente. Pelo lado social, nós alemães nos mantemos muito unidos. É sempre um motivo de júbilo e de alegria quando aos domingos, novos e velhos conhecidos nos encontramos em Blumenau (KIRSCHNER, 1856, p. 200).

A possibilidade de habitar uma localidade em meio à Mata Atlântica surge na fala do imigrante não mais como algo perigoso, insalubre, mas sim como algo encantador e de beleza digna. A floresta era rica em diferentes tipos de madeira, cortada por cursos d'água, oferecendo maravilhoso conjunto de experiências. Novos

hábitos como andar a cavalo e falar português foram pouco a pouco sendo incorporados pelos imigrantes, assim como os costumes alemães foram se espalhando entre os brasileiros habitantes da localidade, estabelecendo uma configuração marcada por trocas culturais.

A relação com os poucos brasileiros que também habitavam a colônia se demonstrava de certa forma harmônica, inclusive com a tentativa de aprendizado da língua, porém era nos encontros entre os próprios imigrantes alemães que o colono mais se satisfazia e se realizava. Foi por meio destas duas formas de contato que os indivíduos foram sendo formados e incorporando novas formas de condutas. De um lado havia os costumes alemães trazidos, mantidos e exaltados pelos imigrantes, e do outro ocorria a assimilação e absorção de elementos pertencentes à cultura local.

Um outro ponto bastante evidenciado nas fontes do período, era relativo à questão da mobilidade. Machado (2007) aponta que, tanto que nos relatórios emitidos pelo Dr. Blumenau ao Presidente da Província de Santa Catarina, afirmava que as garantias dos caminhos eram imprescindíveis para o desenvolvimento da colônia. Em diversas falas semelhantes, o colonizador demonstrava que deixar o colono isolado era o mesmo que abandoná-lo à ociosidade. A construção de vias foi um tema importante para a administração destes indivíduos na segunda metade do século XIX. Construir os caminhos representava não só um incentivo ao trabalho, mas também um investimento no desenvolvimento material e moral dos colonos (MACHADO, 2007).

Neste sentido, a colônia apontava para um trabalho de dupla ordem, isto é, se por um lado Dr. Blumenau, buscava por recursos em instâncias estatais superiores para a construção de pontes, ruas, estradas, por outro lado, havia indícios da mentalidade empreendedora do imigrante, pois pelo próprio trabalho os colonos iam abrindo caminhos, picadas e trajetos. Afinal, não era possível para Blumenau ter um desenvolvimento mais substancial se a localidade apresentasse ainda características como de casas distantes umas das outras. Sua prosperidade estava atrelada a uma melhor organização de seu espaço e que necessitava de uma maior aproximação e contato entre os habitantes.

Apesar do povoamento disperso a demarcação dos lotes na colônia permitiu certa aproximação física das casas dos colonos, mesmo que ainda não possuíssem vias de acesso bem determinados. A pequena propriedade foi a unidade básica de

todo o sistema colonial. O conjunto de casas que mais a frente seria formada, associado a uma igreja ou capela, a oficina de artesões, ao salão de festas, as casas comerciais varejistas, formaram as características básicas da povoação. Seyferth (1990), salienta que o *Stadtplatz* foi expressivo na medida em que caracterizava a importância desses locais como pontos de concentração das atividades sociais, religiosas, econômicas e culturais de Blumenau.

Machado (2007) afirma que foi no século XIX que a engenharia civil passou a ser bastante presente nas discussões das cidades catarinenses, centrando-se principalmente na ideia da importância dos deslocamentos das populações. A engenharia assumiria o papel de retirar obstáculos e o Estado passaria a ser responsável pela noção do espaço e da realização das obras públicas. O autor lembra que estas vias, ruas e caminhos permitiriam a ligação entre as povoações, impedindo isolamento e, como isso, potencializando as trocas e relações.

Apesar do desenvolvimento, a colônia também apresentava alguns problemas que necessitavam ser sanados e superados. Em 1856, Dr. Blumenau apontava como a localidade ostentava algumas doenças e principalmente problemas relacionados à segurança, notadamente os relacionados aos ataques indígenas:

O estado sanitário da colônia correu regularmente no primeiro semestre do ano próximo passado: no segundo porém e ainda atualmente não foi e é tão favorável como em igual estação dos anos anteriores e nunca havia tantas doenças em todas as partes do rio. [...] O tempo seco e o grande inacostumado calor dos últimos meses, sem dúvida muito contribuía para o se desenvolverem estas doenças e afecções e é de esperar que com o inverno e a regularidade das estações desapareçam e não tornem. Mandeir vir e vacinei algumas crianças, porém nunca produziu efeito [...] quanto à segurança individual da colônia e a paz e harmonia entre os seus habitantes, não se deu crime ou delito algum. Emprego todo o cuidado e a minha influência sobre os colonos, para conservar paz e harmonia entre eles por meios amigáveis [...] Enquanto, porém não se pode chegar a concluir paz com os selvagens, toda a vigilância é pouca para impedir os seus sobressaltos e ataques, com que, à moda das feras, caem sobre qualquer homem incauto, que se interna nos matos. É questão de vida para a colonização desta parte da província que se possa chegar a um acôrdo pacífico com os gentios e domá-los por esta maneira; se isso for inteiramente impossível, pela índole brava e sanguinária desta tribo, não fica outro expediente senão afugentá-la por sanguinolentas entradas e cachorros de sangue que vão extirpá-los. É este um expediente cruel que aborrece ao amigo humanidade, quando, porém, todos os meios brandos e pacíficos forem esgotados sem resultados, não há escolha: empregá-lo ou deixar abandonado, de novo, aos selvagens e animais do mato todo o sertão dos rios Itajaí. No atual estado de cousas é impossível deixar se estabelecer uma família sozinha no mato, sem correr iminente perigo (BLUMENAU, 2002, p.33).

Os frequentes ataques dos índios, os assaltos, as invasões produziram na colônia um sentimento de insegurança. O uso das armas de fogo era frequente e fazia parte do cotidiano dos habitantes. Ainda isolados, os colonos acreditavam ser necessário gerenciar sua própria segurança. Foi neste contexto que a possibilidade do uso das armas se tornou uma alternativa. Wittmann (2007), salienta que as primeiras décadas após a chegada dos alemães, a arma de fogo era o principal objeto de defesa, o armamento deveria sempre estar ao alcance nos momentos de tensão. Aos índios que invadissem suas casas e lavouras, as respostas seriam por meio da pólvora, proporcionado segundo a autora um ciclo de mortes e violência.

Na tentativa de resolver o problema da falta de segurança que a colônia apresentava, Dr. Blumenau pedia socorro policial ao Presidente da Província a fim de conter as investidas dos índios:

[...] Diariamente circulam novos boatos e narram-se novos fatos que trazem toda a povoação numa excitação perpetua. Já ninguém ousa deixar a sua casa, nem de trabalhar sozinho na roça e não obstante. Um ficar de sentinela, os outros estão inquietos e trabalham sem sossego. Ninguém se sente mais seguro, nem na sua própria casa, receiando os trabalhadores pela família que ficou em casa, e esta por eles, um tal estado, Va. Excia., é insuportável e insustentável, porque todos estão convencidos de que já não estão mais alguns gentios, que caçando procuram roubar; mas que uma tribo maior, domiciliada, estão entre o Rio Itajaí grande e mirim, dispostos a sustentar uma guerra de exterminação. Nunca o atrevimento deles foi tão grande e com toda a certeza aumentará com cada novo sucesso e não será para admirar-se um dia, colonos que se retiram para suas casas, sejam agredidos no meio da picada grande, que atravessa a colônia ou que os bugres ataquem uma casa um pouco isolada. Se tudo isso acontecer, Va. Excia., podemos contar que todos se retirarão em pleno (BLUMENAU, fev. 1856, p. 295).

Para Wittmann (2007) tanto os relatórios oficiais, como os jornais publicados nas colônias, descrevem os ataques indígenas sob o ponto de vista dos colonos, narradas através dos vocábulos, “saque”, “assassinato”, “furto”, “cerco”, sendo sempre iniciada pelos denominados “bugres”. Esse conjunto de narrativas esquecia de mencionar também que existiram sistemáticas expedições contra os índios. As ações eram sempre justificadas em nome do progresso da colônia e na proteção dos imigrantes, onde os índios representavam um obstáculo ao crescimento da localidade. Era necessário resolver este problema. Os discursos que descreviam a violência dos confrontos eram sempre abafados, conforme aponta Wittmann (2007, p. 59) pela “*ferocidade dos índios assassinos*”, pelo quão incivilizados, e pelos “*perigos selvagens*” que eram essa população não-morigerada.

Os discursos presentes nos relatórios e nos jornais, sobre a crueldade indígena, tinham como objetivo legitimar a violência investida aos indígenas, conforme aponta Wittmann (2007). E ainda, indica que este elemento, passava a justificar o genocídio contra essa população.

Silva, Perini e Agostini (2003) buscaram analisar a relação entre corpo e natureza situando os confrontos entre os índios e os imigrantes de diferentes etnias. Os encontros entre os alemães e os índios, chamados de bugres, representavam um enfrentamento entre os porta-vozes da civilização (alemães) e os elementos considerados selvagens (bugres). Aquele que chegava à terra considerava o nativo como o outro. Em seus modos de vida, adentrar a floresta, não se diferenciava das demais formas de coletas que faziam, mas gerava pânico entre os alemães. As armas foram logo postas em ação.

Foram constituídos, principalmente nas últimas décadas do século XIX grupos chamados de batedores do mato, definição utilizada pelos documentos oficiais para se referir às tropas de *bugreiros*, que tinham como missão à caça de índios. O que parece ter acontecido foi que a relação entre os imigrantes e os autóctones ocasionou um número elevado de mortos, principalmente indígenas, e que tal conflito perdurou por anos em Blumenau (SILVA, PERINI E AGOSTINI, 2003; WITMANN, 2007).

Wittmann (2007) salienta que os *bugreiros* eram contratados pelos imigrantes, ou pelos próprios agentes colonizadores. Esses especialistas na “caça aos índios” eram, na sua maioria caboclos pagos para garantir a segurança aos colonos e auxiliar no desenvolvimento da colônia. Como salientado pela autora, em seu estudo que buscou analisar a relação entre os indígenas e imigrantes, muitas vezes os *bugreiros* foram financiados pelos próprios governos em um projeto mais amplo de auxílio ao desenvolvimento das colônias. Eram assim, parte importante para a segurança e prosperidade da localidade, tinham na imposição da violência e do medo, suas ferramentas de atuação.

Nos anos de 1857 e 1858 os problemas de ataques ainda eram mencionados por Dr. Blumenau, porém outros elementos apontavam para o desenvolvimento da localidade. Em 1857, Blumenau contava com 549 “almas” espalhadas por 110 fogos (espaços distantes uns dos outros), e com pequenas manufaturas agora representadas por cinco engenhos de farinha de mandioca, cinco de açúcar, três

alambiques de cachaça e álcool, dois moinhos de fubá, dois engenhos de serrar madeira, uma indústria de vinagre e outra de cerveja, uma padaria e vários artificies:

[...] A colônia, se o seu aumento expansivo não foi grande todavia não ficou estacionária; a sua consolidação e desenvolvimento interior, progrediram largamente e em escala e com estabilidade tal, que melhor que qualquer outros argumentos são provas de que repousam em fundamento sólido [...] esse progresso é resultado do trabalho dos colonos na sua propriedade e de diversas outras circunstâncias e permanentes que concorrem independentemente da ampliação da emigração de fora e dos favores do governo imperial [...] o futuro da colônia, pois, já não admite dúvidas a respeito da sua produtividade, prosperidade e estabilidade. Progresso da colônia nos últimos três anos: 1856 contou com 468 habitantes, 1857 com 609 e no ano de 1858, 679 [...] a celebração do culto evangélico e o ensino primário tiveram regularmente o seu exercício, para ambos faltam, locais apropriados e era muito necessário remediar a essa falta de construção de edifícios destinados para fim tão útil. O estado sanitário foi muito lisonjeiro durante o presente ano [...] a segurança individual, felizmente, não sofreu alteração e, exceto algumas pequenas contendas policiais, também não houve demandas. Torna-se necessidade para a colônia a criação de um juízo de paz e distrito (BLUMENAU, fev. 1858, p.22).

Percebe-se que o desenvolvimento da colônia nos dez primeiros anos foi de certa forma equilibrada e as condições de vida não progrediram substancialmente. Dos primeiros 17 imigrantes em 1850, a colônia já contava com 679 em 1858. Algo importante a ser mencionado é que em 1860 Blumenau passava de uma colônia particular do Dr. Blumenau, para um empreendimento oficial do governo brasileiro. (BLUMENAU, 2002).

Mesmo com número pequeno de habitantes, se comparada a outros grandes centros do período, Blumenau precisava de mudanças, principalmente relacionadas à construção de determinados espaços sociais. A edificação de uma igreja e de uma escola, apontava a indispensabilidade presente na localidade para a manutenção de elementos educativos marcadamente alemães. Havia também a necessidade do estabelecimento de um poder jurídico para regulamentar as ações cotidianas, conforme apontado nos relatórios. Se o objetivo era a construção de uma colônia, e posteriormente cidade promissora, esta deveria possuir elementos que contribuíssem para tal empreitada civilizadora que superasse o estado em que se encontrava a localidade:

[...] As dificuldades consistem na construção dos necessários edifícios e em achar-se indivíduos, que reúnam as indispensáveis garantias morais com a prática do ensino e conhecimento da língua vernácula junto com a alemã em que não podem deixar de ensinar, visto que as crianças entendem somente esta[...] o estado sanitário foi sofrível, com quanto que mortalidade proporcionalmente foi maior do que há dois anos. Este aumento dos óbitos parece contudo em todas as localidades e países inerentes à imigração, à mudança do clima, e da alimentação e maneira de viver, e as fadigas do primeiro estabelecimento (BLUMENAU, 1862, p. 295).

A falta de uma estrutura mais adequada aliada com a condição climática foram os elementos que mais dificultaram a adaptação dos imigrantes. No fim de 1861 a colônia, conforme aponta Petry (1988), tinha ao todo 1.484 habitantes, praticamente todos alemães. Já em 1862 a população apresenta um acréscimo e atingiu o total de 2.058 habitantes, majoritariamente alemães. Um fato que merece destaque neste processo de desenvolvimento da colônia é a menção por parte do Dr. Blumenau em um dos seus relatórios (Relatório ano de 1860) da existência de uma Sociedade de Atiradores (com aproximadamente 80 participantes), duas Sociedades de Canto e uma Associação de Cultura (BLUMENAU, 1860, s.p). Antes atrelados principalmente ao âmbito privado, aos encontros entre vizinhos, os divertimentos passaram a fazer parte da esfera pública, potencializados pelas instituições criadas com distintas finalidades, locais em que os elementos da cultura física começaram a ganhar uma significação especial e os processos de educação corporal se tornavam necessários.

A Sociedade de Atiradores, com seus bailes, desfiles e competições de tiro, assim como os encontros organizados pelas Sociedades de Canto, que valorizavam seus corais, ensaios e apresentações, produziram novos olhares e sensibilidades ao cotidiano da localidade. A vida não era mais tão monótona e não se resumia apenas ao cultivo das plantações, aos cuidados com os animais e aos afazeres domésticos. Era possível também usufruir de práticas corporais que se traduziam em momentos de alegria e celebração.

Estas ocasiões, de certa maneira, exaltavam uma cultura física, pois os distintos divertimentos valorizavam novas sensibilidades e olhares sobre o corpo. Entre festividades, bailes e desfiles os divertimentos traduziam-se em um certo “relaxamento” da vida do campo, da rotina diária, da mesma forma que alteravam substancialmente o dia a dia da população. O surgimento de sociedades, com suas distintas finalidades, reconfigurou a organização social de Blumenau, o que

possibilitou a presença de indivíduos inseridos em novos códigos de comportamento e que precisavam apresentar um outro modelo de educação do corpo, segundo apontam Furtado, Quitzau e Moraes e Silva (2018).

Na esteira deste desenvolvimento, a colônia foi pouco a pouco elevando o número de habitantes. Foi a partir do crescimento populacional, da maior racionalização e sistematização dos espaços citadinos e do surgimento de distintas instituições que surgiram demandas e necessidades novas no cotidiano de Blumenau. Para um melhor desenvolvimento eram necessários investimentos que resultassem nas transformações que a colônia carecia e que possivelmente incentivaria a chegada de novos contingentes populacionais. Em alusão a isso, em 1860, o semanário *Argos da Província de Santa Catarina* relatava o promissor desenvolvimento da localidade cravada no seio do Vale do Itajaí:

Colônia Blumenau está situada em boas terras nas margens do Rio Itajahy-Assú, a dez leguas de distância de sua voz. Teve princípio no anno de 1850 com vinte casaes e dez individuos solteiros [...] Conclue-se evidentemente que prospera este estabelecimento colonial, e promette com effeito regular desenvolvimento. A população he laboriosa, e mesmo emprehendedora. Colonos ha que tem procurado novas terras em terrenos desertos que lhe ficam próximos, com o fim de alargar a lavoura que exercem (ARGOS DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, 18 mar. 1860, s.p).

A Colônia de Blumenau foi retratada como um local de futuro promissor e de bastante prosperidade. No mesmo semanário, no ano de 1861 também foi veiculada uma outra notícia relacionada à Colônia Blumenau, onde foram exaltadas as condições de navegabilidade dos rios, as belezas naturais, bem como a cordialidade da figura do Dr. Blumenau.

O rio é lindíssimo e bastante fundo para pode dar nada a qualquer navio do calado, além de uma variada e florida vegetação, um número extraordinário de colonos belgas e alemães tem cultivado bastante extensão. De espaço em espaço ouvia-se o cantar das Araongas e de outras aves [...] O Sr. Dr. Blumenau é um cavalheiro e sobremaneira digno da estima dos brasileiros: porque apesar de milhares de difficuldades com que tem lutada tem sempre constante feito progredir a colonia, que apezar de não apresentar a exterioridade de muito adiantamento material, comtudo exporte já considerável quantidade de gêneros. Por toda parte ouvimos histórias de combates de colonos contra os bugres; e cada um sugeito d'aquelles era um novo Caramurú! (ARGOS DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, 25 jun. 1861, s.p).

O confronto contra os indígenas era uma constante e fazia parte do domínio que os imigrantes buscavam sobre a localidade. Como salientado por Wittmann

(2007) os ataques aos índios estavam na base do desenvolvimento do projeto de colonização, tratava-se da necessidade de organização do espaço florestal e de controle de seus habitantes. A solução para este problema com os indígenas, muito apontada nos documentos oficiais dos presidentes das províncias no período, só seria alcançada através da modernização, a transformação dos índios viria quando a selva se tornasse morada do moderno. Conforme estes documentos, era necessário deixar de ser selvagem, transformar as terras virgens, romper com o misterioso, e neste entendimento os índios também estavam inclusos neste ideal.

Eram frequentes nos documentos elaborados pelo governo catarinense a menção dos índios como ferozes, inúteis e incivilizáveis, ao contrário dos imigrantes que eram retratados como pacíficos e civilizados trabalhadores que impulsionavam a colônia, e por consequência a província rumo ao progresso (WITTMANN, 2007). Se os imigrantes compreendiam os índios enquanto indivíduos incapazes de transformação, seu extermínio se tornava de certa forma justificado, pois passava a fazer parte de um processo muito mais amplo pelo qual a localidade necessitava passar para se tornar uma colônia próspera.

Neste período analisado percebe-se, seja pelas notícias, cartas, diários ou relatórios, que as menções realizadas à Blumenau se caracterizavam sempre pela descrição da natureza, ressaltando suas belezas, encantos e perigos. Da mesma forma, exaltava-se o trabalho desenvolvido pelos imigrantes no desenvolvimento de Blumenau. Um outro vestígio encontrado nessa documentação foi relativo à presença dos divertimentos por eles vivenciados que se situavam principalmente no âmbito privado da casa pela contação de histórias, leituras diárias, músicas ao redor das mesas e alguns poucos encontros entre vizinhos.

Foi somente com o surgimento de algumas sociedades, principalmente as de tiro, conforme indicam Furtado, Quitau e Moraes e Silva (2018) que as sociabilidades foram se transformando e incorporando novas possibilidades de vivenciar o corpo em Blumenau. Em 1863, a cidade continuava em um contínuo processo de expansão, contando com uma população de 2.286 “almas”, sendo

1.191 homens e 1.095 mulheres (BLUMENAU, 1863)¹². A localidade que se desenvolvia, aos poucos também produzia novas formas de divertimento.

2.3 DA COLÔNIA À PEQUENA CIDADE: A EMERGÊNCIA DE NOVOS CÓDIGOS DE CIVILIDADE

Segundo salienta Salomon (2002), não bastava demarcar e dividir o espaço, era necessário determinar quais eram os lugares apropriados para alocar a população, indicando também aqueles mais propícios para a agricultura e moradia, bem como estabelecer quais seriam os mais apropriados para a realização de certos divertimentos. Uma vez definidos estes lugares, era preciso estabelecer ligações entre esses novos núcleos e os já existentes.

Ao problematizar o desenvolvimento da então pequena cidade de Blumenau Machado (2007) problematiza o por meio da análise da rentabilidade da terra e da força de produção dos indivíduos. O autor argumenta que para transformar os colonos em um elemento produtivo foi preciso se constituir uma série de técnicas que passavam pela preocupação do controle da indolência, ociosidade e isolamento. Era necessário um poder que transformasse o corpo do indivíduo e sua propriedade em elemento de produção. Emergiu uma nova racionalidade que produziu uma sociabilidade que estabelecia novas formas de conduta.

Machado (2007) salienta que a crescente rentabilidade e os acúmulos de bens e propriedades também influenciaram na concepção da cidade, uma vez que estes fatores foram acompanhados de potencial transformação dos indivíduos e suas propriedades em alvos de roubos, invasão e/ou depredação. Neste cenário, emergiram, segundo aponta o autor, novos controles sociais que estavam relacionados à distribuição espacial e social.

¹²Relatório produzido por Dr. Blumenau enviado ao diretor da Província de Santa Catarina, apresentando as condições e características atuais da colônia que agora era de responsabilidade do Governo Imperial.

Em notícias veiculadas nos anos de 1867 e 1868, o jornal *O Mensageiro*, de Desterro, também exaltava as atraentes condições de Blumenau e suas possibilidades de crescimento e desenvolvimento:

Situa-la nas frescas margens do rio Itajahyassu, a colonia Blumenau reúne todas as condições de prosperidade: vasto territorio; terrenos em geral planos; solo fértil; clima excelente, numerosas veias d'água; franca comunicação fluvial com a costa, a qual se liga igualmente por meio de uma sofrível via terrestre, fácil de ser aperfeiçoada; e possibilidade, finalmente, da abertura de comodo caminho para os campos de criação à cima da serra. Percorrendo a colonia nada-se a vida, a animação e o bem-estar que revellam o trabalho, e que o trabalho produz. É um estabelecimento importante, e de grande futuro, porque é capaz de conter população muito crescida do que a que hoje possui, e de proporcionar-lhe a abundância (O MENSAGEIRO, 1867, s.p.).

Teve esta colonia aumento de 500 habitantes, entre os quaes contam, além de novos imigrantes, antigos moradores de outras colonias e algumas familias brasileiras. A mortalidade foi apenas de 33 pessoas [...] o que prova de admirável salubridade. Possui a colonia 2 escolas publicas, e cinco particulares, mantidas pelos colonos e subvencionadas pelo estado, fora que é dirigida pelo pastor protestante, na qual se ensinam diversas materiais de instrucção secundaria (O MENSAGEIRO, 1868, s.p.).

Assim, Blumenau, por suas características territoriais de solo fértil e clima propício, apresentava as condições necessárias para atrair contingentes populacionais mais amplos. Além disso, as fontes apresentadas apontam para uma contínua chegada de novos habitantes, bem como a presença de instituições tipicamente modernas como os estabelecimentos escolares. Em 1869, um outro periódico (*O Despertador*), também de Desterro, apontava que no ano de 1867 chegaram à cidade um total de 1735 indivíduos, resultando agora, em um total de 5.126 almas na localidade.

A construção de escolas estava intimamente ligada ao discurso de um progresso e modernidade. Conforme aponta Souza (1998), a partir da segunda metade do século XIX, existia no Brasil uma mentalidade de que uma cidade que não possuísse uma escola primária não se traduziria em um espaço de futuro promissor. A Blumenau que crescia a passos largos, também participou desse processo, produzindo novas interpretações e sentidos aos distintos artefatos modernos por parte dos habitantes ali presentes. Em carta datada do mesmo ano, um colono imigrante salientava a estima em viver na cidade catarinense muito em virtude dos aspectos mais modernos que a localidade ia conquistando:

Não é que estejamos gostando desta terra, mas tudo que tu nos escrevestes nos é tão familiar, que parecia que estávamos presentes aos passeios e aos afazeres que nela nos relatastes. [...] mas apesar de tudo isto, gosto imensamente deste torrão de terra que antes era uma selva hostil e traiçoeira e que pelos esforços de meus braços e minhas mãos que agora se ostentam calejadas, está sendo dominada pouco a pouco e já aponta, como tributo do meu suor e minha perseverança, o começo dos primeiros fruto, cuja colheita me dará a satisfação de não ter sido inútil o meu sofrimento e meu trabalho. [...] Não poderás fazer uma ideia das dificuldades que um colono passa nos primeiros anos na mata virgem, onde tudo, mas tudo, lhe falta e onde além do esforço físico quase sobrehumano é necessário uma fé inquebrantável na vitória final, para não desanimar logo nos primeiros dias. [...] Mas também não compreenderás a satisfação que a gente sente ao apreciar sua roça, sua pequena horta e o rancho primitivo com os toscos "móveis", tudo feito por nossas próprias mãos. Se imagino que daqui há trinta ou cinquenta anos, netos e bisnetos também já não poderão mais aquilatar como foi duro o começo, quando eles passearem de carro ou transitarem pelas calçadas, trajando vestes festivas, onde hoje de calças arregaçadas e descalços, ficamos atolados às vezes até o joelho [...] Aqui tudo é virgem, tudo é novo, as forças da natureza ainda não foram dominadas pelo homem, a terra fértil está à espera para receber o tratamento carinhoso do lavrador e a semente por ele lançada, para então presenteá-lo com os frutos que garantem a sua subsistência e formam os alicerces do bem estar e de sua prole [...] com a graça de Deus, estamos vivendo felizes e contentes, por sabermos que nossos sacrifícios serão para o bem de nossos filhos e para o progresso desta terra que lhes escolhemos para sua pátria, que também já é nossa, pois abriga o nosso lar e nos dá a oportunidade de vivermos em paz e liberdade (IMIGRANTE, 1867, p.154).

O trecho apresentado evidencia a valorização de uma moral protestante do trabalho oportunizada pela força diária do imigrante alemão, fruto da disciplina e do comprometimento, que foi tão bem relatada por Weber (2004). Além disso o relato aponta para a necessidade de domínio da natureza. Era preciso controlar todos os seus possíveis malefícios e perigos. A natureza, neste sentido, vai passando pouco a pouco por um processo de racionalização e geometrização, consequência do trabalho e da ação dos imigrantes num claro movimento de desencantamento do mundo sinalizado por Weber (2004) ao se reportar à lógica protestante.

Neste cenário, Wittmann (2007), argumenta que a própria relação com os índios também buscou alternativas que não da violência. O autor salienta que foi principalmente a partir de 1877 que apareceram posições a favor da catequese e contra a violência empregada contra os índios, mas foi primordialmente nas primeiras décadas do século XX que este movimento ganhou força e resultou em uma nova relação entre os indígenas e os imigrantes, relação esta, de maior proximidade, diálogo e de incorporação dos indígenas no cotidiano das famílias.

Afinal, um espaço perigoso, misterioso e inóspito não possibilitaria condições para a emergência de novas práticas, ao contrário, somente com o domínio desta

natureza, um desencantamento total desse mundo natural que possibilitaria a inserção de novos elementos nas rotinas dos habitantes. Pouco a pouco, a natureza que era até então intacta e pouco controlada, passava por um amplo processo de ressignificação.

Thomas (1996), ao analisar o contexto europeu, indica que entre os anos de 1500 e 1800 ocorreram transformações profundas na forma como indivíduos de distintos níveis sociais analisavam o mundo natural, potencializando o surgimento de novas sensibilidades em relação aos animais, plantas e paisagens. O autor lembra que ao longo do período moderno os indivíduos por meio da racionalidade foram transformando a maneira pela qual o mundo natural era percebido e classificado. Este período histórico, caracterizado do domínio do indivíduo sobre a natureza seria a meta incontestada do esforço humano. Tal movimento, culminou com a emergência de novas sensibilidades interpretativas da relação homem/natureza.

Quitau e Soares (2019), ao investigar o ideário da vida ao ar livre nas sociedades ginásticas teuto-brasileiras do sul e sudeste do país, na virada do século XIX para o XX, indicam que tal processo intentava libertar a natureza dos domínios do medo e dos perigos, oportunizando assim novos olhares atrelados à saúde, à educação e aos divertimentos. Esse processo também se mostrou evidente em Blumenau. Um exemplo desse processo de domínio da natureza foi a instalação de uma série de instituições modernas na localidade. Rossbach (2008) salienta que até este período analisado, a localidade já apresentava um número considerável de sociedades culturais, religiosas e recreativas. Além do primeiro clube de tiro, o *Schutzenverein Blumenau*, criado em 1859, outras sociedades foram criadas na cidade. Exemplos disto são as fundações do *Theaterverein* (Sociedade de Teatro Amador) no ano de 1860, da *Gesangverein* (Sociedade de Canto – Coro) em 1863, do *Culturverein* (Sociedade de Cultura – Agricultura) também em 1863 e do *Turnverein* (Sociedade Ginástica) no ano de 1873. Este conjunto de associações, somados ao perfil de trabalho dos imigrantes parecem ter contribuído de forma significativa para o desenvolvimento da colônia e para a consequente emergência de uma cultura física em Blumenau.

A figura a seguir, trata-se da principal rua da colônia com destaque para o formato dos imóveis, com características de moradias alemãs.

Figura 3 Stadplatz Blumenau em 1869 (centro da colônia)



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Mesmo expondo suas primeiras conquistas modernas Blumenau ainda apresentava muitas referências rurais, o que inicialmente assustava os imigrantes que ali chegavam. O relato a seguir foi dado por um imigrante que detalha sua chegada a localidade no ano de 1875:

Era um belo dia de sol, quando nos aproximamos da sede da colônia Blumenau. Ao chegarmos ao começo da atual rua 15 de novembro, na esquina com a Alvim Schrader, e vendo algumas casas, perguntamos na de um casal idoso, o sr. Hartmann, se a povoação ainda ficava muito longe. Ao nos responder, o sr. Hartmann, que já nos achávamos dentro dela, ficamos todos surpreendidos e decepcionados, pois esperávamos encontrar uma cidade, mais ou menos grande e importante, e vínhamos encontrar uma meia dúzia de casas, agrupadas à margem do Garcia. Quando, na Alemanha, se referiam a Blumenau, davam a entender que este já era um grande centro de população. [...] Mas a natureza deslumbrante, a beleza do rio e do lugar em que o dr. Blumenau assentara a sede da sua colônia, as matas e morros sempre verdes, como o Aipinberg e o da igreja protestante, me deslumbraram e, em breve, se desfez, na minha mente, a idéia que eu vinha fazendo, para dar lugar a um grande entusiasmo pela realidade que me empolgou (BLUMENAU EM CADERNOS, 1960, p. 61).

A fonte possibilita compreender que Blumenau nesse momento ainda carecia de estruturas urbanas como palacetes, edifícios e ruas projetadas. O relato do recém-chegado imigrante também evidencia que existiam apenas pequenas casas

dispersas umas das outras, às margens do rio, não possuindo características citadinas. Em compensação ao pouco desenvolvimento urbano, a natureza, com sua beleza, foi digna de louvor e apreço por parte do imigrante. Percebe-se na descrição um certo distanciamento entre o ideal de uma pequena cidade racionalizada, planejada e a realidade. Entretanto, verifica-se, também, que estava sendo gestada uma outra mentalidade, que culminou com a transição de uma vila eminentemente rural para uma pequena cidade com elementos cada vez mais urbanos. Foi neste contexto de transformação que os indivíduos passaram a incorporar novas sensibilidades.

Machado (2007), aponta que aos poucos o projeto de colônia foi se transformando em uma proposta de implementação de cidade. Foi em 1880 que Blumenau teve sua emancipação política, tornando-se município e passando a ter a necessidade de uma nova estrutura burocrática, como por exemplo, a fundação da Câmara Municipal em 1882. Seyferth (1990), salienta que o desenvolvimento urbano dos antigos núcleos coloniais catarinenses ocorreu a partir da diversificação das atividades artesanais, resultantes das necessidades locais. A autora indaga que esse processo lento de urbanização foi marcado pelo sistema de povoamento e pelas influências ligadas à origem dos imigrantes. Blumenau não repetia um padrão luso-brasileiro, guardando uma característica própria. Seyferth (1990) indica que estes espaços se desenvolveram a partir dos núcleos iniciais (*Stadtplatze*): ponto de onde partiram as primeiras picadas e local que se concentraram as casas comerciais, a administração, as escolas, a primeira capela, e as residências de artesãos, médico, farmacêutico e padre. Apesar da importância dos pequenos povoados rurais, os núcleos urbanos concentraram todas principais atividades econômicas, sociais, culturais e políticas da localidade.

Com o crescimento da cidade foi instituído um poder municipal e legislativo. A pequena urbe passava a ser cada vez mais regulamentada. Os indivíduos ali presentes aos poucos necessitavam incorporar processos considerados mais civilizados, que resultaram em novos processos de educação do corpo. A cidade que crescia trazia consigo, também, malefícios e comportamentos não desejados. Era necessário ajustar e controlar os indivíduos e estes acontecimentos, proporcionando uma cidade mais harmônica e civilizada. Neste sentido, em 1883 foi promulgado em Blumenau o 1º Código de Postura, documento que buscava regular

todas as ações e acontecimentos do cotidiano da localidade, a fim de garantir a ordem pública.

Para Machado (2007), o grande objetivo do primeiro Código de Posturas da cidade foi a delimitação do espaço da rua e sua ressignificação como ambiente de circulação, porém é possível apontar também outros elementos que, somados, caracterizam o projeto de cidade e do indivíduo em questão. O autor salienta que o documento contém, ao todo, dez capítulos: “*segurança pública*”, “*hygiene pública*”, “*commodidade e tranquilidade pública*”, “*lavoura e indústria*”, “*ruas, entradas e caminhos*”, “*construção de edifícios*”, “*rendas municipais*”, “*offensas à moral pública*”, “*uso de armas proibidas*” e “*disposições geraes*”.

A referida legislação fornece indicativos de como a pequena cidade encontrava-se em um amplo processo de transformação. Fato que exigia a necessidade de um indivíduo mais civilizado. Alguns trechos e artigos do documento são importantes na medida em que materializam que tipo de habitante se desejava formar e quais condutas deveriam ser empregadas. Um amplo conjunto de ações passava a ser proibido no espaço citadino, sob pena de multas e repressões:

Capítulo I Segurança Pública

Artigo 1'. – Ninguém deverá andar a cavallo ou em carro dentro da Villa e nas povoações se não em andar moderado, exceptuados os casos de força maior reconhecidos [...]

Artigo 3". – Fica prohibido trazer dentro da Villa quaisquer arnnas de fogo carregadas e armas cortantes, inclusive punhaes e estiletes

Capítulo II Hygiene Pública [...]

Artigo 6". – Nenhum corpo será conduzido á sepultura, sem ser em caixão fechado [...]

Artigo 9". – Nenhum vendedor de gêneros alimenticios poderá deixar de conservar limpas suas medidas, balanças e pesos, como também não poderá fazer uso de torneiras de metal que criem azinhavre ou oxydo nocivo, sob pena de pagar 20\$000 rs. de multa [...]

Artigo 12'. – Ninguém poderá lançar aguas infectadas ou outras quaesqueri mmundices, nas ruas, quintaes, canos de casas e nas estradas. Os infractores serão multados em 5\$000 rs. [...]

Capítulo III Commodidade e Tranquilidade Publica

Artigo 16. – Fica prohibido fazer vozerias, alaridos e dar gritos nas ruas e praças: multa de 4\$000 rs. ao infractor.

Artigo 17'. – São prohibidas as carreiras de cavallos dentro dos limites da villa e das povoações, e fora destes só poderá correr precedendo licença da camara, pela qual se pagará o imposto marcado na lei respectiva. Os infractores serão multados na quantia de 30\$000 rs. [...]

Capitulo V Ruas, Estradas e Caminhos

Artigo 35". – Todos os proprietarios ou inquilinos são obrigados a conservar limpas as testadas de seus predios e chacaras. Os infractores serão multados em 4\$000 rs. [...]

Capítulo VI Construcção de Edifícios

Artigo 46". – Todas as cazas que d'aqui em diante forem feitas, dentro dos limites da vila e povoações e suas visinhanças, serão cobertas com telhas. [...]

Artigo 51'. – Fica prohibida a edificação da chamada meia água, na villa, povoações e suas visinhanças. [...]

Capítulo VII Rendas Municipaes

Artigo 5 r. –Ninguém poderá dar espectáculo ou baile publico, sem prévia licença da camara, pela qual pagará o imposto legal. Os infractores pagarão 10\$000 rs. de multa. [...]

Capítulo VIII Offensas á moral publica

Artigo 67. – É prohibido todo e qualquer jogo de parada, bem como os de azar seja qual fôr a sua denominação. O contraventor será multado em 10\$000 rs, além das penas em que incorrer na fórmula das leis criminaes. Incorrerá nas mesmas penas o dono da casa em que tiver lugar o jogo.

Artigo 68. – As pessoas que perturbarem o socego publico ou offenderem a moralidade publica, com palavras ou acções, serão multadas em 4\$000 rs. Além das que lhe forem impostas pelas autoridades criminaes.

Capítulo IX Uso de armas prohibidas

Artigo 69". – As armas offensivas cujo uso as autoridades competentes podem permillir, são: as espingardas de caça, pistoloës, e rewolvers, cujas armas dentro da villa e povoações não devem estar carregadas. (CÓDIGO DE POSTURAS, 1883, s.p).

Este conjunto de capítulos e artigos, presentes no 1º *Código de Posturas*, buscava organizar a cidade, delineando também a forma como o indivíduo deveria se comportar nessa ambiência. O intento da prescrição legal era impedir que o habitante de Blumenau agisse da maneira que lhe conviesse, sob pena de coibição, multa e até mesmo de prisão. Antes com uma vida resumida à propriedade privada, a sua família e aos encontros entre os vizinhos, a localidade que crescia produzia novas formas de sociabilidade.

Incentivados a viver de uma nova maneira em Blumenau, os habitantes tornaram-se mais sensíveis às pressões e interpretações dos outros indivíduos. De forma gradativa, o código de comportamentos tornava-se mais rigoroso e aumentava o grau de interdependência dos demais habitantes da localidade, conforme ensina Elias (2006). O senso do que fazer e o que não fazer tornava-se mais sutil e, em conjunto com as novas relações de poder, o imperativo social de ofender os semelhantes tornava-se mais estreito em comparação, por exemplo, ao início da colônia.

Revel (2009), ao analisar as regras de civilidade no contexto europeu, indica que esses novos códigos de comportamento impostos aos indivíduos podem ser compreendidos como uma tentativa de limitar e/ou até mesmo negar a vida privada, tentando acompanhar ao longo de um determinado período, o deslocamento do privado ao íntimo e, posteriormente, do íntimo ao secreto. Estas transformações das sensibilidades, por um lado, provocaram um controle social, tornando-se cada vez mais severos, através das formas de gerenciamento dos corpos. A disciplina coletiva, por meio, por exemplo, do Código de Condutas de Blumenau, tornava-se assim objeto de uma gestão pessoal e privada.

Contudo, é preciso apontar, como salientado por Revel (2009), que a socialização das condutas não pode ser lida apenas nos termos de submissões impostas a todos os indivíduos. Ela só atingia plenamente seus efeitos quando cada indivíduo se empenhava em tornar-se seu próprio senhor. Isto só se estabeleceu plenamente, na medida em que a norma se tornava um elemento interiorizado pelo indivíduo.

Neste sentido, aponta-se que o simples fato de existir um código de posturas em Blumenau não acarretava imediatamente na formação de um novo indivíduo. Esta construção somente se efetivaria com a instalação de um conjunto de configurações que contribuíram para a emergência deste novo indivíduo. O código de posturas apareceu, assim, como mais um produto deste amplo processo de transformação e de educação dos corpos na qual a cidade atravessava. As civilidades visavam criar as condições de um relacionamento agradável, lícito, impondo comportamentos que oportunizassem as normas de uma sociabilidade cada mais imperativa. Desta forma, o espaço individual via-se simultaneamente invadido pelo controle coletivo, resultando no aparecimento de interdições e proibições.

Revel (2009) salienta que os pontos de penetração da civilidade eram, por excelência, os espaços como a igreja, as ruas e praças, locais em que se realiza um ritual social. O historiador francês indica que condenados a viver cada vez de forma mais pública, sob a presença dos olhares alheios, os indivíduos precisam agir de acordo com um amplo domínio de técnicas e saberes. A incorporação destes domínios propiciava, assim, possibilidades de distinção e, conforme as ideias de Revel, foi no corpo que essas normas de civilidade eram exercidas com maior rigor.

Esse ordenamento de certa forma também chegou em Blumenau, onde os espaços públicos foram cada vez mais racionalizados, não se permitindo mais fazer vozeiras, barulho e dar gritos, tão pouco apostar corridas de cavalo em qualquer lugar. Aqueles que não internalizassem e/ou cumprissem tais normas eram passíveis de afastamento e poderiam ser abjetados do seio da sociedade, pois não apresentavam as condições necessárias para a vida pública que se estabelecia na cidade. Sendo assim, acontecimentos, como os roubos, passavam a fazer parte do novo cotidiano da pequena cidade e necessitavam ser exterminados:

Roubo. Na noite de 28 de para 29 dêste mês o SR. Heinrich Koehler, aqui residente, foi roubado nas roupas que pusera a enxugar no pátio de sua casa. Os roubos de roupa têm sido frequentes e, por isso, a Câmara Municipal deve pensar em organizar uma guarda noturna que impedisse essas surpresas tão desagradáveis. (O IMMIGRANT, 1883, s.p).

Neste contexto, a vida na pequena cidade passava agora a ser mais gerenciada, principalmente a partir do aparecimento do poder público municipal, da criação de normas, regras, multas e impostos. Antes isolados e agindo de acordo apenas com suas crenças e entendimentos, pouco a pouco o advento da urbe proporciona o surgimento de um novo indivíduo. A própria arquitetura passava a ser sistematizada. As casas agora tinham a indispensabilidade de respeitar a certos padrões estéticos, determinados materiais passaram a não serem mais aceitos e se tornava presente a necessidade de um cuidado higiênico por parte dos habitantes em estabelecimentos comerciais e em suas próprias moradias.

A organização espacial da cidade partia da ideia de um corpo cada vez mais saudável e limpo. O município ideal deveria incorporar este conjunto de normas e funcionar nesta perspectiva. Machado (2007), indica que Blumenau nas últimas décadas no século XIX, pretendia tanto investir na mobilidade dos indivíduos como também constituir a formação de novo um habitante, não mais com características de colono, mas sim com ares mais urbanos e cosmopolitas. O autor indaga que na medida em que o recinto da rua passava a ser racionalizado e percebido enquanto um espaço público, passava também, a exigir novas formas de comportamento.

O desenvolvimento da pequena cidade proporcionou o aparecimento de acontecimentos que até então não eram possíveis de serem vistos, sejam eles “benéficos” ou “maléficos”. A notícia, publicada no jornal *Blumenauer Zeitung*, em 1885, expõe um atropelamento de uma moradora:

Ocorreu no domingo, dia 23 de setembro, um grave acidente de trânsito na rua principal da cidade de Blumenau. A viúva Johanna Dankwardt, de 56 anos de idade, foi atropelada pela carruagem pertencente ao barão Von Kodpy, conduzida por seu boleiro, recebendo tão graves ferimentos a vítima, apesar da imediata assistência médica, veio a falecer na terça-feira, dia 25 daquele mês. Nessas noites lindas de primavera, como naquele domingo, nossa principal rua costuma estar muito movimentada e assim talvez nãofoi possível ao boleiro desviar a tempo o seu veículo [...] que este fato sirva de lição, pois dado o constante aumento de movimento de veículos em nossa rua principal, facilmente tais acidentes poderão futuramente ocorrer com frequência (BLUMENAUER ZEITUNG, 1 out. 1885, s.p).

Após 35 anos de fundação a Blumenau de 1885 demonstra certa transformação daquela pequena vila de imigrantes. A Rua das Palmeiras localizada ao centro da cidade, possui agora ruas mais largas e prédios mais suntuosas.

Figura 4 Rua das Palmeiras em 1885¹³



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau)

Da mata fechada a vila acanhada, do trabalho na lavoura aos labores urbanos a cidade começava a incorporar, mesmo que de forma ainda tímida, alguns elementos “modernos” que até então não eram possíveis de serem vistos na localidade. O mesmo semanário, escreve com entusiasmo sobre a chegada de um importante símbolo da modernidade: a comunicação telegráfica:

¹³ Mesmo características ainda bastante rurais, a cidade de Blumenau, por exemplo três anos antes desta imagem (1883) possui uma população de 16.830 habitantes (COLOMBI, 1979).

Quarta-feira passada, foi concretizado um grande sonho da comunidade desta cidade. A nossa comunicação telegráfica foi ligada à sede Central. O que tanto almejávamos, tornou-se realidade. Não somos mais um lugar perdido no mapa, mas sim, tornamo-nos membros da comunicação mundial. Esperamos que esta, inovação, traga os benefícios esperados. Como sabemos, este acontecimento será festejado condignamente pelo Comércio de Blumenau (BLUMENAUER ZEITUNG, 12 jun. 1890, s.p).

Em notícia publicada no semanário *Immigrant*, no ano de 1884, foi relatada a chegada em Blumenau, em visita oficial, do Conde d'Eu¹⁴, marido da princesa Isabel, herdeira do trono brasileiro. A nota jornalística contribuiu para a apresentação da cidade das diversas transformações nela ocorrida:

No dia 15 do corrente, pelas 16 horas, chegou aqui S.A.I. o Conde d'Eu que foi festivamente recebido pela Câmara Municipal, pela Comissão de Agrimensores e grande número de outras pessoas. Logo que o vapor "Progresso" se aproximou do cais, no qual se apinhavam as autoridades e grande massa popular, a música tocou o hino nacional. Durante a atracação do vapor, foram levantados muitos vivas à Sua Alteza e à família Imperial, tendo em seguido vigário Jacobs - que já conhecia sua Sua Alteza, em viagem do Rio para cá- foi apresentando os visitantes às autoridades e demais pessoas gradas. Aos sons da música e repique de sinos e acompanhado de grande massa de povo, S.A dirigiu-se para a igreja católica, sendo recebido por festivas salvas de morteiros. A festa religiosa encerrou-se com um solene "Te Deum" e um discurso em português e alemão, no qual o vigário Jacobs traduziu a alegria da população pela visita e a lealdade que todos os moradores deste município juravam à casa imperial do Brasil, prontos a dar os seus bens e o seu sangue pelos interesses da monarquia. De regresso da igreja, S.A visitou a Câmara Municipal e as Coletorias; as suas perguntas, dirigidas aos diversos membros da Câmara, causaram admiração a muitos, pois não só demonstravam muito interesse por tudo quanto dizia respeito ao município, mas denotavam em S.A. um perfeito conhecimento dos negócios rurais. Da Câmara, S.A dirigiu-se para a Casa Schreep. Onde lhe foram reservados aposentos pelo govêrno municipal e onde S.A deu um passeio pelas ruas que já apresentavam uma iluminação como nunca se vira nesta Vila. Pelo meio das palmeiras da "Palmen-Alle" ostentavam-se lanternas de tôdas as formas e cores e, no princípio dessa rua um "arco de triunfo" com bandeiras, desenhos e lâmpadas coloridas, o que dava à via pública um maravilhoso aspecto. As 9 horas da noite foi improvisado no salão dos Atiradores uma reunião dançante em honra de S.A (O IMMIGRANTE, 1883, s.p).

A Blumenau que recebia visitas do porte de um Conde d'Eu produzia novas formas de sociabilidades mais urbanas. A chegada dos vapores pelo Rio Itajaí-Açu, principal meio de transporte que possibilitava a entrada na cidade, era regada a festividades e recepções prestigiadas por boa parte da população local. A possibilidade de receber a visita de um membro da família imperial brasileira

¹⁴ Nobre francês, neto do Rei Luis Felipe I da França, casado com a Princesa Isabel, filha de Dom Pedro II, tornando-se príncipe imperial do Brasil.

materializava o quão importante Blumenau estava se tornando na referida temporalidade.

Este espaço que crescia produzia também a elaboração de novas formas de se olhar a cidade por partes dos seus habitantes. A iluminação das vias públicas resultava na possibilidade de usufruir da cidade no período noturno. Os bailes, as danças e os encontros nas sociedades, bem como as diversas outras atividades fomentavam cada vez mais a criação de um novo tipo de indivíduo. Eram os encontros nos clubes e bares que regados a cervejas e conversas, que os homens e as mulheres se divertiam e se encontravam. A figura abaixo caracteriza-se por um destes momentos. Belas roupas, interessantes chapéus e formidáveis carruagens. A Blumenau do alvorecer do século XX desenhava outros ares.

Figura 5 Rua XV de Novembro 1905¹⁵– Bilhar e Cerveja Gross



Fonte: GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI (2019, p.332)

Foram os bailes por meio de suas danças, conversas e exibições que contribuíram para o desenvolvimento e aprimoramento de novos elementos da cultura física e de uma educação do corpo em Blumenau. Estes acontecimentos eram habituais e na maioria das vezes frequentados por determinados segmentos

¹⁵ Segundo Colombi (1979) no ano de 1907 a cidade de Blumenau possui uma população de 45.089, o que a colocava com Florianópolis, Joinville e Itajaí como umas das principais cidades catarinenses.

sociais da cidade. Pereira (2017), ao analisar a presença da dança e dos bailes na cidade Rio de Janeiro salienta que a sua prática era desde o começo do século XIX um divertimento central na então capital brasileira. O autor indica que os bailes sociais eram considerados momentos para fuga do cansaço do trabalho, mas também palco de relações interpessoais políticas, onde indivíduos aproveitavam do espaço de encontro para trocar diversas informações.

Gomes, Quitzau e Moraes e Silva (2020) ao analisar o contexto da cidade de Curitiba e a importância dos bailes na sociedade curitibana, nas primeiras décadas do século XX, apontando que as atividades dançantes proporcionadas por estes encontros, podiam ser compreendidas como importantes elementos educacionais e de difusão dos elementos da cultura física. Para os autores os bailes eram um processo de educação corporal, que iam para além de simples divertimentos, pois eram fruto dos novos tempos, de dinâmicas sociais diferenciadas, que exigiam uma renovada educação do corpo, dos sentidos e das sensibilidades.

Guardadas as devidas proporções, a Blumenau do final do século XIX, também ofertava seus divertimentos dançantes. Os bailes eram bastante frequentes, sejam eles destinados aos sócios das associações, ou até mesmo em forma de celebração de datas comemorativas, visitas de governantes e figuras ilustres. Seus encontros prestigiados, eram regados a apresentações de bandas e orquestras e tinham importância na vida social da cidade. Locais para ver e ser visto, os bailes contribuíam para a emergência de uma cultura física atrelado à dança na cidade, que resultava na educação das gestualidades dos indivíduos ali presentes. As vestimentas, os preparos para sua participação, os códigos internos, as novas movimentações corporais proporcionadas pela dança, se traduziram em um amplo conjunto de desenvolvimento de técnicas corporais potencializadas por tais encontros. Contudo, antes da formação destas sociedades de bailes um amplo processo de mudança dos comportamentos se mostrou necessário.

2.4 A CONSTRUÇÃO DE UMA “CERTA MODERNIDADE” EM BLUMENAU: A EMERGÊNCIA DE NOVOS TIPOS DE DIVERTIMENTOS

A ambiência citadina de Blumenau, no final do século XIX e início do XX, passava a ter ares cada vez mais racionalizados, proporcionando a emergência de novas formas de usufruir de práticas recreativas. O espaço se modificava a partir da gestação e da transformação de entendimentos por partes dos indivíduos desta nova forma de organização da vida. A arquitetura urbana da localidade se desenvolvia, exigindo de seus habitantes uma série inovadora de comportamentos. Tal metamorfose ocorreu de maneira gradativa e se materializou de forma constante nas dinâmicas cotidianas da pequena cidade. Tanto que nas cartas escritas por uma imigrante, datadas de 1886, foram descritas as principais atividades exercidas no cotidiano:

Querida Josephine! Dizes que gostarias de dar uma olhada em nossa casa e seque consegues imaginar o nosso cotidiano. Já sabes que Gustav alugou uma casa considerada grande para os padrões locais. [...] Está bem situada de frente para estrada principal, rodeada pelo jardim, pátio e pasto. Na parte da frente da casa em direção à rua estende-se uma varanda construída em madeira e palmito e coberta com telhas e desse modo podemos utilizá-la em dias de chuva. Nós a adoramos. A entrada da casa é ligada pelo lado por um pequeno corredor aberto que une a cozinha com a parte residencial. Um pequeno corredor nos leva diretamente à sala de estar, um ambiente grande que em outros tempos já foi uma venda. [...] Aqui na sala está nosso piano de cauda, no lado oposto da janela o sofá estofado com palha de milho rasgada por nós com garfos fortes, pois a crina de cavalo é muito cara. [...] Uma bonita mesa de costura perto da janela, porta-notas, uma mesinha para flores e uma grande estante para livros formam a mobília. O que mais ressalta é a estante de livros, mas que dá muito trabalho às crianças, pois precisam tirar o pó e revistá-las diariamente. Também aqui no Brasil ventilação, luz e higiene são os três fatores que põem os insetos em fuga. Mas enfim, nós os temos aqui. Acreditas que acabamos nos acostumando e já não são tão terríveis como no início? [...] Nós mulheres, estamos ocupadas com a administração da casa e com a costura. Na parte da manhã Emilie leciona para as crianças em idade escolar e há algum tempo moças tomam parte das aulas. [...] A tarde descansamos até a hora do café. Depois crianças maiores praticam línguas estrangeiras e literatura com Emilie, as pequenas fazem suas lições ou tocam piano, às vezes passeiam a cavalo ou fazem uma visita, e assim chega a noite. Podes imaginar que uma mãe de 6 filhos nunca descansa. De vez em quando Gustav e eu temos tempo para sair a cavalo. À tardinha, às vezes o busco na Velha, e estas são minhas horas preferidas. Cavalgamos juntos pela floresta que gradativamente vai clareando e cada vez se apresenta de maneira diferente. Isto é bonito de se ver. À noite, após a ceia, estamos todos reunidos, cantando, conversando ou lendo" (STUTZER, 1886, p. 9).

A saudade da terra natal parece ter sido superada, resultando na incorporação de novos hábitos. A convivência dos alemães imigrantes com os brasileiros, também residentes de Blumenau, oportunizou transformações recíprocas, sejam elas atreladas à língua, aos costumes ou aos aparecimentos de novas necessidades e sensibilidades. Como evidenciado na fonte, as moradias já não parecem mais tão improvisadas como no início da colônia, evidenciando um aprimoramento da cultura material da localidade. Afazeres como cuidar da casa, educar as crianças, tocar piano, passeios a cavalo fazem parte deste novo cotidiano dos imigrantes.

Existem indícios de que os teuto-brasileiros habitantes de Blumenau possuíam uma identidade germânica, porém cada vez mais hibridizada com a brasileira, fruto da incorporação tanto de elementos alemães trazidos e mantidos pelos imigrantes e seus descendentes, como pela adoção de hábitos e costumes de sua nova pátria. Algo retratado na fonte quando se indica que a realidade era bem mais amena do que aquela encontrada nos primeiros momentos na localidade:

[...] Durante todo o dia estivemos na lida com a roupa. [...] Deverias ver como aqui se lava. As mulheres ficam de cócoras no rio lavando, enxaguando, quarando, e quando tudo isto está feito elas a estendem num varal de cipó, estas cordas pendem das árvores da mata. [...] Acho que em nenhum lugar do mundo vais encontrar uma roupa mais alva e tratada com tanto esmero. Apesar da brasileira não trabalhar muito, preocupa-se com a roupa bem lavada, pois a brancura é seu orgulho e um buraco na mesma não faz diferença. Esta virtude de se ter a roupa branca foi assimilada pelas alemãs. [...] Lá vem minha pequenina e vejo que ela está descalça. Seu maior prazer é tirar as meias e os sapatos para andar livremente. Todas as suas amiguinhas o fazem e Eva as imita. "Mas minha filha, tu és uma menina alemã!" Ela sacode a cabeça e lá se vai, e nós precisamos alcançá-la. Isto aqui é um verdadeiro paraíso para crianças, pois sempre podem estar ao ar livre e brincando com flores. Hoje Eva fez sua cama de brinquedo, como ela afirma, de flores caídas de azaléas vermelhas. Podes imaginá-la aí deitada com seu cabelo escuro e de vestidinho branco jogando as flores para o alto e gritando de alegria. As crianças aqui desenvolvem-se muito bem. Não há necessidade de cuidados especiais, desde que elas possam caminhar. [...] Aqui é costume as famílias terem 10-12 filhos. Eles não precisam de sapatos e nem de meias, basta uma blusinha e uma saia [...] Como é rico e abençoado este país e que tem um clima maravilhoso. Isto nem consigo descrever. Tivemos dias quentes e para nós novatos foi bastante desagradável, mas só foram alguns dias. Faz semanas que o tempo está maravilhoso, apenas ao meio-dia ficamos em casa para nos abrigarmos do sol. Gustav mandou construir uma ampla varanda defronte às janelas que davam para o sol, e assim nossos quartos são frescos [...] aqui é preciso saber andar a cavalo se não quiseses ficar presa em casa. É considerada uma prática normal, pois as distâncias são muito grandes. No "*Stadtplatz*" há carroças e charretes as quais pode-se alugar por um preço acessível, assim como na Alemanha. Muitas famílias possuem charretes e algumas são muito bonitas e não ficam devendo para as de lá. Também existe uma carruagem fechada. Nós até o momento só conseguimos adquirir uma carroça e esta está sendo muito usada na Velha. (STUTZER, 1886, p. 10).

A fonte indica que uma nova configuração da cidade, fruto do aumento no número de habitantes, de uma natureza mais controlada, de uma maior racionalidade e organização dos elementos do cotidiano estava sendo gestada. Isso contribui para a elaboração de normas sociais mais bem definidas, possibilitando a emergência de novos tipos de divertimentos. O relato a seguir datado de 1886, descreve, por exemplo, a realização de um piquenique:

Vou falar do piquenique que fizemos esta semana na Velha e que foi ótimo. A sugestão partiu do Gustav e o tempo estava muito bom. Eu comentei isto com a Sra. Sch e ela achou uma boa ideia. Convidamos mais de trinta pessoas. Quando Eva, eu e as empregadas chegamos lá levando a louça necessária, já havia uma fogueira à sombra da figueira, sobre a qual pendia, num galho de bambu, uma chaleira com água fervente. Minhas filhas haviam organizado tudo muito bem sob a orientação da Sra. Sch e de sua família. Meu marido mandou fazer os bancos e mesas de palmito. O lugar escolhido encontra-se à beira da estrada nova que está sendo construída mata adentro. É um local amplo, limpo da vegetação rasteira, e as copas das árvores formam uma abóbada. A bandeira alemã pendia num palmito formando o portal de entrada deste abrigo verde. Meu primeiro pensamento foi: ah! se meu pai e Josephine pudessem ver isto! Realmente estava maravilhoso. As charretes, os cavalos, as mulheres em seus vestidos claros, tudo isto neste ambiente iluminado pela fogueira proporcionava uma visão singular e que jamais esquecerei. Nós nos divertimos muito. Enquanto fazíamos um passeio de reconhecimento pela mata, as crianças cantavam. Com a ajuda de alguns cavaleiros conseguimos atravessar o ribeirão da Velha pelos trocos de árvores. Caminhamos um longo trecho na estrada nova que era margeada pela mata. O que mais me encantou foi a exuberância das samambaias de todos os tipos e espécies. [...] Do alto das árvores as bromélias vermelhas pendem feito erva daninha, e havia orquídeas das mais variadas espécies. Havia borboletas azuis, amarelas e coloridas e vez por outra se escutavam os papagaios. O único som que se ouvia era o murmúrio das águas escorrendo pelas pedras do ribeirão da Velha. [...] Voltamos numa grande cavalgada com as charretes na frente seguidos pelos cavaleiros. Viemos devagar e passamos por nossas plantações de café, cana de açúcar, milho e rami. E que Deus abençoe! Então aceleramos o passo e numa curva se via toda marcha, uns abanavam para os outros e Eva baita palmas (STUTZER, 1886, p. 12).

Aquela natureza digna de exaltação, mas também local de medo e afastamento parecem ter ficado no esquecimento dos imigrantes. Descobrir, adentrar a mata eram possibilidades de conhecer melhor seu novo lar. Os piqueniques realizados neste espaço são indícios contundentes para evidenciar uma natureza mais controlada, além de serem momentos importantes de festa e confraternização. A convivência com os outros, as conversas, as possibilidades de novas interpretações do espaço produziram distintos elementos que contribuíram para a emergência de uma cultura física na cidade.

A fotografia da figura 6 apresenta um piquenique realizado por um grupo de habitantes da cidade. Momentos que poderiam ser familiares com a presença de homens, mulheres e crianças, como também mais específicos apenas de mulheres ou homens, como retratado na figura 7.

Figura 6 Piquenique realizado no ano de 1908



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Figura 7 Piquenique realizado no ano de 1910



Fonte: GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI (2019, p.332)

Para os encontros eram necessários belas roupas, trajes e chapéus. Espaço de elegância, convívio, conversas e trocas, os piqueniques oportunizaram novas rotinas para as mulheres da cidade, o que se traduziu na construção de novos pertencimentos sociais. Comidas, músicas e danças faziam parte das programações que duravam todo o dia. A fonte imagética a seguir apresenta mais um destes encontros e destacando a presença de músicos, bem como o lugar importante dos trajes e vestimentas. Tratava-se de um encontro elegante na natureza. Era preciso ser um local organizado, arejado, limpo e que não prejudicasse as poses.

Figura 8 Piquenique realizado no ano de 1911



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Assim, locais de encontro de famílias, de experiências estéticas pelas contemplações das belezas naturais, as práticas junto à natureza auxiliaram na construção de imagens e interpretações sobre a “nova” Blumenau. Estes piqueniques e excursões pela mata eram bastante frequentes nas atividades realizadas pela Sociedade Ginástica e serão analisadas de forma pormenorizada no capítulo três da presente tese.

As relações dos teuto-brasileiros com os elementos da natureza como apontado por Silva, Perini e Agostini (2003) foram aos poucos sendo alteradas para dar conta de cumprir aquilo que buscava conhecer neste novo espaço. Era preciso recriar este local, conhecê-lo em profundidade, e os divertimentos por meio dos piqueniques contribuíram para tarefa.

O que parece ter acontecido em Blumenau foi uma possível redescoberta da natureza, de sua bondade tanto quanto de seus supostos valores educativos e regeneradores. Para Soares (2016) a partir das contribuições de Corbin (2005), uma história das sensibilidades se produz pela relação dos seres humanos com os elementos da natureza, fruto das sensações produzidas por distintas experiências. Esse ideário de vida ao ar livre, de uma natureza domesticada e inventada por nova

ordem urbana se faz presente também no Brasil, misturando cura e divertimento, educação e saúde, particularmente nas capitais ou em cidades mais populosas. Mesmo em cidades de menor porte como Blumenau que ainda não possuía características eminentemente urbanas tais transformações também ocorreram e produziram um ideário de vida em contato com a natureza.

Soares (2016) e Quitzau e Soares (2019), indicam que foi no século XVIII que se desenvolveu um ideário de vida ao ar livre, caracterizado pelo entendimento da natureza como boa, generosa, fonte de virtudes, bondades e belezas. Fato que, segundo as autoras, possibilitaram várias práticas educativas e terapêuticas. A seguinte citação de Soares (2016, p. 24), evidencia muito bem tal mentalidade:

A vida ao ar livre e a possibilidade de usufruir dos elementos da natureza tornam-se uma expressão que, pouco a pouco, constrói novas sensibilidades e marca, de modo profundo, importantes transformações da relação estabelecida entre os indivíduos e a natureza.

Moraes e Silva, Quitzau e Soares (2018) salientam que mais do que simplesmente olhar a natureza, aos poucos ocorreu uma superação destas possibilidades, abrindo-se para algo que poderia ser experimentado, usufruído, e que resultou em diversas formas de cura e divertimentos. Isso permitiu novas maneiras de se comportar nos espaços da natureza, transformados pela mão humana. Em estudo sobre a natureza e o surgimento das práticas corporais em Curitiba na virada do século XIX para o XX, os autores apontam que a natureza, que antes assustava e era local de mistérios e perigos, agora já mais dominada pela mão humana, foi aos poucos compondo o desenho da cidade, permitindo o aparecimento de novos modos de se comportar, incidindo de maneira destacada nos corpos e em seus processos educacionais.

Analisar estas relações é uma tarefa que fornece complexas redes interpretativas, visto que buscam desnaturalizar hábitos comuns no cotidiano como, por exemplo, passeios nos bosques, banhos de rio e outros divertimentos realizados nesses locais. A notícia a seguir, datada de 1897, indica como Blumenau, por suas características climáticas e geográficas, poderia pensar na construção de um espaço terapêutico junto à natureza:

Blumenau como estância de saúde

Já em número anterior mencionamos rapidamente que a nossa Colônia se prestaria para a instalação de um sanatório de maior escala. O que precisa ser observado em primeira linha na instalação de um sanatório é o clima. Em relação a esta, Blumenau foi em especial beneficiada pela natureza. Em geral reina numa suave e agradável temperatura, só raramente o calor no verão se torna abafante e no inverno frio sensível. Tais extremos são passageiros. Violentas mudanças de temperatura que passam a ser prejudiciais à saúde são aqui desconhecidas. Quando até em São Paulo geralmente considerável saudável, muitas vezes em tardes quentes repentinamente sopra um vento frio, de forma que a pessoa anda agora suada, repentinamente começa a tiritar de frio, o que aqui mesmo na mudança do verão para o inverno não acontece. [...] Nossa região tem uma aparência clara e alegre, é rica em apresentações da natureza e é motivada por um rio que atravessa em seu curso por paisagens decorativas. As montanhas aqui não estreitam o horizonte, mas terminam de forma agradável. Que um confortável instalado sanatório aqui poderia contar com uma procura acentuada externa é indiscutível. [...] O tratamento seria portanto, uma melhor e mais saudável do que é possível em cidades grandes. [...] Blumenau oferece indiscutivelmente um campo favorável para empreendimentos profissionais e também não carece de espírito empreendedor. [...] Somos portanto que é do interesse de nosso município que o sanatório aqui localizado seja desenvolvido em grande estilo e que tal empreendimento de utilidade comum merece toda nossa simpatia. A ideia é agora a nosso ver oportuna porque Blumenau, ultimamente deu um grande passo em seu desenvolvimento. As condições de comunicação que pesam muito, começam a se abrir tanto da Colônia para o interior, como para o mundo externo (BLUMENAUER ZEITUNG, 1897, s.p).

Além dos momentos de divertimentos, a relação dos indivíduos com a natureza também se traduzia em possibilidades de cuidados com a saúde. A notícia do jornal sinalizava que Blumenau apresentava todas as condições de instalação de um local propício para o cuidado e regeneração da saúde, principalmente por suas condições climáticas. Esta nova interpretação da natureza oportuniza a sistematização de novos olhares sobre a localidade. Mesmo que o empreendimento de construção do sanatório citado na fonte não tenha sido efetivado na cidade, o que a notícia aponta é que a possível implementação do estabelecimento era resultado de um novo entendimento atrelado a uma noção de uma natureza benéfica. A mão humana, por meio de sua intervenção e trabalho, foi produzindo na natureza um novo espaço de educação do corpo, somado à família, à igreja e às distintas sociedades que cada um, à sua maneira e perspectiva, contribuiu para a formação de uma cultura física na cidade de Blumenau.

Paralelo a este domínio cada vez mais sobre a natureza e a descoberta de novas possibilidades de divertimentos como salientado pela realização dos piqueniques, os ares de modernidade e urbanidade vão aos poucos sendo introduzidos na pequena cidade catarinense. Trata-se de um desenvolvimento que

de um lado buscava se afastar de uma natureza intocada, perigosa e por outro, que objetivava inserir Blumenau na modernidade por meio do usufruto de seus benefícios.

Foi principalmente no final do século XIX e início do século XX que a cidade começou a apresentar para sua população algumas novidades, como, por exemplo, uma sessão cinematográfica:

Já a 9 de agosto de 1900 realizara-se no Teatro Frohsinn uma sessão cinematográfica. Foram muito admiradas as figuras "que se moviam na tela", tendo ultrapassado a expectativa dos muitos assistentes. Despertou uma admiração a "naturalidade do respingar da água" numa cena em que alguns cavalos nadavam num rio. Fôra o primeiro espetáculo cinematográfico em Blumenau (BLUMENAU EM CADERNOS, 1973, p.194).

Usufruir das benesses da modernidade corroborava com a construção de um novo modelo mais civilizado que estava sendo gestado em Blumenau. Nesse momento a cidade passava por uma profunda transformação e uma experiência cinematográfica possibilitava uma nova experiência estética que até então ainda não havia sido vivenciada na localidade.

Torna-se, então, necessário apontar, conforme indica Machado (2007), que foi somente a partir das primeiras décadas do século XX que a cidade passou realmente a ser pensada de forma mais organizada e planejada, buscando demarcar de forma mais rigorosa os limites entre o urbano e o rural, entre o público e o privado. O autor salienta que, diferentemente do início da colônia, que tinha seu espaço um tanto difuso e descontínuo, a cidade do início do século XX passou a ser objeto de reflexão e de intervenção. As transformações passaram a ser ao mesmo tempo alvo de reclamações e de entusiasmos.

A busca por transformação e a construção de novos ares na cidade parece ter ocupado lugar central nos noticiários locais. Em 1901 o jornal *Blumenauer Zeitung* publicou uma notícia referente à construção de novas casas, edifícios e obras de urbanização.

Apesar da calamidade financeira reinante em Blumenau, as obras de urbanização prosseguem em ritmo acelerado. Imponente a casa em construção do Senhor Probst, nas encostas do "morro do aipim", em fase de conclusão. Atravessando a ponte, confrontamo-nos com a grande obra do senhor Húletz, destinado a um hotel. Um pouco mais adiante, na rua principal à esquerda, encontramos a construção nova do senhor Busch. A casa do senhor Lenzi, na "Rua dos Fantasma" (C Gespensterstrasse), está quase pronta. Depois temos na "Rua dos Herings" (Haeringsstrasse) a obra construída pelo pintor Hering, e, como fomos informados, será uma casa comercial para o senhor Husadel. Seguindo, na "Travessia do Presépio" (Krippengasse), encontramos a casa do senhor Josef Deeke, em construção. como também a recém-terminada casa da senhora Currilin. Finalmente podemos ainda mencionar a pequena torre, que os laboriosos franciscanos estão construindo em cima de sua capela, dando ao convento um aspecto mais alegre (BLUMENAUER ZEITUNG, ago. 1901 s.p).

Este alvorecer do século inspirava aquilo que Machado (2007) chamou de "certa modernidade", trazendo a Blumenau, por exemplo, o transporte ferroviário, linhas regulares de barcos a vapor, a introdução de energia elétrica, redes de água, iluminação pública, bem como o surgimento de alguns empreendimentos industriais de maior porte. Sobre a chegada da luz elétrica no município, o semanário *Blumenauer Zeitung*, no ano de 1901, celebrou a conquista para a cidade:

Blumenau, dentro de pouco tempo, terá iluminação elétrica, depois de fracassada uma empresa, recentemente tentada. O comerciante F. G. Busch pretende instalar aqui essa alta novidade, primeiramente para o seu próprio negócio. Antes deverá ser feita uma construção no prédio de sua propriedade onde se acha instalado o telégrafo [...] Se Blumenau fôr sendo dotada, aos poucos, do que ainda lhe falta: rede de água, praia fluvial, mercado, servidão telefônico, bondes e uma rodovia que nos ligue com Itajaí, então haverá probabilidades de que para cá venham elementos abastados. Com isso, aliás, os maiores beneficiários seriam os nossos próprios colonos que não podem aspirar coisa melhor do que um centro consumidor com 10 ou 20 mil habitantes (BLUMENAUER ZEITUNG, 21 dez. 1901,s.p).

Esta "certa modernidade" indicada por Machado (2007), pode também ser identificada em outra notícia, publicada no semanário *Der Urwaldsbote*, no ano 1903, que comenta a chegada do primeiro automóvel à cidade:

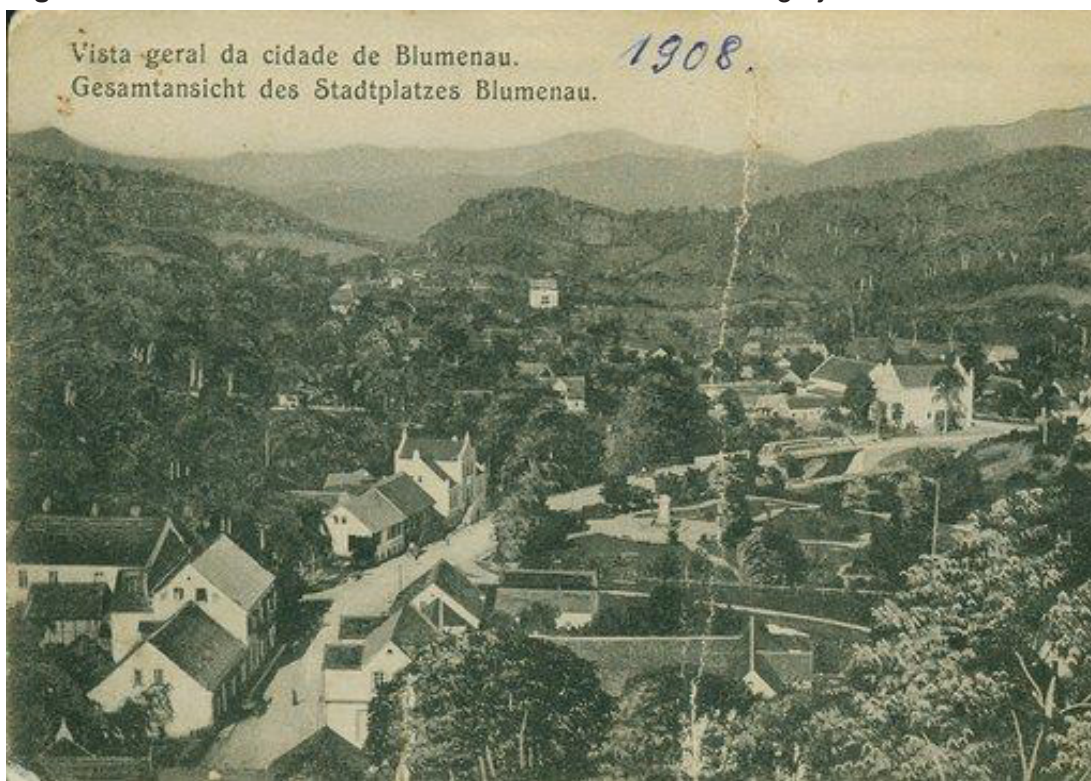
Os modernos meios de locomoção já estão penetrando o sertão. Na semana passada pudemos ver pela primeira vez nas ruas de Blumenau um veículo auto-moto, acontecimento que este jornal não poderia deixar de registrar. O proprietário desse mais moderno meio de transporte é o sr. Frederico Busch, que o adquiriu na América do N. A nossa civilização está progredindo. Andar a bem pouco tempo o velocípede era aqui uma curiosidade e agora já temos inúmeros deles. Até já nos acostumamos a ver senhoras montadas em velocípedes. Do velocípede passamos agora para o automóvel. Infelizmente ainda nos falta o mais necessário: a estrada de ferro. Quando será que ouviremos o seu apito? (DER URWALDSBOTE, 1903, s.p).

Este conjunto de acontecimentos e conquistas para a cidade acabaram por resultar na consolidação de novas maneiras de se visualizar o urbano. Em 1905, por exemplo foi aprovado o novo código de posturas da cidade. O documento era bastante similar ao primeiro, porém acrescentou algumas outras infrações e penalidades. Seu objetivo continuava sendo o de sistematizar uma melhor organização e ordenamento citadino. Fruto destas novas configurações, agora mais urbanas, o jornal *Blumenauer Zeitung*, em número alusivo à comemoração de seus 25 anos, identificava as transformações sociais que a cidade vivenciou ao longo de sua história:

Também na vida social muito mudou, e infelizmente não sempre para melhor. O intercâmbio amigável e familiar, como nós o conhecemos entre nós, principalmente nos anos 80, quase não encontramos mais. Onde ficaram as maravilhosas noites sociais dos anos passados? *Tempipassati!* Submergiu no “caos da cidade grande”! Nas ruas um correr e caçar como se era preciso não perder o momento da partida! Os tempos são outros, a colônia ficou maior, comércio, agricultura e indústria tomaram um impulso inesperado, a concorrência é maior, a luta pela existência mais violenta. À recreação serviam duas ou três sociedades, hoje são inúmeras. Em todas as áreas grandes modificações, só num caso igual: Como há 20 anos passados, hoje ainda esperamos pela ferrovia, como naquele tempo o transporte para o planalto ainda deixa a desejar, falta uma boa e segura estrada de comunicação. Mas também neste sentido, mais cedo ou mais tarde haverá uma mudança para melhor e nós esperamos que por ocasião do nosso jubileu de ouro, nossos sucessores, não precisam mais entoar estas lamentações (BLUMENAUER ZEITUNG, 17 out. 1907, s.p).

A fonte fornece indícios que os tempos de isolamento e distanciamento entre os habitantes parecem ter ficado no passado. A cidade agora era outra, era possível vivenciar e usufruir de outros aspectos que não somente os encontros entre os vizinhos e parentes, as idas a Igreja, e as festividades e atividades nos clubes e associações. A figura a seguir apresenta uma imagem do morro da Igreja localizado no centro da pequena cidade.

Figura 9 Vista aérea da cidade de Blumenau do morro da Igreja



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Moradias e construções mais suntuosas, edifícios não mais apenas de madeira, certa densidade populacional, indicam os novos ares e a Blumenau mais moderna que viria a ser. A fim de regulamentar e direcionar melhorias na cidade, foi publicada em 1912, num jornal local, uma ampla descrição elaborada por um engenheiro, que apontava novas normas de desenvolvimento para a localidade.

Com o crescimento da cidade, também se fez necessário decretar normas para uma nova forma de construção de casas. Este assunto será discutido em breve na Câmara. [...] Este esboço, como um outro que será fornecido pelo fiscal, senhor Ebert, servirá de base para o estudo da Comissão. [...] Estas observações são muito interessantes, e nós aqui as transcrevemos. Em nosso tempo, tão agitado, surgem em todos os cantos do mundo, com espantosa rapidez, cidades que, em certo espaço de tempo, alcançam um grau de bem-estar tão elevado como não se conhecia em outros tempos. Com inveja, comunidades antigas olham para suas cidades vizinhas, pois não chegam a alcançá-las em número populacional como também em crescimento, pelo contrário, são ultrapassadas em quase tudo. Numa comparação, confirmou-se que devido suas instalações inadequadas, foram impedidas de progredir. Logo reconheceu-se que, para o desenvolvimento de cidades, seria necessário a criação de modernas e saudáveis moradias, como também, meios de transporte. Em lugares onde vive muita gente aglomerada é natural que se acumulem grandes massas de matéria que devem ser logo afastadas, se não se quiser que cheguem a constituir um perigo para os moradores, poluindo o ar, a água e trazendo perigosas epidemias. Algumas cidades europeias nos mostram a rápida transição. O que o trabalho humano já fez para criar saudáveis condições de vida em moradias (DER URWALDSBOTE, 14 mai. 1912, s.p).

A notícia buscou situar os leitores nas transformações que a cidade atravessava e nos desafios que a localidade precisava superar para uma melhor organização do seu espaço. A urbe necessitava ser pensada, ordenada e transformada. Sua não organização lhe traria ares de atraso e consequências não desejadas, como os malefícios à saúde ocasionados por falta de higiene. Algumas ações, apontadas eram necessárias, conforme evidencia a continuação da notícia:

[...] drenagens de canais, fornecimento de água, construção de casas e regulamentação de condições de vizinhanças. Seria necessário e imediato para a cidade, uma drenagem e canalização da água. [...] Para o abastecimento de água da cidade, seria válido a construção de poços em forma de panelões, e a água transportada por máquinas para grandes reservatórios, com respectiva filtragem. [...] Se faz necessária, principalmente, uma ordem, de construção que ofereça a possibilidade de ampliação do centro da cidade, impedindo-se a construção arbitrária que se observa. Se querem que a cidade se desenvolva como uma verdadeira cidade, é preciso quebrar com os tradicionais costumes florestais. A situação paisagística de Blumenau é tal que, com o aterro dos lugares mais baixos que são facilmente inundados, se poderá fazer, uma cidade saudável e também bonita (DER URWALDSBOTE, 14 mai. 1912, s.p).

Na sequência da notícia foram apresentadas comparações com outras localidades, buscando inserir Blumenau em lógicas mais modernas:

Como se julga umas pessoas primeiro pelo seu exterior, assim também acontece com as cidades. Quantos aposentados e funcionário em pensão, que hoje gastam seu dinheiro em Desterro ou em São Paulo não prefeririam morar em Blumenau, se esta tivesse uma apresentação melhor. Frequentemente são feitas comparações entre Blumenau e Joinville, quando não se é, absolutamente, a favor de Blumenau. Em outras cidades se criam sociedades para fomentar o movimento de estrangeiros e sociedades de embelezamento etc. Enfim, faz-se tudo para impulsionar a vida pública. Somente Blumenau continua dormindo. Existem até pessoas que vêem nestas tentativas de renovação, uma ambição pessoal condenável. E há tanto para modificar e melhorar! Se hoje um estrangeiro chega a Blumenau de vapor, vê a cidade primeiramente pelos fundos. Latrinas quase caindo, currais de porcos é o que se vê primeiro. Quando se chega a cidade em si, logo verifica-se a construção arbitrária pelos terrenos. Ele não terá a impressão de uma cidade, mas sim a de uma grande aldeia, onde todos constróem suas casas onde bem querem (DER URWALDSBOTE, 14 mai. 1912, s.p).

Era necessário romper completamente com a Blumenau de características de colônia de imigrantes. Sendo assim, não poderia ser mais aceita no centro da cidade a presença de animais e casas mal estruturadas. A localidade que desejava crescer, necessitava ajustar comportamentos e excluir costumes considerados inadequados. Os indivíduos desejavam uma cidade em que possibilitasse um usufruto das benesses da modernidade.

Mas, se ele olhar bem, também vai observar que Blumenau está crescendo e faz a tímida tentativa de sair de seu aspecto de floresta virgem, para ganhar um aspecto de cidade. Mas, isto acontece devagar e sem qualquer sistema. O crescimento e melhoria da cidade, para a qual a administração municipal pode contribuir através de medidas objetivas, não será só em benefício da mesma, mas sim, para todo o município, pois, quanto mais o lugar crescer, mais dependerá do abastecimento da colônia. [...] Blumenau deverá se desenvolver, correspondendo ao seu atual caráter, para uma verdadeira cidade jardim, onde deverão sobressair casas residenciais de um ou dois andares. Ruas amplas e largas, um certo número de lugares públicos, com árvores plantadas, bem como algumas comunicações com o rio, são de grande importância. E é preciso levar em consideração o que já existe e em possíveis mudanças não empregar a força. É preciso estipular um certo espaço de tempo, talvez 20 anos, dentro dos quais poderão concretizar todas as mudanças previstas. [...] As ruas deveriam ser delineadas, para que não houvesse tantas reentrâncias irregulares. Tudo, enfim, deveria ser pensado, unindo-se o prático ao bonito (DER URWALDSBOTE, 14 maio 1912, s.p).

A forte presença dos elementos de uma natureza não dominada ainda sinalizava para uma noção de atraso. O que estava sendo gestado era a construção de uma mentalidade, de um ideal que traduzisse uma completa ruptura do rural com o urbano, da passagem do colonial para o moderno. A cidade ainda possuía fortes indícios de pequena vila e alusões ao período colonial, porém o que se modificava de forma mais contundente era a sua mentalidade, que apontava para a necessidade de transformação. Esse desejo, ainda não concreto, intentava transformar por completo os indivíduos, suas interpretações, suas ações e porque não dizer de sua educação do corpo.

Neste sentido, o presente capítulo da tese teve como objetivo analisar as transformações ocorridas da colônia para a cidade de Blumenau e que culminaram no aparecimento de distintos elementos que contribuíram para a formação de um novo indivíduo, buscando apresentar um “retrato”, uma “fotografia” da localidade. De uma vila rural para uma pequena cidade¹⁶ com ares cada vez mais modernos, tal ambiência contribuiu para a emergência de distintos divertimentos, estes, oportunizados por uma certa etnicidade que foi potencializada pela criação de distintas sociedades e associações.

Foi neste contexto que novos indivíduos foram sendo formados, o que culminou com certas rupturas nos modos de ver, olhar e educar o corpo. No entanto é necessário advertir que tal desenvolvimento foi fruto de uma ampla dominação

¹⁶ A título de contextualização, no final do século década do século XIX, a cidade de Blumenau possuía uma população de 72.213 habitantes (COLOMBI, 1979).

racional do espaço em que resultou no embate violento entre os imigrantes e seus descendentes com os indígenas que já habitavam a localidade. Construiu-se o entendimento dicotômico entre o civilizado e incivilizado. A história aqui contada por meio das inúmeras fontes, refere-se apenas a um ponto de vista, a uma leitura da realidade contata a partir do olhar dos imigrantes alemães.

O que estava em processo na Blumenau colonial para a urbana era a formação de indivíduos penetrados e educados por duas grandes dimensões: a ideia de um processo de *civilização*, por meio da construção de regras, leis, códigos, e por outro lado, a valorização de uma *Kultur*, elemento étnico de caráter nacionalista que celebrava a manutenção e cultivos de certos costumes, hábitos e crenças alemães trazidos na bagagem durante a vinda ao Brasil.

Como apontado por Elias (2006) o conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos, perpassando pelas distintas maneiras de se comportar, às ideias religiosas e aos costumes. Acrescenta-se, ainda, ao tipo de habitações, ou maneira pela qual homens e mulheres vivem juntos e às formas de punições judiciais. A Blumenau colônia e a posterior cidade foi se desenvolvendo a partir de uma racionalidade que culminava com a adoção de mecanismos de distintos controles sociais, por meio das instituições e que buscavam a organização e civilização do cotidiano. Já o conceito *Kultur* é apresentado por Elias (2006) como termo pelo qual os alemães se interpretam, e expressam o orgulho em suas próprias realizações e do próprio ser.

O conceito francês e inglês de civilização pode se referir a fatos políticos, econômicos, religiosos, morais ou sociais. Já o conceito *Kultur* refere-se basicamente a fatos intelectuais, artísticos e religiosos e apresentam a tendência de traçar uma linha divisória entre fatos deste tipo, por um lado, e fatos políticos, econômicos e sociais, por outro. A civilização descreve um processo ou, pelo menos, seu resultado, diz respeito a algo que está em andamento, movimento constante. O conceito de *Kultur*, por sua vez, implica uma relação diferente, pois reporta-se a produtos humanos, as obras de artes, os livros, as músicas, os sistemas religiosos, em que expressa a individualidade de um povo. O conceito de civilização minimiza as diferenças nacionais entre os povos e enfatiza o que é comum a todos os seres humanos, *Kultur*, em contraste, dá ênfase especial às diferenças nacionais e à identidade particular de grupos (ELIAS, 2006).

Os indivíduos se constituíram a partir destes dois dispositivos, tornando-se cada vez mais civilizados, controlados, resultado de um amplo processo de transformação da cidade e, ao mesmo tempo, buscavam usufruir e valorizar certa característica étnica, por meio da celebração e manutenção de costume e hábitos que celebravam a identidade alemã.

Ao passo que a cidade ia se desenvolvendo, novas possibilidades corporais iam emergindo. Ao direcionar o olhar para os divertimentos, percebe-se que tais práticas foram potencializadas pela construção de novas imagens e interpretações da cidade, pela reinterpretação dos elementos da natureza, bem como pela presença substancial de elementos trazidos do antigo continente, como por exemplo as distintas sociedades e associações.

Na sequência da presente tese de doutoramento, o olhar volta-se para a presença importante dos clubes e associações, mais precisamente os Clubes de Caça de Caça e Tiro com a finalidade de entendimento de quais espaços estes clubes ocuparam no desenvolvimento da cidade, e sua importância para a emergência de uma cultura física na cidade.

3 ASSCHÜTZENVEREINE EM BLUMENAU: EMERGÊNCIA E CULTIVO DE UMA CULTURA FÍSICA NA CIDADE

3.1 IDENTIDADES E PERTENCIMENTOS: OS CLUBES DE TIRO NA CIDADE DE BLUMENAU

Por Blumenau se tratar de uma cidade cujo processo de fundação foi notadamente influenciado por imigrantes alemães não é de se estranhar que dentre as várias possibilidades de práticas corporais a maioria tenha sido realizada em associações recreativas, culturais e esportivas criadas por imigrantes oriundos dessa nação europeia. Tais instituições contribuíram significativamente para a emergência de uma cultura física e acabaram ocupando lugar central na constituição da cidade e nos processos de educação circulantes em Blumenau. Predini e Martins (2004) apontam que a tendência dos imigrantes europeus radicados no sul do Brasil era a de viver em comunidade e formar associações. Rossbach (2008) indica que não somente os Clubes de Tiro ocuparam locais centrais na construção identitária dos imigrantes alemães, como também outros espaços tiveram centralidade, sendo estes, os grupos de canto, teatrais, sociedades ginásticas e aqueles que divulgavam a cultura e o entretenimento entre seus associados.

Situados neste espaço, a formação de colônias alemãs em regiões restritas, como Blumenau, somado ao isolamento social e político, possibilitou a manutenção da cultura germânica. Porém, foi a partir da relação com o novo continente que os imigrantes reconstruíram sua identidade, designada como teuto-brasileira. Esta designação era autoatribuída a grupos de descendentes alemães que colonizaram, a partir do século XIX, principalmente os estados do sul do país, emergindo da ligação próxima com a noção de *Volkstum*, desenvolvida por Friedrich Ludwig Jahn da qual deriva o termo *Deutschtum* (germanidade). Assim, a designação teuto-brasileiro apresenta essa duplicidade, sendo resultado de um hibridismo cultural que contém uma influência oriunda do contato dos imigrantes e seus descendentes com o meio ambiente, a sociedade e a cultura brasileira (SEYFERTH, 2004; QUITZAU, 2012).

Quitze (2012; 2016), por meio dos escritos de Jahn, salienta que o termo *Volkstum* compreende uma definição que tinha como objetivo libertar a língua alemã de influências estrangeiras. Refere-se, nesse sentido, à coletividade do povo com um todo, sua essência, vida, força de superação e trabalho, construindo assim uma aliança múltipla e que o completa como unidade. Única fronteira natural que constrói ao longo do tempo, a partir da língua, da escrita e que deveria ser inculcado no espírito dos indivíduos e transmitido de uma geração para outra, construindo sua identidade social e cultural. Neste mesmo sentido, Seyferth (1981) indica que *Volkstum* pode ser traduzida como índole nacional, ou nacionalidade, porém é uma expressão ambígua não se referindo apenas a isso, designando muito mais a dimensão étnica de um indivíduo e não dizendo respeito somente ao seu local de nascimento.

As palavras *Deutschtum*, *Volkstum* e *Kultur* eram usadas enquanto marcadores de diferença cultural, que apontavam, respectivamente, para germanismo, nacionalismo e cultura/civilização. Seyferth (2004) salienta que termos como *Volkstum* ou *Deutschtum* remetem à ideia de uma cultura popular germânica, mas também incluem uma noção de pertencimento comunitário, próximo de uma representação “nativa” de etnicidade. Existia, assim, uma transformação de civilidade que foi aos poucos sendo incorporada, resultando em mudança social e cultural. Estas transformações, porém, não abrem mão das noções de *Volkstum* e *Kultur*. Seyferth (2004) adverte que para os indivíduos educados que viviam em cidades como Blumenau existia a possibilidade de possuir uma alta cultura associada ao “espírito alemão”, por meio da música, poesia, romance, teatro, conhecimento literário alemão, e toda uma convivência que contribuía para novas sociabilidades oportunizadas nos chamados *Verein* (associação).

De acordo com Seyferth (1981), o *Deutschtum* emergiu da problemática da construção de um ideal nacionalista alemão. Para uma melhor análise da emergência do conceito, se faz necessário reportar-se a elementos da história da Alemanha, marcada pelo conflito entre duas vertentes do nacionalismo alemão. A autora indica que a primeira posição estava ligada a um esforço de unificação e a segunda apontava para uma valorização das particularidades de cada pequeno estado e principado. Estes elementos marcam o desenvolvimento do pensamento nacionalista alemão. Aliado a isso, Seyferth (1981) salienta que os integrantes do

movimento literário romântico alemão, do qual participaram os primeiros nacionalistas que idealizaram a “nação alemã”, estavam vinculados a questão da unificação alemã e da expulsão dos franceses. Assim não eram adeptos da corrente que defendia a manutenção das particularidades de cada território.

Seyferth (1981), ao estudar o contexto catarinense argumenta que essa noção de espírito foi de fundamental importância para o desenvolvimento da comunidade alemã em Santa Catarina. Para autora, o que fundamentava a coesão dos imigrantes alemães, no caso deste grupo, era a noção de *Deutschtumu Volksgemeinschaft*, que servia como base para a criação da ideia de que os teuto-brasileiros eram um grupo coeso, que resultava em cultura específica (raça, língua), referenciada como a consciência nacional alemã.

Cabe destacar que as primeiras associações destinadas à preservação da cultura alemã em Blumenau surgiram logo no início da sua colonização. Destaque para as *Schützenvereine* que eram um espaço considerado, em seus primórdios, como utilitário e com raízes nacionalistas. Utilitário, visto que seus associados eram atiradores, formando uma espécie de defesa da colônia para o pequeno povoado, mas também era local de sociabilidade, encontros e relacionamentos. Seus membros formavam uma espécie de linha de defesa colonial, porém eram também uma expressão da “cultura germânica”, pois seus salões serviam para apresentações musicais e teatrais vinculadas ao ideal de germanidade. Além disso, conforme aponta Seyferth (2004), era nacionalista, uma vez que as associações representavam a *Volkstum* a partir do fortalecimento dos hábitos e costumes da velha pátria. Para Assmann e Mazo (2012) a identidade teuto-brasileira apresentava-se como a reconstituição da identidade e preservação das tradições alemães. Para isto, os imigrantes apropriaram-se de diversas práticas como o tiro ao alvo, e acabaram por sistematizar uma nova tradição, buscando principalmente assegurar a continuidade do seu passado germânico.

O surgimento de associações culturais, recreativas e beneficentes era, segundo aponta Seyferth (2004) um fato comum em contextos imigratórios e não é somente sua quantidade que chama a atenção, mas principalmente, sua vinculação com o caráter nacional germânico traduzido na noção *Deutschtum*. Estes espaços de cultivo da vida social também funcionavam como forma de atualização de uma identidade culturalmente marcada pela germanidade e reconfigurada na nova pátria,

que buscava a valorização da língua, cultura e espírito alemão e a lealdade à Alemanha.

Quitau e Soares (2019) acrescentam que, embora de uma maneira geral o associativismo estivesse frequentemente presente nas áreas de colonização, a tendência associativa era muito mais ligada a um certo modelo de formação dos imigrantes, muito relacionado às regiões de onde migraram e aos locais em que se instalaram no Brasil. As autoras salientam que foi somente a partir de meados do século XIX que o associativismo teuto-brasileiro se desenvolveu com maior força, potencializado por um perfil diferente de imigrantes, que passaram a apresentar um maior nível educacional e eram, sobretudo, oriundos de regiões urbanas da Alemanha.

Seyferth (1990) salienta que em todas as localidades de colonização de origem alemã proliferou uma intensa vida associativa assumida como características próprias dessa etnia. Eram locais de ajuda mútua, beneficentes, culturais, esportivas, musicais em que demarcavam uma certa etnicidade alemã. Rossbach (2008) aponta que as *Schützenvereine* estavam presentes em todas as áreas nas quais existiu a presença da colonização alemã no sul do Brasil e tiveram importante papel na vida cultural destas localidades. Suas atividades, práticas e disputas de tiro proporcionavam divertimentos, relações sociais, bem como a continuidade de tradições trazidas do velho continente. O associativismo existente nos Clubes de Caça e Tiro tinha como fundamento a busca pela continuidade da cultura germânica, da consciência étnica e do uso do idioma alemão.

Em 1859, apenas nove anos após a chegada dos primeiros imigrantes a colônia de Blumenau, foi fundada a primeira *Schützenverein* da localidade e do Vale do Itajaí. Este tipo de espaço, como evoca Petry (1988), resolveu muitos problemas daquela sociedade, pois serviu de base para a formação social dos seus habitantes. Para a autora, tais estabelecimentos possuíam uma maior importância no Brasil do que propriamente no antigo país dos imigrantes, formando com a família e a Igreja (luterana e católica), a tríade da vida dos colonos teuto-brasileiros.

A opção pela instalação da sociedade de tiro se deveu em muito pela herança social do imigrante. O constante uso da arma de fogo fez com que os praticantes do tiro recorressem ao Dr. Blumenau para a obtenção de um lugar adequado para este fim. Torna-se necessário destacar, como apontando por Petry (1988), que após a

doação do terreno para a instalação do que viria a ser a primeira sociedade recreativa de Blumenau, este espaço foi frequentado por indivíduos que desfrutavam de prestígio e influência na localidade.

Rosbach (2008) indica que a *Schützenverein* Blumenau foi fundada, em 02 de dezembro de 1859, com a realização da primeira *Schützenfest* e passou a concentrar toda a vida social, recreativa e cultural dos habitantes da recém-fundada colônia. O autor salienta que a partir deste momento, a festa passou a ser realizada anualmente (período de Pentecostes), com duração de cerca de três dias, sendo o primeiro reservado para festividades religiosas, o segundo para competições de tiro e o terceiro destinado a um grande baile social. Além das festividades religiosas, das competições de tiro e dos bailes, eram comuns as apresentações teatrais e os desfiles do rei do tiro pelas ruas. Estes festejos anuais, tão aguardados pelos habitantes de Blumenau e que finalizavam com “grandioso” baile, se traduziam em um dos primeiros elementos da cultura física em emergência, que culminavam com o fomento da manutenção de uma germanidade e na valorização social dos sócios participantes da sociedade.

Para Assmann e Mazo (2017), ao estudar o contexto do Rio Grande do Sul, as festividades promovidas pelas associações de tiro ao alvo eram expressões máximas da germanidade, as festas e competições eram práticas culturais que produziram representações e identificações dentro e fora do grupo social. As festas operavam como produtoras de imaginários, relacionando discursos e imagens e potencializando a construção de uma memória coletiva.

Stingelin (2010) salienta que indivíduos com as mais diversas ocupações faziam parte do primeiro quadro de sócios: agricultores, oleiros, torneiros, serralheiros, professores, sacerdotes, hoteleiros, funcionários públicos, agrimensores, marceneiros, charuteiros, guarda-livros, médicos, advogados entre outros. A primeira sede dos atiradores era bastante rústica, feita de tábuas de madeira e telhado de ripas. Para a realização da primeira festa, foi necessário um empréstimo com comerciantes da colônia. As despesas com a comemoração de abertura incluíram os seguintes aspectos: preparo do terreno para a realização da festa; abertura e limpeza de estradas; montagem e confecção de alvos e pássaros de madeira para as competições de tiro; ponteiros para os alvos; aquisição de

prêmios e medalhas; pagamento ao alfaiate para a confecção do traje do capitão; e confecção da bandeira (STINGELIN, 2010).

Segundo Seyferth (1990) dois momentos foram importantes para a construção da ideia de germanidade no espaço das sociedades de tiro. Primeiro, destaca-se a festa anual, onde as competições, somadas aos bailes, ensejavam atividades assumidas como representativas da cultura alemã (apresentações de corais, teatros, uso de trajes tradicionais e da própria língua). Em um segundo momento, os atiradores se apresentavam fardados, numa alusão à origem germânica da tradição das disputas de tiro. Nesse sentido, a *Schützenverein* teuto-brasileira se constituiu na relação entre o pertencimento étnico e a tradição, herança do nacionalismo alemão com a valorização da comunidade, também dos pressupostos de defesa que justificam sua existência (SEYFERTH, 1990).

Os imigrantes, em geral, mantinham ligação com a cultura e sociedade de origem, por maiores que tivessem sido as pressões no sentido da assimilação. Guardavam sempre alguma forma de identificação étnica. Sendo assim, conforme indica Seyferth (1990), os elementos chamados de absorção, assimilação, aculturação¹⁷, não impediram a persistência do componente étnico da identidade social dos imigrantes. Para a maioria deles a identidade étnica era relevante e indivíduos com a mesma origem tendiam a formar grupos mais ou menos organizados. O que aconteceu em Blumenau foi que a Sociedade de Atiradores se configurou como um importante espaço para o desenvolvimento e manutenção desta identidade, bem como foi locus fundamental para a materialização e desenvolvimento dos elementos da cultura física.

De acordo com Nipperdey (1972), o associativismo foi um fenômeno de grande profusão na Alemanha do século XIX, buscando de uma forma geral romper com barreiras estamentais, criando espaços de convívio para além daqueles representados pela família, Igreja e/ou trabalho, permitindo o estabelecimento de um novo local de debates que, ao mesmo tempo em que não pertencia à esfera do privado, também não estava diretamente sujeito ao controle estatal. Sua expansão

¹⁷ Absorção refere-se a ideia de incorporação de novos elementos culturais. Já assimilação refere-se ao processo de pelo qual determinados povos adquirem características culturais a partir da influência de um novo espaço cultural. Por fim, aculturação está atrelada as modificações culturais ou grupo que se adapta a um novo espaço social (SEYFERTH, 1990).

pelos territórios alemães, assim como as distintas finalidades para as quais as associações foram criadas (escolares, culturais, artísticas, de ginástica, de canto, de tiro) levaram o autor a considerar o associativismo como um dos movimentos mais marcantes da sociedade alemã do século XIX.

No caso específico das sociedades de tiro, além de oferecerem, como aponta Quitzau (2016), possibilidades de divertimentos, estes espaços colaboravam com a polícia e o exército, cultivando o dever de se manter apto frente à eminência de qualquer ataque inimigo. A autora ainda indaga que as associações se constituíram como importantes locais de recreação, preservação e difusão da germanidade, além de compensação dos isolamentos nas quais muitas comunidades se encontravam, como era o caso específico da colônia de Blumenau.

Como já apontado no capítulo anterior, no início da colônia de Blumenau os imigrantes eram carentes de qualquer convívio social, resumindo-se às palestras, visitas entre vizinhos e celebrações religiosas. Com o desenvolvimento da localidade às margens do Rio Itajaí-Açu, o distanciamento entre as pequenas casas, a vizinhança com a mata, as hostilidades e dificuldades das relações com os indígenas, os ataques de eventuais animais e as possibilidades de caça, reforçaram e incentivaram o uso de arma de fogo.

Ao analisar o surgimento da primeira sociedade de tiro em Blumenau, Petry (1988) lembra que as idas ao centro da colônia, pelos indivíduos que moravam em locais mais afastados, preferencialmente aos domingos e feriados para fazer compras e para festividades religiosas, eram muitas vezes regadas a desafios de pontaria que eram disputas estas realizadas ao ar livre e com alvos improvisados. Fomentava-se assim, outro uso das armas, diferente da defesa aos ataques indígenas e aos animais silvestres, seu uso conotava agora, uma possibilidade recreativa e espontânea.

Vigarello (2008), ao explorar o contexto europeu, sobretudo o francês, indica que desde o século de XVI a prática do tiro era comum entre as comunidades europeias e representavam momentos para a realização de festas, encontros, paradas e prêmios. Por meio da antiga tradição do tiro ao papagaio, pássaro de madeira, fixo no alto de um mastro, disputado pelos atiradores segundo uma ordem hierárquica, o encontro era interrompido quando se acertava o pássaro, e atribuído ao vencedor o título de rei. O historiador francês salienta que as práticas de tiro

remontam à importância que os usos das armas de fogo possuíam em determinados contextos sociais. Estes elementos indicam que o hábito de atirar circulava em um contexto mais amplo na Europa e, por consequência, foram trazidos pelos imigrantes para o Brasil e cultivados na colônia de Blumenau.

Como salienta Vigarello (1995; 2005; 2008), diferente do esporte, que requer um conjunto unificado de comportamentos, um programa temporal e um sistema regulatório, nas práticas de tiro, qualquer terreno era propício e poderia se tornar um local adequado para a realização das atividades com as armas de fogo. Tais práticas, apesar de apresentarem semelhanças, não podem ser consideradas ainda como um esporte moderno, pois não apresentam um dispositivo institucional e nem uma organização seletiva. Estes jogos de competição e/ou de prêmio traduziam um mundo dominado pelo tempo do trabalho e/ou religioso, na qual o lúdico se incluía, algumas vezes sem previsão no espaço social e com regularidade nas festas do calendário, especialmente aquelas de caráter religioso.

Os jogos são praticados a partir do desejo, pelo prazer de que quem o joga, pela aposta, sem regularidades precisas, sem sistemas preestabelecidos, de modo imprevisível, disperso, ao contrário do desporto moderno, invenção do século XIX, cuja organização, segundo aponta Vigarello (1995) revela um programa temporal, um calendário especial contendo provas regulamentadas e escalonadas ao longo do ano.

Vigarello (2008) lembra que, nos jogos, o corpo reflete uma visão particular do orgânico: o movimento físico ajudaria a evacuar as “partes internas”, expulsando os malefícios internos dos indivíduos. A trajetória de alguns destes jogos, como os desafios de tiro, converge para uma história que leva em consideração os valores de determinadas sociedades, afetando e transformando profundamente a sensibilidade existente nestas práticas. Em um sentido mais amplo, foi a participação no jogo que se tornou diferente: jogar para mostrar-se, se não deslumbrar, impor-se pela aparência mais do que pelo combate.

A partir deste contexto na cidade de Blumenau, emergiu a necessidade da criação de espaços próprios, seguros e adequados para a realização das práticas de tiros. Moraes e Silva (2011) sublinha que um dos pontos que mais contribuiu para o crescimento das práticas esportivas modernas, foi justamente seu processo de institucionalização, primeiramente com o seu enclausuramento nos clubes e,

posteriormente, com o surgimento das primeiras entidades burocráticas que controlavam tais atividades.

3.2 A CRIAÇÃO DA *SCHÜTZENVEREIN* BLUMENAU: PRIMEIROS MOMENTOS DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CULTURA FÍSICA

A inserção das práticas corporais em um quadro de elementos regidos por uma instituição, objetivava a produção de uma uniformidade nos comportamentos dos indivíduos frequentadores destes espaços, assumindo a necessidade de incorporação de determinadas regras de convívio social. Para Vigarello (2008), a institucionalização das práticas corporais inscreveu os movimentos em um vasto conjunto de normas, dando-lhes uma regularidade e uma disciplina que até então não haviam sido vistas. Foi nestes espaços, conforme indicam Moraes e Silva e Quitzeu (2018), que começaram a desfilar corpos definidos pelos diversos elementos da cultura física.

As atividades praticadas nesses espaços institucionais, mesmo com suas semelhanças ao esporte moderno, através dos encontros competitivos organizados por instituições, agrupamentos temporários de competidores, regularidades das práticas, presença de espectadores e até mesmo por semelhanças visuais, apresentam sentidos e significados bastante diversos. As práticas de tiro, no início de Blumenau, e o desenvolvimento de instituições para sua realização situavam-se em um contexto muito mais de cultivo e preservação de uma identidade étnica do que propriamente para o desenvolvimento e aprimoramento de uma destreza corporal, mesmo que esta dimensão também estivesse também sendo desenvolvida e aperfeiçoada. Foi a partir deste contexto que os habitantes da colônia foram construindo significados e pertencimentos a sociedade. Em obra alusiva à comemoração do centenário da sociedade¹⁸, um relato de um dos primeiros imigrantes apresenta alguns aspectos relativos à sede da instituição:

¹⁸ A *Schützenverein Blumenau*, atual Tabajara Tênis Clube, lançou livro comemorativo aos 100 anos da instituição. Obra na qual são apresentados todo o histórico do clube contendo atas, documentos,

A primeira casa dos Atiradores era muito modesta, mas preenchia bem as suas finalidades. Ao lado dela, tudo ainda era mata virgem. No dia da festa, levantavam-se ranchos à sombra das gigantescas árvores. Eram feitos de palmitos e cobertos com folhas de palmeiras. Blumenau inteira acorria a essa festa, verdadeiramente popular. Entremos num desses ranchos. Representa um negócio de raridades. Alguns moços, vendendo alegria e saúde, atendem os visitantes, risonhos e bem-humorados. Caem logo na vista alguns quadros pendurados nas paredes. Todos eles têm ligação com o livro que Dr. Blumenau recentemente, publicara na Alemanha, fazendo propaganda da sua Colônia. Um dos rapazes servia de cicerone e explicava aos visitantes o significado de cada quadro, fazendo-o com tal seriedade que seria ofensa duvidar de suas palavras (STINGELIN, 2010, p. 19).

Mesmo ainda de forma simples e modesta, a primeira sede da sociedade respondia às necessidades da pequena colônia e servia de espaço para momentos de celebração e de festividades para os habitantes de Blumenau. Como apontado por Petry (1988), influenciado pelo desenvolvimento da colônia, a *Schützenverein* Blumenau também apresentou um aumento do número de seus associados, passando de 54 indivíduos no ano de 1859 a 106 no ano de 1863. As figuras 10, 11 e 12 referem-se à primeira sede da sociedade. Construídas de madeira, mesmo que singelas, apresentavam as condições adequadas para o funcionamento de suas atividades.

Figura 10 Primeira Sede da *Schutzenvereine Blumenau*



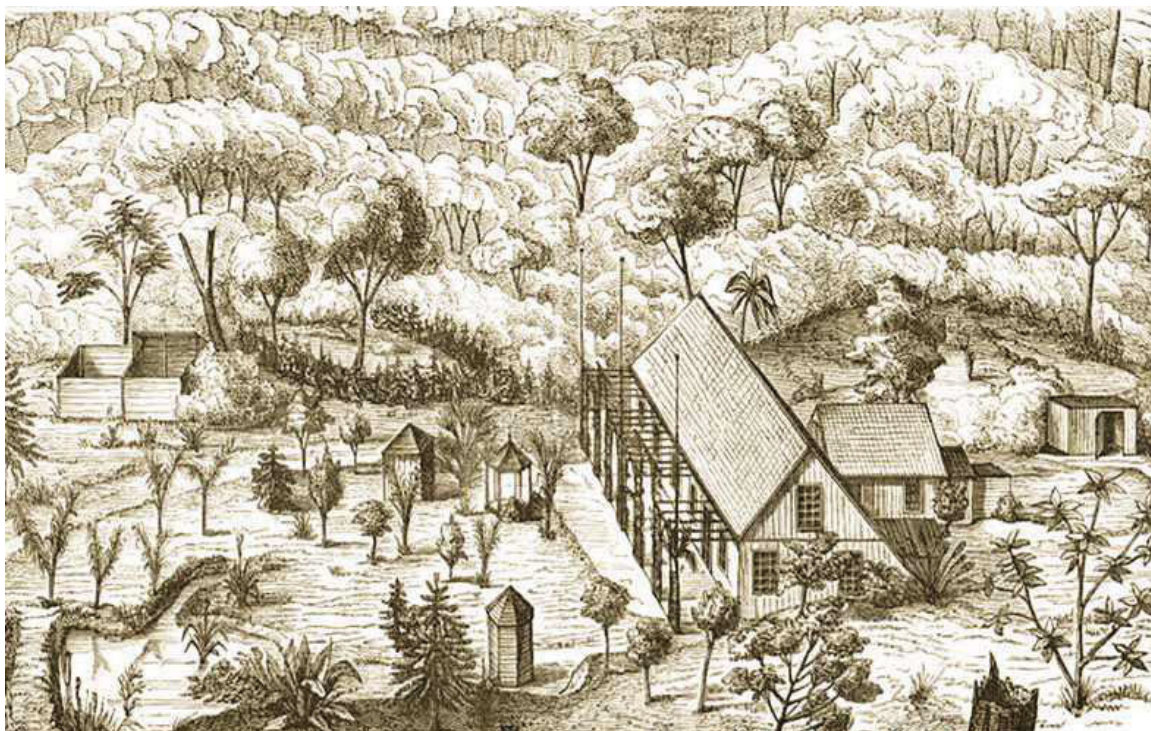
Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Figura 11 Sócios em frente a Sociedade comemorando aniversário – 1859



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Figura 12 Vista lateral da Sociedade de Atiradores



Fonte: Acervo Tabajara Tênis Clube (2021)

A primeira e a segunda figura retratam uma festividade alusiva ao aniversário da sociedade realizado no ano de 1859, evidenciando uma presença numerosa de sócios e simpatizantes. Homens, mulheres, crianças com suas vestimentas adequadas para as festividades e datas comemorativas. O espaço era todo preparado com o ornamento de flores. Se comparada as moradias existentes na colônia naquele período, a sede da sociedade era suntuosa e bem apresentável. Por sua vez, a terceira imagem apresentada na sequência, refere-se à sede da sociedade vista de um outro ângulo, ilustrando os estandes de tiros em meio à mata atlântica onde aconteciam as competições e escolhas dos reis do tiro.

A instituição foi importante para as necessidades sociais de Blumenau, não se restringindo apenas ao tiro ao alvo, constituindo-se também como um local para discussão dos problemas comunitários, somados às novas relações sociais, a defesa da localidade e a importantes decisões da vida blumenauense. Petry (1988), argumenta que a *Schützenverein Blumenau* aos poucos foi ocupando uma centralidade na localidade, tornando-se um importante espaço cultural. Suas práticas transcendiam aos tiros e as escolhas dos reis, ofertando bailes, jantares, encontros e festividades. A autora salienta que a instituição surgiu como uma necessidade social, trazendo novas possibilidades de sociabilidades, podendo ser

considerada a sala de visitas da colônia. Segundo Stingelin (2010), o pequeno clube disponibilizava mais do que somente a prática de tiros, servindo também como espaço para as atividades da “Sociedade Teatral de Blumenau”. Fundada com o objetivo central de oferecer entretenimento aos moradores por meio da arte, já no ano de 1860 a Sociedade Teatral, apresentou sua primeira peça, nas instalações da *Schützenverein*.

A figura a seguir, fruto de uma pintura ilustrativa apresenta certas características dos eventos promovidos pela sociedade.

Figura 13 Pintura alusiva as festividades da sociedade



Fonte: Acervo Tabajara Tênis Clube (2021)

Nota-se na imagem a presença de bandeiras, a destacar a brasileira presente em três momentos, duas localizadas na própria sede da sociedade e a outra empunhada por um sócio enquanto desfila com os demais atiradores. Ao lado de um dos estandartes do Brasil, encontra-se uma insígnia alemã, fazendo alusão à busca de proximidade entre as duas nações. Cabe destacar ainda que a imagem representa a festa de acolhida aos atiradores, que ao som das músicas celebravam suas proezas e destrezas físicas.

Aos poucos a entidade ia aperfeiçoando seus dispositivos institucionais. Sendo assim, no dia 13 de junho de 1863 o primeiro estatuto da sociedade de tiro foi

aprovado. Apesar da permissão para a prática de tiro alguns cuidados necessitavam ser tomados pela associação:

Nesta data aprova os estatutos da Sociedade tiro, que me foram apresentadas pelos colonos Victor Gilsa, Carlos Guilherme Friedenrich e Dr. Bernardo Knoblauch essa colônia, com as seguintes restrições; que V.M. lhes fará constar pelos meios que julgas mais convenientes. 1- Que a escola seja collocada em um ponto distantes de qualquer povoação e de vias públicas; 2- Que o terreno seja cercado e elevado para onde se haja de colocar o alvo de sorte que não corra o menor perigo de offender-se qualquer pessoa, que ali passe; 3- Que nas horas de exercício não sejam admittidas no centro pessoas estranhas a ele, nem espectadores que fiquem ao alcance dos tiros; 4- Que a sociedade deverá ter um número limitado de armas, não podendo exceder de dez, devendo cada colono ter a pólvora somente, que for precisa para o número de tiros que pudes dar em cada exercício; 5- Cumpre que V.Mª tenha toda vigilância e cautella nestes exercícios de modo que não se deem abusos pelos quais fica responsável.

Deos guarda a V.Mª, Pedro Leita da Cunha (ARQUIVO HISTÓRICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA, 1863, s.p).

A fonte fornece pistas de que as principais preocupações se centravam na localização do clube e dos seus estandes de tiros, assim como diversos cuidados com a segurança foram ressaltados. A entidade deveria estar em uma localização distante de qualquer povoado e vias públicas, não seriam aceitas pessoas estranhas que não possuíssem o domínio do uso das armas e o número de armas e de munições deveria ser restrito e equacionado. Desde seu início a instituição passou por processos de elaboração de diversos mecanismos de controle das ações nela desenvolvidas, bem como da seleção dos indivíduos aptos a frequentarem a referida associação.

Elias e Dunning (1992) e Loudcher (2020) salientam que os divertimentos populares foram cada vez mais regulados no contexto europeu, sobretudo, a partir do século XVII. No caso das práticas de tiro realizadas no interior da Sociedade de Atiradores de Blumenau encontram-se indícios desse mesmo movimento, visto que elas foram aos poucos sendo cada vez mais reguladas, sendo geridas por normas que buscavam realizar um controle mais refinado sobre o corpo e suas gestualidades. A localização geográfica e a necessidade do bom uso das armas foram os primeiros elementos que apontam que as práticas desenvolvidas na instituição se situavam em um universo que buscava ser racionalizado, sistematizado e organizado.

Outro aspecto digno de nota refere-se ao espaço central que a *Schützenvereine Blumenau* ocupou na vida da então colônia. Em 1865, por exemplo, vários membros da Sociedade de Atiradores foram defender o Brasil na guerra contra o Paraguai. O semanário *Colonie Zeitung* da cidade Joinville, retratou com bastante alegria e satisfação a partida dos atiradores para o conflito bélico com o inimigo sul-americano:

A nossa colônia viveu, nestes dias, alguns dos momentos mais emocionantes da sua existência. Há pouco, deixaram-nos 56 dos que conosco moram aqui e que, como voluntários, seguiram para os campos de luta em defesa da nova Pátria e da sua honra. Tão logo aqui chegara a notícia do pensamento do Presidente da Província de criar um batalhão de voluntários alemães, sob o comando de oficiais alemães, a direção da nossa Colônia apressou-se em publicar um vibrante e caloroso apêlo, levando ao conhecimento de todos êsse pensamento [...] Às sete da manhã, o clarim tocou reunir. Num espaço de tempo menor do que seria de esperar depois de uma noite de alegrias e emoções, reuniram-se os voluntários, com poucas exceções, num selecionado batalhão [...] O dia de hoje será inesquecível. Possa êle tornar-se e perpetuar-se como um verdadeiro dia de glória para os nossos irmãos que o inimigo paraguaio atraiu para o campo de luta, assim como para a nossa Colônia e para todos os alemães (COLONIE ZEITUNG, 21 out. 1865, s.p).

O entusiasmo com que foi apresentada a ida dos atiradores de origem alemã evidencia como foi atribuída uma grande importância da participação voluntária na guerra da nova pátria contra o Paraguai. A participação no conflito acabou por resultar em prestígio e honraria aos indivíduos que participaram da contenda. Uma outra notícia, acrescentou, ainda, a representação numérica absoluta dos habitantes da pequena colônia que foram servir o exército brasileiro no conflito bélico:

Ao todo, a nossa Colônia já concorreu, até agora, para a defesa da Pátria, inclusive, com os que anteriormente já se apresentaram ao exército como voluntários, com 70 homens. Comparado esse número com a população, teremos que mais de 25% dos seus homens capazes de tomar armas se apresentaram. Esperamos com alegre entusiasmo que o ideal da honra alemã também na nova pátria esteja, nas nossas, em boas mãos (COLONIE ZEITUNG, 21 out. 1865, s.p).

As fontes apresentadas sobre o maior conflito bélico da história da América do Sul fornecem indícios de que a Sociedade de Atiradores, por meio de seus membros, serviu para além de um espaço social, recreativo e cultural, mas também para a formação de segurança para a colônia e para o país. Tal condição pode ter tido uma fundamental contribuição dos elementos da cultura física ali desenvolvidos, como por exemplo, o frequente uso das armas nas suas atividades. Aspectos que

também contribuíram para uma aproximação entre os alemães e os brasileiros. Participar de uma guerra em defesa de seu novo país se traduzia na construção de uma nova identidade, cada vez mais caracterizada por teuto-brasileira. Vale destacar também, que a participação dos membros da sociedade na referida guerra, se deu também pela pressão do governo brasileiro em contrapartida aos investimentos e empréstimos adquiridos.

Porém, mesmo que a sociedade tenha ocupado local de destaque na ainda pequena vila de Blumenau, ela também apresentava algumas dificuldades, principalmente ao que concerne aos recursos para sua manutenção. O mesmo semanário local citado na fonte anterior vincula uma notícia que apresentava algumas características da sociedade, evidenciando algumas dificuldades enfrentadas pela instituição:

Os tempos estão difíceis e não se consegue atinar de que maneira poderá melhorar no futuro. O dinheiro está escasso, quase não se consegue obtê-lo, a não ser que se disponha de açúcar ou de farinha de mandioca, com bom movimento, e mesmo assim há pouco lucro nesse ramo, descontando-se as despesas com salários, etc. [...] A nossa sociedade de atiradores, que atualmente se compõe de 101 sócios, tem a sua subsistência assegurada e a sua duração garantida para sempre. Dentro de alguns meses, a associação estará livre de dívidas e proprietária de 5 morgos de terreno e de um edifício bem instalado, rodeado de áreas aprazíveis e bem apropriadas. Embora as instalações ainda deixam a desejar, todo o conjunto dá o aspecto de um local de recreio alemão e em ocasiões como sejam as festas de tiro no domingo do Espírito Santo ou no Natal, ali se organizam grandes festas populares, durante as quais os consumos de salsichas e cervejas é enorme. Após a liquidação total das dívidas, o local certamente ainda ganhará em beleza. Cada sócio contribui mensalmente com a importância de 320 réis. Existe igualmente uma associação de canto coral, sob a direção do Partor Hesse e de mesmo modo, rio acima, há uma associação de Amigos, na qual se canta, sob a direção do coloco Scheidemantel (COLONIE ZEITUNG, 20 dez. 1885, s.p).

A colônia como um todo passava por dificuldades estruturais, mesmo assim a associação tinha sua organização e seguia em pleno funcionamento. Com estrutura física simples e acanhada, o espaço se mostrava suficiente para satisfazer os desejos dos frequentadores. Os encontros realizados na Sociedade de Atiradores eram geralmente regados a cerveja e linguiça, dois elementos típicos da cultura alimentar alemã e dentro de um curto prazo o clube receberia melhoras e reformas que lhe trariam beleza necessária.

Estes elementos fornecem indícios preliminares de que estas associações eram espaços de pertencimento, na medida em que buscavam cultivar a cultura,

hábitos e costumes alemães. Ao mesmo tempo, constituíam espaços de distinção entre os habitantes da cidade, dado que a possibilidade de frequentar a *Schützenverein Blumenau* era reduzida, permitindo aos indivíduos a ela pertencentes alcançar determinado *status* na vida social da emergente Blumenau.

A Sociedade de Atiradores oportunizava assim o desenvolvimento destes mecanismos de distinção e os indivíduos ao incorporarem tais aspectos recebiam certas benesses na sociabilidade local. Se a instituição poderia ser definida como a “sala de visitas” da colônia, participar de seus eventos e acontecimentos eram sinais de prosperidade e consagração, ou seja, fomentadores de elementos distintivos. Ser o melhor atirador ainda, traria poder simbólico ao indivíduo, digno de celebração e condecoração pelas ruas de Blumenau.

Vigarello (2008) salienta que o vigor corporal e sua manifestação pública são elementos importantes de demonstração de poder. Ao analisar o contexto francês dos séculos XVI e XVII, o historiador evidencia inúmeros exemplos de personagens que evocavam a valorização de seu vigor físico e de suas façanhas corporais. O poder tem, para Vigarello, suas vertentes corporais, visto que exige que a robustez, elegância e destreza sejam visíveis. As competições de tiros realizadas em Blumenau valorizavam, por meio das escolhas dos melhores atiradores, esta dimensão levantada pelo historiador francês, além de terem contribuído para a criação de uma certa distinção entre os participantes das competições de tiro.

Contudo, é necessário destacar que em um primeiro momento, o quadro de sócios (54 sócios com uma média de cinco membros por família, portanto 270 pessoas de um total de 944 habitantes) se demonstrava bastante heterogêneo em relação ao perfil dos indivíduos, pois existiam médicos, advogados, professores, clérigos, mecânicos, serralheiros, torneiros, oleiros, marceneiros, agricultores e comerciantes, conforme indica Petry (1988). A autora salienta que foi com o crescimento da colônia, o aumento do valor da joia¹⁹ e da mensalidade e pela distância para frequentar a *Schützenverein Blumenau*, situada no centro da cidade, que aos poucos o perfil dos frequentadores foi se transformando e assumindo um caráter mais elitista. Em 20 anos (1873 a 1893), a *Schützenverein Blumenau*

¹⁹Título a ser adquirido que possibilitava o ingresso como sócio a instituição.

manifestou uma tendência elitista, devido ao processo de urbanização pelo qual a cidade estava passando.

Na passagem dos anos, a *Schützenverein Blumenau*, teve o número de sócios aumentado, bem como sua condição geral gradativamente melhorada. Os dias de festas e de seus bailes eram os mais esperados acontecimentos da colônia, celebrados de maneira mais próxima possível das realizadas na velha pátria. Stingelin (2010), indica que em 1869, por exemplo, o clube completava 10 anos de fundação e, em alusão aos festejos do seu decênio, foi inaugurada a nova sede da entidade. Esta matriz, segundo aponta o autor, era dotada também de um pequeno palco para as apresentações músicas e teatrais e de uma cancha de bocha (jogo muito praticada pelos alemães).

Dentre as atividades realizadas durante as *Schützenfest*, uma delas era relacionada a escolha dos reis, uma competição na qual o vencedor era coroado numa posterior cerimônia festiva. Hoffmann e Melo (2014) evidenciam que estes momentos ocuparam um importante papel na cultura blumenauense. Os autores evidenciam que a competição consistia em disparar uma série de três tiros, com a arma apoiada em um cavalete. No início, o alvo era uma peça de madeira e possuía 20 zonas, ficando posicionada a uma distância de 165 metros dos atiradores. Ao vencedor da prova era dado o direito de disparar dois tiros sobre um alvo de madeira, adornado com letras góticas com o nome da sociedade. O evento era finalizado com um baile, promovido pelo rei, no qual era oferecido um banquete aos convidados.

Hoffmann e Melo (2014) indicam que, no ano seguinte, os atiradores premiados, com suas medalhas costuradas em suas roupas, eram conduzidos pelo capitão da equipe, que coordenava todo o cortejo até a residência do rei do ano anterior. Na moradia do rei eram servidos aperitivos pela esposa da majestade. Mulheres e crianças não participavam das competições e do cortejo, apenas do jantar e do baile. Em seguida, o rei era conduzido até seu clube e posteriormente era dado início um desfile pelas ruas da cidade.

A figura 14 apresenta cartaz publicado em jornal local convidando para as festividades.

Figura 14 Programação Sociedade de Atiradores Blumenau



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

A programação era dividida da seguinte maneira: 1. à noite: Abertura do Barril na Rua das Palmeiras; 2. Feriado de Pentecostes às 5 horas da manhã: Alvorada; 8 horas: início da marcha para a Praça dos Atiradores. 8 e meia: início do Tiro ao Alvo do Rei; 3. Feriado de Pentecostes: 9 horas da manhã: continuação do Tiro ao Alvo do Pássaro. Às 17 horas: marcha de retorno. 20 horas: Baile (GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI, 2019, p.108).

A sociedade, por meio da escolha do rei do tiro, desenvolvia um amplo conjunto de técnicas corporais, perpassando desde a capacidade para atirar nas competições, como a participação nos festejos, nos bailes, até mesmo pelas vestimentas adequadas para o uso nas celebrações e festividades. Fica evidente que a *Schützenvereine Blumenau* se traduziu em um significativo espaço de educação do corpo no qual diversos elementos de uma cultura física se materializaram na cidade.

A condecoração como reis do tiro, suas medalhas costuradas em suas roupas e expostas em desfiles pelas ruas, todos estes gestos apontavam elementos de distinção entre os participantes atiradores e até mesmo entre o restante da

população. As roupas, como salientado por Soares (2011)²⁰, revelavam, assim, traços de distinção que explicitavam marcadores sociais, o que permitia julgar, aceitar e celebrar indivíduos e grupos.

Gesto civilizatório singular, o ato de vestir-se e/ou de adornar o corpo, revelava também um valor informativo e expressivo de posição social do atirador. Posição fomentada pela capacidade do domínio de uma certa destreza física e técnica por parte do indivíduo. Afinal as roupas são elementos:

[...] da cultura material, [...] representam também uma acumulação de conhecimentos científicos, de técnicas e de tecnologias e são uma resposta humana às agressões do meio. Cada atividade humana vai exigir, assim, uma categoria particular de roupa, de tecido e mesmo de cor, em relação estreita com a maneira de viver e com as singularidades do pudor (SOARES, 2011, p.16).

As roupas dos atiradores utilizadas nos desfiles pelas ruas traduziam-se em celebrações das eficiências técnicas materializadas pelas medalhas costuradas em suas roupas. Neste sentido, as reflexões de Soares (2011), por meio de suas análises das vestimentas esportivas femininas, auxiliam na compreensão da importância relativa ao olhar para estes objetos. Para a autora “[...] os artefatos, os objetos em geral, em sua aparente futilidade, banalidade, superficialidade, efemeridade, indicam maneiras de viver, indicam pertencimento” (SOARES, 2011, p. 18). Neste sentido, distinção social se expressa de diversas formas e em diferentes detalhes, sejam eles pequenos ou grandes, mas, especialmente em coisas aparentemente banais, como o caso das medalhas dos atiradores.

Stingelin (2010), salienta que nos festejos relativos a sua fundação, no ano de 1874, a Sociedade anunciou que a comemoração seria abrilhantada com música de concerto e uma nova peça teatral, que alegraria toda a colônia, pois nas festas anteriores haviam sido apresentadas apenas apresentações humorísticas. Com a formação do grupo teatral, as festas dos atiradores contavam sempre com a apresentação de uma peça teatral, aliada às competições de tiros e aos bailes. No ano de 1875, o clube foi palco de uma grande exposição de produtos coloniais.

²⁰ Em obra intitulada “As roupas nas práticas corporais e esportivas. A educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficácia (1920-1940)”, Soares (2011) busca analisar a importância das vestimentas e seus significados atribuídos ao longo de determinado período histórico apontando as transformações das mentalidades sobre o uso destes objetos.

A figura a seguir representa programação de uma peça teatral a ser realizada no interior da sede da sociedade.

Figura 15 Programação TheaterVerein



Fonte: GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI (2019, p.105).

Foi a *Schützenvereine Blumenau* o polo centralizador que aglutinou, incentivou e contribuiu para todo o nascimento e crescimento cultural da cidade. A saber a importância da sociedade para o surgimento por exemplo, do primeiro grupo de canto e coral da cidade, como também o grupo teatral aqui apresentado. Era a sociedade de atiradores a principal entidade de Blumenau. Entre festividades, celebrações, reuniões e encontros, foi em seu interior que muitas das decisões importantes da colônia e posteriormente cidade, foram tomadas.

Passavam-se os anos e a sociedade continuava sendo o principal local de recepção aos visitantes importantes da cidade. A imagem a seguir materializa estes acontecimentos, com o retrato de uma recepção a tripulação alemã datado do ano de 1905.

Figura 16 Recepção tripulação do Encouraçado alemão Panther 1905



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Em notícia veiculada no jornal *Blumenauer Zeitung*, em 1883, as atividades festivas desenvolvidas na Sociedade de Atiradores foram descritas de forma bem detalhada:

Foi grande o número de participantes à Sociedade de Atiradores não apenas da cidade, como também dos moradores das colônias visitantes. Com a participação dos imigrantes e daqueles novos que vinham imigrados aumentava o número de atiradores. Poucos foram os que não participavam das festas tradicionais de tiro. A vida social da sociedade muito ativa, sempre atraía mais sócios, com o que a sociedade muito cedo também tinha os seus representantes de Gaspar, Itajai e Desterro. Também constituía-se num intercâmbio muito amigo com a Sociedade de Atiradores de Brusque, que está a 6 horas daqui o que se manifestava na realização das festas através das visitas mútuas. Em tais ocasiões também as senhoras dos sócios participaram do intercâmbio, o que também é acima de tudo uma tranquilidade de ver a sua outra cara metade sob as vistas e controle. Até hoje manteve-se este intercâmbio (BLUMENAUER ZEITUNG, 25 ago. 1883, s.p).

A fonte acima fornece importantes vestígios relativos à importância da Sociedade de Atiradores no desenvolvimento da colônia e o quanto ela era fundamental na sociabilidade dos habitantes de Blumenau e até mesmo dos moradores das localidades circunvizinhas. Afinal, os festejos e as atividades desenvolvidas pela instituição, proporcionavam a vinda de indivíduos de outras cidades. Pistas bastantes evidentes são encontradas nessa outra notícia publicada em 1883:

Nos primeiros anos de vida da Sociedade houve muita alegria, muito humor e acima de tudo não havia distinção de classes. A situação de simplicidade da própria sede contribuía para que sempre houvesse maior aproximação entre os sócios os quais também não pararam com as suas mensalidades, contribuições pessoais, para que o desenvolvimento não fosse prejudicado. Foi aquela época na qual predominava a linguiça (salsicha) nas barracas e que juntamente com os demais tipos de linguiças e geléias de carnes muito salgadas, provocavam muita sede e consequentemente era muito aumentada o consumo da cerveja que era muito barata. Outros divertimentos ainda se realizavam e a alegria fazia com que se obtivesse bom faturamento para a sociedade. Tanto para os velhos como para as gerações novas estes divertimentos se consagravam em verdadeiras festas populares, porque todo o programa se realizava nas dependências da sede, exceto os stands de tiro, que estando franqueados ao público, muitas vezes tornavam-se pequenos demais. Também as crianças tinham divertimentos, a elas dispensava-se especial atenção com corridas como as de saco, trepar pau, e uma infinidade de outros divertimentos concentrando grande número de crianças, em disputa de prêmios que eram gentilmente ofertados. No ano de 1869 a Sociedade festejava 10 anos de existência. Muita gente tomava parte nos festejos. O programa oficial não sofria alterações. Apenas o tiro ao alvo fixo foi substituído por um alvo volante com a forma de um porco. Alvo de estrela e balões eram outras novidades de tiro. Se não nos enganamos, parece que, por ocasião desta festa foi inaugurada a construção da sua nova sede, que tinha as suas carreiras de tiro, as quais por ocasião dos bailes muito rapidamente podiam ser transformadas em uma espaçosa varanda. Além do bar, era o salão bastante grande para dar lugar aos pares da dança. As decorações foram feitas com chifres artificiais e o palco no fundo deveria servir para apresentações teatrais e outras. O pátio, além da varanda tinha uma balança grande, cancha de bolão rodeado de árvores, que apresentava um lindo lugar de lazer. Com essa construção, achava-se tremendamente sacrificada a caixa da sociedade, de modos que as mensalidades tinham que ser reajustadas, e muito pesadas aos sócios (BLUMENAUER ZEITUNG, 25 ago. 1883, s.p).

A simplicidade da sede não parece ter prejudicado a realização da festividade, pelo contrário, o espaço simples e acanhado contribuiu para a aproximação dos frequentadores vindos também de outras localidades. Mesmo que de forma separada, as festas realizadas na entidade contemplavam diferentes elementos da cultura física, como os tiros, as danças, os demais divertimentos como corridas, jogos e disputas, bem como a organização de um grande baile.

Os bailes eram uma constante nessas festividades. Os anúncios presentes nos periódicos na cidade apresentados a seguir, datados de 1884 e 1914 (figura 17), evidenciam a realização de bailes de máscaras:

Baile de máscaras – Para atender pedidos, terá em 26/02/1884, na Casa dos Atiradores, um Baile de Máscaras. Todos poderão participar. Detalhes: serão conhecidos em 8 dias. Todos digo, máscaras serão providenciadas. Franz Lungerhausen (BLUMENAUER ZEITUNG, 22 fev. 1884, s.p).

Como já foi comunicado, realizar-se-á no referido local e dia, a pedido de muitos, um baile de máscaras, ao qual todos tenham acesso. A entrada, incluindo máscaras, 500 réis; sem máscaras, 320 réis, mas estes terão um pagamento de taxa extra para a música, não poderão dançar antes da retirada das máscaras, como também importunar os mascarados. Para evitar desagradados terão que adquirir um cartão.

N. B. – Se for realizado neste dia um desfile carnavalesco, deixo à disposição do mesmo, carro e cavalos grátis. O baile de máscaras inicia às 7 horas da noite. Máscaras já chegaram e poderão ser adquiridas comigo. – Franz Lungershausen. (BLUMENAUER ZEITUNG, 25 fev. 1884, s.p).

Figura 17 Convite Baile de Máscara oferecido pela Sociedade de Atiradores



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Ao frequentar os eventos promovidos pela instituição, os indivíduos deveriam evidenciar um domínio de códigos de civilidade. A incorporação de tais elementos possibilitaria ao sócio, novas experiências e descobertas. Este espaço, desde o início, caracterizou-se como um local sistematizado, que exigia uma refinada educação do corpo. As práticas corporais realizadas no interior da sociedade

traduziam-se em espaços para os indivíduos verem e serem vistos. Eram celebrações que envolviam elaboradas pedagogias corporais que também acabavam por se tornar um elemento distintivo.

Em diversos momentos as programações por eram veiculadas nos jornais locais, a fim de que os sócios e demais frequentadores identificassem as atividades e as regras a serem seguidas:

PROGRAMA:

Para 29/30 maio a ser realizar Tiro de Rei e ao Pássaro

2º feriado de Pentecostes – 29 maio

6 horas da manhã alvorecida (pontualmente)

9 horas – desfile – apresentação dos atiradores defronte ao consulado alemão – Busca da Bandeira e dos Reis – Marcha para a Sociedade

Tiro de Rei (3 tiros ao disco a 150 passos de distância)

Tiro ao Pássaro

3º Feriado:

Às 9 horas da manhã, continuação dos tiros ao pássaro.

Às 5 horas da tarde, marcha.

À noite, Baile dos atiradores.

Durantes os dias de tiros, música de concerto.

Estranhos poderão entrar com sócios, tomar parte dos tiros ao pássaro pagando 1 mil réis, mas não poderão atirar ao tronco. Jovens, solteiros que aqui não tem residência fixa, poderão tomar parte no Baile.

N.B. Todo atirador que tomar parte nos tiros é obrigado a tomar parte na marcha com pena de 1 mil réis, sem devida desculpa. (BLUMENAUER ZEITUNG, 20 mai. 1882, s.p).

A fonte acima apresenta de forma detalhada a programação alusiva à festa em celebração à escolha dos reis do tiro na sociedade. Destaca-se as possibilidades de participação aos frequentadores não associados da sociedade. Sua participação era permitida apenas nas competições de tiro ao pássaro, mas proibida aquelas alusivas a escolha do rei do tiro, no alvo fixo.

Os convites expondo as programações das festividades eram frequentes nos jornais da localidade naquele período. A figura 18 apresenta cartaz de programação de um encontro a ser realizado pela Sociedade Atiradores. Sua programação detalhada resultava em espaço bem-organizado e esquadrinhado. O documento descrevia de forma cronológica a sequência dos acontecimentos, bem como apresentava uma ótima qualidade estética na presença de desenhos em alusões as

orientações racionalizadas em que incidiam diretamente no corpo dos seus frequentadores.

Para além dos convites para as atividades realizadas pela Sociedade, os jornais locais também publicavam atos de assembleias, reuniões e decisões tomadas acerca do funcionamento da instituição:

SOCIEDADE DOS ATIRADORES

Reunião Geral na Sociedade em 19 de junho às 3 horas

Ordem do dia:

1 – Votação para admissão dos sócios: Senhores Hugo Riedel, Gustav Sallinger, Alfredo Hypolito do Caulo, Carl Rothbarth e Louis Abry.

2 – Pagamento das mensalidades.

3 – Assuntos gerais.

A diretoria (BLUMENAUER ZEITUNG, 28 jul. 1883, s.p).

Como destacado na notícia, a sociedade buscava um amplo processo de organização que resultava em encontros periódicos para decisões importantes. Criavam-se líderes, que por meio de suas ações conduziam a entidade para o desenvolvimento de suas finalidades. A admissão de novos sócios passava por um processo criterioso de análise, pois era necessário indivíduos que contribuíssem para a imagem positiva da instituição. Tais mecanismos de organização aqui apresentados (estatutos com normas claras, programações detalhadas) contribuíram para o desenvolvimento de novos processos de educação do corpo. Temática esta, a ser analisada no subitem a seguir.

3.3 ENTRE TIROS E COMPETIÇÕES: A SOCIEDADE DE TIROS E A FORMULAÇÃO DE UMA NOVA PEDAGOGIA CORPORAL

Foi na *Schützenverein Blumenau* que se desenvolveu com mais ênfase uma nova pedagogia corporal em Blumenau. Processo de educação que aos poucos produziu novos modelos de corpo na cidade, aparências e encenações, pois estas representações são, conforme aponta Vigarello (2008), elementos trabalhados na elegância, no porte e na técnica. Cada vez mais estes valores propiciados pelas

exercitações corporais vivenciadas no interior da instituição produziram renovações atribuídas à excelência física, centradas, não somente no refinamento da pose, das vestimentas, mas sim na expressão da dimensão da destreza corporal.

Em comemoração aos 25 anos de fundação da Sociedade, em 1884, um ano após a Colônia Blumenau ser elevada à condição de município, foram realizadas grandes festividades e comemorações. Os três dias de cerimônia foram acompanhados por música orquestrada e entre os melhores atiradores distribuíam-se prêmios. Era também permitido, neste período, a participação de atiradores de outras localidades, porém estes não podiam tomar parte da competição de tiro em que se escolheria o rei do tiro, como salientado anteriormente. Esse elemento fornece indícios que as diversas sociedades de tiro de origens alemãs, espalhadas ao longo do Vale do Itajaí, conforme aponta Stingelin (2010), possuíam relações e contatos eram estabelecidas entre elas.

Stingelin (2010) indica que as idas às sociedades de outros municípios eram atividades realizadas com certa frequência e consistiam em momento de trocas de informações e ideias, bem como da realização de competições de tiros que terminavam, geralmente, em festividades das mais diversas. Contudo, a autora adverte que a entrada para participar dos festejos noturnos, os bailes, era permitida somente aos sócios, e os forasteiros deveriam obter permissão especial da comitiva dos festejos para poder ingressar a estes recintos.

A partir de tais apontamentos, percebe-se a gestação de artefato bastante importante e característico das práticas corporais mais sistematizadas: as competições entre indivíduos de distintas instituições. Mesmo ainda com forte relação de manutenção, exaltação e cultivo de certa germanidade, por meio das práticas de tiro, este processo vai formando outro elemento importante para a emergência de uma cultura física na cidade, ou seja, as práticas corporais passavam a ser realizadas para além dos divertimentos descompromissados, como por exemplo aquelas competições de tiros com alvos improvisados no meio da mata. A recepção de atiradores de outras cidades em evento de três dias, o oferecimento de premiações aos principais atiradores, a mensuração das destrezas físicas compunha uma prática corporal cada vez mais desenvolvida e especializada. Nesse sentido, pode-se inferir que foram as sociedades de atiradores que contribuíram fortemente na emergência e fortalecimento de uma cultura física na cidade de Blumenau.

Os diversos elementos da cultura física que compunham as atividades da sociedade, eram citados com frequência nas notícias dos jornais locais. Na celebração dos três dias de festejos realizados no mês de dezembro de 1884, a programação divulgada no *Blumenauer Zeitung*, evidenciava estas práticas:

Dia 01 de dezembro

Programa: para a festa do Jubileu, os 25 anos, em 1, 2 e 3 de dezembro:

Tiros de Reis – e ao Prêmio

Em 1º de dezembro: 8 horas da noite: toque de recolher.

Em 2 de dezembro: 5 da manhã: grande alvorada, pontualmente 8 horas. Marcha dos Atiradores, busca dos reis e bandeira. Marcha para a Sociedade, local da festa. Começo dos tiros ao Rei e Prêmios

(3 tiros a 150 passos). O Tiro continuará à tarde.

À noite: Baile e Teatro.

Em 3 de dezembro: continuação do Tiro ao Pássaro. À tarde, 4 horas, distribuição dos prêmios. Marcha de encerramento às 5 hs.

À noite, baile de Gala, com início às 8 horas.

Durante os dias de festa, música concerto.

No tiro ao prêmio, terá 25 prêmios de prata – Alfenide, no valor de Rs: 300\$000.

Atiradores estranhos poderão tomar parte nos tiros se respeitarem o regulamento e condições de desistir no Tiro de Rei. Também no Tiro ao Pássaro não atirarão no Tronco. Somente atiradores de clubes de fora terão acesso às festividades.

Convidamos atiradores de fora e de antemão lhes damos as boas-vindas.

N. B. Todo atirador que tomar parte nos tiros é obrigado a acompanhar as marchas. Caso contrário, pagará a pena de 2 milréis.

A Diretoria (BLUMENAUER ZEITUNG, 8 nov. 1884, s.p).

Para a realização destes festejos comemorativos era necessário angariar recursos. Uma solicitação de auxílio financeiro para a realização da festa apresentada acima foi publicada em jornal no ano de 1884:

Em Assembleia Geral Ordinária de 24 de Janeiro deste ano, foi tomada a resolução de que, para as festividades do 25º Jubileu da Sociedade a ocorrer em 2 de Dezembro, seriam lançadas ações de pequeno valor para cobrir as elevadas despesas indispensáveis às atividades. Estas ações não vencerão juros, porém serão resgatadas mediante sorteio e cobertos pelo superavit, o que poderá acontecer provavelmente no decorrer do próximo ano. Esta resolução foi ratificada em assembleia geral extraordinária realizada no domingo 2 de março, de modo que deverá circular uma lista de subscrição de ações no valor de Rs: 5\$000 (cinco mil réis) cada uma. A Diretoria pede aos senhores sócios da Sociedade que participem desta subscrição, para que as festividades e comemorações dos 25 anos de existência da Sociedade possam ser realizadas dignamente. Se porventura alguém ainda quiser associar-se à Sociedade antes das comemorações afim de fortalecer ativamente, deverá fazer a sua inscrição até meados de outubro, cuja admissão será aprovada na última assembleia geral ordinária. Admissões posteriores não poderão ser aprovadas e o proposto nem poderá tomar parte nas festividades. A Diretoria (BLUMENAUER ZEITUNG, 8 mar. 1884, s.p).

Neste mesmo ano, a instituição também foi palco de outras festividades, como as apresentações musicais de uma banda local. Notícia publicada no jornal *Blumenauer Zeitung*, apresentava tal atividade e indicava o prestígio que a população dava ao evento:

Noticias locais: Domingo passado, a Banda dos Senhores Rüdiger e Ljngner apresentou na Casa dos Atiradores o seu terceiro concerto. Este realizou-se à noite. As peças apresentadas foram muito aplaudidas, especialmente a Faultasien para flauta e os Echo-Scherze. Os senhores Rüdiger²¹ e Lingner ofereceram com este concerto uma noite muito agradável aos presentes. Nós tomamos a liberdade de pedir que os próximos concertos também sejam realizados à noite (BLUMENAUER ZEITUNG, 27 set. 1884, s.p).

A fontes apresentadas anteriormente apontam o extenso conjunto de ações fomentadas pela sociedade que contribuíram para a emergência de uma cultura física na entidade. Os concertos musicais, como destacado na fonte acima, as peças teatrais, os bailes foram propulsores de novos hábitos e costumes, bem como tiveram papel fundamental na formação de uma educação corporal penetrada não somente pelo lar, pela igreja, e pela família, mas também pela sociedade de atiradores, muito em função dos divertimentos por ela oportunizados.

²¹ Herman Christian Rüdiger nasceu em Sachsen (Alemanha) tendo chegado no ano de 1862. Considerado por todos um músico notável, tocava seis instrumentos musicais. Fundador do primeiro conjunto musical na colônia Blumenau – *Musikkapelle*. Criou ainda outra sociedade chamada de Urania, entidade pioneira a congregar cantores homens e mulheres. Junto com Lingner, era responsável pelas atrações musicais das festividades da entidade dos atiradores (GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI (2019).

Todavia, apesar do aprimoramento das ações realizadas pela associação elas sofriam de muitos contratemplos. As festas dos atiradores dos anos de 1885 e 1886, por exemplo, foram retratadas pelo semanário *Blumenauer Zeitung* e algumas dificuldades foram mencionadas:

Nos dias 25 e 26 de maio realizou-se a festa anual dos Atiradores, para a qual as previsões não eram as melhores, pois a chuva que começou dia anterior se estendeu até o dia seguinte. Por este motivo, não pôde ser realizada a Parada e a Marcha. Dia 26, o tempo melhorou e numerosas pessoas vieram à festa. Rei do Disco, o Sr. Victor Gaertner; Rei do Pássaro: Sr. J. Schmidt. Um baile muito animado realizou-se na segunda noite da festa, que anualmente se repete para a alegria dos velhos e dos jovens (BLUMENAUER ZEITUNG, 30 mai. 1885, s.p).

Cabe destacar que por se tratar de atividades realizadas ao ar livre, as intempéries prejudicavam alguns eventos, como o caso das chuvas em 1885. O ritual sempre era praticamente o mesmo, competições de tiros com as escolhas dos reis do tiro e os bailes que encerravam as comemorações. A preocupação com as condições climáticas era frequente, a presença de tempo bom e sol era sempre comemorada como reportado na próxima fonte.

Em 14 e 15 de junho, a Sociedade de Atiradores realizou o anual Tiro de Rei e ao Pássaro, no qual, desta vez, graças ao aumento de novos valores, houve a participação de grande número de atiradores. Enquanto no primeiro dia de festa o céu estava coberto e mostrava uma cara triste e havia forte garôa, no segundo dia o tempo clareou, os visitantes puderam, apesar da rua enlameada, recuperar o tempo perdido. A dignidade real coube aos dois mais velhos sócios. O melhor tiro ao disco fez o Sr. Henrich Probst e o Sr. Faust, Franz, acertou o melhor pedaço do pássaro, o tronco. Nos dois dias de festas houve ambiente muito animado, como sempre acontece e se encerrou com o baile também muito divertido (BLUMENAUER ZEITUNG, 5 jun. 1886, s.p).

O aprimoramento da sociedade e seu crescimento no número de sócios, bem como das atividades ali desenvolvidas, acarretaram ao longo dos anos em uma necessidade frequente de reorganização e reconstrução da sede. Era preciso um espaço mais amplo e adequado para a efetivação de suas ações.

Em 1888, o clube solicitou aos associados a elaboração de projetos para uma nova sede, na qual era prevista a construção de um palco para mais amplo, pois as atividades da Sociedade Teatral aconteciam no interior da sociedade. Porém, por problemas financeiros a construção só conseguiu ser efetivada no ano de 1894,

quando a diretoria do teatro deixou a Sociedade de Atiradores e construiu sua própria sede na Rua da Palmeiras, denominada *Sociedade Teatral Frohsinn* (STINGELIN, 2010).

Estas ações buscavam estruturar a sociedade e contribuíam para o refinamento das práticas corporais ali desenvolvidas. Um local mais adequado, a construção de espaços para novas atividades, somavam-se e resultavam em um lugar mais plural, mas que ainda tinha como finalidade a celebração da germanidade.

A cultura física também foi elemento que contribuiu na relação entre os imigrantes alemães e os brasileiros radicados em Blumenau, pois as mesmas aconteciam no interior da sociedade e demonstravam que havia uma relação de trocas, principalmente pela participação de brasileiros na associação. A notícia a seguir relata umas das competições de tiro vencida por um atirador brasileiro:

Como todos os anos, a *Schützenverein Blumenau* realizou no 2º e 3º dia de Pentecostes a sua Festa de Rei e do Tiro ao Pássaro. O essencial para o bom êxito desta festa – que aqui, como lá na nossa velha pátria, é uma verdadeira festa popular – é o tempo, que até a noite do 2º dia de festa era uma beleza. Só então a sua benevolência teve um fim, e começa à chover. É um sinal agradável, que o desfile dos atiradores de um ano aumenta e os sócios mais jovens não pretendem ficar atrás dos resultados do tiro ao alvo, alcançados pelos associados mais velhos. Mais de 50 atiradores tomaram parte nas competições deste ano e a luta era acirrada. Neste ano, pela primeira vez, a dignidade do Rei foi conquistada por um associado de nacionalidade brasileira. Fato este, bastante festejado. A hora do Rei do tiro ao pássaro foi conquistado, este ano, pelo jovem cidadão Alwin Schrader, recentemente voltado da Alemanha. Pela tardinha, em procissão solene, chefiada por uma banda de música, os dois Reis foram levados para os seus lares. A noite terminou com o tradicional baile de atiradores. (BLUMENAUER ZEITUNG, 31 mai. 1890, s.p).

Mesmo que a passagem tenha indicado que o rei do tiro tenha sido conquistado pela primeira vez por um brasileiro, cabe destacar que Alwin Schrader²² era descendente de alemães tendo seus pais migrado ao país no ano de 1858. Tratava-se assim, não de qualquer brasileiro, mas sim de um teuto-brasileiro, de forte influência e respeito na cidade.

²² Alwin Schrader foi importante figura pública na cidade, tendo inclusive entre os anos de 1903 e 1915 estado a frente do governo da cidade e assumido como deputado estadual entre os anos de 1925 e 1928 (GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI (2019).

A figura 19, datada do ano de 1905 ilustra festividade na sociedade, com a presença de figuras ilustres e importantes, como Alwin Schrader, que neste momento era o prefeito da cidade.

Figura 19 Festividades com a presença de figuras ilustres da cidade²³



Fonte: GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI (2019, p.359)

Passados mais de 30 anos de sua fundação, a sociedade havia se tornado muito importante para Blumenau. Tanto que suas atividades eram muito valorizadas pelos habitantes da localidade, algo que se manteve de geração em geração. A presença de número considerável de atiradores e a possibilidade de participação de brasileiros, que inclusive conquistaram o título de rei do tiro, aponta como esta relação estava cada vez mais caracterizada como teuto-brasileira.

Em 1895 foi inaugurada a nova sede, e quatro anos mais tarde um novo estatuto foi elaborado e aprovado pelos sócios, destacando, conforme aponta Stingelin (2010), os seguintes itens: a) os gastos da diretoria não podem ultrapassar a dez mil réis; b) a escolha da nova diretoria seria feita através de eleição em Assembleia Geral Ordinária; c) para a admissão de novos sócios exigia-se

²³ Da esq/dir: Hermann Hering – Bruno Hering – Hermann Brandes – Wilhelm Scheeffer – Emil Odebrecht – Bernhard Scheidemantel – Friedrich Blohm – Paul Schwarzer – Carl Jürges – Gustav Arthur Koehler – Alwin Schrader – Richard Paul – Gustav Salinger. Franz Lungershausen (de pé) GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI (2019) – Acervo Tabajara Tênis Clube.

recomendações dos sócios mais antigos; d) o pagamento da jóia e aprovação da Assembleia; e) o novo sócio, se não fosse natural do município, deveria residir no mesmo, pelo menos seis meses antes de ser aceito; f) os filhos dos associados, ao completarem dezoito anos, poderiam participar do tiro, porém sem concorrer ao título “rei do alvo” e “rei do pássaro”; g) os sócios afastados da sociedade, ao retornarem, deveriam passar novamente por aprovação; h) somente aptos a manejar uma espingarda poderiam participar dos tiros.

A figura 20 retrata a nova fachada da sociedade. Sua arquitetura era completamente outra. Aquela simples casa de madeira, em meio à mata atlântica, dava lugar a um belo casarão. O lugar ganhava ares de requinte, o espaço era arejado e evidenciava a importância da entidade para cidade.

Figura 20 Segunda sede da *Schutzenvereine Blumenau*



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Este novo espaço e as atividades ali desenvolvidas foram retratadas em notícia publicada em um jornal local, no ano de 1896, e que fazia alusão à celebração da festa dos atiradores:

DIAS 25 E 26 DE MAIO. (2ª e 3ª e 4ª feira). Realiza-se a tradicional festa de atiradores da Sociedade de Atiradores de Blumenau, com tiro ao alvo e ao pássaro. Compareceram a esta festa, além dos numerosos sócios também grande número de convidados, notadamente da Capital do Estado, entre estes o Governador Hercílio Luz, mas também das sociedades de Joinville, Brusque e Itajaí, para compartilharem dos festejos organizados pela referida sociedade. A noite do dia 24 (domingo) realizou-se no jardim público uma retreta e no dia seguinte houve a marcha festiva, partindo da atual Rua 15 de Novembro até à sede da Sociedade de Atiradores, iniciando-se a disputa aos títulos de Rei e I.º e II cavalheiros pelas 9 horas, com magníficos resultados, pois nada menos do que 21 tiros atingiram o círculo central do alvo [...] Durante estes dois dias de festa foi grande o movimento nas dependências e pátio da sociedade, onde os mais variados entretenimentos eram oferecidos a velhos e jovens e ao elemento feminino, principalmente na terça-feira as dependências estavam superlotadas, verificando-se, ao baile, que à noite foi aberto com a tradicional "polonaise"²⁴, que o salão recém construído era muito pequeno para o grande número de dançarinos. Já alvorava a quarta-feira quando terminou o baile para o alívio dos incansáveis músicos que durante dois dias abrilhantaram as festas" (ARQUIVO HISTÓRICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA, 1896, s.p).

Espaço refinado, organizado e prestigiado a associação se traduzia em importante local para o desenvolvimento de uma cultura física. A fonte destaca a presença dos sócios e convidados de outras localidades, bem como indica a presença do governador do estado. Tudo isso estava alinhado a uma vasta programação que ofertava divertimentos diversos, inclusive para as mulheres, oportunizando a formação de novas gestualidades, de diferentes técnicas e principalmente de outras imagens sobre o corpo.

A imagem a seguir ilustra um conjunto de sócios em festividades em frente a sociedade.

²⁴Dança típica alemã. Ritual inicial das festividades da sociedade. Iniciava-se sempre com o toque das trombetas e posteriormente a organização em filas e colunas no meio do salão para a dança.

Figura 21 Sócios em frente a Sociedade de Atiradores – 1905



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

A fotografia evidencia um momento de descontração entre os sócios em frente à sociedade. Local da participação majoritariamente masculina, como retratado na fonte iconográfica, os encontros e as conversas eram regados a cervejas. Local de distinção social, a entidade contribuiu para o desenvolvimento de novas sociabilidades entre os moradores da cidade. Vale destacar a importância da cerveja nas festividades da sociedade. Na maioria das vezes, sejam recortes de jornais, acervos iconográficos sua presença é sempre relatada. Tratava-se de mais um hábito trazido pelos imigrantes e que era cultivado nos encontros²⁵.

Stingelin (2010) argumenta que, ao final do século XIX, o quadro de sócios teve uma diminuição significativa, pois permaneceram apenas aqueles de uma determinada categoria social. Assim a Sociedade de Atiradores adentrava o novo século mais fechada em torno do ideal de confraternização e entretenimento, que se mostraria imprescindível para sobreviver às turbulentas primeiras décadas do século XX.

²⁵ No final do século XIX a cidade contava com um número de 6 a 8 cervejarias artesanais, segundo evidenciam Gerlach, Kadletz e Marchetti (2019).

O relato a seguir, de um habitante da cidade no ano de 1906, demonstra as características da localidade e a importância das diferentes associações para Blumenau:

Pouco antes da meia-noite de seis de abril de mil novecentos e seis, ressoava, pelo silêncio noturno da tranquila cidadezinha de Blumenau, o bater dos cascos de dois cavalos em trote pela poeirenta rua principal, rumo a Itoupava-Sêca. Naquela época, quando carros motorizados e a bicicleta dos nossos dias não eram, ainda o meio de transporte generalizado, o cavalo, de montaria ou tração, era a condição mais comum. Os imigrantes de Blumenau, desde o início da colonização, vinham mantendo relações entre si, realizando, para seus encontros, reuniões noturnas, das quais nasceram as diversas sociedades [...] no decorrer do tempo, a vida social e cultural de Blumenau foi bastante movimentada, pois além das festividades, como bailes, conceitos, teatro, etc., havia as reuniões de ensaio. Os sócios das diversas sociedades vinham de longe, na sua maioria, pois Blumenau não se desenvolveu ao redor de um ponto central, mas cresceu ao longo de um rio. Os sócios chegavam de carroça ou a cavalo, uns e outros entregues ao faro e instinto animal. Os carros-de-mola, munidos de lanternas, surgiram somente depois de duas décadas da fundação da colônia [...] Sempre existiram, também, aqueles, que não se furtando a longas caminhadas, vinham carregando uma lanterninha e, na outra mão, o par de sapatos limpinhos, que calçariam ao chegar no destino. As reuniões periódicas de cada sociedade, impunham o compromisso de honra do comparecimento dos associados, só se verificando falias por motivo de força maior [...] os dois cavaleiros que, na noite de seis de abril, seguiam, pela noite silenciosa, vindo de uma reunião de bolão na Casa dos Atiradores, eram membros de famílias tradicionais [...] Os cavalos gostavam de vencer as subidas a galope. – Topas uma corrida? Teria gritado o mais jovem dos parentes e amigos [...] O mais velho dos cavaleiros era noivo. E a noiva contra-parente de ambos, morava naquela mesma zona. Com insistência, tentava o cavalo montado pelo noivo passar para o outro lado, procurando cortar a dianteira do outro, quando este, então, num relincho de ira, redobrou de esforços. Os cavaleiros tornaram-se simples fantoches, na imprevista disputa dos dois pares (BARRETO, 1906, s.p).

Foram as distintas sociedades que contribuíram para a emergência de uma vida social e cultural na cidade. A Blumenau de 1906 oportunizava os encontros à noite, rompia cada vez mais com um tempo destinado apenas ao trabalho, surgiam momentos próprios de divertimentos. Os cavalos eram os meios de locomoção, que somados aos carros de molas, as charretes e carroças passavam a enfeitar as ruas. Os encontros nas sociedades, tornavam-se importantes e concorridos compromissos, as rotinas se modificavam. Tais possibilidades resultavam em novos processos de construção de suas identidades, a que faz referência, agora muito mais influenciado pelas trocas, encontros entre os habitantes.

Stingelin (2010) indica que em 1909, a Sociedade de Atiradores ainda passava por dificuldades financeiras, decorrentes da construção de sua nova sede, porém os associados não se desmotivaram para a realização da festa de

comemoração dos 50 anos da entidade. Estes eventos estavam entre os acontecimentos mais importantes da cidade e eram neles que diversos elementos da cultura física eram apresentados a população de Blumenau.

Em reportagem referente às comemorações da Sociedade, o jornal *Der Urwaldsbote* descreveu as atividades desenvolvidas:

No 2º e 3º dias do Espírito Santo (31 de maio e 1º de junho) a Sociedade de Atiradores de Blumenau festejou sua tradicional festa de tiro ao alvo e proclamação dos reis. Neste ano o desfile dos atiradores e acompanhantes ao local da disputa teve um brilhantismo especial, com a participação dos oficiais do 55º Batalhão e da Banda de música do batalhão. O desfile iniciou-se, como de praxe no início da Rua das Palmeiras enveredando para a Rua dos Atiradores até a sede da Sociedade dos Atiradores [...] Ao meio dia foi servido um banquete, no qual tomaram parte, como convidados especiais o comandante do 55º Batalhão. e sua oficialidade, tendo sido proferido vários discursos num ambiente que demonstrou a boa harmonia reinante entre a população e os militares. À tarde continuou a disputa, desta vez com o tiro ao pássaro e por prêmios ao alvo, enquanto que no pátio se desenvolvia grande festa popular com várias atrações, entre as quais carrosséis e, como surpresa e novidade, um balão, imitando em miniatura, o dirigível Zeppelin, o qual foi muito ocupado pelas crianças e até por adultos, principalmente a mocidade e jovens. Também a cancha de bolão estava muito movimentada e em várias mesas nas dependências do salão se reuniram os diferentes grupos de homens, mais idosos, para o seu costumeiro "Skat" que sempre foi, desde a primeira festa de tiro o seu passatempo predileto. A festa continuou ainda durante toda a terça-feira no *stand* de tiro com a disputa pelo título de Rei do Pássaro e no pátio com as atrações e divertimentos como no dia anterior. Na disputa do título de Rei do Pássaro, o último pedaço do duro tronco de canela foi derrubado pelo senhor engenheiro Odebrecht, saudando então com palmas e vivas e proclamado Rei do Pássaro, o que lhe custou várias dúzias de cerveja, como era de costume nessas ocasiões. A noite realizou-se animado baile social que durou, na melhor da harmonia, até a amanhecer da quarta-feira (DER URWALDSBOTE, 5 jun. 1909, s.p).

A fonte fornece indícios de que diversos elementos da cultura física eram desenvolvidos na associação. Práticas para além do tiro, como o bolão (figura 21) e o *skat*²⁶ (figura 22) faziam parte das atividades ofertadas pela instituição, evidenciando que uma pedagogia corporal era bastante presente na sociedade de atiradores de Blumenau.

²⁶ Jogo de cartas popular na Alemanha datado do início do século XIX. O Skat é o jogo nacional de cartas dos alemães. Desenvolvido em Altenburg (Alemanha) entre 1810-17, surgiu através da fusão de vários jogos: l'Hombre e Solo (Espanha), Tarock (Itália) e Schafskopf (Cabeça de carneiro, Alemanha). É jogado a três, com 32 cartas. Coloca-se duas cartas em separado e, deste ato, Scatere, surgiu o nome – Skat. Chegou a Blumenau através dos primeiros 17 pioneiros (GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI (2019).

Uma imigrante que frequentava a sociedade para os jogos de *skat* assim retratou os momentos dos jogos.

Numa sala, ao lado do salão de festas, encontravam-se reunidos os apaixonados jogadores de Skat. Eram eles, na sua maior parte, cavalheiros já entrados nos anos, que de antemão, sabiam que, na competição de tiro, não marcariam sucesso. Também no segundo dia da festa, ocupavam eles os seus lugares nas mesas de jogo, importando-se pouco com o decorrer da mesma. Mas as vozes, que se escutava destas rodas de jogo, fazendo as respectivas propostas de “*Grand cour*”, “*Grand a tout*” ou “*nullouvert*”, etc., faziam parte das festividades, como o amém da igreja (GROSS-HERING, s.d).

As práticas de *skat* não se restringiam apenas à sociedade de atiradores, era comum observar jogos nos bares, hotéis e nas residências dos habitantes. Pouco a pouco o jogo foi se tornando cada vez mais destinado aos mais velhos, bem como às mulheres.

Figura 22 Grupos de praticantes de bolão da *Schutzenvereine Blumenau*



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Figura 23 Jogo de *Skat* no Clube Teutônia– 1909



Fonte: GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI (2019, p.540).

Ao analisar as práticas do jogo de bolão em clubes teuto-brasileiros, Assman, Silva e Mazo (2021) indicam que as primeiras partidas remontam o ano de 1866 na cidade de Santa Cruz do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul. Para as autoras, o bolão foi amplamente difundido em regiões onde os imigrantes alemães se instalaram, em Blumenau não foi diferente. O jogo assemelhava-se ao boliche, tendo como finalidade a derrubada de pinos. As canchas para sua prática podiam ser de areia, barro e em um período mais posterior de tacos de madeiras. As bolas por sua vez, possuíam dois furos para a colocação dos dedos, ou nenhum espaço (ASSMAN, SILVA E MAZO, 2021).

Para Assman, Silva e Mazo (2021), diferente por exemplo das práticas de tiro e da própria ginástica, os jogos de bolão parecem não ter sido apropriados como estratégia de promoção e manutenção de uma cultura germânica. Suas práticas estavam mais atreladas, no contexto do Estado do Rio Grande do Sul, a um espaço social, de convívio entre amigos, integração, entretenimento, e na busca de recolhimento de capital econômico.

Na virada para o século XX, é possível encontrar fontes que também retratam os jogos de bolão entre mulheres na sociedade de atiradores como retratado na imagem a seguir.

Figura 24 Grupo feminino de Bolão – 1902



Fonte: Acervo Tabajara Tênis Clube (2021)

Outro semanário de Blumenau, o *Blumenauer Zeitung* no ano de 1909, também menciona a passagem das festividades comemorativas do aniversário da entidade. Segundo a notícia, as atividades foram agradáveis, começando na quarta-feira à tarde com a inauguração da nova bandeira do clube, que acabara de chegar da Alemanha. Às 16 horas foi iniciada a marcha dos atiradores em frente ao Consulado Alemão, com a bandeira coberta, carregada por seis moças até a praça dos atiradores. Neste momento, o presidente Luiz Altenburg Sênior, deu a saudação ao público, explicando o sentido da festa (BLUMENAUER ZEITUNG, 1909, s.p).

Prezados presentes, prezados irmãos do Tiro:

Como vocês sabem hoje é um dia importante. Passaram-se 50 anos desde que nossa Sociedade de Atiradores fundou este clube. Os percursores, um grupo pequeno de imigrantes, desejavam continuar a praticar esse esporte como era costume de seus antepassados na Alemanha. Conseguiram desenvolver essa ideia no meio do mato. Para lembrarmos desse dia importante, trouxemos da Alemanha esta bandeira, que estas seis jovens de honra presentes seguram nas mãos. Que essa bandeira faça honrar sempre a nossa querida Blumenau. Como presidente do clube, quero entregar a nova bandeira, que representa as cores ouro-verde da nossa nova pátria, o Brasil. Também temos aquela preta, branca e vermelha, da nossa antiga pátria, a Alemanha. Meus companheiros do tiro ao alvo! Que a nova bandeira seja sempre honrada, respeitada e amada pelos nossos filhos no futuro, para que eles sempre defendam a terra do Brasil, que acolheu com respeito e compreensão os imigrantes. Vamos trabalhar como bons cidadãos para o progresso e o futuro da nossa nova pátria.

Viva os Estados Unidos do Brasil!

Viva o nosso Governo!

Viva a Sociedade de Atiradores e a vida social (STINGELIN, 2010, p. 38):

O discurso proferido demonstrava a importância da convivência harmoniosa entre as duas nações (Alemanha e Brasil) e a necessidade de louvar e enaltecer a manutenção e o cultivo das práticas trazidas do velho continente e entre elas se encontravam alguns elementos relacionados a cultura física. As honrarias e o respeito à nova nação indicam a importância desempenhada pela instituição para o desenvolvimento desta identidade teuto-brasileira. Era necessário o cultivo, o fomento e a manutenção dos costumes trazidos pelos imigrantes no século passado. Ao passo que também era necessário harmonizar os elementos germânicos com elementos que se relacionassem com o Brasil. A entidade do final do século XIX e início do século XX foi se desenvolvendo a partir desta estreita aproximação entre uma cultura alemã e as aproximações com o contexto brasileiro e entre elas estavam aquelas relacionadas aos elementos de uma cultura física.

As festividades e atividades sempre seguiam uma programação própria:

01 de dezembro

16:00h: Marcha em frente ao consulado alemão em direção ao clube e inauguração da nova bandeira.

20:00h: Cumprimento aos convidados.

Toque de recolher

02 de dezembro

De manhã: O despertar

8:00h: Marcha do consulado alemão até a praça da festa.

9:00h: Início do Tiro ao Alvo.

13:00h: Almoço.

15:00h: Continuação do Tiro ao Alvo.

20:00h: Grande baile na Sociedade de Atiradores e apresentação de teatro na sede do *Teatro Frohsinn*.

03 de dezembro

10:00h: Distribuição de prêmios; tiro e corrida.

13:00h: Almoço com a participação das damas

15:00h: Continuação do Tiro ao Alvo.

17:00h: Entrada dos atiradores.

20:00h: Baile de gala. (STINGELIN, 2010, p. 40)

A programação evidencia que uma ampla pedagogia corporal teuto-brasileira era acionada no momento das festas. Afinal marchas com valorização de símbolos germânicos eram realizadas, bem como ações que exigiam uma refinada educação do corpo, como as apresentações de teatro e os bailes de gala. Eram também nessas festividades que elementos da cultura física que valorizavam as destrezas físicas, como a competição de tiro e as corridas eram realizadas sob os olhares atentos de toda a cidade. Nesse contexto, as duas imagens abaixo ajudam a compreender melhor a emergência desse processo de educação do corpo na localidade:

Figura 25 Atiradores no interior da sociedade 1909



Fonte: GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI (2019, p.194)

Figura 26 Festa dos atiradores promovida pela Sociedade em 1910



Fonte: Acervo Tabajara Tênis Clube (2021)

A figura 26 retrata um grupo de atiradores no estande de tiro. Local de elegância, porte e destreza, os atiradores promoviam disputas que celebravam o domínio técnico do uso das armas, ao passo que aos mais habilidosos eram condecorados com medalhas de honra em seus paletós, como pode ser visto nas vestimentas de alguns dos atiradores. Além disto, cabe destacar que ao fundo da fotografia pode-se visualizar a presença de um carrossel que animava as crianças durante o período das festividades.

Já na segunda fonte iconográfica encontra-se um retrato de uma festa de atiradores do ano de 1910, com a presença também das mulheres com seus belos trajes e de algumas crianças. A imagem ilustra ainda, a presença de 4 (quatro) bandeiras, duas da Alemanha e duas do Brasil. Tais simbolismos são muito presentes da sociedade de atiradores e nas associações de origem alemã. Existia uma forte manutenção e cultivo de uma cultura material, a destacar, as bandeiras, as medalhas, os trajes e as vestimentas. Em relação às bandeiras presentes, tanto do Brasil, como da Alemanha, indicam cada vez mais uma aproximação entre as duas nacionalidades.

A imagem relativa à mesma comemoração realizada em 1910 apresenta mais pistas de como eram as festividades no interior da sociedade.

Figura 27 Sócios e convidados no interior da Sociedade de Atiradores



Fonte: Acervo Tabajara Tênis Clube (2021)

Como retratado na imagem, a sociedade era bastante frequentada e seus eventos muito prestigiados. Regados a músicas, cervejas, belos trajes e conversas, os sócios usufruíam dos divertimentos que contava também com a presença das mulheres. Era comum no interior da sociedade a presença de retratos de figuras importantes pendurados nas paredes como forma de homenagem e celebração, como das presente na fonte.

A riqueza de detalhes e a sofisticação dos sócios por meio suas vestimentas ficam claras na fonte apresentada a seguir:

Figura 28 Sócios em festividade no interior da Sociedade Atiradores 1910



Fonte: GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI (2019, p.111)

Nota-se na imagem que os anúncios e letreiros presentes eram todos em língua alemã. A relação com a natureza também era bastante evidente, visto que a vegetação representada na fotografia era significativa. A presença das mulheres com seus belos trajes típicos, como na mulher no canto direito da fotografia, também era expressiva, bem como até uma criança compunha a imagem. Enfim, tratava-se de um espaço para as famílias.

Com o passar dos anos, o clube foi passando por algumas modificações no que concerne às atividades realizadas, bem como no número de sócios e participantes. O período era altamente turbulento para os indivíduos de origem alemã, visto que a Primeira Guerra Mundial estava em curso e por este motivo as entidades de origem germânica passaram por momentos complicados em todo o Brasil²⁷(STINGELIN, 2010). No caso de Blumenau, a entidade chegou até a ser

²⁷O início da 1ª Guerra Mundial em 1914, de início não trouxe mudanças significativas na vida da Sociedade de Atiradores. Em 1916 a sociedade registrou seus Estatutos pela primeira vez no Cartório de Otto Abry. O ano de 1917 que culminou com o fechamento da sociedade por três anos. O ponto crucial foi quando o vapor brasileiro “Paraná”, que navegava a países neutros foi torpedeado por um submarino alemão. No dia 11 de abril o Brasil acabou rompendo relações diplomáticas com o bloco

fechada devido a sua forte referência aos traços alemães mantidas no interior da associação²⁸. Percebe-se a importância das sociedades de tiro para a manutenção e celebração de uma germanidade caracterizada pelos conceitos de *Deutschtume Volkstum*.

Um alemão seria sempre um alemão, mesmo se nascido em um outro país. A nacionalidade era considerada um elemento étnico-cultural e não dependia de fronteiras, mas sim da vinculação a uma noção identitária, de características alemãs. A bandeira aparecia como um elemento de celebração e refinamento da entidade e marcava um simbolismo de valores germânicos. Para Assmann e Mazo (2017), nestes eventos a bandeira era consagrada e representava a afirmação de identidades culturais teuto-brasileiras. Elas eram apropriadas enquanto uma representação das associações e tratadas com símbolo de lealdade e união alemã.

O que parece ter acontecido é que os clubes de tiro contribuíram substancialmente para a manutenção e desenvolvimento dos valores da germanidade nas cidades do sul do Brasil. A celebração dos atiradores, as competições, os costumes, os trajes, as canções, formaram um conjunto de códigos que impulsionaram a construção de uma Alemanha em solo brasileiro. Destaca-se, que, ao mesmo tempo, também apontava o desejo de aproximação dos imigrantes alemães para com a nova pátria, indicado por exemplo na presença da bandeira brasileira, produzindo os valores denominados como teuto-brasileiros. O desenvolvimento da colônia e a formação dos indivíduos foi se dando justamente a partir desta relação. Foi por meio da incorporação de elementos tanto alemães como brasileiros que os habitantes (re)construíram suas identidades²⁹.

germânico. Com a pressão popular contra a Alemanha, no dia 26 de outubro de 1917 o país declara guerra à aliança germânica. O que culminou com intensa agitação nacionalista, que resulta em forte pressão para que a Sociedade de Atiradores fechasse suas portas. Por estas circunstâncias, o clube só voltaria a funcionar no ano de 1921 (STINGELIN, 2010).

²⁸ Foi neste período que surgiu a ideia do “perigo alemão”, onde práticas de celebração alemãs vão ser proibidas. Neste momento o repúdio aos alemães era mais expressão da sociedade do que do governo e resposta a um sentimento patriótico e nacionalista representado pelos imigrantes. Com a ascensão do nazismo, os alemães passaram a se tornar um perigo eminente. Suas sociedades e associações tornavam-se espaços de propagação e fortalecimentos destes discursos e deveriam ser fechados (SEYFERTH, 1989; 1996; 2008; LISBOA, 2008).

²⁹ Como já salientado, foi no final da primeira década e início da segunda década do século XX em que a ideia que a celebração de uma outra etnicidade, que não a brasileira vai ser proibida e perseguida. O que parece que aconteceu é que, decorrente de seu isolamento geográfico, a manutenção de certos hábitos e costumes foi possível comparado a outras localidades.

Neste sentido, como apontado por Seyferth (1981), a verdadeira *Heimat* de um indivíduo era o seu lar, que representava a ideia de uma pátria que poderia ser construída. Assim, para o alemão era possível construir para si uma *Heimat* no estrangeiro. A *Heimat* de um teuto-brasileiro radicado ou nascido em Blumenau, era a própria cidade, e seria uma *Heimat* alemã se fosse mantida, cultivada, a sua *Kultur* especificamente germânica, algo que foi potencializado pelos Clubes de Tiros e pelas atividades ali desenvolvidas. Entre tais ações destacam-se aquelas relacionadas aos diversos elementos da cultura física.

Os clubes de caça tiro, e de forma mais geral as associações, contribuíram de forma substancial para a construção daquilo que Anderson (2008) nomeia de comunidades imaginadas. Ao analisar o surgimento das nações e os fortalecimentos dos ideais nacionalistas, Anderson (2008, p.32) define nação como “[...] uma comunidade política imaginada e imaginada como sendo intrinsecamente limitada, e ao mesmo tempo, soberana”. Para o autor esta comunidade se constrói pois: “[...] os membros das mais minúsculas nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem vida da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p.32).

Assim, como salientado por Anderson (2008), qualquer comunidade maior que uma aldeia, em que não era possível o contato face a face entre seus moradores, como o caso de Blumenau, tornava-se uma comunidade imaginada. O autor indica que tais comunidades definem-se não pela autenticidade, mas sim pela forma com são imaginadas. Em síntese esses agrupamentos são imaginados pois, independentemente de suas desigualdades, elas se constituem por meio de uma camaradagem horizontal. Para Anderson (2008) as comunidades imaginadas são pensadas e construídas por meio de práticas culturais, em que buscam estimular os indivíduos a definirem suas obrigações. Mesmo que o idioma, a religião, os interesses comerciais e a geografia sejam consideradas importantes elementos para a formação de uma comunidade é o seu senso de engajamento, sua paixão que produzirá o pertencimento. O autor relembra que determinada nação só seria construída e teria um sentido, pelo aceite de um determinado valor simbólico entre seus habitantes. O que se produz a ideia de um nós coletivo, mesmo dentro de todas as dificuldades econômicas, estruturais e/ou políticas.

Neste sentido, pode-se inferir que as práticas desenvolvidas dentro da sociedade de tiro em Blumenau possibilitaram este sentimento coletivo, a valorização desta expressão germânica, resultando assim, em uma camaradagem, em uma união imaginada entre os seus participantes. Se a instituição era um importante espaço na cidade, suas práticas tornaram-se ferramentas substanciais para a manutenção e desenvolvimento desta comunidade imaginada alemã em solo brasileiro. Porém, qual era o elo entre os habitantes para que se formasse tal comunidade imaginada? Ao direcionar o olhar para as sociedades de tiro, a resposta parece ser a celebração e a vivência de práticas culturais cravadas no passado. A construção desta comunidade imaginada estava associada à capacidade de inversão dos aspectos negativos advindos da imigração, notadamente as condições climáticas, econômicas e o distanciamento da terra natal e de seus entes queridos. Havia assim uma partilha de valores e sentimentos o que resultava em um pertencimento social coletivo. Assim os habitantes teuto-brasileiros de Blumenau por meio de suas ações e práticas fomentaram a construção desta comunidade imaginada.

Com o desenvolvimento da colônia e posterior cidade, alguns fatores foram contribuindo para o surgimento de novos espaços e associações com diferentes finalidades. Esta expansão das entidades ocorreu devido às grandes distâncias que alguns sócios tinham que percorrer de suas casas ao centro da cidade, bem como os altos valores das mensalidades e jóias do *Schützenverein Blumenau*. Foi neste contexto que, conforme indica Petry (1988), surgiram novas instituições como o *Schützenverein Indaial* (1875), *Schützenverein Ribeirão Itoupava* (1877), *Schützenverein Warnow* (1879), *Schützenverein Garcia Jordão* (1880), *Geselligerverein Teutonia* (1893), *Schützenverein Fidélis* (1894), dentre outros. A autora lembra que de 1875 a 1899, em um período de vinte e quatro anos, surgiram onze novas sociedades do gênero tiro ao alvo em Blumenau.

Neste sentido, percebe-se que não era somente a quantidade das associações que chamava a atenção, mas sim, sua vinculação com o caráter nacional germânico traduzido na noção de *Deutschtum* (germanidade). Seyferth (2004) sinaliza que os espaços de cultivo da vida social também funcionavam como locais de atualização de uma identidade marcada pela germanidade e sua recente transformação a partir da relação com a nova pátria.

Foi nesse contexto que os elementos da cultura física ganharam um significado bastante especial, sobretudo, na ocasião da realização das competições de tiro. Ser rei do tiro significava possuir um amplo domínio de destrezas físicas e técnicas que culminava com prestígio e reconhecimento social por parte dos habitantes da cidade. As diversas práticas corporais oportunizadas assumiam uma centralidade nas configurações sociais daquele período. Para a simples ida ao clube era necessário um amplo domínio de códigos de condutas, desde simples regras à mesa a serem utilizados nos jantares de festividades do rei do tiro, passando pela escolha adequada das vestimentas e/ou até mesmo pela assimilação das regras exigidas para a participação nos jogos e demais atividades da instituição. Antes resumida à família, ao trabalho e à Igreja, a organização social e cultural da cidade foi reconfigurada pelas associações. Blumenau não parecia ser mais tão tediosa e monótona e seus habitantes tinham outras opções para além das visitas e conversas com os familiares e vizinhos. A cidade que se industrializava e se modernizava, proporcionava também novas formas de sociabilidade.

Por meio de encontros, festividades e competições, os clubes de tiro contribuíram para a formação cultural dos habitantes da cidade. Além disso, se tornaram um elemento potencializado para a emergência de uma cultura física e de novos processos de educação do corpo na localidade. Destaca-se que estes espaços, bem como as atividades ali desenvolvidas, fornecem indicativos de como os habitantes de Blumenau, ao longo do processo, foram transformando seus hábitos e costumes o que se traduziu em novas formas de se comportar e se relacionar. As festividades, os encontros, as relações sociais se reconfiguraram e o uso das armas a partir das práticas de tiro, foi sendo transformado pouco a pouco, caminhando da defesa, da segurança, do combate, para a destreza, a pose e a eficiência.

Diferentemente dos eventos esportivos, os jogos tradicionais, como as competições de tiro, se aproximam mais do universo da festa, da celebração do que do universo do esporte moderno. Vigarello e Holt (2008), ao analisarem o contexto europeu, argumentam que as práticas esportivas com suas competições sucessivas, hierárquicas, organizadas, e suas instituições não poderiam assim nascer simplesmente dos jogos tradicionais. Porém, é preciso apontar, como salientado pelos autores, que foi a partir da regulamentação e controle das violências, do

desenvolvimento das técnicas, dos cálculos dos espaços e dos tempos, que as práticas esportivas começam a ser gestadas.

Neste sentido, mesmo que as práticas de tiros desenvolvidas no interior da *Schützenvereine Blumenau* tenham se caracterizado como um divertimento, uma celebração de pertencimento nacionalista e realizadas durante uma festividade denominada *Schützenfest*, as atividades vivenciadas pelos atiradores também contribuíram para a gestação de uma prática cada vez mais, racionalizada e sistematizada. Tais elementos foram materializados a partir de diferentes formas como salientado a seguir.

A exigência da medida, do desempenho, da comparação entre os sócios atiradores e da prática institucionalizada, realizada em um local específico, são elementos que contribuíram para a materialização de uma cultura física atrelada ao domínio, ao controle e à busca pela eficiência técnica. Como salientado por Vigarello e Holt (2008), o corpo foi aos poucos sendo trabalhado e ajustado. Os autores destacam que ainda não era o corpo do esporte moderno, mas ele já apresentava os seus primeiros desenhos. Sendo assim, indica-se que as pistas e vestígios encontrados nas fontes aproximam-se aos argumentos levantados por Vigarello e Holt (2008).

Da utilização da arma de fogo para a proteção da família e da colônia, passando pelas disputas improvisadas mata adentro, realizadas nos intervalos da lida com o campo, chega-se às competições realizadas no interior da sociedade de tiro. Tais encontros fomentavam o desenvolvimento de novas técnicas, valorizavam outros modos de controlar o corpo e exigiam gestualidades muito particulares. Foi a partir do desenvolvimento da cidade que o uso das armas e as práticas de tiros situaram-se cada vez mais como uma prática corporal regrada, organizada do que algo relacionado à defesa, segurança e caça.

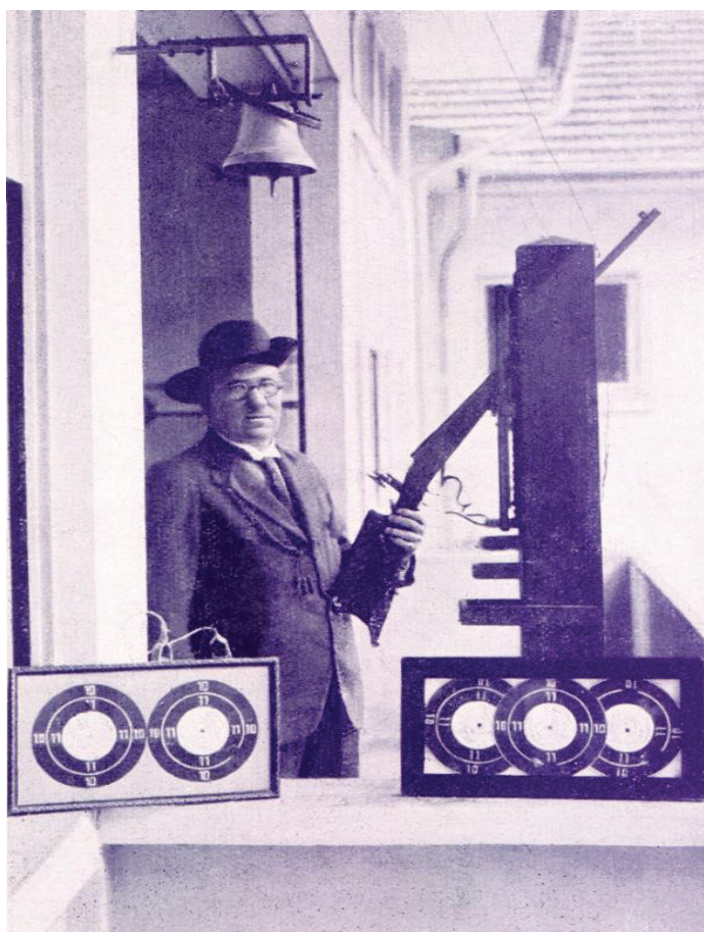
Além disso, ao construírem os seus instrumentos, alvos e estandes, a sociedade ia aos poucos regulando os gestos de seus sócios e elaborando novas sociabilidades. Uma dimensão técnica ia sendo desenvolvida e aprimorada, prevalecendo sobre o confronto violento. O alvo a ser acertado não era mais do que um espaço geométrico, o modo de apresentar-se do atirador representava uma exposição das destrezas e eficiências do corpo, de uma imagem, uma certa

construção identitária, uma elegância a ser valorizada, conforme ensina Vigarello (2008), ao pesquisar a prática do tiro no contexto francês.

Do uso das armas para a caça e defesa de ataques indígenas aos pequenos desafios improvisados as competições de tiro realizadas no interior da sociedade, favoreceram modelos mais sutis de educação do corpo que implicavam boas pontarias e destrezas, somando novas exigências mais numerosas e refinadas. À destreza acrescentava-se a elegância, o porte, o respeito às regras do decoro. Realizava-se a prática do tiro, mas respeitava-se as regras, pois como salientado por Vigarello (2008, p. 311) “(...) a etiqueta vem completar a técnica: um misto de elegância e de habilidade”.

A imagem a seguir apresenta um atirador em seu estande de tiro, empunhando sua arma e alvos atingidos.

Figura 29 Sócio Atirador– Sociedade de Atiradores Blumenau– final década de 1920



Fonte: Acervo Tabajara Tênis Clube (2021)

A imagem datada da primeira década do século XX, apresenta um sócio atirador no interior na nova sede da sociedade, empunhando sua espingarda e seus feitos com os alvos destacados. Os estandes eram mais organizados e próprios para suas práticas, os alvos não eram mais adaptados, a sociedade vivia um outro tempo.

Cabe destacar que foi em clubes e associações deste tipo que se produziram essas novas relações entre o indivíduo e a arma de fogo. Seus novos usos alvitram diferentes necessidades, fabricaram outras técnicas e, com isso, pedagogias corporais mais minuciosas tiveram que ser formuladas. Em suma, conforme aponta Vigarello (2008), produziram novos valores designados ao corpo, tanto na forma de hierarquizá-los como na maneira de adquiri-los. Elementos que também se mostraram presentes em Blumenau, conforme as fontes acionadas na presente tese de doutoramento.

Em síntese, cabe afirmar que as Sociedades de Tiro, mais precisamente a *Schützenverein Blumenau*, contribuíram de forma decisiva para a emergência de uma cultura física entre os habitantes da localidade. Tal questão se deu basicamente por meio de suas atividades (práticas de tiros, desfiles, bailes e apresentações musicais e teatrais). Espaço institucionalizado e regrado, a *Schützenverein Blumenau* penetrou nos corpos dos indivíduos de distintas formas, visto que foi por meio de suas diversas atividades que elementos de uma ampla educação do corpo foram acionados.

Lócus de pertencimento, distinção, manutenção, preservação étnica e desenvolvimento de novos comportamentos e gestualidades, a associação caminhou lado a lado com o desenvolvimento citadino, transitando desde o período da Blumenau colonial, com fortes referências rurais, até a sua versão mais urbana, de características cada vez mais modernas, além de ter se caracterizado enquanto uma instituição pedagógica, visto que ditava normas e padrões a serem seguidos. De forma bastante atrelada aos divertimentos, ao prazer, e ao elemento recreativo³⁰, a entidade foi uma instituição chave para o entendimento das transformações e descobertas de novas mentalidades atreladas aos elementos da cultura física.

³⁰ A expressão refere-se a ideia de práticas corporais atreladas a prescrições não tão objetivas, organizadas e sistematizadas, como por exemplo, as práticas ginásticas que são objeto de análise do próximo capítulo da presente tese de doutoramento.

Rosbach (2008) reforça que, além do primeiro clube de tiro, outras sociedades organizadas foram sendo criadas nos primeiros anos da localidade, corroborando com a hipótese apontada anteriormente de que foi a partir do desenvolvimento da cidade que começaram a surgir outros espaços de convívio social. Exemplos disto são as fundações da *Theaterverein* (Sociedade de Teatro Amador) no ano de 1860, da *Gesangverein* (Sociedade de Canto – Coro) em 1863, da *Culturverein* (Sociedade de Cultura – Agricultura) também em 1863 e da *Turnverein* (Sociedade Ginástica) no ano de 1873.

No intuito de dar sequência à presente tese de doutoramento o olhar volta-se agora para outra importante instituição que contribuiu de forma bastante significativa para a emergência de uma cultura física na cidade: a *Turnverein Blumenau* (Sociedade Ginástica).

4 ENTRE PRESCRIÇÕES, EXIBIÇÕES E ESPETÁCULOS: UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA DA *TURNVEREIN* EM BLUMENAU

4.1 A CRIAÇÃO DA *TURNVEREIN* BLUMENAU: CONSOLIDANDO UMA CULTURA FÍSICA EM BLUMENAU

Ser fiel às coisas da ginástica até a morte é a verdadeira vida ginástica (*TURNVEREIN BLUMENAU*, 1888).

A epígrafe que inaugura o presente capítulo refere-se a uma frase encontrada em um documento produzido pela *Turnverein Blumenau* no ano de 1888. O trecho evidencia que a vida associativa compunha parte significativa do cotidiano dos moradores da cidade e aos ginastas se fazia necessário uma fidelidade aos assuntos relacionados à ginástica. Somado às experiências proporcionadas pelas sociedades de tiro, as associações ginásticas, em especial a *Turnverein Blumenau*, contribuíram de forma substancial para a consolidação da cultura física na cidade do interior do Estado de Santa Catarina.

Como já apontado nos capítulos anteriores as associações fundadas pelos imigrantes alemães possuíam diversos intuitos e finalidades. Seyferth (2004) e Quitzau e Soares (2019) salientam que tais entidades eram, entre outras, beneficentes (*Hilfsvereine*), escolares (*Schulvereine*) e paroquiais (*Kirchvereine*) e supriram diversas demandas sociais por meio do assistencialismo, da educação e do atendimento religioso. As autoras indicam que as diversas instituições, como por exemplo a de atiradores, cantores e ginásticas, foram criadas a partir de um modelo conhecido e desenvolvido na Alemanha desde 1840.

Tesche (2001), Hofmann (2015), Quitzau e Soares (2019), Wieser e Krüger (2019) e Assmann, Pereira e Mazo (2020) argumentam que no caso específico das sociedades ginásticas, os seus associados estavam ligados aos movimentos

políticos alemães e às lutas pela unificação dos estados germânicos³¹. Ao migrarem para o Brasil, mesmo não possuindo a mesma intensidade na vida política, os alemães potencializaram o associativismo e contribuíram para a manutenção do ideal de germanidade em solo brasileiro.

A ginástica alemã teve, conforme apontam Tesche (2001) e Quitzau (2015; 2016), suas raízes no final do século XVIII, a partir da publicação da obra de Johann Christoph Friedrich Guts Muths. Foi por meio da ginástica que surgiram as primeiras tentativas de se pensar e organizar uma educação que apontasse para a importância da exercitação corporal. Tesche (2001) e Quitzau (2011; 2015) apontam que duas obras são importantes e caracterizam-se como os primeiros manuais publicados na Alemanha entre o fim do século XVIII e o início do século XIX. Trata-se da “*Gymnastik für die Jugend*” (Ginástica para a juventude), publicado em 1793 por Johann Christoph Friedrich Guts Muths e “*Die Deutsche Turnkunst* (A ginástica alemã), de Friedrich Ludwig Jahn editado em 1816³².

Cabe destacar que as sociedades ginásticas fora do território alemão se caracterizam como pequenos redutos do *Volkstum* alemão em terras estrangeiras (TESCHE, 2001; SEYFERTH, 2004; QUITZAU, 2016; ASSMANN, 2019; ASSMANN, PEREIRA E MAZO, 2020). Segundo apontam Seyferth (2004), Assmann (2015) e Quitzau (2016), as primeiras sociedades ginásticas fundadas pelos imigrantes

³¹ Hofmann (2015) e Wieser e Krüger (2019) indicam que o movimento *Turnen* tem suas origens na Alemanha do final do século XVIII e início do XX e estavam ligadas às correntes intelectuais e as mudanças políticas, sociais e econômicas do período, como por exemplo, o Iluminismo, a Revolução Francesa, a nova ordem política na Europa e o avanço técnico. Neste contexto, segundo os autores, as ideias sobre a educação do povo, nas quais a unidade nacional, o patriotismo e a prontidão para lutar pela sua “pátria” desempenharam um papel especial, algo que era possibilitado pelas práticas no *Turnen*. Os objetivos dos *Turners* eram a libertação da ocupação francesa, a derrubada da ordem feudal, o fim da divisão da Alemanha em pequenos estados e a criação de um único estado-nação.

³² Para Quitzau (2015; 2016) mesmo que GutsMuths já tivesse publicado antes de Jahn um manual relativo aos exercícios físicos, foi a obra *Die Deutsche Turnkunst* escrita por Jahn que alcançou uma expressiva disseminação pelos diferentes territórios alemães. *Die Deutsche Turnkunst*, pode ser considerado a continuidade e um aprofundamento de algumas ideias expostas por Jahn em *Deutsches Volkstum*. Como apontado pela autora, embora na obra já houvesse um espaço considerável aos exercícios físicos, foi apenas em 1816 que uma variedade ampla de exercícios físicos fora reunida, descrita e organizada sob o nome de *Turnen*, em que buscava substituir, influenciados pela intencionalidade de purificação da língua, o termo *Gymnastik*, que até então era utilizado. Foi nesta obra que um conjunto de códigos, normas e prescrições foram sistematizados no que dizem respeito a diferentes aspectos da prática de exercícios. Este código, denominado “*leis do Turnen*”, servia não somente para o bom andamento das sessões de ginásticas, mas também como modelo de comportamento que transcenderia os limites da prática de ginástica.

alemães no Brasil foram em Joinville, em 1858, e no Rio de Janeiro, em 1859³³. As autoras salientam que posteriormente foram fundadas o *Deutscher Turnverein Porto Alegre*, em 1867, e a *Turnverein Blumenau*, em 1873. Quitzau e Soares (2019) afirmam que até o ano de 1931 foram criadas ao todo 57 *Turnvereine*, concentrados principalmente no estado do Rio Grande do Sul e, em menor escala, no estado de Santa Catarina.

O surgimento da *Turnverein Blumenau* acontece dez anos antes da cidade tornar-se município e quatorze anos depois da criação da primeira sociedade de tiro na localidade. Petry (1988), sinaliza que o ano de 1883 marcou a transformação da colônia em cidade, em um período identificado também como o início da industrialização de Blumenau, destacando-se as firmas têxteis iniciadas pelos irmãos Hering³⁴ e por Johann Karsten³⁵.

Com ainda um número reduzido de ginastas e sem sede própria para suas apresentações e treinamentos, a *Turnverein Blumenau* necessitava de parcerias com outras entidades para o desenvolvimento de suas atividades. Nesse sentido, a associação durante muitos anos funcionou dentro das instalações da *Schützenverein Blumenau*, tendo como finalidade a educação dos jovens através de elementos da cultura física como a ginástica, as corridas, as caminhadas e outros exercícios corporais. As assembleias gerais, após a construção do *TheaterFrohsinn*, em 1896 passaram a ser realizadas em seu interior e as reuniões da diretoria no *Hotel Gross*. A fotografia a seguir apresenta a fachada do local no qual eram realizadas as reuniões da sociedade ginástica.

³³ A presença de uma vida associativa dos teuto-brasileiros é algo constantemente apontado nas pesquisas sobre imigração alemã no Brasil. Cabe destacar que o processo é resultado da formação de uma certa elite intelectual começou entre os imigrantes alemães nos meios urbanos em diferentes cidades, principalmente nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (TESCHE, 2001; MAZO, 2003; ASSMANN, 2015; 2019; QUITZAU, 2016; ASSMANN; PEREIRA; MAZO, 2020). Para Seyferth (1990; 2000) a primeira tentativa de construção de uma associação por parte dos imigrantes alemães, data de 1821, ano de fundação da *Gesellschaft Germania* na cidade do Rio de Janeiro.

³⁴ Uma das mais antigas companhias brasileiras do ramo do vestuário presente em várias cidades do Brasil (COLOMBI, 1979; MANDELLI, 2014).

³⁵ Empresa do ramo da cama, mesa, banho e decoração considerada a sexta companhia mais longeva do Brasil (MANDELLI, 2014).

Figura 30 *Frohsinn* construído em 1896



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau)

Além das apresentações ginásticas a entidade promovia reuniões recreativas, excursões e noites de entretenimento com música, canto e teatro. As festividades noturnas eram frequentes e a inclusão de números artísticos e de ginástica atraíam um público considerável. Estes eventos eram amplamente divulgados nos periódicos da época e suas atividades eram muito bem detalhadas pela imprensa local. Essas notas eram ainda mais evidentes em momentos de celebração, como por exemplo, na ocasião dos dez anos da fundação da sociedade, no ano de 1883, momento no qual o jornal *Blumenauer Zeitung* inseriu em suas páginas o convite para a participação das festividades:

A sociedade de ginástica em anuncio convida para a demonstração de ginásticas que se realizará no dia 7 de outubro de 1883, pela passagem do 10 aniversário de sua fundação. Convida os sócios para tomar parte do desfile local da festa e para o baile social. Ginastas, que não participarem do desfile não poderão também participar do baile festivo, conforme resolução da assembléia (BLUMENAUER ZEITUNG, 22 set. 1883, s.p).

O encontro mencionado pelo periódico evidencia que as atividades da associação iam muito além das apresentações de ginástica. Era algo mais abrangente, marcado por um aparato institucional que continha determinadas regras, composto também por desfiles pelas ruas da cidade e bailes sociais. Aos sócios, era necessário o cumprimento das regras estabelecidas, sendo o seu não cumprimento passível de interdições, advertências e penalidades.

Além dos convites de eventos promovidos pela sociedade os jornais também publicavam os programas de atividades e relatos das festividades ocorridas. Tal fato indica a importância da instituição na vida social da localidade. Em 1900, por exemplo, o jornal *Blumenauer Zeitung* mais uma vez apresentou anúncios relativos às atividades e respectivas programações das ações da entidade:

Sociedade Ginástica de Blumenau Domingo, 5 de agosto de 1900. Demonstração de Ginástica no pátio de ginástica defronte à Casa dos Atiradores.

Programa:

1 – Casa do Sr. Ernst Bernhardt

Às 2 da tarde reunião dos ginastas em Altona, na casa do Sr. Wilhelm Grob: à tarde, as 2 horas e 30 min, reunião do conselho de ginástica do Departamento de Ginástica, no Stadtplatz (sede). Desfile.

2– No pátio de ginástica: desfile e demonstração de ginástica, alocação do presidente, exercícios com bastões,

3– Exercício de ginástica na barra paralela (1ªdivisão),

4– Ginástica dos alunos da Escola Nova,

5– Ginástica conjunta em grupo,

6– Exercício de ginástica com barra de ferro do grupo avançado,

7– Saltos gigantes do trampolim,

8– Exercícios gerais de ginástica,

9– Jogos Populares. Música festiva durante as apresentações de ginástica.

Às oito horas da noite, grande baile festivo (só para sócios).

Todos os amigos e simpatizantes da nossa sociedade estão convidados cordialmente para assistirem à demonstração de ginástica (BLUMENAUER ZEITUNG, 5 ago. 1900, s.p).

A passagem evidencia que a programação proposta apresentava algumas organizações temporais delimitadas. Para os participantes, se fazia necessário o domínio de um conjunto de destrezas, técnicas e habilidades. O ginasta era a figura central, sendo bastante enaltecido. Durante as tardes de apresentação, os ginastas vivenciavam exercícios de forma individual, como também atividades em grupo. O encontro era finalizado com um baile festivo. Destaca-se, ainda, a presença de um grupo de indivíduos pertencentes ao conselho de ginástica, que provavelmente apresentavam os parâmetros para que as práticas ginásticas, bem como as outras atividades, representassem e respeitassem os valores alemães. Este conjunto de exercícios e prescrições formavam elementos mais concretos e sistematizados de uma educação do corpo, atravessados de forma muito clara por um ideário étnico alemão, potencializado pela prática da ginástica, ao passo que também instalavam

de forma objetiva, o aprimoramento corporal dos ginastas contribuindo para a consolidação de uma cultura física na cidade de Blumenau.

Seyferth (2004), Assmann (2019) e Quitzau e Soares (2019) indicam que as sociedades ginásticas buscavam ser postos avançados de germanidade no Brasil. Tratava-se de espaços que oportunizavam a celebração e o desenvolvimento da identidade alemã. Almejavam, ainda, alcançar maior quantidade possível de indivíduos, buscando realizar forte aproximação com outras associações, principalmente as escolares ou, como no caso de Blumenau, as sociedades de tiro, tornando-se responsáveis também pela educação corporal de seus sócios e simpatizantes.

Foi a partir da *Turnverein Blumenau* que se instaurou um projeto pedagógico corporal mais sistematizado, diferente, por exemplo, daqueles presentes nas associações de tiro. Afinal, nas sociedades de atiradores os elementos educacionais não eram prescritos de forma tão clara e objetiva. A separação dos exercícios de acordo com diferentes tipos, grupos musculares, a necessidade de criação de locais e equipamentos próprios para a realização das sessões de ginástica, as apresentações públicas, a figura dos instrutores, contribuíram de forma substancial para o aperfeiçoamento da cultura física na cidade. Cabe destacar que por vezes, os mesmos indivíduos frequentavam tanto a sociedade de tiro, como também a associação de ginástica, além de outras entidades locais. O que denota mais uma vez, a importância do associativismo para a consolidação da cultura física em Blumenau.

Em passagens publicadas pelo jornal *Der Urwaldsbote*³⁶, no ano de 1901, foram apresentadas algumas das atividades desenvolvidas pela associação que indicam parcerias com ginastas de outras cidades e apresentações alusivas a comemorações de datas consideradas importantes, conforme pode ser evidenciado na seguinte passagem: “*Ginástica demonstrativa no Schutzenhaus com participação dos ginastas de Brusque e Joinville*” (DER URWALDSBOTE, 27 maio 1901, s.p). Destaca-se que, mesmo após quase trinta anos de sua fundação, a instituição ainda

³⁶ No período analisado, o jornal *Der Urwaldsbote* foi um importante veículo de informações relativas à sociedade ginástica. Tal fato justifica-se em grande medida pela presença de Gustav Arthur Kohler que além de presidente da *Turnverein Blumenau* era também proprietário do periódico.

não possuía sede própria e continuava realizando suas apresentações na Sociedade de Tiro. Assim como ocorria com os atiradores, conforme evidenciado no capítulo anterior, também eram frequentes os encontros entre ginastas de diferentes cidades catarinenses.

Blumenau se tornaria o local de referência para as demais sociedades ginásticas das cidades circunvizinhas, como Brusque, Itajaí e Joinville. Tal protagonismo resultou inclusive, mais a frente, na criação de uma Liga Suprarregional (ITAJAHY-GAU, 1915). Os encontros com participação de ginastas de outras localidades eram frequentes, e iam além das apresentações, passando pela formação de instrutores, reuniões de assessoramento para a criação de novas sociedades, além de planejamentos de eventos futuros. Foi principalmente o aprimoramento e formação dos instrutores que contribuiu para a prática da “verdadeira” ginástica alemã (ITAJAHY-GAU, 1915).

Já uma outra fonte aponta para elementos que extrapolam os itens analisados acima: *“A Turnverein promove um programa de atividades festivas por ocasião da Independência do Brasil, dia 7 de setembro 1901. Culminando com um grande baile no Schutzenhaus”*(DER URWALDSBOTE, 3 set. 1901, s.p). Nota-se que as atividades desenvolvidas pela *Turnvereine Blumenau*, mesmo que apresentassem fortes finalidades de manutenção e enaltecimento do ideário étnico alemão, também buscavam manter certo respeito e proximidade à nova pátria, algo que também foi possível verificar por meio das fontes relativas às sociedades de tiro. A realização de apresentação em homenagem às festividades da independência do Brasil, demonstrava o cuidado e a busca de pertencimento a este novo local.

Foi a partir desta relação, que por um lado celebrava a etnicidade alemã e, por outro, a transformação da vida por meio das novas relações estabelecidas e das possibilidades ofertadas no novo continente, que a instituição foi se desenvolvendo. Mesmo que trazidas pelos alemães, com fortes características de manutenção e celebração de germanidade, as sociedades ginásticas ressignificaram e reconstruíram seus objetivos e finalidades a partir da relação que estabeleceram com a nova nação. Tal aproximação demonstra certo cuidado e um instinto de preservação da entidade na medida em que, no início do século XX, o Brasil passava por um processo de nacionalização em que a construção de uma

identidade nacional era frequente nas ações e discursos políticos, conforme evidenciam os trabalhos de Carvalho (1990) e Moraes e Silva e Capraro (2015).

Salienta-se que a Blumenau do fim do século XIX, e início do século XX, mesmo que ainda com fortes características alemães, já não era mais aquela pequena vila, isolada sem contato com outras localidades, como apontado no transcorrer do primeiro capítulo. A Blumenau na virada para o século XX também sofria influências de outros contextos. Este intercâmbio se devia basicamente pela proximidade geográfica e/ou pelas relações comerciais com outros municípios e habitantes não somente de origem alemã, mas sobretudo por um maior contato com os brasileiros³⁷.

Foi no início do século XX que a associação buscou firmar-se enquanto importante instituição na cidade de Blumenau, o que, no ano de 1904, resultou na reformulação de seus estatutos. Segundo as normas da entidade os seus objetivos circulavam em torno da prática e difusão da ginástica, bem como o intercâmbio social e cultural com outras associações do gênero (*TURNVEREIN BLUMENAU*, 1904). Mesmo que a localidade já não fosse mais tão germânica, por meio das relações com os brasileiros, a *Turnverein Blumenau* considerava necessária a maior ênfase na manutenção de uma ginástica, alemã pois suas práticas seriam fomentadoras da defesa de valores alemães. Ao passo que a Blumenau do início do século XX se incorporava cada vez elementos culturais brasileiros, a sociedade ginástica definia-se como reduto de celebração e enaltecimento alemão:

³⁷ Colombi (1979) aponta que em 1883 a cidade de Blumenau possuía uma população de aproximadamente 16.380 habitantes e que passa para 45.009 no ano de 1907.

ESTATUTO REFERENTE ASSOCIACAO GINÁSTICA BLUMENAU"

1904

NOME, SEDE E FINS DA ASSOCIAÇÃO

A associação consiste sob a denominação de AssociacaoGymnastica Blumenau, tem sua sede em Blumenau, districto urbano. São os fins da associação a cultivação e proteção da gymnastica alemã

CONDIÇÕES DE MODO DAS ENTRADAS E SAÍDAS

Para quem pretender entrar na associação será indispensável uma reputação inteiramente sem manchas. A entrada ... quatorze anos completos ficando, porém, autorizados a tomarem parte da administração direcção da associação exclusivamente os sócios de mais de vinte e um annos capazes de dispor e que tiverem cumprido todas as suas obrigações para com a associação. A apresentação para a aceitação como sócio terá lugar, entregando-se a um membro do conselho ou ao tesoureiro a quantidade de 58000 como joia. A pedido, o conselho poderá, quando lhe parecer conveniente, reduzir a joia para 25000

DEVERES DOS SÓCIOS

A todo sócio, entrando e assignando os estatutos, obriga-se há a cumprir as determinações dos mesmos. A contribuição regular a caixa da associação será paga com 18000 de três mezes adiantadamente. (*TURNVEREIN BLUMENAU*– ARQUIVO HISTÓRICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA, 1904, s.p).

Mesmo após quase trinta anos de sua criação, a associação procurava manter como objetivo principal a proteção da ginástica alemã. Buscava-se o desenvolvimento de práticas e experiências que oportunizassem aos associados elementos que contribuíssem para o cultivo da ginástica alemã. Ao analisar as redes de sociabilidades presentes nas sociedades ginásticas do Estado do Rio Grande do Sul, Assmann (2019) indica que o *Turnen* se caracterizava como espaços de “boa sociedade”, buscando afirmar uma identidade étnica que deveria embasar o *habitus* de cada indivíduo que compunha a referida rede. Para participar de uma sociedade ginástica, segundo aponta a autora, a seleção do indivíduo deveria atentar para os códigos e valores compartilhados, como a língua, os símbolos, as formas de portar-se, bem como a incorporação de certas representações culturais marcadamente alemãs.

Ao olhar de forma mais aprofundada para as práticas realizadas pela *Turnverein Blumenau* no alvorecer do século XX, observa-se que as apresentações por ela organizadas representavam a celebração e exposição de corpos, que sinalizava para novas imagens e experiências corporais. O corpo ganhava novos contornos e possibilidades. Tratava-se de um amplo conjunto educativo, tanto para os que praticavam como para os que assistiam as apresentações. Entre saltos,

acrobacias, gestos e movimentos, as ações sustentavam-se na materialização de corpos cada vez mais afetados por um conjunto de saberes relacionados ao universo da cultura física. Suas ações e atividades contribuíam para um processo de educação do corpo que fincava seus pés em um ideário étnico, ao passo que também oportunizavam experiências corporais até então nunca vivenciadas na cidade catarinense.

Estes espaços de educação do corpo, oportunizados pela sociedade ginástica, não estavam restritos apenas aos membros do sexo masculino, como ocorriam majoritariamente em outros locais, como o da sociedade de tiro. As mulheres também possuíam importantes papéis dentro da associação ginástica. A fotografia a seguir apresenta um grupo de mulheres, com roupas próprias para a realização da ginástica, acompanhadas de seu instrutor, em um espaço ao ar livre no fim da primeira década do século XX.

Figura 31 Alunas e seu respectivo instrutor de ginástica (1908)



Fonte: *Turnverein Blumenau*—Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau)

A participação das mulheres na ginástica fica mais evidente em outra fotografia (figura 32), em que aparecem em uma realizando exercícios em conjunto ao ar livre, em um terreno localizado em frente à sede da sociedade ginástica.

Figura 32 Exercícios ginásticos realizados pela *Turnverein Blumenau* década de 1920



Fonte: *Turnverein Blumenau* - Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

As duas fotografias evidenciam uma pedagogia que se especializava. Isto materializava-se nas próprias roupas que as ginastas portavam. Nas sessões de ginástica, era necessário utilizar roupas adequadas que não prejudicassem o bom desenvolvimento nos exercícios. Sendo assim, as roupas femininas que eram mais longas no começo do século XX se encurtam, tornando-se mais funcionais na década de 1920. As sessões eram organizadas e planejadas por meio de seus instrutores. Buscava-se, a partir dos exercícios, o pleno desenvolvimento moral e corporal também de suas associadas.

Esta riqueza de exercícios, apresentações e exibições permitiu não apenas o desenvolvimento da própria sociedade de ginástica, mas também seu protagonismo na consolidação da cultura física na cidade de Blumenau. Assim como a sociedade de tiro, a entidade ginástica também realizava suas atividades festivas, entre elas,

seus encontros dançantes. Em setembro de 1909 o jornal *Der Urwaldsbote* menciona esta outra atividade ofertada pela instituição:

Club Ginástico – A "soirée" do Club Ginástico, realizada no salão Holetz, no domingo passado, atraiu a mesma concorrência que as antecedentes; o salão espaçoso apinhou-se de espectadores, senão bem considerável a receita a favor do fundo de construção de uma sala de ginástica. Dentre os exercícios exibidos são especialmente dignas de menção duas danças de ginastas disfarçados e uma série de exercícios difíceis de varas metálicas, dando testemunho de grande aperfeiçoamento também os outros exercícios se fizeram nos aparelhos. Os entremeses humorísticos, excelentemente bem recitados, desencadearam às vezes verdadeiras explosões de hilaridade. É o desejo geral que os arranjadores resolvam repetir o programa em parte, podendo eles também em segunda apresentação, contar com lucro satisfatório (DER URWALDSBOTE, 9 out. 1909, s.p).

A passagem fornece vestígios de que os eventos promovidos pela sociedade ginástica eram prestigiados e sempre buscavam exhibir o aprimoramento das destrezas corporais, da mesma forma como apontam para a construção cada vez mais específica de materiais próprios para sua realização, como as práticas de ginástica com varas metálicas. Destaque, também, para a menção de números humorísticos, o que denota uma característica importante dos encontros promovidos pela sociedade: a alegria e a diversão.

Em outra fonte encontrada no mesmo jornal também no ano de 1909, é descrito com detalhes dois momentos importantes para a associação:

Domingo, dia 21 de março a Sociedade de Ginástica deu uma representação de exercícios de ginástica em aparelhos e exercício no salão *Holetz*, que estava completamente lotado. Todos os números apresentados pelos ginastas foram muito bem executados e muito aplaudidos merecendo especialmente calorosos aplausos e elogios do comandante Crispim Ferreira e sua oficialidade que assistiram com muito interesse e satisfação a apresentação dos ginastas blumenauenses, cumprimentando-os pessoalmente após o festival (DER URWALDSBOTE, 24 mar. 1909. s.p).

Local de produção de imagens sobre o corpo, a *Turneverein Blumenau* fomentou a formação de indivíduos, tanto entre aqueles que praticavam como para os que apenas assistiam as apresentações e os espetáculos, como Crispim Ferreira, que conforme aponta Machado (2007), seria o futuro comandante do 55º Batalhão de Caçadores com sede em Blumenau. Sua presença marcava sua primeira visita à cidade para a instalação do Batalhão da Infantaria do Exército. Segundo a notícia, o comandante Crispim Ferreira manifestou palavras elogiosas sobre a associação,

além de ter defendido a necessidade da prática da ginástica para a formação física e moral dos indivíduos.

As fontes encontradas nos jornais locais fornecem pistas de que os salões dos hotéis eram as verdadeiras salas de visitas da cidade, e em parceria com as bandas musicais e as apresentações de associações como a *Turnverein Blumenau* se caracterizavam como símbolos identitários daquela localidade. As recepções das autoridades que visitavam a cidade eram sempre acompanhadas de exibições de práticas marcadamente alemãs, sejam elas por meio das músicas, dos cantos, das apresentações teatrais, das práticas de tiro e/ou das sessões de ginástica. A cidade buscava construir sua imagem de localidade que preservava a identidade alemã e as distintas instituições parecem ter sido utilizadas como ferramenta para o desenvolvimento deste ideário.

Assim como ocorria na festa de atiradores, analisada no capítulo anterior da presente tese de doutoramento, as apresentações públicas de ginástica tinham suas formalidades (desfiles, bailes, premiações, apresentações de corais etc.) que buscavam evocar a etnicidade alemã. Porém, como já mencionado, era necessário também a aproximação com o contexto brasileiro. A presença de um Batalhão do Exército Brasileiro contribuiu para o desenvolvimento deste conagraamento entre os imigrantes alemães e o Brasil. Inclusive, com a chegada do Batalhão à cidade, vinte e sete jovens blumenauenses, muitos destes pertencentes a sociedade ginástica, membros das “melhores famílias”, se alistaram voluntariamente ao exército brasileiro, conforme relatado pelo semanário em abril de 1909 (*BLUMENAUER ZEITUNG*, 29 abr. 1909, s.p).

Contudo, é preciso enfatizar que existia um jogo que ora aproximava a entidade às lógicas brasileiras, ora a afastava, evidenciado seu caráter étnico. No subitem a seguir, são apresentadas e analisadas fontes que demonstram como a sociedade ginástica buscava manter este ideário alemão, e a forma como se materializaram estes ideais em seus documentos, publicações e práticas ao longo dos anos.

4.2 A GINÁSTICA ALEMÃ EM BLUMENAU: CORPO, IDENTIDADE E ETNICIDADE

Era comum, por parte da direção da *Turnverein Blumenau*, a elaboração de documentos, certificados, panfletos, que traziam os elementos identitários alemães apregoados pela entidade. A imagem abaixo evidencia inúmeros destes aspectos relativos a uma identidade étnica.

Figura 33 Diploma de Honra produzido pela *Turnverein Blumenau* em 1888



Fonte: Turnverein Blumenau Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

A imagem acima refere-se a um diploma de honra ao mérito destinado aos ginastas que se destacassem nos encontros promovidos pela associação. Carregados de simbolismos identitários, documentos como esse expressavam certos discursos de pertencimento e de valorização de aspectos étnicos. Ao analisar a fonte de forma mais pormenorizada, sinaliza-se que na parte superior, de forma bastante destacada e centralizada encontra-se a figura de Friedrich Ludwig Jahn. Sua presença no documento representava assim, que a verdadeira prática de ginástica seria aquela elaborada e sistematizada por ele. Para ser digno de um certificado de honra ao mérito, o ginasta deveria praticar a ginástica elaborada e preconizada por Jahn.

Para Grützmann (1999), não apenas o conteúdo dos documentos era importante, mas a própria linguagem do germanismo, com a inculcação de imagens, valores, normas e símbolos que resultavam na permanência de uma concepção de mundo centrado no paradigma romântico-nacionalista afirmado pela germanidade. As imagens presentes nos documentos contribuíam assim para a construção de uma memória coletiva. A centralidade de Jahn na fonte apresentada, caracteriza-se como uma atitude de reverência e de sacralização de sua figura. Grützmann (1999) adverte que era necessário honrar e dar continuidade às tradições do passado, e por meio de sua manutenção, usufruir das benesses advindas deste comprometimento.

A presença de Jahn em documentos e/ou discursos proferidos pelos membros da sociedade ginástica não se resumiu apenas à *Turnverein Blumenau*, mas era algo bastante comum às demais sociedades espalhadas principalmente pelo sul do Brasil. Quitzau (2016) lembra que estes imigrantes ou descendentes enxergavam-se como herdeiros das ideias do pedagogo alemão, um exemplo a ser seguido, pois toda sua luta para o reerguimento da população alemã através dos exercícios físicos deveria ser celebrada. Além disso, Jahn simbolizava um exemplo dos modos e costumes alemães, como aponta Quitzau (2016, p. 132), na seguinte passagem:

[...] partir dessa noção de “protetores da herança jahniana” defendem o *Turnen* não apenas por seu valor como meio de robustecimento corporal, mas por ser um meio de formação espiritual ao contribuir para o desenvolvimento de determinados valores morais, tais como a coragem, a camaradagem, o sentimento de pertencimento coletivo. Além disso, compreendida como um bem cultural a ser preservada, esta prática é vista também como um dos elementos constituintes do *Volkstum* alemão.

Outro ponto a ser destacado na imagem acima reproduzida é que no centro do documento encontra-se o nome da associação e os desenhos dos quatro “Efes”. Menção que também aparece, mas de forma escrita, na bandeira alemã segurada por um ginasta no canto superior esquerdo. O bom desenvolvimento da sociedade estava atrelado à necessidade da manutenção dos ideais propostos por Jahn, quando da sistematização da verdadeira ginástica alemã.

Dentro da referida sociedade ginástica era necessário o cultivo dos bons costumes, visto que as regras morais eram os pilares que sustentavam sua existência enquanto uma instituição genuinamente alemã. Dentro deste princípio, os quatro “Efes” (*Frisch, frey, fröhlich, fromm*) foram o lema a ser seguido pelos ginastas ao longo do século XIX (TESCHE, 2001; SEYFERTH, 2004; MAZO E LYRA, 2010; QUITZAU, 2011; LISBOA, 2015; ASSMANN, MAZO E SILVA, 2017; ASSMANN, SILVA E MAZO, 2021). Sua presença era constante nos documentos oficiais da *Turnverein Blumenau* e construíam uma espécie de identidade visual da instituição. No *Turnen* ser “vivo, livre, alegre e devoto” era um norte, um caminho a ser seguido e buscado a todo o instante.

Krüger (2018), ao analisar a relação entre a ginástica, a educação física, esportes e o cristianismo no contexto alemão, aponta que as três primeiras palavras/princípios foram bastante utilizadas pelas diversas sociedades ginásticas (*Frisch, frey, fröhlich*) e permaneceram nos documentos, bandeiras no início do século XIX de forma incontestada, e expressavam o sentimento dinâmico dos jovens ginastas alemães, diferente da última palavra (*fromm*), que parecia um tanto controversa, pois apresentava certa conotação religiosa, algo bastante debatido no contexto alemão, tendo em vista a forte presença dos protestantes. A palavra devoto foi assim sendo interpretada não como premissa de devoção a determinada religião, mas sim a partir da necessidade de apego sincero e fervoroso às ideias da própria ginástica alemã. Assim, caberia ao ginasta ser devoto a todos os preceitos e finalidades preconizados por esse ginástica em específico.

Braun (2011) e Levien (2013) aponta que a cruz dos quatro “Efes” presentes nos documentos, simbolizava o grande ideal da juventude alemã, sendo utilizada como emblema por todas as sociedades de ginástica que eram inspiradas nas suas ideias e princípios. Wieser e Krüger (2019) corroboram com esse posicionamento, afirmando que a influência de Jahn permaneceu de forma marcante por décadas nas

associações ginásticas. Suas imagens, esculturas, monumentos e símbolos – por exemplo, os quatro “Efes” – podem ser encontrados nos arquivos de praticamente todas as *Turnvereine* alemães no Brasil.

Braun (2011) adverte que que tornam os símbolos presentes nas sociedades ginásticas, neste caso específico os quatro “Efes” denotam a finalidade de algo espiritual, como mensagem interpessoal, a ser entendido como um agente vinculativo das comunidades. Aqueles que apoiam um símbolo se identificam com uma organização e aceitam seus objetivos.

Quanto a origem dos quatro “Efes” Braun (2011) aponta que Jahn criou o lema da ginasta “*Frisch, frey, fröhlich, fromm*” como um meio de anunciar a boa causa da ginástica. Porém coube a Heinrich Felsing, no ano de 1843 a criação do símbolo unitário dos quatro “Efes” presentes nas bandeiras das sociedades ginásticas. Para o autor este símbolo indica que os signos se unem, eles formam – como o clube de ginástica – o mesmo poder, a mesma forma e força por todos os lados.

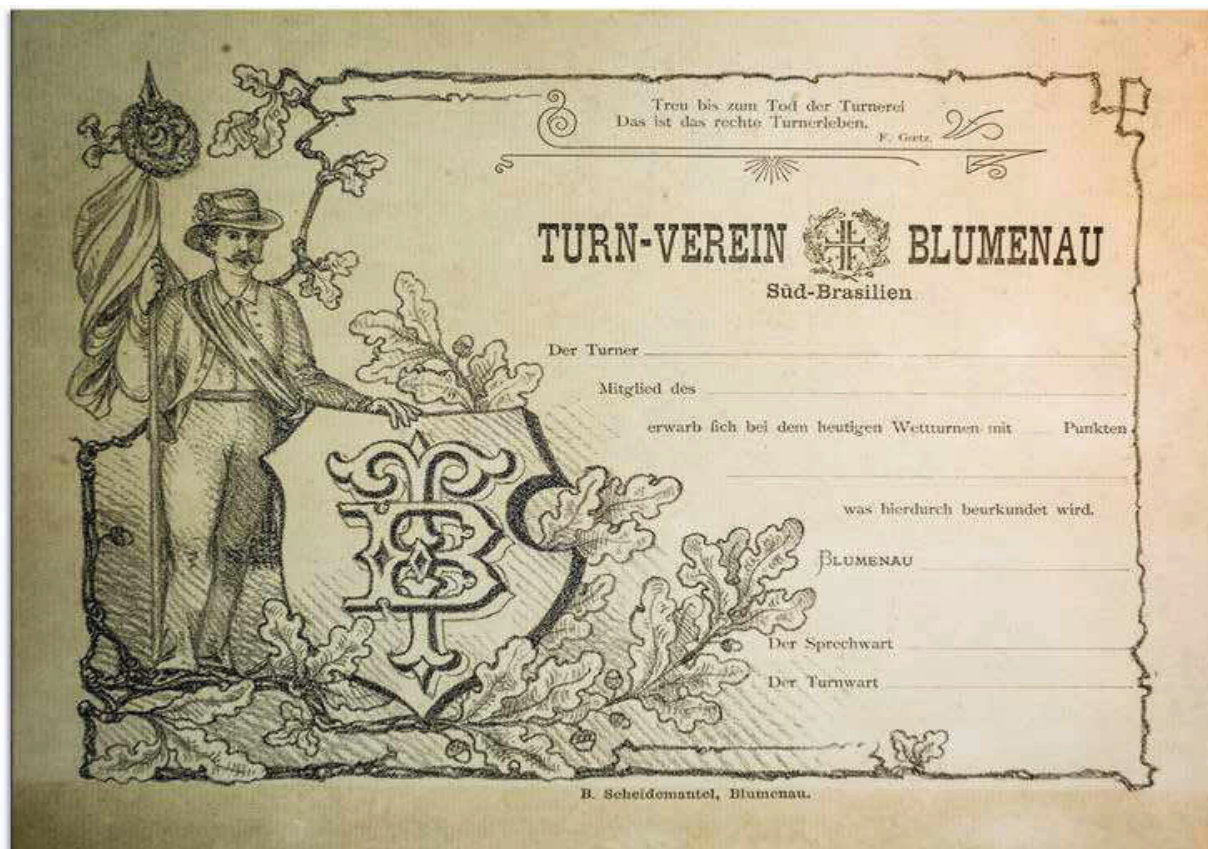
Quitze (2011) indica que, por meio deste lema, os ginastas eram levados a compreensão de que a submissão a um aprendizado profundo, oportunizado pelas sessões de ginástica, além de manter a regularidade na frequência dos encontros, tinha a capacidade de ofertar aos indivíduos uma forma de abstenção dos prazeres e divertimentos inerentes à vida juvenil. Os jovens, deveriam ser educados, por meio dos exercícios físicos, o que lhes aproximaria de suas origens alemães. A autora ainda salienta que as sessões de ginástica se tornavam assim, o lugar propício para o desenvolvimento de habilidades para a manutenção da higiene e das vivências que transcendiam os discursos de manutenção da germanidade, pois possibilitavam aos ginastas a experiência corporal deste ideal.

Braun (2011) aponta que os quatro “Efes” representava o símbolo da unidade dentro da comunidade alemã de ginástica, da união de todos os ginastas, como membros e irmãos de uma tribo, sua marca de identificação e a presença em suas bandeiras denotava os ginastas como discípulos do antigo mestre Jahn, assim, valorizam o passado e surgiam para todo o futuro objetivando a construção de uma equipe forte mentalmente e fisicamente saudável.

De forma geral este diploma expressava a necessidade de celebração e enaltecimento de um elemento da cultura física marcadamente germânico. Mesmo após 40 anos de sua fundação, a *Turnverein Blumenau* ainda buscava como objetivo a prática da verdadeira ginástica alemã. A figura 34 refere-se a um outro documento produzido pela instituição. O referido certificado era destinado aos ginastas que apresentavam boas destrezas nas festividades e competições, que aconteciam entre os próprios integrantes da *Turnverein Blumenau* em dias específicos, como também nos encontros com as sociedades circunvizinhas.

Estes acontecimentos se intensificam, principalmente a partir da criação da Liga Suprarregional do Vale do Itajaí no ano de 1915, em que além dos encontros, festividades, preparações de instrutores, deu também início às competições entre ginastas, o que por consequência acarretou comparações entre as diversas sociedades ginásticas existentes nas cidades catarinenses. A fonte a seguir apontava a indicação do ginasta vencedor, bem como a que instituição pertencia.

Figura 34 Certificado de vitória em competição de ginástica promovido pela *Turnverein Blumenau* (1888)



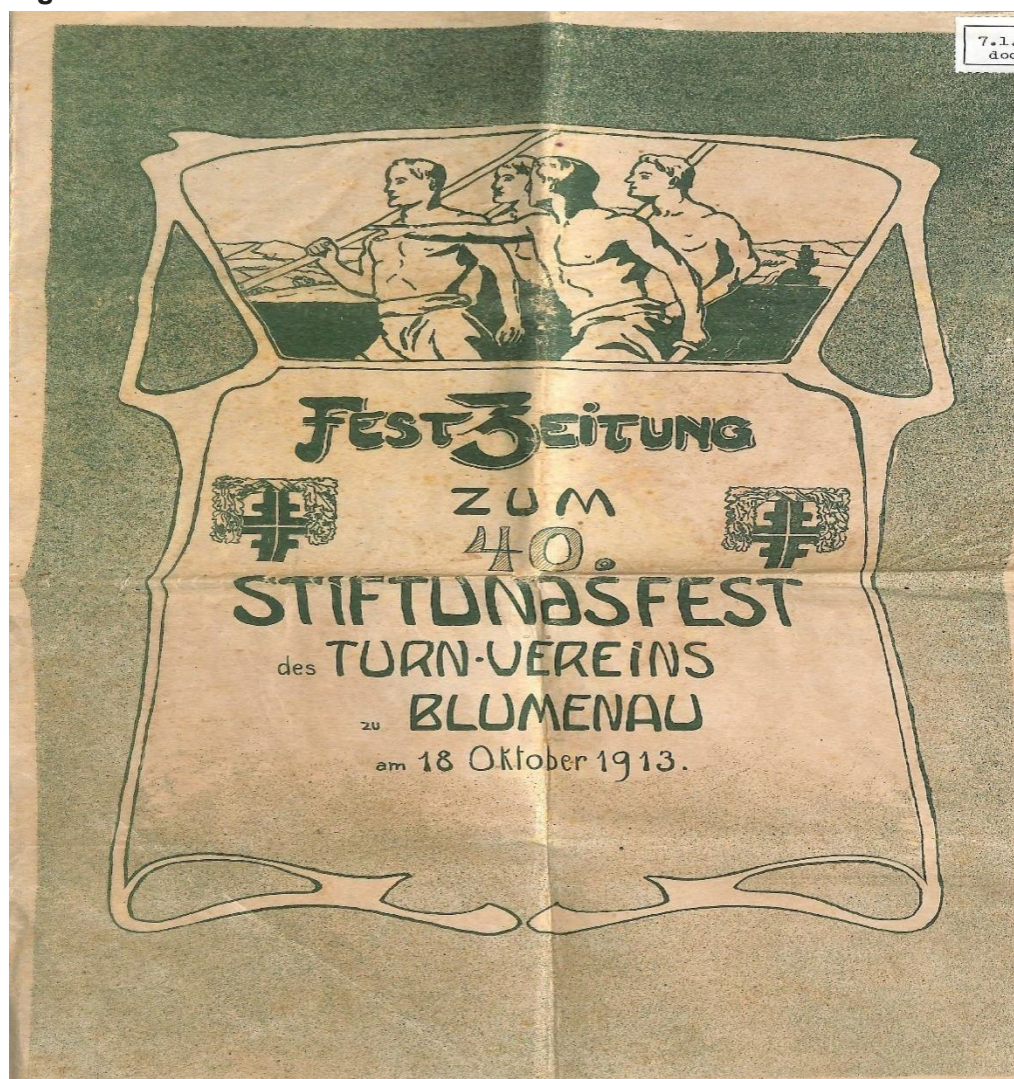
Fonte: *Turnverein Blumenau* -Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau)

Nota-se no certificado a presença de um ginasta empunhando em uma das mãos uma bandeira, segurando com a outra o escudo da sociedade e rodeado por ramos de flores. A bandeira se materializava como a identidade visual da sociedade ginástica. Na parte superior do documento encontra-se a frase: *"Ser fiel às coisas da ginástica até a morte é a verdadeira vida ginástica"*. A fidelidade a esses valores tratava-se de um pilar da entidade. Só seria digno de celebração e condecoração, o ginasta que fosse fiel aos preceitos da verdadeira ginástica alemã. Em diferentes oportunidades, como nos estatutos, em suas publicações oficiais e documentos, a instituição buscava deixar explícito a importância da manutenção e da realização da verdadeira ginástica alemã. Tratava-se de um compromisso e de uma responsabilidade inerente a todos os envolvidos com sua prática, porém eram os professores/instrutores, os principais responsáveis pela manutenção destas práticas.

Na busca da difusão desses valores, a entidade publicou, em 1913, um folheto em comemoração a seus 40 anos de existência. O documento possui um total de oito páginas, em que continha poemas, imagens alusivas às práticas realizadas na associação, além de sátiras e comunicados especiais. A seguir são apresentados, além da capa do documento, dois poemas que indicam características da entidade. No primeiro existe uma alusão à própria festividade de comemoração dos 40 anos da instituição, e o segundo refere-se à importância da ginástica alemã para a formação dos indivíduos.

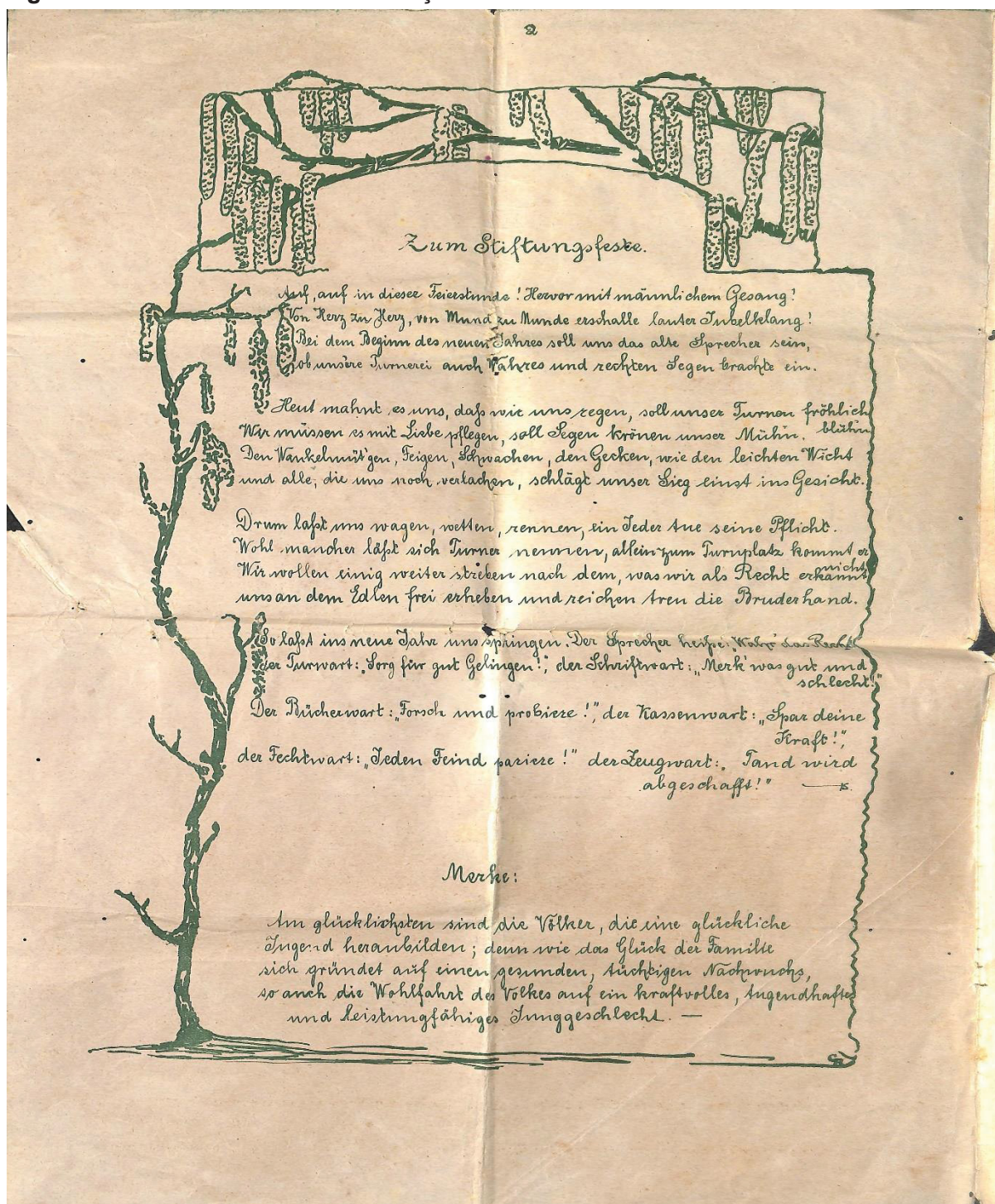
Os documentos aqui apresentados demonstram como a associação também se preocupava com a divulgação das suas práticas e realizações. Seus feitos e acontecimentos necessitavam ser registrados e enaltecidos.

Figura 35 Folheto Comemorativo aos 40 anos da *Turnverein Blumenau*



Fonte: Turnverein Blumenau– Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau)

Figura 36 Poema alusivo à comemoração de 40 anos de aniversário da sociedade



Fonte: Turnverein Blumenau—Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau)

Tradução

Para a celebração da fundação³⁸

Ânimo neste momento de celebração! Com cantos varonis!
Que de mente em mente, de boca em boca, ressoe intenso som festivo!

Que tudo nos seja porta voz, no início do Ano Novo,
Como se nossas ginásticas rendessem bênçãos reais e realizações.

**Somos hoje chamados a nos movimentar
Alegres, com amor exercícios praticar, para que nossos esforços,
Sejam aclamados e de bênçãos coroados.**

A nossa vitória há de bater na face do receoso, do fraco, do enfeitadinho, do indeciso
Bem como do leviano e de todos aqueles que zombam de nós.

Por isso: ousemos, apostemos, corremos, cada qual cumprindo seu dever.

Ginastas alguns se denominam, sem ir à academia

Unidos vamos perseverar, do justo nos aproximar, assim como o conhecemos
Erguer-nos livres com o que é nobre, para fielmente estender a mão amiga.

Ao Ano Novo, pois corramos. Justiça e verdade o porta voz denominemos.

Ó pais do evento: zelem pelo bom resultado!

Apontador! Anote e registre o brilho e a derrota.

O atalaia das contas: pesquise e confira!

O sentinela do dinheiro: poupe sua força!

O juiz da esgrima: que seja dócil o adversário!

O guarda da rouparia: sem coisas inúteis!

(*TURVENREIN BLUMENAU*, 18 out. 1913, p. 3. grifos nossos).

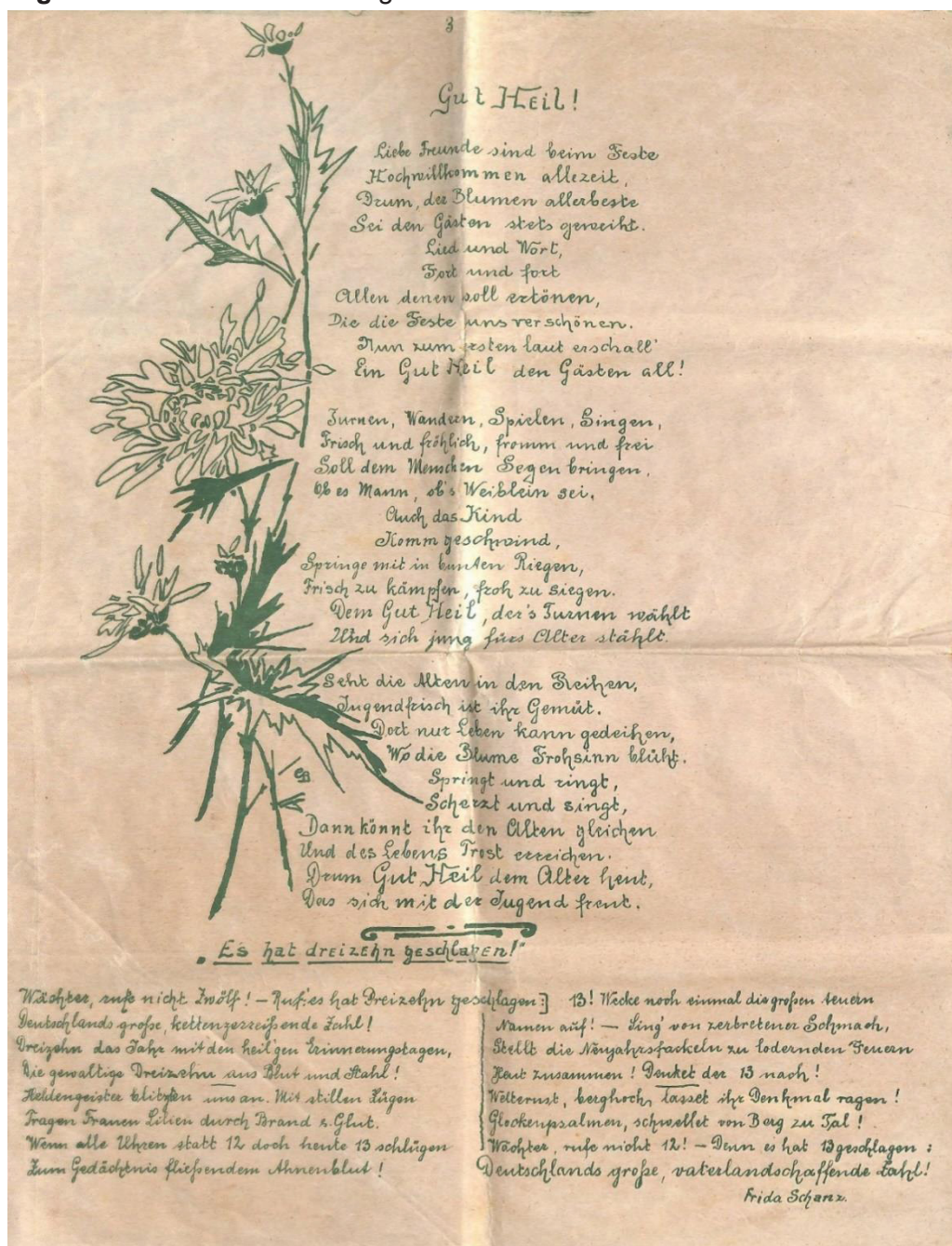
As fontes demonstram os ideais presentes na celebração dos 40 anos da instituição. O poema, por exemplo, enfatiza através de uma linguagem metafórica que o amor e o respeito ao exercício deveriam fazer parte da formação do ginasta. Tais elementos são bastante evidentes já no início do poema quando da menção do entusiasmo da celebração das festividades da instituição e se tornam ainda mais evidentes no seguinte trecho: “*Somos hoje chamados a nos movimentar, Alegres, com amor exercícios praticar, para que nossos esforços, sejam aclamados e de bênçãos coroados*” (*TURNVEREIN BLUMENAU*, 18 out. 1913, p. 3).

³⁸ Tradução realizada por Selma Rutzen, voluntária do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e umas das responsáveis pelas traduções dos documentos oficiais da cidade.

Cabe ainda destacar que a construção narrativa do poema buscava diferenciar o adepto da ginástica daquele que não praticava. Nota-se que foi utilizado um recurso linguístico que atribui conceitos pejorativos de fracos e receosos para aqueles corpos que não praticavam a ginástica. A verdadeira ginástica e a formação deste indivíduo só poderia assim ser desenvolvida dentro da associação, onde deveria existir um ambiente de camaradagem e auxílio mútuo, que por meio de um conjunto de prescrições planejadas e organizadas oportunizaria a formação do ginasta ideal.

Somado ao poema de celebração de aniversário da entidade, o mesmo folheto comemorativo apresenta outro poema sobre a ginástica alemã de forma geral.

Figura 37 Poema em homenagem a Ginástica Alemã



Fonte: Turnverein Blumenau— Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau)

Salve, ginasta!³⁹

Amigos queridos a festejar,
São muito bem-vindos a todo momento
Aos convidados, as flores mais lindas
Entregues eternamente.

Palavras, canções
Constantemente
Dedicadas àqueles que a festa embelezam.
Que o primeiro tom de salva
Aos convidados presentes seja dirigido.

**Exercícios, caminhadas, brincadeiras e canto
Alegres e bem dispostos,
Livres e disciplinados
Que ao povo bênçãos traga
Não importa se homem ou mulher.**

**Criança, venha depressa também
Das equipes coloridas, faça parte com vigor,
E ao final da luta,
Vencer alegremente.**

**Quem ama a salva ao ginasta
A juventude para a velhice garante.
Vejam os mais velhos nas fileiras postados
Bem-humorados e fortalecidos.**

Só tem sentido à vida aqui
Quando se abre a flor do *Frohsinn*⁴⁰.
Pulem e litem,
Cantem e brinquem.

Aos mais velhos então se equiparem
E o consolo da vida apreendam.
Um salve, portanto, ao ginasta maduro
Feliz com a juventude do seu entorno
(*TURNVENREIN BLUMENAU*, 18 out. 1913, p. 4 grifos nossos).

Os cantos, as canções, os poemas faziam parte do processo de educação do corpo realizado na instituição. Entre exercícios, caminhadas e apresentações dava-se importância aos ginastas mais experientes. A menção destacada dos indivíduos

³⁹ Tradução realizada por Selma Rutzen.

⁴⁰ O *Theater Frohsinn* era um importante local destinado às práticas culturais da cidade de Blumenau. Ocorriam em suas dependências atividades variadas como as relacionadas ao canto e o teatro, bem como as reuniões e algumas festividades da *Turnverein Blumenau*.

mais velhos indicava que eles deveriam ser o modelo a ser seguido pelos mais novos. Afinal a prática regular da ginástica alemã era considerada como algo que resultaria em um envelhecimento sadio e prazeroso. O poema também evidencia que a ginástica alemã se destinava a todos, desde as crianças até os mais velhos, homens e mulheres, onde sua prática realizada de forma livre e ordenada resultaria no desenvolvimento moral dos corpos que frequentavam a associação.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a associação ginástica em Blumenau se caracterizou como um importante espaço de educação do corpo, contribuindo de maneira significativa para consolidar a cultura física na cidade catarinense. Suas práticas se equiparavam ao mesmo nível de outras instituições formadoras como a família, a igreja e a própria escola, existindo assim, uma preocupação que extrapolava o âmbito do exercício físico propriamente dito, somando-se também uma dimensão política, moral e estética.

Cabe destacar que as atividades ligadas à ginástica eram também realizadas em outros espaços que não aqueles destinados a sua prática. Era comum a busca por novos locais para sua realização, como se demonstrará no tópico a seguir.

4.3 DOS ESPAÇOS FECHADOS AO AR LIVRE: O IDEÁRIO SOBRE NATUREZA PRESENTES NA *TURNVEREINE* BLUMENAU

Outro elemento da cultura física propiciado pelas *Turnvereine* eram as atividades realizadas ao ar livre, como as caminhadas, as excursões, os jogos e os exercícios promovidos em espaços públicos e na natureza circunvizinha. Tais atividades, conforme apontam Quitzau e Soares (2019), já eram elementos constituintes da ginástica alemã, desde o final do século XVIII. As autoras afirmam que, por meio da sistematização do manual de ginástica de Guts Muths, havia a indicação de um retorno regrado à natureza. Sua obra apontava a necessidade de educação do corpo realizada ao ar livre, tema este que, conforme aponta Vigarello (2001) se disseminava pela Europa desde o século XVIII, resultando na interpretação da natureza como algo benéfico e salutar.

Quitzeau e Soares (2019) ao analisarem a relação entre as sociedades ginásticas e a construção de um ideal corporal ao ar livre apontam que as associações teuto-brasileiras vivenciaram práticas corporais ao ar livre como importante complemento ao *Turnen*. O que possibilitava uma educação do corpo ainda mais diversificada, harmoniosa e benéfica: “Nadar, pedalar, remar, jogar – exercitar-se ao ar livre, em meio às árvores e sob o sol dos trópicos apresentava-se nesses contextos como atividades salutaras tanto do ponto de vista higiênico, quanto da sociabilidade” (QUITZAU, SOARES, 2019, p. 14).

Na *Turnverein Blumenau*, tal movimento também se mostrou presente. Incentivados por sua localização geográfica, em meio à Mata Atlântica, os ginastas realizavam suas práticas em outros locais da cidade. A fonte a seguir detalha uma excursão ao morro *Spitzkopf*⁴¹, realizada pelos associados no ano de 1904⁴²:

Quanto mais alto escalávamos — era de fato uma escalada, — mais a floresta perdia seu caráter tropical. As palmeiras desapareceram por completo, árvores gigantes eram cada vez mais esporádicas, mesmo a mata de corte era cada vez menor. Em seu lugar aparecia o incômodo mato alto. Uma verdadeira praga eram os carrapatos (piolhos do mato), que parecem ter previsto nossa chegada.... O último trecho até o cume foi recebido com vivas. Chegamos pouco depois de duas horas. A floresta tinha acabado, em seu lugar apareceram arbustos definhados e espinhos. Os olhos foram ofuscados pela passagem da escuridão da mata para a claridade do sol. Em cinco horas e meia tínhamos completado a subida.

Na direção do interior, os olhos passeiam pelo interminável caminho de floresta, que apenas de vez em quando é interrompida por alguma pequena clareira. Como marcas de queimadura em roupas de pele, assim aparecem os homens em meio às plantas nesse gigante tapete de mata selvagem. No geral, tudo o que se vê é floresta... (*EINE TURNFAHRT NACH DEM SPITZKOPF BEI BLUMENAU IN SÜD-BRASILIE*, 1904, p. 829-830).

A passagem indica que os ginastas buscavam usufruir e desfrutar de caminhadas junto à natureza. O trecho também fornece vestígios que possibilitam afirmar sobre um maior refinamento relativo às descrições dos elementos da natureza, das dificuldades impostas pelo percurso e principalmente pelos “sinais de civilização” introduzidos pelos primeiros alemães chegados a Blumenau na metade

⁴¹ Importante e mais alto morro na cidade de Blumenau que até os dias atuais é utilizado para a realização de trilhas e caminhadas.

⁴² Tal fonte já foi analisada em estudo publicado por Quitzeau e Soares (2019) em que buscaram compreender a emergência de um ideário ao ar livre tomando as sociedades teuto-brasileiras como objeto de análise.

do século XIX. Essa natureza densa pela qual os ginastas passavam ao longo do passeio oferecia momentos de contemplação da exuberante beleza natural, e quando ela parecia ter um aspecto mais árido outro elemento era oportunizado: o panorama do Vale do Itajaí. O relato da vivência é carregado de detalhes da floresta. O que denota uma observação atenta durante o percurso. O longo tempo para percorrer o difícil trajeto para a chegada ao cume (cinco horas e meia) era celebrado ao final.

Uma outra fonte datada de 1910 também relata uma subida realizada ao mesmo morro e acrescenta outros elementos desta relação ginástica/natureza que merecem ser explorados:

SOCIEDADE DE GINÁSTICA:

Aproveitando um belíssimo dia ensolarado, os sócios desta sociedade, em número de 24 realizaram no dia 3 de outubro uma excursão ao morro denominado "*Spitzkopf*". Chegados à serraria do Sr. Schadrack, deixaram os carros e a pé começaram a escalada, subindo por uma boa picada pelo Morro Carabemba, até ao pé do morro *Spitzkopf*, de onde, após curto descanso continuaram a escalada, já bem mais penosa. Os primeiros chegaram pelas 17 horas ao topo do morro de onde se tem uma bela vista para todos os lados'. Logo em seguida os excursionistas trataram de fazer um fogo e esquentar a água para o café como também para assar o churrasco. Conforme fora combinado com os que ficaram na cidade, pontualmente às 19 horas foram dados sinais de luz, mediante queima de fogos: de bengala de luz vermelha, respondendo os excursionistas com fogos de luzes vermelha e verde, que foram bem-vistos de parte a parte. Além disto podiam ver do alto do *Spitzkopf* as luzes da cidade, como também luzes em Gaspar e pela banda de Brusque. O céu estava claro e estrelado e no dia seguinte após apreciar o alvorecer e nascer do sol, bem como toda a paisagem até o mar no horizonte, fizeram a leitura da altitude, mediante o aparelho, contrastando ter o morro uma altura relativa de 840 metros e uma altitude de 860 metros acima do nível do mar (DER URWALDSBOTE, 7 out. 1910, s.p).

A notícia indica que a subida ao morro era acompanhada de elementos típicos de uma sociedade que buscava ser cada vez mais urbana. Ir de carro até o pé do morro para posterior subida, a queima de fogos como sinal de chegada ao cume, a visualização das luzes das cidades, a mensuração clara e precisa de sua localização, demonstram certo domínio e controle sobre esta atividade, que proporcionava divertimentos regados a boas conversas, contemplações da natureza, cafés e churrascos. As caminhadas eram sempre regadas a comidas, bebidas e canções. Subir o *Spitzkopf* consistia, assim, na possibilidade de usufruir de novas experiências em contato com a natureza. Pode-se inferir que por ações como a caminhada ao cume do morro que a *Turnverein Blumenau* oportunizava descobertas

e ressignificações dos espaços locais, possibilitando um conhecimento mais detalhado do local onde ela estava inserida.

Para Quitzau e Soares (2019), esses passeios e excursões junto à natureza eram utilizados por estas instituições como uma forma de se conhecer o local em que se vive, a *Heimat*, o novo lar que haviam adotado, para assim poderem amá-lo cada vez mais. As autoras afirmam que os exercícios físicos realizados em contato com a natureza exerciam papéis quase tão importantes quanto dos próprios exercícios ginásticos, tornando-se procedimentos centrais de cura, regeneração do corpo, bem como proporcionando aos associados uma nova forma de divertimento, como no caso da fonte apresentada anteriormente. Tal ideário de vida ao ar livre apresentava uma forte dimensão educativa, indo ao encontro das ideias defendidas por educadores, cientistas e médicos brasileiros, conforme evidenciam os trabalhos de Dalben (2014), Jorge, Soares e Dalben (2016), Soares (2016) e Moraes e Silva, Quitzau e Soares (2018).

Levien (2013) aponta que tais práticas ao ar livre realizadas pelas sociedades ginásticas, faziam parte do ideal proposto por Jahn quando de sua sistematização da ginástica alemã e eram frequentemente realizadas entre os próprios sócios das diversas instituições ginásticas, como também com a participação de alguma sociedade coirmã. A realização de exercícios ao ar livre era frequente, inclusive pesquisas realizadas em diferentes localidades brasileiras, como as de Levien (2013), Lisboa (2015), Assmann (2015; 2019) e Quitzau e Soares (2019), evidenciam a utilização de tal tipo de atividade por diversas associações ginásticas alemãs.

Ao se instalarem no Brasil, as sociedades ginásticas alemãs já estavam organizadas em ambientes fechados dos ginásios, acontecendo em espaços alugados, salões de hotéis, pátios de escolas e, no caso de Blumenau, no interior da Sociedade de Atiradores. Mazo e Lyra (2010), Assmann (2019) e Quitzau e Soares (2019), salientam que pouco a pouco tais associações foram adquirindo seus espaços próprios para que pudessem servir de sede, além de constituir bibliotecas, locais para reuniões, apresentações teatrais e musicais. As autoras também salientam que tais entidades também buscavam obter outros espaços para construção de suas praças de jogos em que poderiam se exercitar ao ar livre.

O folheto apresentado anteriormente, alusivo às comemorações dos 40 anos de aniversário da *Turnverein Blumenau*, também continha um poema referente às excursões realizadas pelos ginastas ao morro *Spitzkopf*, o que denota sua importância nas atividades da sociedade, bem como sua frequência de realização.

Figura 38 Poema alusivo as subidas ao morro *Spitzkopf*

4

Turnfahrt auf den Spitzkopf. 19. u. 18. 17. 13.

1. Turnersmann auf einer Reis'
Wohl recht gut zu leben weiß.
"barne see" und fette Würst-
schaffen einen guten Durst.

3. Dort tranken wir viel echtes Bier,
Doch auch Gazosa gab es hier.
Und ein paar Aeren aus Altona
Die tranken Schnaps, wem's niemand sah.

5. Ein Fufasteig führte uns gar bald
Hinein dann ins den dinsten Wald.
Der Schweiß fing auch bald an zu tropfen,
Und mancher spürt im Herz ein Klöpfen.

7. Und endlich kam'n wir auf die Spitz,
Dort sucht sich jeder gleich 'nen Sitz.
Die Aussicht war voll Poesie,
Doch sah vor Nebel man sie nie.

9. Dann brach auch bald die Nacht herein,
Wo eigentlich sollt Ruhe sein.
Doch herrschte lange viel Radau,
Manch einem fehlte seine Frau.

11. Wir machten auch gleich Feuer an
Und kochten uns was Warmes dann.
Vom Kaffee u. von guten Brocken
ward Leib u. Seele wieder trocken.

13. Von Gräser traten wir alsdann
Die Heimkehrzeit endlich wieder an.
Bei Moser in fideler Rund,
Da gab's noch zu 'ne Abschieds-tund.

2. Aus Blumenau da fuhren wir fort,
Weil zu bekannt uns war der Ort
Sachtlebens Tonda, ganz charmant,
Die stillte uns am ersten Brand.

4. Zu Gräser fuhren wir sodann,
Wo ausruhen konnte jedermann.
Das Essen war hier gar nicht teuer,
Denn aßen wir gleich ein Schock Bier.


6. Bald talwärts ging', bald in die Höh,
Da taten uns die Beine weh.
Nachdem wir aber 'in'n gehoben,
Da sind wir wieder fortgeschoben.

8. Nun sorgte jeder für die Nacht,
Vorgeht, was er mitgebracht.
Auch Hütten wurden aufgeschlagen,
Dass man sich nicht verkühlt den Magen.

10. Am nächsten Morgen, es war brass,
Da war'n wir alle ganz durchnass
Vom Nebel, 'sich doch eine Schande,
Dass so was vorkommt hier zu Lande.

12. Nun ging's auch an den Abstieg bald,
Viel schneller kam'n wir durch den Wald.
Man ruckelt, ruckelt, flog, zerstach den Hintern,
Kamn' langt' der Schnaps, den Schmerz zu lindern.

14. So endete die ganze Reis'
Sehr glücklich und in schöner Weis.
Und alle, die sie mitgemacht,
Die haben gern an sie gedacht. B.



Kleiner Singsang über unsere Männerriege.

1. Jener verlorst Nice, der kürzt sich aus
Und singt auf künft'ig mit ihm aus,
So ist ja künft'ig manufakt sitzen
Manchmal grommt Klugheit, auf künft'ig künft'ig.
Dass es nun ja ein Turnersmann.

3. Jener Lautsch war auf jenen rauch stund,
Dass ist auf wirklich nicht gesünd.
Gardelstimmu hat es aber,
Ne flussf Jemmerst ist jenen lieber.

2. Tomiris, Klopferstuckstücken,
Kam sie beim Kirschen. Keine auf besten.
Auf sitzt man jener künft'ig an,
Dass es nun ja ein Turnersmann.

4. Jener Lischer u. jener Elke dann,
Von jenen sitzt man auf Kirschen an.
Die fottan, runden, grüßten, Kirschen
Am langen fest und auf am gissen.

Fonte: Turnverein Blumenau– Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau)

Passeio ginástico ao *Spitzkopf*⁴³

1. Um ginasta a passeio
bem sabe o bem que lhe faz
carne seca e linguiça a bordo
lhe causam uma sede danada.
2. Partimos de Blumenau
pois por demais conhecíamos o local
A venda do *Sachtleben*, toda charmosa,
Nosso fogo inicial ajudou acalmar.
3. Genuína cerveja ali entornamos
Gasosa igualmente bebemos
Alguns cavalheiros de Altona, porém
tomaram cachaça se ninguém olhasse.
4. Até o *Gräservia*amos então
Onde todos descansaram
Comida não era cara
Devoramos uma dúzia de ovos.
5. Dali sem demora uma trilha levou
A nós todos pra mata sombria
Suor a pingar das faces
Coração a bater bem mais forte.
6. Ora pra cima, ora pra baixo,
As pernas o esforço acusaram
Mas não nos abandonaram
Depois de um trago ardente.
7. Ao pico chegamos finalmente
Para logo descansarmos em qualquer lugar
Mas o poético panorama
A neblina escondeu sem nos poupar.
8. A noite chega para ficar
E lanche para se alimentar, dos sacos foi tirado
Após erguer improvisado
Abrigo para não se resfriar.
9. Trevas e a noite dominando
Devíamos repousar
A barulheira, porém, por horas durou
A muitos faltou a mulher.

⁴³ Tradução realizada por Selma Rutzen.

10. Dia seguinte, impressionante!
A todos molhou da cabeça aos pés
A neblina, sem trégua, nos desafiou
Nesta terra do sol, refém nos tornou.
11. Ao fogo então apelamos depressa
Comida quente preparamos
Saboreado o café e o bocado salgado
Secou o corpo e a alma cresceu.
12. Sem demora a descida iniciamos
Passar pela mata foi bem mais fácil
Escorrega e tomba, o traseiro castiga
A cachaça foi pouca para os doloridos.
13. Nosso retorno no Gräser iniciou
Viagem ao lar finalmente
No Moser, no entanto, mais uma rodada
Para comemorar final do passeio.
14. Assim encerrou-se a excursão
De modo feliz, com satisfação
E todos que juntos a empreenderam
Lembranças das boas guardaram para sempre.
(*TURVENREIN BLUMENAU*, 1913).

O poema apresenta indícios de que as excursões se caracterizavam como momentos de diversão e sociabilidade entre os associados. Como destacado na fonte, nota-se que as atividades eram regadas a bebidas e comidas típicas de origem alemã, como as linguiças e as cervejas, mas também havia o consumo de cachaça, bebida típica do Brasil. Outro ponto bastante evidenciado na fonte, refere-se à extrapolação das atividades para momentos que iam além das sessões de ginástica. As caminhadas traduziam-se por momentos mais livres, em que as sensações do contato com a natureza eram permitidas. O calor, o frescor da mata, a névoa, a neblina resultavam em experiências alegres e divertidas, e que proporcionavam uma outra dimensão educativa aos associados. Se nas sessões de ginástica, no interior dos salões ou no próprio pátio aberto, as regras, os exercícios eram mais rígidos e regrados, as práticas realizadas na natureza, resultavam em um processo de educação do corpo mais sutil e sensitivo.

Assim as atividades desenvolvidas pelo grupo de ginastas possuíam estreita relação com os elementos da natureza, como atividades no rio, caminhadas na mata selvagem, expedições à morros próximos da localidade de Blumenau. Pelo fato do

principal instrutor da *Turnverein Blumenau*, Curt Böttner também ser o fundador em 1913 do primeiro grupo escoteiro da cidade, muitas das atividades realizadas por esse agrupamento também aconteciam em parceria com a associação ginástica. Tais práticas realizadas tanto pela sociedade ginástica, como pelos próprios escoteiros, denotam que a relação entre corpo/natureza/educação circulava de forma substancial entre os blumenauenses. Em 1916, por exemplo, dezenove escoteiros foram a pé até a capital do Estado de Santa Catarina, a cidade Florianópolis (cerca de 150 km de distância) e retornaram com o vapor até Itajaí após nove dias de jornada. O Jornal *Der Urwaldsbote* retratou assim a expedição:

Nossa primeira grande viagem iria levar-nos a Florianópolis, uma “terra incógnita” para a maioria dos nossos rapazes. Os preparativos necessários para grandes caminhadas foram feitos, foi concluído com sucesso um exercício final de 40 km com bagagem e definiram-se os requisitos essenciais para caminhadas. Assim a viagem pode começar! Na manhã de quarta-feira antes da Páscoa a animada tropa de 19 escoteiros e seu chefe se encontraram na estrada para Gaspar. [...] Em pouco menos de três horas chegaram em Gaspar onde fizeram uma longa pausa. Motoristas que passavam com carro vazio pela estrada levaram-nos de bom grado por um bom trecho, o que nos permitiu chegar as 12 horas em Barracão. Rapidamente deitamos as mochilas, tiramos os utensílios de cozinha e logo fervia a sopa verde sobre um intenso fogo. [...] Os últimos 12 km de uma excelente estrada até o Estreito foram concluídos na manhã seguinte. E desta forma, após quase 2 horas de marcha, chegamos no porto do Estreito e admiramos a bela vista diante de nós. Nos arrumamos rapidamente para melhorar a aparência para que pudéssemos causar uma boa impressão na nossa entrada na capital do estado. A travessia transcorreu sem problemas e do cais do porto marchamos unidos e firmes até o Hotel Metropol, onde fomos recebidos com muita hospitalidade pelos cordiais proprietários. Através da intermediação do Sr. E. Fragoso, pai de um dos nossos companheiros, tivemos a honra de ser recebidos pela Excelência, o Senhor Governador (DER URWALDSBOTE, 2 mai. 1916, s.p).

O relato fornecido pelo periódico local sublinha que a caminhada foi bastante exitosa. Após ampla preparação para sua realização, os escoteiros e seu instrutor estavam aptos para seguirem até a cidade de Florianópolis. A intensidade e a dificuldade do percurso parecem ter sido superadas pela pertinência e pela beleza da contemplação da paisagem quando da chegada à capital catarinense. Destaca-se ainda a recepção dos jovens blumenauenses pelo governador do estado, após sua formidável excursão.

Por sua localização privilegiada, Blumenau por meio da sociedade ginástica, possibilitava a descoberta de distintos divertimentos relacionados a natureza. A *Turnverein Blumenau* assim ocupou lugar significativo na utilização destas novas possibilidades corporais. Somados às sessões de ginástica realizadas

principalmente durante a semana, as atividades realizadas ao ar livre e na natureza, apareciam como possibilidades de encontros entre os ginastas e suas famílias durante os finais de semana. Eram momentos de sociabilidade e diversão, onde um projeto mais amplo de educação do corpo se materializava.

Neste sentido, ao final da primeira década do século XX, a associação já encontrava bastante consolidada como importante espaço de sociabilidade na cidade, bem como para toda a região do Vale do Itajaí, o que inclusive culminou no ano de 1915 com a criação de uma da Liga Suprarregional que buscava aproximar as sociedades ginásticas das cidades circunvizinhas. Estes elementos foram aprofundados na sequência do presente capítulo.

4.4 A CRIAÇÃO DE UMA LIGA SUPRARREGIONAL: O LUGAR ITAJAÍ-GAU PARA O DESENVOLVIMENTO DA GINÁSTICA NO VALE DO ITAJAÍ – SC

Quitau (2016) salienta que, influenciados pelos movimentos de criação de organizações suprarregionais, os *Turners* alemães também buscaram constituir ligas e federações similares aos da *Deutsche Turnerschaft*⁴⁴ que resultaram em certa unidade para o movimento associativo ginástico. Levien (2013) e Assmann, Pereira e Mazo (2020) indicam, por exemplo, a criação da *Deutsche Turnerschaft von Rio Grande do Sul* (Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul), em 20 de outubro de 1895. Para as autoras, de forma geral, as ligas, constituíam-se como importante elo entre as sociedades ginásticas espalhadas pelo estado do Rio Grande do Sul, por meio da organização de encontros, da formação de instrutores e principalmente pelas festas locais, regionais e estaduais, chamadas de *Turnfest*.

Levien (2013) indica que com a criação da Liga no Estado do Rio Grande do Sul foi realizado o 1º Campeonato Aberto de Ginástica do Brasil, com a participação de seis diferentes instituições: *Turnerbund* (Sociedade de Ginástica de Porto

⁴⁴ Ao analisar de forma mais detalhada o *Deutsches Turnfest*, realizado na Alemanha, Patrício, Bortoleto e Carbinatto (2016) apontam que os festivais alemães de ginástica estiveram fortemente relacionados com a própria dinâmica em que o país vivia nos séculos XVIII e XIX. Como apontado pelos autores a celebração da ginástica, em seus festivais, “primou pela demonstração da unidade, força, coragem e preparo do jovem alemão para atuar vigorosamente pelo povo e pela pátria”.

Alegre); *Turnverein de São Leopoldo*; *Turnverein de Lomba Grande*; *Turnverein de Taquara*; *Turnverein de Santa Cruz*; *Turnverein de Novo Hamburgo*. Mazo e Lyra (2010) por sua vez, apontam que a organização da *Deutsche Turnerschaft von Rio Grande do Sul* buscava, ao mesmo tempo, a preservação da cultura e dos costumes germânicos e o fortalecimento da união entre as sociedades ginásticas alemãs, alimentando seu forte caráter nacionalista. Sua criação não se resumia apenas ao fortalecimento da ginástica, mas também, apontava para a manutenção da garantia de uma maior unidade cultural entre os imigrantes alemães e seus descendentes.

Em Santa Catarina a fundação de uma liga com os mesmos fins ocorreu apenas no ano de 1915, com a criação da *Itajahy-Gau*, conforme evidenciam os estudos de Petry (1982), Quitzau (2016) e Wieser e Krüger (2019). Quitzau (2016) salienta que as primeiras tentativas de se formar uma liga das sociedades ginásticas catarinenses se iniciam em 1901, quando a *Turnverein Blumenau*, aproveitando o convite que fizera às demais associações da região, propôs a discussão sobre uma possível fundação de uma entidade suprarregional. A autora lembra que neste encontro, que teve a presença das sociedades de Blumenau, Brusque e Joinville, definiu-se o objetivo desta futura liga: fomentar o *Turnen* como forma de fortalecimento corporal e moral. O evento além de indicar esse intento maior da entidade apresenta outras finalidades como a fundação de *Turnvereine* em locais da região que não possuísem este tipo de instituição, a realização de levantamentos estatísticos buscando identificar a quantidade de sociedades, ginastas, instrutores, a publicação de um livreto/periódico trimestral da Liga e a organização das *Turnfeste*. Neste mesmo encontro, chegou-se a determinar que os livretos/periódicos deveriam ser utilizados como manuais pelos instrutores de ginásticas das instituições pertencentes à entidade.

Torna-se importante ressaltar que a criação de um livreto/periódico da própria Liga Suprarregional, algo efetivado no ano de 1915, possibilitou maior comunicação entre as diversas sociedades ginásticas presentes no Vale do Itajaí, contribuindo na construção de uma unidade identitária entre seus associados, ligação esta, vinculada ao desenvolvimento do ginasta teuto-brasileiro. Tais publicações buscavam divulgar uma noção de germanidade a partir da preservação do *Turnen* em terras brasileiras. Os escritos presentes em tais publicações buscavam também descrever de forma clara como estas instituições deveriam ser geridas. Tanto que

era comum informações relacionadas às regras de permissão para o ingresso nas associações de ginástica que compunham a liga e modelos de comportamento exigidos aos associados.

Porém, Petry (1982), Quitzau (2016) e Wieser e Krüger (2019) salientam que a fundação da Liga Suprarregional no Vale do Itajaí se deu apenas no ano de 1915, quando os representantes das sociedades de Blumenau, Brusque, Indaial, Hansa e Timbó aprovam sua criação. A organização da referida entidade esteve atrelada à realização da primeira festa organizada pelo *Turnvereine Blumenau*, na qual ficou denominada como 1ª *Deutsche Turnfest da Itajahy-Gau*. Cabe destacar que ao longo de sua existência, a liga realizou ao todo mais cinco outras festas deste tipo, tendo encerrado suas atividades na década de 1930.

A fonte a seguir apresenta a publicação veiculada em um jornal da cidade no ano de 1915, na notícia foram expostos os objetivos, finalidades e regras da Liga Suprarregional:

As leis fundamentais da região de Ginástica do Vale do Itajaí. (Aprovadas no 1º Encontro de Ginastas no dia 9 de outubro de 1915 em Blumenau):

1º A região de ginastas abrange todos os associados e sociedade de ginástica de toda a região de Itajaí (os municípios de Blumenau, Brusque e Itajaí), em Santa Catarina – Sul do Brasil.

2º O propósito da liga é o cumprimento dos deveres dos ginastas alemães, portanto, o desenvolvimento da ginástica alemã como um meio de fortalecimento do corpo e do comportamento, bem como a preservação da consciência do povo alemão (e consciência da pátria), com exclusão de toda ambição política. Os meios para a obtenção destes propósitos estão baseados nas leis das associações de ginástica alemãs.

- a) A concentração das associações para um encontro regional e o desenvolvimento útil da última.
- b) O dia dos encontros regionais.
- c) As reuniões de instrutores e dos seus representantes.
- d) As festas regionais, as demonstrações e as excursões
- e) O preparo de instrutores
- f) As obrigações dos representantes, instrutores e do conselho regional
- g) A caixa regional
- h) As comunicações regionais (BLUMENAUER ZEITUNG, 29 mar. 1915, s.p).

As finalidades da liga fornecem indícios sobre o papel atribuído tanto para a recém-criada entidade, como para a própria ginástica alemã de forma geral. Seus elementos identitários de fortalecimento do corpo, desenvolvimento de aspectos morais e a preservação da cultura alemã continuam bastante presentes, mesmo com a presença de discursos que buscavam evidenciar que essa exaltação étnica

não possuía pretensões políticas maiores. Todavia, percebe-se nos documentos oficiais da liga recém-criada que tal questão era puramente retórica, pois existia a menção da necessidade de desenvolvimento físico por meio dos exercícios, mas também da moral, do comportamento e da preservação da consciência do povo alemão.

Quitau (2019) salienta que este conjunto de regras era chamado de *Hausordnung*, ordem da casa em uma tradução literal. Porém eram os estatutos que definiam os objetivos, as finalidades e as regras de funcionamento da entidade. Embora pudessem ter algumas diferenças entre as diversas associações, alguns pontos eram comuns em todas elas. Quitau (2016; 2019) indica que estes documentos evocam em sua maioria a composição do quadro de associados, indicação de seu caráter apolítico e de forma destacada os objetivos das associações. Mazo e Lyra (2010) acrescentam ainda, que as Ligas buscavam manter o predomínio da língua alemã em seus estatutos, documentos e comunicados, o que em certo sentido sublinha seu caráter de manutenção da germanidade.

A menção contrária às ambições políticas da liga justifica-se, entre outros fatos, pela ambiência social e política existente naquele momento. Conforme apontam Magalhães (1998), Nadalin (2000), Santana (2010), Oliveira (2012) e Nadalin e Fabris (2012), estava em curso a Primeira Guerra Mundial e a Alemanha foi declarada pelo governo brasileiro como um país inimigo. Neste sentido, uma instituição marcadamente étnica, em que buscava a celebração e enaltecimento da germanidade, não poderia apresentar posicionamento político, pois resultaria em um profundo desacordo com os interesses brasileiros. Este aspecto ficaria ainda mais visível na década de 1930, quando, devido às políticas de nacionalização estabelecidas pelo governo federal, as instituições estrangeiras tiveram que mudar jornais em língua estrangeira tiveram sua circulação proibida, entre outras mudanças estruturais impostas aos grupos imigrantes (GERLACH, KADLETZ E MARCHETTI, 2019).

A menção da finalidade não política da instituição aparece como tentativa da construção de um discurso de neutralidade. Porém, essa retórica evidencia uma grande contradição, na medida em que deixava muito claro o objetivo de

manutenção da etnicidade alemã. A sequência das normas ressalta outros pontos importantes sobre a criação da Liga Suprarregional:

[...] 3º A inclusão das sociedades terá que ser solicitada por escrito ao presidente regional e incluir a mesma na associação dos ginastas alemães. A abertura de novas sociedades da ginástica no mesmo lugar só será possível se ocorrer a desintegração do trabalho ginástico.

4º Dar lugar à formação de uma nova sociedade, só se não houver oportunidade de impedir a desintegração.

5º A retirada da Sociedade Regional terá que ser comunicada por escrito ao presidente regional

6º A exclusão de uma sociedade só pode acontecer com 2/3 da maioria e pela decisão do presidente; isto acontece se a mesma sociedade estiver com dois anos em atraso com as contribuições regionais ou se a mesma agiu contra as leis que regem a associação de ginástica alemã

7º Os dias de encontro regionais acontecerão de dois em dois anos (BLUMENAUER ZEITUNG, 29 mar. 1915, s.p).

A passagem evidencia que somente seria possível a criação de novas associações em localidades nas quais não existissem estabelecimentos do gênero ou onde as instituições existentes não estivessem praticando a verdadeira ginástica alemã. Outro item presente no regulamento refere-se à indicação da periodicidade dos encontros entre as entidades conveniadas, evidenciando a intenção de elaboração de um calendário específico para a prática da ginástica, assim como acontecia em outras ligas, conforme apontam Levien (2013), Wieser e Krüger (2019) e Assmann, Pereira e Mazo (2020).

Como dito anteriormente uma das formas estabelecidas pela liga para difusão de seus valores foi a produção de um periódico trimestral. Sendo assim, em 1916 foi publicado e divulgado entre as diversas sociedades e compunham a liga o primeiro número da publicação da *Itajahy-Gau*:

“Gut Heil⁴⁵”. A todos as saudações companheiros e amigas regionais de nossa ginástica. A ginástica alemã também deverá servir ao nosso modesto “Mitteilungen⁴⁶”. Através desta publicação queremos criar uma união espiritual que abranja todas as sociedades de ginástica da região. Mas tudo requer seu tempo, e pedimos desculpas se este primeiro número ainda não saiu a contento. Também comunicamos que todo o material de ginástica a ser usado no próximo encontro regional, publicaremos no próximo número. A rubrica “Para a quadra de ginástica”, a partir de agora, será sempre mais enriquecida. A questão do instrutor e do ginasta demonstrador será deles escolher o material para os exercícios. Para a complementação e escolha de bons exercícios, ainda dependemos de bons livros e revistas explicativas alemãs. Mas também esperamos que entre nós surjam pensadores e iniciantes bons para a arte da ginástica. “Gut Heil”. Blumenau, março de 1916. Ass. G. Arthur Kohler⁴⁷ – presidente regional” (ITAJAHY-GAU, 1916, s.p).

A fonte evidencia que o referido projeto editorial só foi possível pela presença de Gustav Arthur Kohler, então presidente da *Turnverein Blumenau* e da Liga recém-criada, que por ser proprietário de um jornal que já publicava diferentes materiais impressos, possibilitou a produção deste material. A publicação buscava se tornar importante material de subsídio e referência para a realização das verdadeiras práticas alemãs nas diversas instituições associadas a liga.

Neste primeiro material produzido pela Liga existe a menção a como deveria ser o funcionamento das sessões de ginástica nas associações que compunham a entidade, além de indicações sobre os preparativos relativos ao primeiro encontro a ser organizado pela liga:

[...] A todos os instrutores solicito que façam um fiel registro sobre a frequência das aulas. Isto se faz necessário para uma boa função da ginastica. Já recebemos no dia 09 de abril o plano para o Primeiro Encontro Regional de Ginástica. Espero que este encontro seja bem frequentado. A minha iniciativa para formar uma caixa de assistência aos ginastas masculinos foi bem recebida e já podemos contar agora em caixa com 45\$640 Rs. Qualquer contribuição pode ser enviada à minha pessoa. O recibo será fornecido de meio em meio ano. Blumenau, 29 de março de 1916. Ass. Ass. G. Arthur Kohler (ITAJAHY-GAU, 1916, s.p).

⁴⁵ Termo utilizado como cumprimento entre os ginastas. Tal expressão é encontrada com frequência tanto nos documentos oficiais das sociedades ginásticas espalhadas pelos estados do Sul do Brasil, como também nos jornais das cidades (QUITZAU, 2016).

⁴⁶ Na tradução literal da palavra, significa anúncios.

⁴⁷ Arthur Koeler chegou em Blumenau em 1892 e era sobrinho dos irmãos Hering, importantes industriais da cidade. Além de ginasta e presidente da *Turnverein Blumenau* a partir do ano de 1895, foi proprietário de um dos importantes jornais da cidade, o *Der Urwaldsbote* que com frequência noticiava assuntos relacionados a instituição. Em sua gestão, a associação adquiriu um terreno adequado para a construção do pavilhão de ginástica e que serviu de local para a prática e apresentações de ginástica (GERLACH; KADLETZ; MARCHETTI, 2019).

A fonte fornece pistas para visualizar que era de responsabilidade dos instrutores o acompanhamento da frequência dos ginastas nas sessões. Afinal, somente a partir da responsabilidade e da assiduidade que os preceitos da ginástica alemã seriam desenvolvidos a contento. O trecho destaca ainda o entusiasmo da espera para o primeiro grande evento a ser promovido pela liga. Tratava-se de um projeto educacional que requeria dos ginastas respeito, fidelidade e comprometimento à prática da ginástica.

Estes encontros chamados de *Turnfeste* celebravam, a partir da reunião de diferentes associações pertencentes à Liga, os ideários ginásticos alemães. Quitzau (2016) salienta que estas atividades tinham em comum o compartilhamento de uma programação composta por exercícios ginásticos e jogos, apresentações coletivas e um baile social. Cabe destacar que todas essas ações eram quase sempre regadas com muitos discursos e canções que expressavam o apreço pelo *Turnen*.

As pesquisas realizadas por Mazo e Lyra (2010) e Quitzau (2016) apontam que de uma forma geral as festividades apresentavam quase sempre os mesmos cronogramas. Segundo apontam as autoras um primeiro dia era reservado para recepção dos representantes das diversas associações, acompanhado de baile com seus discursos e inúmeras apresentações (teatro, música, ginástica), o segundo dia era considerado o principal e era composto pelas disputas entre os ginastas, sempre iniciadas com um desfile pelas ruas da cidade. Estes certames materializavam o resultado das práticas de treinamento físico sistemático ao longo do ano, confrontos estes avaliados por árbitros que definiam os critérios para a determinação dos vencedores.

A imagem a seguir refere-se ao convite elaborado pela Liga para a primeira *Turnfest* da *Itajahy-Gau*. Certos elementos identitários da sociedade e de forma geral da própria ginástica alemã, eram incutidos nos documentos produzidos pela Liga Suprarregional.

Figura 39 Convite para o primeiro encontro Regional de Ginástica promovido pela *Itajahy-Gau*



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau)

Ao analisar a fonte, mais uma vez destaca-se a presença da expressão “*GutHeil*”, utilizada como cumprimento entre os ginastas participantes das sociedades ginásticas, além da representação dos quatro “Efes” em formato de cruz (*Turnerkreuz*), presentes nas partes superiores direita e esquerda da imagem. Assim como em outros documentos, já citados, como no título de honra ao mérito e no certificado de participação em evento promovido pela associação blumenauense, o convite elaborado pela Liga também possuía a presença da figura de Jahn representado no centro pelo seu busto. Seyferth (2004), Braun (2011), Quitzau (2016), Assmann, Mazo e Silva (2017), Assmann, Silva e Mazo (2021) salientam que a presença dos quatro “Efes” seria aquilo que Jahn apontava como o verdadeiro ginasta, características centrais para que o indivíduo pudesse lutar pelo que é bom e pela liberdade que lhe é um direito. Assman, Mazo e Silva (2017) lembram que a presença dos quatro “Efes” se relacionava ao lema a ser compartilhado pelas associações de *Turnen*, algo bastante presente em todas as sociedades ginásticas alemãs no Brasil⁴⁸.

⁴⁸ Tais símbolos identitários também foram encontrados em outras pesquisas. Mazo e Lyra (2010), ao analisar a figura de Georg Black, considerado um dos principais propagadores da ginástica alemã e

Por meio dos convites, que circulavam nas cidades onde existiam associações, a prática da ginástica alemã era divulgada, enaltecida e propagada. As *Turnefeste* tornaram-se os espaços de interação entre as diversas associações, convertendo em lócus de rememoração dos ideais ginásticos alemães. Contudo, tais momentos eram também uma oportunidade de mostrar para os indivíduos que não frequentavam as sociedades ginásticas o trabalho desenvolvido durante todo o ano, tornando assim, uma propaganda positiva da vida associativa. Como salientado por Quitzau (2016), nos torneios, as competições entre os ginastas eram os momentos mais aguardados e que atingiam um maior contingente de indivíduos. A autora, porém, adverte que é preciso compreender a conotação de vencedores nos festivais ginásticos, pois tratava-se não do estabelecimento de um pódio (1º, 2º e 3º colocado), mas sim pela premiação a todos aqueles ginastas que conseguissem atingir a uma pontuação mínima determinada pela comissão organizadora⁴⁹.

Percebe-se aqui, que tal comparação entre os desempenhos dos ginastas era algo bem distinto das ocorridas nas práticas esportivas, visto que a competição não se traduzia como o fim do processo. Isto é, o principal objetivo da ginástica transcendia a vitória, pois, como mencionam as fontes apresentadas, tratava-se de um espaço de encontro, diversão, educação e, sobretudo, de celebração da ginástica alemã. Esta afirmação pode ser comprovada logo em seguida, quando da apresentação do relatório do primeiro encontro, realizado pela liga, em que não se encontra nenhuma menção aos vencedores das competições, mas sim ao importante movimento de exaltação da ginástica alemã como um todo (*ITAJAHY-GAU*, 16 out. 1916, s.p).

Mazo e Lyra (2010) a partir da análise da *Deutsche Turnerschaft von Rio Grande do Sul* advertem que o maior evento promovido pela Federação era o *Allgemeine Turnfest* (Festival de Ginástica Geral), que tinha como escopo não

precursor da Educação Física e dos Esportes no Estado do Rio Grande do Sul. No estudo de Livien (2013), em sua análise sobre a *Leopoldenser Turnverein*, na cidade de São Leopoldo, Estado do Rio Grande do Sul; e no estudo de Lisboa (2015) em que também encontra os quatro “Efes” nos documentos produzidos pela *Turnerschaft-Club Gymnastico*, sociedade ginástica localizada na cidade de Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais.

⁴⁹ Como indicado nas fontes, a comissão organizadora na maioria das vezes era composta pelos instrutores das diversas sociedades que compunham a liga, com destaque para os instrutores da *Turnverein Blumenau*, que em cada evento se reuniam e decidiam os códigos e critérios a ser avaliados nas competições entre os ginastas.

somente a prática dos exercícios ou mero entretenimento, mas buscava o despertar de um sentimento de união e reforço da identidade dos alemães. De acordo com as autoras os festivais ginásticos, com a presença de várias associações, eram intercalados por eventos menores, mas sempre com público considerável, sobretudo de indivíduos de origem alemã.

Levien e Rigo (2013) acrescentam que a partir da fundação da Liga Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul (*Deutscher Turnerschaft von Rio Grande do Sul*), tornam-se frequente seus festivais ginásticos, que iniciaram no final do século XIX e se estenderam até meados de 1930⁵⁰. Era em eventos desse tipo que se colocava a prova o desenvolvimento técnico por meio da comparação dos resultados entre os ginastas. Era possível realizar análises e fazer comparações entre os ginastas das diferentes associações. No caso específico da *Turnverein Blumenau* tal questão se torna ainda mais relevante, visto que um conjunto significativo de fontes apontam para a qualidade dos instrutores, bem como a excelente preparação conseguida pelos ginastas. Tais elementos também são encontrados com frequência em outros estudos quando da análise das *Turnfeste* realizadas no Brasil.

No dia 9 de abril de 1916 foi realizado o primeiro encontro promovido pela *Itajahy-Gau*. As passagens utilizadas abaixo apresentam o cronograma detalhado do encontro, bem como sua repercussão na imprensa blumenauense. A primeira fonte publicada no periódico da liga, trata-se de um documento interno produzido pela entidade e enviado às sociedades, onde se expunha a ordem dos exercícios e das atividades a serem desenvolvidas:

“O 1º Encontro Regional de Ginástica”
Domingo, 9 de abril 1916, em Blumenau.

⁵⁰ O primeiro festival realizado pela liga do Estado do Rio Grande do Sul ocorreu em Porto Alegre um ano após sua criação (1886), tendo a participação de seis diferentes entidades (*Leopoldenser Turnverein*, *Turnverein Santa Cruz*, *Turnverein de Lomba Grande*, *Turnverein de Novo Hamburgo*, *Turnverein Taquara* e *Turnenbund de Porto Alegre*). Entre ações promovidas, destaca-se as exhibições dos exercícios físicos na barra e paralelas assimétricas, os exercícios populares e as passeatas pelas ruas da cidade. Nos festivais regionais de ginástica (*Gauturnfeste*), assim como também nos *Turnfeste*, eram elaborados os programas-convite em que incluía toda a programação do encontro, com horários determinados, ordem das apresentações, local e horário de recepção dos convidados, relação de entidades participantes. Tais práticas eram marcadas por grande integração entre as sociedades e reafirmavam sua identidade étnica e cultural. Após a realização do primeiro festival em 1886 houve outros nos 1899, 1901, 1903, 1907, 1921, 1927 e 1935 (LEVIEN; RIGO, 2013).

Plano de exercícios

Pela manhã:

7 – 7:30: Marcha de apresentação, exercícios em geral.

Conteúdos:

A) Exercício corporal.

B) Exercício de equilíbrio

C) Exercício de destreza

7:30 – 8:00: Exercícios na barra

8:00 – 8:30 Palestra sobre a ginástica em geral, o desenvolvimento de diversos grupos, assistência, etc.

8:30 – 9:00: Exercícios nos aros (argolas).

9:00 – 9:30: Exercícios de ordem, perfilhamento e fechamento das filas, seguidos por exercícios de clavas.

9:30 – 10:00: Saltos em altura

10:00 – 10:30: Pausa para merenda

10:30 – 11:00: Nova marcha de apresentação. Exercícios com bastão:

11:00 – 11:30: Corrida de obstáculos.

11:30 – 12:00: Lançamentos de pesos.

De tarde: Jogos

3:00 – 3:15: Pega ladrão

3:15 – 3:30: Corrida de pegar

3:30 – 4:00: Corrida de barras

4:00 – 4:15: Pausa

4:15 – 4:30: Sato sobre o outro

4:30 – 4:50: Pega ladrão

4:50 – 5:10: Pausa

5:10 – 5:25: Jogo de bola em círculo

5:25: - 5:40: Corrida de estafeta

5:40 – 6:15: Mata soldado

Os exercícios de ginastica e jogos terão lugar no pátio de ginástica da “*Neue Schule*” de Blumenau. Em caso de mau tempo será escolhido outro lugar. Diretor do 1º Encontro Regional” (ITAJAHY-GAU, 1916, s.p).

O programa apresentado dividia-se em três grandes conjuntos de atividades: os exercícios gerais; as práticas com a utilização dos materiais e os jogos. Destaca-se também a presença dos desfiles/marchas dos ginastas, realizados no início da manhã e início da tarde, como também da palestra oferecida com o intuito de aprimoramento dos conhecimentos dos instrutores e ginastas.

Quitzeu (2016) ressalta que estes encontros foram mantidos até a década de 1930. A autora salienta ainda que tais festividades eram basicamente compostas por cantos, um baile, discursos, as apresentações de ginástica e o desfile. Para Quitzeu (2016), a partir dos trabalhos de Duding (1984), Thomas (2001) e Krüger (2011), os cantos acompanharam todo o movimento ginástico desde sua formulação, pois Jahn os considerava um meio de se falar com a juventude, uma forma de internalizar

valores considerados necessários para a formação do verdadeiro alemão. Grützmann (2008) acrescenta que era principalmente por meio das canções em alemão que o germanismo era mobilizado e conservado. Os cânticos entoados pelos imigrantes e seus descendentes nos encontros entre os ginastas oportunizavam um constante regresso simbólico a sua *Heimat* alemã (terra natal), que relembra o passado e mantinha acesso na memória à importância da manutenção do germanismo, tornando-se um dever a ser cumprido pelos ginastas⁵¹.

O progresso do Brasil e a contribuição dos imigrantes alemães e seus descendentes estaria atrelada, conforme evidencia Grützmann (2008), a um conceito de cidadania sustentada em um critério étnico, a germanidade, que por sua vez era mantida pela língua, pelas canções e pelas virtudes morais. Esta manutenção era alcançada a partir de uma base comum: a fidelidade. As canções entoadas em alemão eram um dos principais elementos pedagógicos nos quais os imigrantes e seus descendentes deveriam focar para continuarem ligados aos valores germânicos, mesmo estando em terras distantes como as brasileiras. O que parece ter acontecido é que a criação da Liga Suprarregional, bem como das próprias associações ginásticas, foi mais uma das ferramentas encontradas para o desenvolvimento destes ideais.

Rosbach (2008), ao analisar as associações de canto na região de Blumenau no início da colonização alemã, indica que era muito comum o retrato em poesias e canções sobre o desejo de uma vida melhor no novo território e as saudades da terra natal. Para o autor cantar em alemão referia-se a uma prática indispensável à sociabilidade, ao fortalecimento e à manutenção de elos culturais e sentimentais com a Alemanha. Ao direcionar seu olhar para a cidade de Blumenau, Rosbach (2008) aponta que a vida musical dos imigrantes nos primeiros anos da colônia baseava-se na música feita na igreja, na família e nas oportunidades de convívio social, como por exemplo os encontros nas distintas associações existentes na localidade.

⁵¹ Nos primeiros 20 anos de existência da Colônia Blumenau, existiam também duas entidades destinadas as práticas do canto. A primeira foi fundada no ano de 1863, intitulada de *Gesangverein Blumenau* e a segunda fundada em 1864, sob o nome de *Gesangverein Freundschafts-Verein*.

Santos (2012) acrescenta que os cantos eram uma ferramenta importante nos processos educativos das crianças, pois auxiliavam na aprendizagem da língua materna e serviam para a inculcação de valores culturais e para a preservação da identidade étnica amparada no domínio da língua alemã. Assim, a presença dos cantos e das canções, assumiu um papel relevante na celebração e manutenção da identidade dos imigrantes e de seus descendentes. Seyferth (2004) sublinha ainda que este novo modo de viver em um contexto longe da terra natal resultava em uma reinvenção da “civilização” germânica no território colonizado, que passo a passo incorporava as mudanças sociais e culturais presentes neste novo espaço. Nesta transformação os indivíduos não renunciavam aos ideais de *Volkstum* e *Kultur*, pois segundo a autora para as pessoas com formação, era possível ter uma alta cultura associada à atividade criadora do “espírito alemão”, por meio das músicas, dos cantos/cânticos, das poesias, dos romances, das peças teatrais e de todas as sociabilidades oportunizadas nos espaços denominados de *Verein* (associação).

Para além dos cantos em alemão, outro elemento presente nas fontes relativas às *Turnefeste* era aquele relacionado aos exercícios de ordem e perfilhamento. Segundo apontam Mazo e Lyra (2010), Silva, Pereira e Mazo (2012) e Quitzau (2016), tais atividades tinham um formato de apresentação coletiva e consistiam num importante símbolo do associativismo existente entre os praticantes. Quitzau (2016, p.141), ao analisar essas apresentações coletivas, enfatiza os seguintes aspectos:

Ao conciliar uma grande quantidade de indivíduos em execuções quase perfeitas, essas apresentações evocavam determinados valores que eram considerados como característicos do povo alemão e, principalmente, dos ginastas: precisão, disciplina, ordenação voluntária, retidão. A imagem formada por estas apresentações, por sua vez, era símbolo da ideia constantemente evocada por esta comunidade de que a estes indivíduos eram todos parte de um grande todo, de que apenas através do trabalho coletivo baseado em um mesmo ideal seria possível conquistarem seus objetivos. Durante alguns minutos, os ideais constantemente reforçados em discursos festivos e publicações internas destes clubes se corporalizava diante de atentos espectadores.

Esses valores difundidos nessas apresentações coletivas precisavam de outros mecanismos pedagógicos para serem internalizadas pelos ginastas. Um desses espaços formativos eram as palestras ocorridas nos eventos organizados

pela Liga. A fonte encontrada na primeira edição do periódico da liga, após enfatizar a programação sinalizou como seria a palestra que seria ofertada aos ginastas:

“Os instrutores – Curt Bottner e Bruno Hindelmayer”

Como a maioria dos participantes chegará no sábado, dia 08 de abril, acontecerá na mesma noite, às 8 horas, no salão do Restaurante Katz, uma palestra sobre os primeiros socorros em caso de acidentes, com demonstrações práticas. A palestra será feita pelo professor Haack. No domingo à noite acontecerá no salão do “TheaterFrohsinn” um baile público de confraternização, para qual todos estão convidados. (ITAJAHY-GAU, 1916, s.p).

Além da descrição dos encontros regionais, que efetivamente se concretizaram, outro elemento educacional a ser mencionado refere-se à necessidade do preparo dos instrutores por meio de reuniões e encontros. Para um adequado desenvolvimento dos objetivos e finalidades das sociedades ginásticas existentes ao longo do Vale do Itajaí, era necessário a presença de bons instrutores, que dominassem de forma clara e correta os preceitos da ginástica alemã. O destaque nesta fonte se refere a uma palestra realizada pelo instrutor Haack sobre primeiros socorros em caso de acidentes nas sessões de ginástica.

Conforme apontam Mazo e Lyra (2010), Quitzau (2011) e Assmann, Pereira e Mazo (2020), os instrutores/mestres possuíam papéis primordiais para o bom desenvolvimento da ginástica alemã. Para Quitzau (2011), o instrutor deveria ostentar um coração juvenil, ser responsável pela proteção dos ideais da ginástica, além de demonstrar habilidade nos diferentes tipos de exercícios, pois tratava-se de uma condição para ensinar bem a ginástica, assim como perceber os seus reais efeitos. O instrutor tornava-se assim um exemplo a ser seguido, tanto nas sessões de ginásticas, como na própria sociedade como um todo. Nesse sentido, assim como salientam Mazo e Lyra (2010), Quitzau (2011) e Assmann, Pereira e Mazo (2020), os encontros suprarregionais eram oportunidades para os instrutores das diferentes associações se encontrarem e trocarem experiências e conhecimentos relativos à ginástica.

Após a realização do primeiro encontro regional, a liga por meio de suas reuniões e assembleias buscou analisar de forma geral o evento ocorrido em 1916. No periódico da liga alguns fatos interessantes foram elencados.

Relatório sobre o 1º Encontro Regional

Sábado, no dia 9 de outubro no ano passado, nos salões do senhor Katz, em Blumenau, aconteceu o primeiro dia de Ginástica Regional. Os convites para este acontecimento partiram da Sociedade de Ginástica de Blumenau. Foi pedido que para cada 50 sócios pagantes fosse enviado um representante. Atenderem ao convite as seguintes sociedades: Sociedade de Ginástica Blumenau; Sociedade Ginástica de Brusque; Sociedade Ginástica Itajaí; Sociedade Ginástica 18 de Outubro – Indaial; Sociedade Ginástica Jahn, Indaial; Sociedade Ginástica Neu Berlin – Hansa; Sociedade Ginástica Jahn, Timbó. Sem motivos justificados, faltou somente a sociedade Ginástica Fidelis. (ITAJAHY-GAU, 16 out. 1916, s.p).

De forma inicial, o relatório aponta para a presença de diversas associações no momento de realização do encontro regional. Ao todo estiveram presentes nove sociedades ginásticas de diversas cidades da região que enviaram a Blumenau seus instrutores e ginastas. Na continuidade do relato o texto menciona como se deu a configuração inicial da liga:

Depois de apresentações o pastor Mummelthey assumiu a direção da mesma, cumprimentou os presentes e explicou em seguida as metas da nova associação regional de Itajaí. Explicou igualmente que as “Gan Mitteilungen” (Comunicações Regionais) serão editadas de três em três meses. A contribuição para cada associado na associação regional foi fixada em 0\$500 por um período de dois anos. Em seguida passou-se para a eleição do conselho regional e do presidente. Foi eleito por unanimidade G. Artur Koehler. Como instrutores foram eleitos Curt Bottner e Bruno Hindlmeyer. Serão conselheiros Curt Hering – Blumenau, Otto Nidlmeyer – Indaial e Henrich Koch. O orador final foi G. Arthur Koehler, de Blumenau, o qual agradeceu pelo comparecimento de todos para uma união fiel, cujos resultados se fariam sentir para o futuro. A reunião foi encerrada com um aplaudido e entusiástico “GutHeil” (ITAJAHY-GAU, 16 out. 1916, s.p).

A passagem fornece indícios do papel relevante que a *Turnverein Blumenau* exercia ao longo de todo o Vale do Itajaí. Além do presidente ser membro da instituição blumenauense, os instrutores gerais da liga também eram de Blumenau. Curt Bottner, instrutor na *Turnverein Blumenau*, também professor na “*Neue Schule*” (Escola Nova) foi fundador do primeiro grupo de escoteiro de Blumenau e do sul do Brasil. Quitzau (2016) salienta que esse personagem possuía forte relação com a associação, visto que as atividades, passeios e excursões possuíam a presença tanto de seus alunos da escola, como também dos ginastas da associação. Já Bruno Hindlemeyer era o instrutor principal da associação blumenauense e referência para as demais sociedades ginásticas da região. Sendo assim, o relatório continuava evidenciando o papel de destaque e liderança da instituição localizada na cidade de Blumenau:

Nosso 1º Encontro Regional de Ginástica aconteceu de 9 a 11 de outubro do ano passado. A matrícula para este encontro foi numerosa. No sábado, o trem normal, bem como o Vapor Itajaí, trouxera muitos participantes e amigos. Com o trem especial de domingo chegaram visitantes de fora. Ao meio-dia uma delegação da Sociedade Ginástica de Blumenau foi ao cemitério evangélico local para depositar coroas de flores e fazer uma homenagem aos seguintes ginastas falecidos: Heinrich Brandes, Paul Schwarzer e Hermann Hering Sem. A participação por sua parte dos ginastas foi grande e aprovaram a iniciativa. À tarde do primeiro dia festivo aconteceu a reunião para a formação da Associação dos Ginastas do Vale do Itajaí e à noite uma festa de reconhecimento de todos os participantes no "TheaterFrohsinn". Como recepcionista, o Pastor Mummelthey usou da palavra, dando boas-vindas a todos. Outras pessoas discursaram e muitas vezes foram interrompidas por canções patrióticas e contos ginásticos. Também com palavras de muito carinho foi recebido o cônsul da Alemanha, senhor Dr. Grienko, que veio especialmente da capital do Estado. O mesmo discursou e congratulou-se pela iniciativa da formação da Associação Regional do Vale do Itajaí. (ITAJAHY-GAU, 16 out. 1916, s.p).

O trecho fornece vestígios para compreender como o evento movimentou a cidade de Blumenau. A referência aos mais velhos como já retratada no poema também se faz presente nesta fonte, quando da homenagem aos ginastas já falecidos. Era preciso enaltecer e agradecer os ginastas pioneiros da localidade. Destaca-se que além da participação dos ginastas das associações de outras localidades o encontro teve a importante presença do cônsul alemão. O comparecimento marcante de público e participantes demonstra o papel de destaque atribuído tanto às sociedades ginásticas como para recém-criada liga.

A fonte ainda evidencia que ao longo das falas dos discursantes, os simpatizantes respondiam com palmas e cânticos patrióticos o que denotava sua forte dimensão nacionalista. Quitzau (2016) indica que existia uma centralidade do *Volkstum* nas atividades relativas ao *Turnen*, pois para os ginastas os elementos da cultura alemã deveriam ser preservados no Brasil, entre eles estavam aqueles relacionados à ginástica. Os discursos em alemão visavam assim a manutenção da germanidade. Quitzau (2016) ressalta ainda que os discursos e palestras realizadas nas festas promovidas pela associação blumenauense tinham o objetivo de despertar a atenção dos presentes para a importância da prática da ginástica, lembrando que as sociedades ginásticas não se constituíam apenas como local de divertimento e de simples prática de um exercício físico, mas sim como espaço singular, que pela prática regular de exercícios, acarretariam na perpetuação da cultura alemã em solo brasileiro.

O relato ainda indica que o primeiro dia do encontro entre as sociedades foi finalizado com um baile realizado nas dependências do *Theater Frohsinn*, sendo regado por atividades que celebravam o patriotismo. Na fonte não é possível definir se tal ação se refere ao nacionalismo brasileiro ou o alemão, porém as pistas encontradas sinalizam que o germanismo era muito presente e parecia guiar quase todas as ações tanto da instituição como da liga.

Na sequência do relato, o periódico descreveu diversas outras atividades desenvolvidas na ocasião da realização do encontro, buscando em muitos momentos analisar as atividades de uma forma um pouco mais minuciosa:

Na manhã seguinte, com o tempo excelente, iniciaram-se as festividades. No decorrer das demonstrações verificamos, que além dos exercícios elementares e obrigatórios, muito poucos exercícios de estilo livre foram feitos na barra. Mas não se verificou nenhuma falha nos exercícios que foram apresentados. No entanto, verificamos que é preciso melhorar. [...] O mesmo dizer da corrida de 100 metros e dos saltos em altura. Nestas modalidades Blumenau tinha a liderança. No período da tarde houve a apresentação de exercícios livres, bem como a marcha e obediência à sinalização. Em seguida, apresentaram-se separadamente as Sociedades de Ginástica de Joinville, Hansa, Indaial e Blumenau. entre as muitas médias apresentações, também verificamos alunas muito boas da *Neue Schule*, nas clavas, sob direção do instrutor Bottner. Por último vieram os jogos. (ITAJAHY-GAU, 16 out. 1916, s.p).

A riqueza de detalhes na descrição de como transcorreu o primeiro encontro elaborado pela liga, evidencia a presença não somente de exercícios ginásticos, mas também de outros elementos relativos a cultura física como as corridas de 100 metros, dos saltos em altura e dos jogos. Fato que sublinha o papel que a sociedade ginástica tinha na difusão do ideário da cultura física e consequentemente nos diversos processos de educação do corpo circulantes em instituições desse tipo nas primeiras décadas do século XX.

A última passagem do referido relatório aponta com certo entusiasmo o sucesso do encontro, realizando um destaque especial ao já mencionado instrutor da *Turneverein Blumenau*, Bruno Hindlmeyer:

Em tudo a esta transcorreu dentro de um clima festivo e alegre com a publicação dos vencedores do dia. Merece menção honrosa o instrutor Bruno Hindlmeyer, da sociedade de Blumenau e sua equipe, que também brilharam na festa de encerramento no “TheaterFrohsinn” e algo merecedor de muitos aplausos. Também podemos mencionar que o resultado financeiro foi satisfatório: 1:341\$700, gastos 698\$600, registrado no livro a quantia de 643\$100. A quantia foi empregada para: Cruz Vermelha alemã através do consulado 500\$000, Compra de 2000 charutos para a Cruz Vermelha 59\$000 e Caixa da associação regional 83\$500” (ITAJAHY-GAU, 16 out. 1916, s.p).

Contudo, o evento não ficou restrito à publicação da *Itajahy-Gau*. Um dos principais jornais de Blumenau, o *Der Urwaldsbote*, também noticiou com entusiasmo o sucesso do primeiro encontro realizado pela associação blumenauense:

Nossa festa decorreu sob a marca da grande guerra. As ordens da Sociedade Ginástica de Blumenau que são trabalhadas pelo instrutor Bruno Hindlemeyer: 1) A divisão de ginastas se dá em três escalas, conforme o seu grau de capacidade demonstrada. 2) Para a aceitação nestas escalas é preciso obedecer e cumprir as exigências do instrutor. Nas provas, demonstrar suas capacidades que permitem seu ingresso nas diversas escalas. 3) Todos devem cumprir as exigências do instrutor, mesmo que seja aceitando uma repreensão. 4) É preciso observar rigorosamente os sinais do gongo nas diversas modalidades. 5) Os ginastas são obrigados a comparecer nos dias marcados para os exercícios. 6) Nos exercícios de ginástica livre todos deverão participar. 7) A ginástica de cargo a cargo precisa ser praticada com cuidado e se possível sempre com assistência do instrutor. 8) Os aparelhos estão a cargo de cada equipe que os usa para as diversas modalidades. 9) Cada ginasta, ao ouvir a ordem dada pelo instrutor, deve imediatamente deixar o campo livre. 10) Os exercícios devem ser feitos com o respectivo calçado, que é o tênis. 11) É proibido fumar no recinto da prática dos exercícios, do princípio até o final das aulas. 12) É permitido fazer o uso da quadra de ginastas somente em determinadas horas. 13) Pessoas estranhas que querem assistir aos exercícios terão que ser apresentadas. 14) Os ginastas que faltaram três vezes seguidas sem justificção terão que pagar uma multa de 100 Rs. (DER URWALDSBOTE, 1916, s.p).

A passagem fornece uma descrição detalhada de como as sessões e encontros deveriam ser desenvolvidos em uma sociedade ginástica. A divisão entre níveis de desempenho, a construção de categorias, a apresentação de todo um código de permissões, possibilidades e proibições, orientação e intervenção dos instrutores, a necessidade da assiduidade, marcam e materializam o novo tempo destinado a exercitação corporal, evidenciando novos elementos de uma educação do corpo e principalmente a consolidação da cultura física na cidade. Trata-se de projeto que foi desenvolvido e aprimorado ao longo do tempo.

A fotografia a seguir refere-se a realização da primeira *Turnfest* realizada pela liga em que um ginasta se apresenta nas barras fixas.

Figura 40 Apresentação pública de ginastas durante o Festival



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

A fotografia acima reproduzida demonstra que os ginastas portavam roupas e indumentárias destinadas à prática, destaca-se a presença de um número significativo de ginastas e expectadores o que indica o prestígio que os elementos da cultura física, sobretudo aqueles relacionados à ginástica, tinham na sociedade blumenauense do período. A consolidação deste elemento da cultura física na cidade, contribuiu mais à frente na construção de sua sede própria. Tal conquista data da segunda década do século XX, mais precisamente no ano de 1924 sendo bastante utilizado nas décadas seguintes.

Figura 41 Primeira sede da *Turnverein Blumenau*



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Nesse sentido, pode-se inferir que a *Turnverein Blumenau* era aquilo que Vigarello e Holt (2008) definiram como o lugar de encontro e de difusão de novas imagens sobre o corpo. A mobilização coletiva que pretendia se utilizar de exercícios físicos, foi assim possibilitada pela instituição. Somados a isso, as práticas ali desenvolvidas assumiam também um ideal de valorização, celebração e preservação da identidade germânica. As atividades realizadas consistiam em um conjunto de prescrições sistematizadas que penetravam nos corpos dos indivíduos.

A sociedade ginástica contribuiu assim para que a cultura física ganhasse contornos ainda mais evidentes que aqueles proporcionados pelas sociedades de tiro, possibilitando uma abertura a outros tempos destinados a diferentes elementos da cultura física, como, por exemplo, as práticas esportivas.

4.5 A SISTEMATIZAÇÃO DAS PRIMEIRAS PRÁTICAS ESPORTIVAS NA CIDADE DE BLUMENAU

Coube à associação ginástica o mérito de formar o 1º time de futebol de Blumenau em 1910. Durante os primeiros anos as partidas aconteciam entre os próprios ginastas, mas também contra os funcionários de uma empresa situada no Bairro Garcia (BLUMENAU EM CADERNOS, 1963). Porém, é preciso destacar o jogo realizado entre o time dos ginastas blumenauenses, contra a equipe de marinheiros alemães que aportaram no porto da cidade, com o navio “*Von de Tann*”, no ano de 1911. Ao receber a visita dos marujos germânicos além das recepções de costume na sociedade de tiro, com apresentações musicais e números de ginástica, os navegantes foram desafiados pelos ginastas da *Turnverein Blumenau* para um *match* no campo da entidade (DER URWALDSBOTE, 29 mar. 1911, s.p).

As partidas sempre aconteciam no campo situado aos fundos do *Hotel Holetz*. Este era um local onde os ginastas também realizavam exercícios e exibições e era também conhecido por pasto do *Holetz*. A fotografia reproduzida abaixo registra a equipe blumenauense no dia da referida partida contra os marinheiros alemães.

Figura 42 Ginastas da *Turnverein Blumenau* em partida de futebol contra os marinheiros alemães



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Destaca-se na imagem o uso de indumentárias específicas para a realização da partida do esporte bretão, como por exemplo os uniformes, as chuteiras, o que denota que as práticas de futebol já vinham acontecendo com frequência na cidade catarinense. Segundo Gerlach, Kadletz e Marchetti (2019), os ginastas retratados eram (da esquerda para direita): Kraemer, Bruno Hindelmeyer, Antonio Fischer, Franz Blohmann, Osvaldo Hindelmeyer, Felipe Brandes (em pé); Felix Lagraf, Alfred Eicke e Arthur Koehler (agachados). Indica-se a presença entre os jogadores de Gustav Arthur Koehler, então presidente da sociedade ginástica e Bruno Hindelmeyer principal instrutor da *Turnverein Blumenau*.

Uma outra fotografia também retrata a mesma partida, porém com a presença dos marinheiros alemães em um momento logo após o término do *match*.

Figura 43 Ginastas da *Turnverein Blumenau* e marinheiros alemães após a partida



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Segundo o semanário *Der Urwaldsbote*, (29 mar. 1911, s.p) a partida foi realizada no dia 26 de março de 1911, em um domingo à tarde, sendo vencida pelos marinheiros alemães pelo placar de 5 a 2. Logo após o confronto, os jogadores foram recepcionados no *Hotel Holetz* para uma pequena confraternização que

contou com a presença de demais sócios da *Turnverein Blumenau*, como dos outros marinheiros da embarcação oriunda da Alemanha.

Estes elementos iniciais atentam para o fato de que os passos iniciais do esporte em Blumenau possuíram estreita relação com a associação ginástica, seja pela presença das corridas, dos saltos que possuíam estreita similaridade com o atletismo retratados nas fontes anteriores quanto da realização do encontro entre as sociedades ginástica da região, como também pelas primeiras partidas de futebol na cidade de Blumenau. Ao passar dos anos os *matches* passaram a ser cada vez mais presentes no cotidiano da associação ginástica, levando inclusive à criação de um departamento responsável pela modalidade dentro da instituição (*TURNVEREIN BLUMENAU*, 1911 – ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU).

Embora as distintas sociedades ginásticas possuísem peculiaridades quanto a sua organização, de modo geral, durante a semana, as associações ofertavam sessões de ginástica, além de outras atividades como apresentações de teatro, música, exposições de filmes e disponibilização de livros e periódicos. A grande maioria das sociedades ginásticas, assim como aconteceu em Blumenau, não possuíam sede própria, isto se efetivou apenas no ano de 1924, o que obrigava a realização de suas atividades em locais alugados, comumente os salões de hotéis ou pátios de escola. Mesmo após a obtenção de um lugar próprio, a segunda grande ação das sociedades era encontrar um espaço ao livre em que pudesse ser sua praça de jogos. Em Blumenau, de forma específica, era o campo atrás do *Hotel Holetz*, espaço este já utilizado para as reuniões da sociedade. O local era comumente utilizado aos finais de semana e oportunizou a prática de uma atividade distinta do *Turnen*: o esporte (QUITZAU, 2016; 2019).

Assmann (2015) e Quitzau (2019) indicam que, a partir das primeiras décadas do século XX, um outro elemento da cultura física passa a ganhar espaço nas sociedades ginásticas, o esporte. Para Quitzau (2019), embora suas práticas (ginástica e esporte) possuam origens distintas, e em um primeiro momento pudessem competir entre si, ambas foram utilizadas por estas instituições como elementos de educação do corpo. Questões semelhantes também foram evidenciadas pelas pesquisas de Assmann (2015) e Assmann, Mazo e Silva (2017) sobre as sociedades ginásticas no Estado do Rio Grande do Sul. Assim como aconteceu em Blumenau, Assmann (2015) aponta que em Santa Cruz do Sul a

prática do futebol foi, provavelmente, também introduzida pela *Turnverein* no ano de 1905. Embora haja vestígios já na primeira década do século XX, foi principalmente na segunda década que o discurso sobre *sport* alcançou a *Turnverein* na cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Segundo os documentos analisados por Assmann, Mazo e Silva (2017) outras práticas esportivas para além do futebol, como o tênis, a esgrima e o punhobol foram realizadas nas sociedades ginásticas localizadas no Rio Grande do Sul.

Contudo, Quitzau (2019) lembra que a relação entre ginástica e esporte nas sociedades ginásticas espalhadas pelo território brasileiro possuiu momentos de aproximação, bem como de tensões. Ao tomar como exemplo a *Deutscher Turnvereinzu São Paulo* e a *Turnerbund Porto Alegre* a autora salienta que estas associações enxergavam no esporte um possível perigo que deveria ser afastado do interior das instituições, pois a atratividade do esporte resultava em menor número de participantes e adeptos nas sessões de ginástica. Tais elementos também são mencionados por Assmann, Mazo e Silva (2017), pois esta aproximação, não foi aceita sem ressalvas, sendo a adoção do termo *sport* em inglês, alvo de protestos e críticas nos jornais das cidades do Rio Grande do Sul. Como salientam as autoras, as práticas esportivas para serem aceitas deveriam manter e manifestar uma certa identidade teuto-brasileira.

Este movimento de crítica ao esporte, não se restringia apenas ao Brasil, pois pensamento similar também acontecia na Alemanha. A partir dos achados de Merkel (2003) a pesquisa de Quitzau (2019) sublinha que a justifica para tal afastamento residia no fato de o esporte tratar-se de uma prática estrangeira, vinculado assim ao caráter internacionalista, algo contrário ao que era pregado no interior das sociedades ginásticas. Nas palavras da autora:

Pensar o *Turnen*, portanto, é pensar uma forma de educação do corpo que foi concebida e nutrida por um forte vínculo com movimentos e lutas políticas ao longo de todo o século XIX, e que foi tomada pelos ginastas alemães como um elemento de constituição identitária nacional. Neste sentido, qualquer prática que viesse de espaços para além das recém-delimitadas fronteiras alemãs muito provavelmente seria alvo de intensa resistência por parte deste grupo (QUITZAU, 2019, p. 10).

Em texto que analisa a relação entre a ginástica e esporte na Alemanha, Krüger (2013) aponta que embora o *Turnen* se constitua como lugar de patriotismo e que em certa medida fosse contrário à prática esportiva, por se tratar de uma

atividade muito mais ampla que também envolvia a vivência de jogos, o esporte poderia sim fazer parte das sociedades ginásticas, porém tendo como condição obrigatória sua adequação ao “espírito do *Turnen*”. Para Assmann, Mazo e Silva (2017) e Quitzau (2019), embora num primeiro momento as práticas esportivas tenham sido vistas com algumas ressalvas por parte das sociedades de ginástica alemã espalhadas pelo território brasileiro, o ponto salientado por Krüger (2013), também parece ter sido essencial para a introdução do esporte na realidade das associações de ginástica teuto-brasileiras.

Neste sentido, mesmo que em um primeiro momento as sociedades ginásticas no Brasil, apresentassem certa hostilidade ao esporte, pouco a pouco estas instituições adotaram um discurso conciliatório entre estes dois elementos da cultura física. Porém, destaca-se que os espaços ocupados no interior das instituições, entre ginástica e esporte não eram os mesmos. As práticas esportivas poderiam assumir um caráter complementar, principalmente pela vantagem da realização ao ar livre. Nesse momento as reflexões realizadas por Quitzau (2019, p.18) se tornam fundamentais para uma compreensão mais ampla sobre esse cenário:

Percebe-se, portanto, que o esporte, a partir da década de 1910, e especialmente no período de retomada das atividades dessas sociedades ginásticas, após a Primeira Guerra Mundial, paulatinamente alcança um status importante nestes clubes e, ainda que subordinado ao *Turnen*, passa a ser compreendido como uma prática com potencial educativo, capaz de auxiliar estes clubes em seu objetivo de formar indivíduos física e moralmente fortes para contribuir com o desenvolvimento não apenas da colônia em que estavam inseridos, mas, de forma mais ampla, do país que os acolhera (QUITZAU, 2019, p. 18).

Ao longo dos anos ginástica e esporte, conforme indica Quitzau (2019) se aproximam no interior das sociedades ginásticas teuto-brasileiras, sendo reconhecido inclusive, como importante ferramenta educativa, porém subordinada ao *Turnen*. A prática esportiva deveria ser realizada com o “espírito jahniano”, sendo uma forma de aprimoramento físico e de divertimento saudável, desenvolvendo valores preconizados pelas associações ginásticas como a camaradagem, a disciplina e a submissão ao bem comum. Assmann, Mazo e Silva (2017) apontam que os discursos presentes nos jornais, quando da menção ao esporte, buscavam sustentação em concepções higiênicas como um certo antídoto e uma prevenção contra os males advindos da vida urbana.

No período recortado para a presente tese de doutoramento, bem como nas fontes aqui analisadas, não existem indícios para afirmar que relação entre ginástica e esporte na *Turnverein Blumenau* ocorreu de forma pacífica ou não. Tais elementos necessitam de maiores evidências para serem mais bem analisados, algo que pode servir para incentivar estudos futuros. Apesar dos *matches* inaugurais do esporte em solo blumenauense terem acontecido pela ação de sócios da associação ginástica isso não evidencia que a relação era amistosa. Contudo, cabe destacar que as partidas aconteciam de forma não tão sistematizada e a maioria dos confrontos se davam entre os próprios ginastas e/ou em confronto com os operários da Empresa Industrial Garcia, o que viria a se chamar anos depois de Amazonas Esporte Clube⁵² (BLUMENAU EM CADERNOS, 1996, p. 50). A fotografia a seguir refere-se aos jogadores do Amazonas Esporte Clube e é datada da segunda década do século XX.

Figura 44 Jogadores do Amazonas Esporte Clube



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

⁵² Clube fundado em 19 de setembro de 1919, que já realizava suas partidas no início da década com o nome de Garcia (bairro da cidade de Blumenau). Seus atletas eram funcionários da Empresa Industrial Garcia (ARQUIVO HISTÓRICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA, 2021; GERLACH; KADLETZ; MARCHETTI, 2019).

Neste sentido, os anos de 1919 e 1920 foram importantes para a emergência institucional do esporte da cidade, pois marcam a fundação de entidades específicas para sua prática, como o Clube Náutico América no ano de 1919 com suas atividades destinadas ao remo e o *Foot-Ball Club Blumenauense* no ano de 1920, no futebol. Como já mencionado, foi principalmente no final da segunda década do século XX que as práticas de futebol começam a apresentar um caráter mais sistematizado na cidade. Tais elementos foram sendo reportados pelos periódicos da cidade e demonstravam novos ares atrelados aos elementos da cultura física, principalmente o remo e o futebol.

Estas práticas, agora começam a apresentar uma nova finalidade, mais específica, com um fim em si mesmo. Mesmo que ainda com a forte relação com a associação ginástica, a saber pela própria participação de seus sócios nas partidas, até mesmo pela realização das partidas no campo da própria entidade, foi a partir das contendas esportivas que a relação entre práticas corporais e sua finalidade de celebração e manutenção da etnicidade alemã, começou a ser, de certa forma, relativizada. A fonte presente em uma publicação do *Jornal Brazil* datada do ano de 1920, apresenta certos indícios destes elementos e indica o entusiasmo da celebração do primeiro aniversário do *Foot-Ball Club Blumenauense*.

O Foot-Ball Club Blumenauense, desta cidade, no meio das mais expansivas alegrias de seus sócios e da quase totalidade da População esta cidade, comemorou, domingo passado 14 de Agosto de 1921, o primeiro aniversário de sua fundação". As festas por esse auspicioso motivo levadas a efeito estiveram imponentes e concorridas, a elas emprestando apoio as diversas sociedades desportivas desta cidade, do distrito do Gaspar e de Brusque.

Às 9 horas, os sócios do Blumenauense, acompanhados de seus colegas do Brusquense e Paysandu, de Brusque, Gasparsense de Gaspar, e do Militar, Amazonas e Victória, desta cidade, partiram, incorporados, da sede social do Club (Hotel Central), para o campo da Sociedade Ginástica, onde iam-se realizar diversos matches de foot-ball. O numeroso cortejo foi puxado pela afinada banda de música Werner, que executou diversas peças, e seguido de compacta massa popular, sendo o trajeto feito na melhor ordem. De quando em quando, ouviam-se entusiásticas ovações ao Blumenauense e aos outros Clubs representados (JORNAL BRAZIL, 21 ago. 1920, s.p).

O trecho demonstra a satisfação pelo surgimento do novo clube na cidade. A nota salienta que o evento foi bastante prestigiado pela população local e que contou com a participação de outras equipes blumenauenses, bem como daquelas oriundas de cidades próximas. A passagem também salienta que o encontro ocorreu

com muita alegria e descontração, indicando seu caráter festivo e de aproximação entre as diversas entidades. O clube, já no seu primeiro ano, possuía uma sede própria, mas realizava seus jogos no campo da sociedade ginástica. Destaca-se ainda que não existe na fonte nenhuma menção sobre a relação entre as práticas a serem desenvolvidas pelo clube e possíveis objetivos e finalidades de manutenção ou exaltação étnica. No mesmo relato no jornal foram descritos mais detalhes relativos ao dia do evento:

O campo da Sociedade Ginástica apresentava lindo aspecto, estando belamente ornamentado. Em diversas barraquinhas singelas, mas artisticamente construídas, distintas senhorinhas da nossa melhor sociedade serviam bebidas, café e doces, exibindo o encanto e sua graça e de sua beleza. Senhorinhas vestidas a caráter percorreram o campo vendendo flores e bilhetes de rifa em benefício do Club, trabalhando, deste modo, pela prosperidade do Blumenauense, que faz jus ao apoio de todos que se interessam pelo desenvolvimento do desporto entre nós. E uma multidão de pessoas de todas as camadas sociais, postada nas imediações do campo, aguardava ansiosa, o começo dos jogos (JORNAL BRAZIL, 21 ago. 1920, s.p).

Frequentados por diferentes grupos sociais o encontro proporcionado pelo clube demonstrava ter sido bastante prestigiado. Entre bebidas e lanches a população usufruía agora o tempo do esporte. A Blumenau do final da segunda década do século XX conhecia agora o prazer e os encantos do esporte, principalmente o futebol, começando de forma ainda que tímida, a usufruir de mais uma experiência moderna, assim como também na ginástica, atrelada ao corpo.

Este tempo do esporte, ainda se encontrava em processo de sistematização e construção na cidade, como retratado na sequência da reportagem quanto à descrição da primeira partida do dia:

Às 9,50 horas, precisamente teve início o anunciado match entre os primeiros teams do Amazonas e Victória desta cidade. O jogo correu bastante animado, atuando como juiz o player Emilio Sada. Terminou pela vitória do Amazonas sobre o seu contendor pelo score de 2 gol a 0 (JORNAL BRAZIL, 21 ago. 1920, s.p).

A própria adoção de termos em inglês pelo periódico, a partir das palavras *teams*, *player*, *match*, aponta novos tempos na cidade catarinense. A Blumenau da segunda década do século XX, era uma agora uma ambiência urbana mais aberta. Destaca-se na fonte, a presença de um juiz, que neste caso era de uma outra equipe participante do encontro, o que denota ainda as características amadoras do

esporte. Tal fato, pouco a pouco, por meio da racionalização e da burocratização as práticas esportivas passaram a ter um controle cada vez mais restrito das suas ações, o que resultou mais a frente, inclusive em uma das características do esporte moderno apontadas por Guttmann (1978), a especialização dos papéis.

Para Guttmann (1978), no esporte moderno, a especialização resulta na busca pela atribuição cada vez mais detalhada por papéis específicos de forma clara e objetiva no esporte. Constrói-se um conjunto de etapas, funções dentro das práticas esportivas, como por exemplo, as posições dos jogadores, a figura dos técnicos e dos árbitros. Tal acontecimento só é possível a partir de outra característica apontada pelo autor norte-americano, a racionalização. Isto é, os movimentos agora passam a ser cada vez mais analisados, pensados e codificados, uma racionalidade proposital pois as ações esportivas possuem fins cada vez mais específicos. Estas ações são frutos de uma racionalidade cada vez maior sobre o corpo e as práticas corporais. A menção à atuação dos juízes se mostrou presente também na partida seguinte noticiada pelo mesmo jornal local:

Às 11 horas, aproximadamente, começou o *match* entre o primeiro team do Gasparense e segundo do Blumenauense. Atuou como juiz o player A. Maffassolli que se portou galhardamente, sendo o seguinte o resultado do encontro Blumenauense 1 goal, Gasparense 0 (JORNAL BRAZIL, 21 ago. 1920, s.p).

Cabe mencionar que mesmo se tratando de uma nova experiência corporal tais práticas ainda não possuíam todos os elementos apontados por Guttmann (1978) relativos a uma definição específica sobre o esporte moderno⁵³. No período até aqui analisado, as práticas esportivas vivenciadas na cidade ainda se encontravam em processos de gestação, os papéis dos indivíduos envolvidos ainda eram muito fluídos e poucos definidos, os espaços improvisados, além da própria relação entre esporte e ginástica, na cidade ainda ser bastante considerável.

⁵³ Guttmann (1978) define sete características para o esporte moderno: *secularização*– ruptura promovida pelo esporte comparada aos jogos com os rituais e festividades sagradas e religiosas, *igualdade*– necessidade de nos esportes, também diferente dos jogos, manter-se a igualdade formal entre os participantes, através da adoção de regras universais, *especialização*– conjunto de etapas, funções dentre das práticas esportivas, *racionalização*– movimentos agora passam a ser cada vez mais analisados, pensados e codificados, *burocratização*– controlados por um sistema organizacional em níveis nacional, internacional e local, *quantificação e recordes*– inauguração das mensurações temporais dos feitos atléticos. A quantificação por meio das medidas e estatísticas modifica os desempenhos e o que oportuniza o aparecimento dos recordes.

Porém, existia um desejo de aprimoramento e isso se evidenciava nos jogos ocorridos na cidade, sendo assim a partida central do encontro noticiado pela imprensa de Blumenau se referia ao *match* entre o *Foot-Ball Club Blumenauense* e o *Clube Esportivo Paysandú*, fundado no ano de 1918 na cidade de Brusque.

Chegou afinal, o momento de emoção, 16 horas, quando, ostentando o seu garbo peculiar aos sportmen adextrados, saíram a campo os jogadores do Paysandu, de Brusque, e do Blumenauense, desta cidade, empenhados em disputar os loros do triunfo. As atenções da assistência convergiram-se para o campo, onde os jogadores, empregando todos esforços, se batiam valentemente. Não obstante, porém, esse esforço titânico, 90 minutos mais tarde, era anunciado o resultado do emocionante encontro pelo empate. Não foi desilusão amarga que se sentiu então. Foi, apenas, o entusiasmo que se apossou da multidão, ovacionando delirante e prolongadamente os forwards dos dois clubs, que não se deixaram vencer, um pelo outro. Nesse match sensacional atuou como juiz o player C. Titzmann, que se recomendou pela sua imparcialidade” (JORNAL BRAZIL, 21 ago. 1920, s.p).

Neste primeiro trecho da fonte, aponta-se à valorização aos jogadores, aqui chamados de *sportmen* que, dentro das regras da partida, com lealdade e com suas forças buscavam a vitória para sua equipe. Foram os atacantes (*forwards*) os principais responsáveis pelo resultado, dignos de celebração pelo público que acompanhava a partida. Esse encontro futebolístico era celebrado pela imprensa local, conforme pode ser visto na continuação da notícia:

Estava terminada a parte desportiva das festas. Durante os jogos a banda musical Werner executou escolhidas peças do seu repertório e as barraquinhas armadas nas imediações do campo tiveram grande concorrência de pessoas, que procuravam refrescos, doces e cafés, prontamente servidos por graciosas senhorinhas. Terminada a parte desportiva, os sportmen, incorporados, seguiram para o Hotel Central, sendo que durante o trajeto, foram muito ovacionados pela multidão.

À noite, nos salões da sede da Sociedade dos Atiradores, os sócios do Blumenauense ofereceram um baile aos seus colegas desta cidade, do Gaspar e de Brusque, a as diversas famílias da nossa sociedade. O sarao esteve extraordinariamente animado, notando-se a presença de grande número de cavalheiros e exmas. Famílias” (JORNAL BRAZIL, 21 ago. 1920, s.p).

Como de costume na cidade as atividades sempre terminavam com um baile oferecido aos participantes e simpatizantes da festividade. A sociedade de atiradores continuava a ser um importante espaço social da cidade. Este tempo esportivo era também caracterizado como um momento familiar. Na fala do orador oficial do clube de futebol blumenauense alguns elementos merecem ser destacados:

Num dos intervalos, o Sr. Gomes Winter, orador oficial do Blumenauense, saudou os sportmen que haviam atendido ao convite desse Club, e agradeceu o comparecimento das exmas. Famílias que com a sua presença abrilhantaram as festas com que o Foot-Ball Club Blumenauense celebrou o primeiro aniversário de sua fundação. [...] o sr. Winter destacou o intuito do club cultivar o desporto, num momento em que todas as atenções parecem se voltar para a luta pela vida, luta desleal onde sempre vence o mais forte. Sobre a fundação do clube, ele comentou: “Feliz idéia a de Emilio Hoelgebaun, quando reuniu alguns amigos seus, e no silencio e na intimidade, expôs-lhes o plano da fundação de um club de foot-ball” (JORNAL BRAZIL, 21 ago. 1920, s.p).

Neste trecho apresentado verifica-se a intenção do orador em ovacionar a importância e da criação da entidade para o fomento e cultivo do esporte em Blumenau. Neste período, as partidas de futebol apareciam como momentos que contribuíam para a renovação dos elementos da cultura física. A mocidade direcionava cada vez mais sua atenção às práticas esportivas, conforme evidencia a seguinte passagem localizada na imprensa da cidade:

O Blumenauense, em poucos dias logrou conquistar as simpatias da mocidade conterrânea, reuniu grande número de sócios e teve a ventura de alistar entusiastas torcedoras entre os mais formosos elementos do sexo fraco. Lutando contra as dificuldades que sempre surgem às instituições novéis, contra os mais variados obstáculos, o foot-Ball Club Blumenauense foi aumentando cada vez mais o seu prestígio pelo grande número de vitórias que alcançou nas diversas pugnas em que tomou parte. Fechando a oratória, o Sr. Winter fez uma série de comentários enaltecendo os benefícios do esporte e o patriotismo dos que o praticam, e também agradeceu aos clubes que estiveram presentes na festividade (JORNAL BRAZIL, 21 ago. 1920, s.p).

A fonte demonstra o apreço pelo *Foot-Ball Club Blumenauense*, enaltecendo os êxitos esportivos alcançados por seus jogadores nas partidas contra outras agremiações. No ano de 1919 a cidade contou ainda com o surgimento do *Brazil Sport Clube*, outra entidade destinada a prática de futebol. A passagem a seguir retrata o interesse por parte de dois indivíduos pela sua criação.

Brazil Sport Clube vai vingar a idéia há tempos aventada da fundação de um Club de Foot-Ball nesta cidade. Um grupo de moços, à frente dos quais se acham os foot-ballers Carlos Sada e Frederico Gasenferth, se encarregaram de levar a efeito tal idéia, prometendo iniciar muito breve os jogos. É uma bela iniciativa essa que por certo contribuirá para despertar nossa mocidade no amor ao Sport. Que esse Clube logre uma existência próspera (JORNAL BRAZIL, 1 ago. 1919, s.p).

De forma simultânea a cidade vai aos poucos experienciando também outras modalidades esportivas para além do futebol, como é o caso do remo. Foi o esporte

náutico que inaugurou de forma mais clara, uma prática corporal/esportiva desprovida de relação com as entidades associativas de origem germânicas. Diferente do futebol, que possuía forte relação com a sociedade ginástica, em 1920, surgiu na cidade, o Clube Náutico América. Influenciado por sua posição geográfica, às margens do Rio Itajaí-Açu, e pelos movimentos de criação de clubes náuticos nas cidades próximas, como Itajaí e Florianópolis, Blumenau também vivenciou tais possibilidades esportivas na cidade⁵⁴.

Em outubro do ano de 1920, um grupo de rapazes, tendo à frente João Kersanach⁵⁵, idealizaram a fundação de uma agremiação náutica, com o aproveitamento do Rio Itajaí-Açu, curso de água que corta a cidade de Blumenau, para a prática do Remo. Por ter crescido e estudado em Itajaí, João conheceu o remo a partir dos clubes existentes na localidade. Sendo assim, foi escolhido como sede um barracão existente atrás da velha prefeitura municipal no Ribeirão Fresco. Os fundadores do clube foram: João Kersanach, Roberto Baier, Antônio Cândido de Figueiredo, Adolfo Wollstein, Paulo Grossenbacher, Victorino Braga, Carlos Souto, Cláudio Buechler, Alfredo Buechele, Edmundo Pozer, Oto Abry, Arnaldo Kumm, Reinaldo Phlmann, Walter Berner (CLUBE NÁUTICO AMÉRICA, 2020).

O jornal *A União* do município de Itajaí retratou com alegria a criação do clube náutico na cidade de Blumenau.

Foi com maior satisfação que tivemos a notícia de que este glorioso Club tomou a iniciativa de crear em Blumenau um posto, a fim de que também naquela cidade o sport náutico tenha seus adptos. Para isso ficou deliberado que um próximo domingo será feita uma excursão àquella cidade, no vapor “Blumenau” os quais tomarão parte todos os sócios do “Rubro Azul” com sua exmas. Família (A UNIÃO, 13 abr. 1920, s.p).

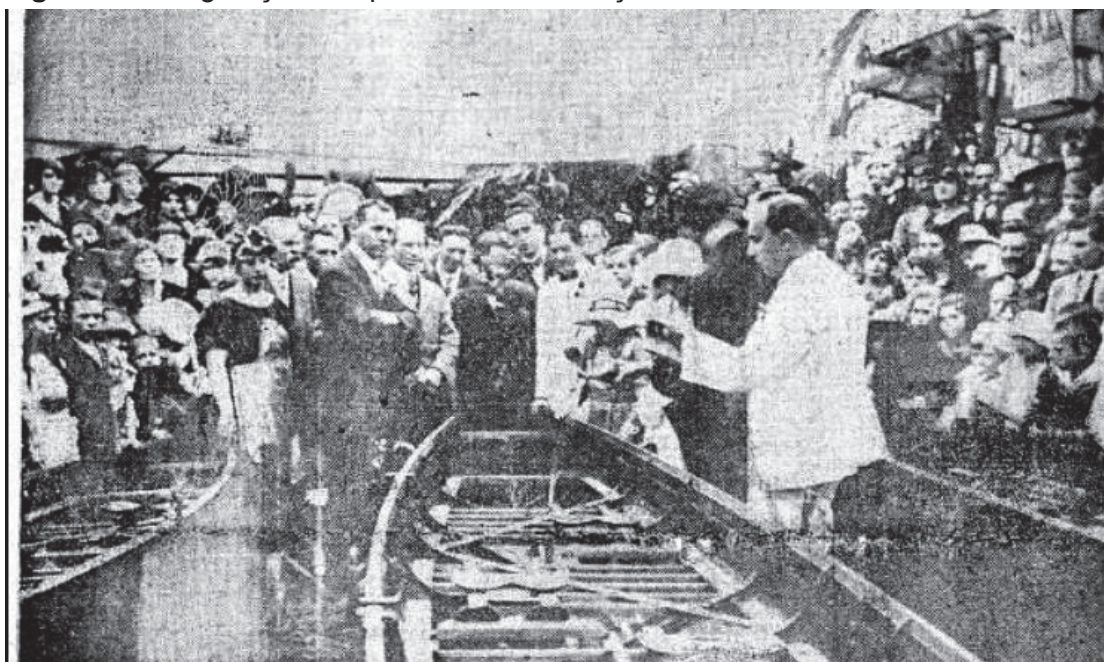
Como visto, a aproximação entre os clubes e associação era algo bastante comum desde a implementação das primeiras sociedades de tiro e resultavam em trocas de experiências entre os associados de diferentes localidades. Como

⁵⁴ Destacam-se, na cidade de Itajaí, o Clube Náutico Marcilio Dias e o Clube Náutico Almirante Barroso, ambos criados no ano de 1919, e em Florianópolis o Clube Náutico Francisco Martinelli e o Clube Náutico Riachuelo ambos de 1915 e três anos depois o Clube de Regatas Florianópolis, hoje Clube de Regatas Aldo Luz.

⁵⁵ Descendentes de alemães, João Kersanach nasceu em Brusque a 23 de julho de 1895, no mesmo ano em que seus pais, João Kersanach, natural de Fiume e de sua esposa Olga, natural de Chemnitz, na Saxônia, mudaram-se para Itajaí. Transferiu-se para Blumenau no ano de 1919. Foi prefeito da cidade entre os anos de 1930 à 1931 (BLUMENAU EM CADERNOS, 1960).

destacado na fonte, após a criação do clube náutico, a cidade de Blumenau recebeu a visita dos remadores do Clube Náutico Marcílio Dias de Itajaí. No dia 7 de setembro de 1921 foi realizado importante evento com o batismo dos três primeiros barcos do clube blumenauense, nomeados de Yoles "NAHYD", "Nina" e "Luz". A cerimônia foi bastante concorrida e prestigiada por importantes figuras políticas da cidade, como retratado na fotografia Localizada abaixo.

Figura 45 Inauguração das primeiras embarcações



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

As duas fotografias utilizadas na sequência, reportam as práticas do clube blumenauense. Impulsionados por sua localização geográfica, as margens do Rio Itajaí-Açu, Blumenau se colocava em sintonia com outros grandes centros do Brasil e do mundo, agora por meio da vivência da prática do remo.

Figura 46 Remadores do Clube Náutico América



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

Figura 47 Competição de Remo no Rio Itajaí-Açu 1927



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

As práticas de remo situam-se em um universo mais amplo e foram consideradas umas das primeiras práticas esportivas sistematizadas e vivenciadas no Brasil, principalmente em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belém e Porto Alegre (JESUS, 1999; LUCENA, 2001; MELO, 2001; DIAS; SOARES, 2014;

SILVA, MAZO, TAVARES, 2018; MEDEIROS; QUITZAU; MORAES E SILVA, 2020; NAMAN; FURTADO; MORAES E SILVA, 2020; MEDEIROS, 2021).

Lucena (2001) indica que estas práticas aquáticas despertavam o gosto por espaços litorâneos, mas também pelos rios e deram a eles um sentido que foi além do local de trabalho de pescadores, tratamento de saúde ou de deslocamentos entre localidades. Segundo aponta o autor as primeiras instituições voltadas para a prática do remo na cidade do Rio de Janeiro foram o Club Guanabarenses (1873), o Regatas Cajuenses (1885), o Club Regatas Internacional (1887) e o Club de Regatas Fluminense (1892). O remo era assim, uma atividade urbana, um esporte útil porque congregava uma parcela da população cada vez mais ativa e ansiosa pela ocupação do espaço público.

A título de síntese e fechamento do presente capítulo, salienta-se que a Blumenau das duas primeiras décadas do século XX também usufruiu de outras experiências corporais, como as práticas esportivas, para além dos divertimentos, bastante presentes nos clubes de tiro, bem como a realização das práticas de ginástica na *Turnverein Blumenau*. Influenciados pela consolidação da cultura física, fortemente construída a partir das associações de tiro e ginástica, além da transformação da ambiência citadina, os habitantes de Blumenau passaram também, a usufruir das práticas esportivas, como as partidas de *football* e remo.

Caracterizado como um fenômeno complexo, o esporte foi sendo desenvolvido e ressignificado ao longo do período aqui analisado. De uma prática presente no interior da associação ginástica, o final da segunda década inaugura um tempo que passou a valorizar um outro elemento da cultura física: o esporte. Torna-se de fundamental importância mencionar que não se trata de uma ruptura com os divertimentos e das práticas ginásticas em prol do esporte. As fontes aqui encontradas e analisadas apontam que tais elementos começam a dialogar e interrelacionar-se.

Novos tempos e espaços foram construídos. Pouco a pouco os elementos do esporte moderno vão sendo construídos e possibilitados de serem vivenciados pelos habitantes de Blumenau. Iniciava na cidade do interior do Estado de Santa Catarina aquilo que Vigarello (1995) mencionou, ao analisar o contexto francês, como o tempo do esporte, visto que um conjunto unificado de comportamentos, um programa temporal específico e um sistema regulatório foi sendo criado na cidade. A

prática dos esportes em dispositivos institucionalizados (VIGARELLO, 1995; 2008; MORAES E SILVA, 2011), como na criação dos primeiros clubes de futebol e de remo, deram indícios que estes mecanismos e transformações atrelados as práticas corporais também se mostraram em Blumenau nas primeiras décadas do século XX.

Tais experiências aqui relatadas, sejam elas vinculadas ao futebol ou às práticas de remo inauguram uma nova forma de educar o corpo, o que, oportunizou a vivência de competições entre diferentes clubes das cidades vizinhas. O esporte contribuiu para o afastamento da relação entre corpo, exercício e etnicidade em Blumenau. Além disso, ao passar dos anos este elemento da cultura física foi paulatinamente criando certa autonomia e especificidades temporais próprias. A Blumenau dos anos 1920 consolidou sua cultura física e construiu sólidas bases para o seu considerável desenvolvimento esportivo que iria ocorrer nas décadas seguintes. Porém tais questões são elementos a serem desenvolvidos em pesquisas futuras.

5 CONCLUSÕES

O percurso e o exercício de análise empreendido na presente tese de doutoramento possibilitaram levantar importantes indicadores da configuração histórica, social e cultural atravessada pela cidade de Blumenau que culminaram em transformações na ambiência urbana da localidade.

A constituição da cidade de Blumenau, no Estado de Santa Catarina foi marcada pela forte influência imigratória alemã, datada a partir da segunda metade do século XIX. A chegada desses fluxos imigratórios oriundos da Alemanha foi de certa forma constante até o início do século XX e marcou o início da colonização do Vale do Itajaí. Na esteira de seu desenvolvimento, os imigrantes aqui chegados trouxeram consigo seus modos de viver e se comportar. Nesta bagagem, a localidade recém-criada, antes já habitadas por populações indígenas, passava pouco a pouco a usufruir de novas possibilidades corporais, oportunizadas principalmente pelas distintas associações criadas pelos imigrantes alemães. O processo de constituição histórica da localidade catarinense foi se dando justamente a partir das novas demandas sociais, econômicas e geográficas, somadas aos elementos culturais trazidos pelos imigrantes do velho continente.

Estes acontecimentos e transformações que atravessaram Blumenau, marcadamente por sua influência imigratória germânica, resultou no desenvolvimento da cidade. Tais mudanças se manifestaram em um conjunto de transformações que culminaram em novos modos de olhar a cidade, seus tempos e espaços, assim como nos elementos relativos ao próprio corpo. As instituições criadas pelos imigrantes e seus descendentes, notadamente as distintas sociedades culturais, recreativas e beneficentes, assumiram a finalidade de serem locais de manutenção e difusão dos ideais germânicos.

Neste cenário, a presente tese de doutorado, por meio da adoção da noção de cultura física, situou-se no olhar acerca da importância das distintas associações fundadas pelos alemães na cidade de Blumenau e suas contribuições na emergência, cultivo e na consolidação do conceito supracitado, e que possibilitaram a construção para que posteriormente a localidade pudesse se tornar referência esportiva para o estado. A Blumenau que hoje é considerada a principal cidade

esportiva do Estado de Santa Catarina, a contar por ser a maior vencedora geral dos Jogos Abertos de Santa Catarina com 42 títulos no período compreendido entre 1960 e 2020, outrora já foi uma pequena vila colonial encravada no meio da Mata Atlântica.

Neste contexto, a presente pesquisa buscou, de forma geral, analisar a emergência de uma cultura física na cidade de Blumenau a partir da influência de seu processo migratório alemão. O estudo, situou-se em pesquisas que buscaram analisar a relação entre corpo, cultura física e imigração, a partir de um olhar histórico. Por meio das fontes analisadas foi possível identificar os elementos da transformação ocorrida em Blumenau e que potencializaram a sistematização de distintos processos relativos à cultura física apontando para algumas conclusões importantes.

A partir dos vestígios encontrados no primeiro capítulo foi possível inferir que tais elementos relativos às interpretações dos indivíduos acerca da natureza, foram aos poucos se modificando, o que acarretou na emergência de uma nova relação indivíduo/natureza na cidade catarinense. Decorrente de sua localização geográfica, marcada pela forte presença dos indígenas, bem como pelo perfil do imigrante alemão, a pequena localidade foi necessitando controlar cada vez mais os perigos e mistérios da natureza, incluído aí, as relações conflituosas que culminaram com a morte de uma quantidade considerável de indígenas. Esse processo de racionalização também produziu novas oportunidades e melhorias aos modos de subsistência da colônia.

A satisfação dos imigrantes e seus descendentes em viver em um outro espaço, tão distante e diferente da sua terra natal, estava atrelada à manutenção de traços e elementos marcadamente alemães, além da necessidade do controle sobre a natureza. A língua, os costumes, os hábitos, as crenças e os modos de viver eram pontos que deveriam ser cultivados e que contribuíram para a construção satisfatória deste novo lar. A partir deste ideal e pelo trabalho diário dos colonos imigrantes e seus descendentes, como apontado pelas fontes, era possível construir um território alemão fora da Alemanha.

O domínio dos elementos da natureza retratados como locais de mistério e medo, paulatinamente foram sendo transformados em locais de contemplação e beleza. Este domínio resultou na descoberta de novas possibilidades de

divertimentos, como os passeios, excursões e piqueniques, que foram introduzidos na pequena cidade catarinense. Esta nova interpretação da natureza por parte dos habitantes de Blumenau, aconteceu ao longo da segunda metade do século XIX e início do século XX. Tratava-se cada vez mais de um outro entendimento atrelado a uma noção de uma natureza benéfica e que possibilitava novas experiências aos moradores da localidade.

Até o surgimento das primeiras associações, os divertimentos aconteciam principalmente no âmbito privado, no contexto do lar, em períodos recortados do trabalho no campo e/ou em pequenos encontros entre os vizinhos próximos. Tais ocasiões eram ocupadas geralmente com leitura, cantorias, contação de estórias e/ou conversas ao redor da mesa.

Ao longo do período temporal delimitado para o desenvolvimento desta tese de doutoramento, identifica-se que paulatinamente os moradores da colônia e posterior cidade foram se tornando cada vez mais exigentes, resultado de um amplo processo de transformação atravessado pela cidade, com aumento populacional, a criação de um poder municipal, a construção de leis e códigos de posturas, além do aparecimento de novas instituições com finalidades e objetivos definidos, entre outros elementos. Ao passo que os indivíduos aumentavam suas redes de sociabilidades e com isso eram incentivados a viver de uma nova maneira em Blumenau, afinal os habitantes estavam se tornando mais sensíveis às pressões e interpretações dos outros indivíduos.

Nesse contexto os ciclos sociais foram aumentados, as idas à *Stadplatz* eram mais frequentes, as conversas, as trocas, os encontros, o crescimento do comércio, reconfiguraram o dia a dia dos moradores. Porém, nessa movimentação a cidade buscava usufruir e valorizar certas características étnicas, por meio da celebração e manutenção de costume e hábitos que celebravam uma identidade alemã. O que era comum e unia os moradores era justamente sua antiga pátria. As sociedades de tiro e de ginástica assumiram-se como locais mais adequados para o desenvolvimento deste ideal e traduziram-se como importantes espaços de distinção entre os habitantes de Blumenau.

No transcorrer dos anos novas possibilidades corporais foram emergindo. Tais práticas foram potencializadas pela construção de novas imagens e interpretações relativas à cidade, por outros modos de ver e usufruir dos elementos da natureza, bem

como pela presença substancial de elementos trazidos do antigo continente, a se destacar, as distintas sociedades e associações. Foi com o surgimento da primeira sociedade de tiro, a *Schützenvereine Blumenau* (1859) e da primeira sociedade ginástica da cidade, a *Turnverein Blumenau* (1873), que novos discursos atrelados ao corpo foram instalados nos espaços destas instituições, contribuindo de maneira significativa na inserção dos elementos da cultura física na cidade catarinense.

Este conjunto de espaços e as diversas possibilidades por tais instituições foram elementos fundamentais para a emergência de uma cultura física na localidade. O associativismo, por meio da criação das distintas sociedades, foi assim a principal base para a construção de uma nova vida social, cultural e recreativa na cidade. Suas práticas, com seus fortes ideais de manutenção de germanidade, reconfiguraram os processos de educação do corpo dos moradores. Estes espaços de sociabilidades também funcionavam como forma de atualização de uma identidade culturalmente marcada pela germanidade que buscava a valorização da língua, cultura e espírito alemão.

Ao direcionar o olhar para as sociedades de tiro, de forma inicial impulsionados pelo desenvolvimento da localidade às margens do Rio Itajaí-Açu, o distanciamento entre as pequenas casas, a relação conflituosa com os índios, a proximidade com a mata e os eventuais ataques de animais silvestres e as possibilidades de caça, produziram na colônia um sentimento de insegurança e o uso das armas de fogo era algo corriqueiro entre os habitantes. Somado o uso das armas no cotidiano da colônia, a partir da criação da primeira sociedade de tiro as práticas de tiro assumiram outros sentidos e significados.

De forma específica, pode-se afirmar que nas competições realizadas na *Schützenvereine Blumenau* mesmo que tenham se caracterizado como um divertimento, uma celebração de pertencimento teuto e realizadas durante uma festividade denominada *Schützenfest*, as atividades vivenciadas pelos atiradores também contribuíram para a gestação de uma prática cada vez mais racionalizada e sistematizada, e inserida nas lógicas da cultura física. A exigência do desempenho e da comparação entre os atiradores, realizada em um local específico, foram elementos que contribuíram para a materialização de uma cultura física atrelada ao domínio do corpo, ao controle e à busca pela eficiência técnica. Aos reis do rio,

competições realizadas anualmente, era reservado local de prestígio e enaltação no seio da sociedade blumenauense.

A instituição ocupou local significativo na resolução das necessidades sociais vivenciadas em Blumenau, não se restringindo apenas às práticas de tiro ao alvo, constituindo-se também como um local para discussão dos problemas comunitários, somados às novas relações sociais, a defesa da localidade e a importantes decisões da vida blumenauense. A *Schützenvereine Blumenau* se tornou a verdadeira sala de visitas da cidade e concentrava parte significativa da vida cultural da localidade.

Dos desafios improvisados realizados nos primeiros momentos da colônia as práticas de tiro se institucionalizavam cada vez mais, passando a adquirir novos contornos. A agremiação foi pouco a pouco assumindo o papel de principal instituição cultural e recreativa da cidade. Suas práticas possuíam forte caráter de manutenção de um ideário étnico e serviu de base para a formação identitária de seus sócios e simpatizantes. A instituição potencializou o refinamento dos processos de educação do corpo que, somados às práticas e competições de tiro, denotavam um amplo conjunto de atividades como os bailes, os desfiles, as festividades e os encontros entre seus sócios, familiares e simpatizantes.

A sociedade de tiro era ao mesmo tempo espaço de pertencimento, na medida em que buscavam manter vivos os hábitos e costumes alemães, contribuindo para o desenvolvimento de uma unidade coletiva coesa, ao passo que também se caracterizava como local de distinção entre os habitantes da cidade. As práticas corporais realizadas em seu interior traduziam-se em possibilidades para os indivíduos verem e serem vistos. Eram celebrações que envolviam elaboradas pedagogias corporais que também acabavam por se tornar um elemento distintivo. Ao final do século XIX além da *Schützenvereine Blumenau*, a cidade possuía mais onze entidades com os mesmos objetivos e finalidades. As sociedades eram espalhadas ao longo da localidade e denotavam sua importância na configuração cultural e social de Blumenau.

Somados aos clubes de tiro, as práticas de ginásticas, realizadas pela *Turnverein Blumenau*, tematizadas no capítulo três da presente tese de doutorado, possibilitaram experiências corporais até então nunca vivenciadas na cidade. A prática de ginástica, no contexto imigratório, inseria-se em um universo em que o trabalho era intenso na luta diária pela subsistência. O contexto destes imigrantes e seus

descentes, era muito diferente do cenário urbano, que deu origem à ginástica no continente europeu. Seu novo sentido estava carregado de ambiguidades. A prática fundamentava-se na ideia de que a exercitação poderia constituir a imagem de um povo forte, disciplinado e capaz de amar e respeitar os costumes de sua velha pátria.

A prática da ginástica em Blumenau foi, assim, uma expressão e um potencializador para o processo de constituição de uma identidade étnica, marcadas pelos contrastes criados com as demais culturas existentes em solo brasileiro. O desenvolvimento da ginástica em Blumenau, se traduzia em um processo mais abrangente de construção de uma nova germanidade, esta, fora da Alemanha. A língua, bem como as práticas corporais vindas na bagagem dos imigrantes, constituía-se em elementos fundamentais para a construção desta unidade coletiva, além de apontar novas possibilidades de uso do corpo atrelados as celebrações, as festividades e aos encontros por eles realizados.

Foi principalmente a partir das sessões de ginásticas da *Turnverein Blumenau* que um duplo sentido foi atribuído aos elementos da cultura física. Se por um lado havia a valorização da regeneração, do cultivo e exaltação de práticas corporais atreladas ao ideário alemão, nacionalista, como também acontecido nas sociedades de tiro, por outro lado existia também o desenvolvimento cada vez maior das técnicas e das mecânicas dos movimentos. As sessões ginásticas eram momentos de aperfeiçoamento e de desenvolvimento de destrezas corporais.

A sociedade possuía como objetivo principal o cultivo e proteção da ginástica alemã. Buscava-se o desenvolvimento de práticas e experiências que oportunizassem aos associados elementos que contribuíssem para o cultivo da ginástica alemã. Porém suas atividades deveriam ser organizadas a partir da proteção de certos códigos e normas da verdadeira prática ginástica. Tal atribuição era principalmente de responsabilidade de seus instrutores que durante as sessões deveriam manter vivo os preceitos da ginástica a partir das “leis do *Turnen*”. Ser “vivo, livre, alegre e devoto”, tratava-se de um norte a ser seguido pelas sociedades ginásticas e servia não somente para o bom andamento das sessões, mas também como código de comportamento dos ginastas.

Por meio de suas sessões realizadas nos diversos salões existentes pela cidade, a saber o da sociedade de tiro e os dos hotéis, em campos abertos ao ar livre, em que eram experienciados diferentes exercícios, jogos e atividades junto à

natureza, por meio de suas caminhadas e excursões, a *Turnverein Blumenau* consolidou-se enquanto importante instituição que inaugurou novos projetos de educação do corpo na cidade. Ideações mais sistematizadas e organizadas comparadas por exemplo às realizadas pelas sociedades de tiro.

Além das sessões de ginástica realizadas pela *Turnverein Blumenau* também ocorriam atividades ao ar livre. Estas práticas se traduziam como possibilidades de encontros entre os ginastas e suas famílias durante os finais de semana. Eram momentos alegres e de bastante confraternização. Tais ações contribuíram para um projeto mais amplo de educação do corpo em que a relação indivíduo/educação/natureza se evidenciava de maneira mais contundente. Coube ainda à sociedade ginástica o mérito da organização de uma Liga Suprarregional que buscou fomentar ao longo do Vale do Itajaí a disseminação da ginástica alemã, através de seus encontros regionais.

Assim, as sociedades de tiro, a associação ginástica e demais entidades foram elementos importantes para a vida social, cultural e recreativa dos habitantes, que além de ofertar divertimentos aos imigrantes alemães se tornaram um locus de difusão da germanidade. Por meio de festividades religiosas, competições, encontros, festas, bailes e excursões estes espaços influenciaram nos discursos e nos processos educativos sobre o corpo. A vida não era mais tão monótona e não se resumia apenas ao cultivo das plantações, aos cuidados com os animais e aos afazeres domésticos. Era possível também usufruir de práticas corporais que se traduziam em momentos de alegria e celebração étnica.

Com o surgimento das distintas agremiações, somadas à família, Igreja e as atividades laborais, os habitantes da cidade foram adquirindo novas formas de comportamento e, com isso, foram acionando outros modelos educativos. As diversas instituições se constituíram em um importante espaço de educação, na medida em que os participantes deviam se adequar aos mecanismos institucionais implementados por cada uma delas. Esse conjunto de normas possibilitou aos indivíduos a incorporação de novos hábitos e costumes, além de propiciar acesso a novos tipos de divertimentos e práticas corporais. Tais acontecimentos, somados ao desenvolvimento de Blumenau, proporcionaram o crescimento no número de associações e de frequentadores, a partir da década de 1880. Pelo crescimento exponencial das associações e, principalmente, com a realização de práticas de tiro

e ginásticas, os elementos da cultura física foram aos poucos sendo incorporados no cotidiano da cidade, tornando-se importantes ferramentas de educação do corpo.

A emergência de uma cultura física em Blumenau situa-se em um universo de fatos e acontecimentos, os quais apontam para um longo processo de incorporação e assimilação de novas formas de comportamento e socialização. O crescimento da cidade, a passagem de uma sociedade rural para uma cada vez mais urbana, somados ao aumento no número de habitantes, a forte presença de hábitos e costumes trazidos pelos alemães, além do surgimento de instituições de caráter social e recreativo culminaram com diversas transformações estruturais na cidade e nos modos de vida dos blumenauenses.

Surgia, assim, um conjunto de dispositivos e técnicas que culminaram com formação de indivíduos mais sintonizados com um ideário urbano. Fato que culminou com o desenvolvimento de práticas corporais cada vez mais sistematizadas, racionalizadas e que pouco a pouco foram também se afastando dos valores germânicos, como evidenciado a partir das primeiras práticas esportivas vivenciadas na cidade, com destaque para o futebol e o remo. Ao final da primeira década do século XX e principalmente no transcorrer da segunda, a cidade começava a usufruir de outros tempos destinados ao corpo, como por exemplo, o tempo esportivo.

Tal tempo esportivo, principalmente através das primeiras partidas de futebol, possuía ainda fortes relações com os momentos de divertimentos vivenciados anteriormente, notadamente por influência da sociedade ginástica, porém com o passar dos anos as práticas esportivas assumiram cada vez mais uma temporalidade e espacialidade específica. Nas décadas seguintes, Blumenau inclusive vai se tornar cada vez mais esportiva e as próprias sociedades de tiro, bem como a associação ginástica, adotaram os esportes como elementos importantes de suas atividades.

Se a cultura física, como apontado por Kirk (1999), Scharagrodsky (2014), Furtado, Quitzau e Moraes e Silva(2018), Moraes e Silva, Quitzau e Soares (2018) (2018), Santos (2020) e Medeiros (2020) se constitui a partir de um amplo conjunto de fatores sociais, culturais, econômicos, através dos divertimentos, da ginástica e das práticas esportivas, foi por meio da relação entre tradições trazidas pelos imigrantes e novas necessidades oriundas de uma cidade em construção que os distintos elementos da cultura física apareceram na Blumenau da segunda metade do século XIX e início do século XX.

Como visto no decorrer do presente tese de doutorado, através das fontes constituídas e analisadas, sinaliza-se para a tese de que a construção de uma cultura física em Blumenau foi fortemente marcada pela influência dos hábitos e costumes trazidos pelos imigrantes alemães que, ao entrarem em contato com a localidade, buscaram criar sociedades e associações que contribuíram para a manutenção e celebração de uma certa etnicidade teuto-brasileira, ao passo que também potencializaram o desenvolvimento de novas interpretações relacionadas ao corpo e contribuíram para o aprimoramento de inéditas técnicas e destrezas corporais.

Tal contexto possibilitou descobertas e vivências de inúmeras práticas relativas ao corpo e marcaram a história e constituição dos habitantes blumenauenses. Foi a partir da relação entre os indivíduos e a cidade que o corpo foi aos poucos ganhando novos contornos. A Blumenau do final da segunda década do século XX, assumia seu protagonismo regional e materializava as sólidas bases para seu desenvolvimento futuro.

Desta forma, destaca-se alguns questionamentos que podem ser elaborados a partir deste estudo de doutoramento e que apontam limitações da presente tese de doutoramento: como as práticas esportivas assumiram papel central na cultura física na cidade? De que forma as sociedades de tiro e a própria associação ginástica se relacionaram com os elementos esportivos? Como as entidades, de caráter marcadamente germânico, lidaram com os processos de nacionalização durante período entre guerras, que inclusive culminou com seus fechamentos e mudanças de nomes? Quais elementos contribuíram para que Blumenau se tornasse referência no esporte no Estado de Santa Catarina? Estas dúvidas e questionamentos evocam a importância da realização de pesquisas futuras e apresentam lacunas deixadas por esta tese.

Se o ofício do historiador é farejar e dar sentido aos indícios históricos, o texto aqui apresentado buscou dar voz, constituir as experiências ocorridas ao longo do tempo, tomando como objeto o cotidiano dos habitantes. Assim, este manuscrito intentou contribuir com os estudos historiográficos acerca do corpo, das distintas práticas corporais e seus processos de educação. Espera-se que os resultados encontrados por esta pesquisa tenham contribuído com os estudos já realizadas e fomentem novos trabalhos.

6 FONTES

A UNIÃO, 13 abr. 1920, s.p

ARGOS DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, 1860, s.p

ARGOS DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, 1861, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, 1884, s.p.

BLUMENAUER ZEITUNG, 1885, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, 1890, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, 1897, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, 1909, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, 20 mai. 1882, s.p.

BLUMENAUER ZEITUNG, 22 dez. 1883, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, 22 set. 1883, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, 25 ago. 1883, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, 27 set. 1884, s.p.

BLUMENAUER ZEITUNG, 28 jul. 1883, s.p.

BLUMENAUER ZEITUNG, 29 abr. 1909, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, 29 mar. 1915

BLUMENAUER ZEITUNG, 30 mai. 1885, s.p.

BLUMENAUER ZEITUNG, 31 mai. 1890, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, 5 ago. 1900, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, 5 jul. 1886, s.p.

BLUMENAUER ZEITUNG, 8 mar. 1884, s.p.

BLUMENAUER ZEITUNG, 8 nov. 1884, s.p.

BLUMENAUER ZEITUNG, ago, 1901, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, dez, 1901, s.p

BLUMENAUER ZEITUNG, out, 1907, s.p

COLONIE ZEITUNG, 20 dez. 1885, s.p

COLONIE ZEITUNG, 21 out. 1865

COLONIE ZEITUNG, out. 1865, s.p

DER URWALDSBOTE, 1903, s.p

DER URWALDSBOTE, 1912, s.p

DER URWALDSBOTE, 1916, s.p

DER URWALDSBOTE, 2 mai. 1916, s.p

DER URWALDSBOTE, 24 mar. 1909. s.p

DER URWALDSBOTE, 27 mai. 1901, s.p

DER URWALDSBOTE, 29 mar. 1911, s.p

DER URWALDSBOTE, 3 set. 1901, s.p

DER URWALDSBOTE, 5 jun. 1909, s.p.

DER URWALDSBOTE, 7 out, 1910, s.p

DER URWALDSBOTE, 9 out. 1909, s.p

ITAJAHY-GAU, 16 out. 1916, s.p

ITAJAHY-GAU, 1915, s.p

ITAJAHY-GAU, 1916, s.p

JORNAL BRAZIL, 21 ago. 1920, s.p

O DESPERTADOR, 1869, s.p

O IMMIGRANT, 1883, s.p

O MENSAGEIRO, 1867, s.p

O MENSAGEIRO, 1868, s.p

TURNVEREIN BLUMENAU, 18 out. 1913, p. 3.

TURNVEREIN BLUMENAU, 1911, s.p

TURNVEREIN BLUMENAU. Certificado de honra ao mérito. 1888.

TURNVEREIN BLUMENAU. Estatuto. 1904, s.p

7 REFERÊNCIAS

ALVES, D. B. Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro/Turíngia (1852-1853). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 155-184, jul. 2003.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSMANN, A. B. O associativismo esportivo em Santa Cruz do Sul/Rio Grande do Sul: Configurações de práticas culturais (da década de 1880 à década de 1910). **Dissertação (Mestrado)**– Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ASSMANN, A.B.; MAZO, J. Z. As Schützenvereine – Sociedades de Atiradores – de Santa Cruz do Sul: um tiro certo na história do esporte no Rio Grande do Sul. **Esporte e Sociedade**, ano 7, n.20, set. 2012.

ASSMANN, A. B.; MAZO, J. Z.; SILVA, C. F. da. **SPORT**: uma concepção emergente no jornal kolonie. 2017.

ASSMANN, A. B.; PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. Personagens da rede: indivíduos, posições sociais e identidades construídas por meio do Turnen no Rio Grande do Sul. **História: Questões & Debates**, v. 68, n. 2, p. 160-182, 2020.

ASSMANN, A. B.; SILVA, C. F. da; MAZO, J. Z. O Jogo de Bolão em Clubes Teuto-Brasileiros (Décadas de 1860 a 1920). **LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, n. 24 (1), p. 1-21. 2021.

ASSMANN, A.B.; MAZO, J. Z. Configurações de identidades étnicas em associações esportivas: práticas e representações culturais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 2., p. 503-516, abr./jun. de 2017.

BAHLS, A. V da S. O verde na metrópole: a evolução das praças e jardins em Curitiba (1885-1916). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1998. 225f. **Dissertação (Mestrado em História)** – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 1998.

BARRETO, S.D. Imprudência ou Destino (1906). **Blumenau em Cadernos**, Tomo IV, n.4, p. 64. 1968.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora Ltda, 2002.

BLUMENAU EM CADERNOS. **Fundação Cultural de Blumenau**. Tomo III, n.2, p. 77. 1960.

BLUMENAU EM CADERNOS. **Fundação Cultural de Blumenau**. Tomo XI, n.3, p. 22. 1973.

BLUMENAU, H. O. B. **A Colônia alemã de Blumenau na província de Santa Catarina no Sul do Brasil**. Tradução Annemarie Fouquet Schunke, Blumenau: Cultura em Movimento; Instituto Blumenau 150 anos, 2002.

BLUMENAU, H. O. B. **Relatório da Colônia 1856**. Fundação Cultural de Blumenau. Tomo XX, n.10, p. 295. 1979.

BLUMENAU, H. O. B. **Relatório da Colônia 1862**. Fundação Cultural de Blumenau. Tomo III, n.1, p. 61. 1968.

BRAUN, H. **Die Turnbewegung und ihre Symbole**. In Friedrich-Ludwig-Jahn-Gesellschaft. Jan, 2021.

BURKE, P. **Testemunha Ocular**: o uso de imagens como evidência história. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARVALHO, J. M. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; 1990.

COLOMBI, L. V. Industrialização de Blumenau: o desenvolvimento da Gebrüder Hering, 1880-1915. **Dissertação** – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina, 1979.

CORBIN, A. **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 2001.

CUNHA, J. L. Escrever histórias para convencer os outros: memórias, diários e cartas de imigrantes. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 3, n. 7, p. 235-256, jan./abr. 2018.

DALBEN, A. Educação do corpo e vida ao ar livre: natureza e educação física em São Paulo (1930-1945). 170 f. **Dissertação (mestrado)**– Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2009.

DALBEN, A. Mais do que energia, uma aventura do corpo: as colônias de férias escolares na América do Sul (1884-1950). **Tese (Doutorado em Educação)**– Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

DIAS, C. A. G. História do lazer na natureza no Rio de Janeiro entre 1779 e 1838: um estudo de caso. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010. 208f. **Tese (Doutorado em Educação Física)**– Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

DIAS, D. da C.; SOARES, C. L. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no reflexo das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História**, n. 49, p. 165-196, 2014.

DÜDING, D. **Organisierter gesellschaftlicher Nationalismus in Deutschland (1808–1847)**. Bedeutung und Funktion der Turner- und Sängervereine für die deutsche Nationalbewegung. München: Oldenbourg, 1984.

ELIAS, N. **O processo civilizadorv 1: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ELIAS, N. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Editado por Michael Schröter; tradução, Álvaro Cabral; revisão técnica, Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

FERREIRA DA SILVA, J. **A imprensa em Blumenau**. Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.

FURTADO, H. L.; QUITZAU, E. A.; MORAES E SILVA, M. Blumenau e seus imigrantes: apontamentos acerca da emergência de uma cultura física (1850-1899). **Movimento**, Porto Alegre, v.24, n. 2, p. 665-676, 2018.

GERLACH, G. S.; KADLETZ, B. K.; MARCHETTI, M. **A Colônia Blumenau no Sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.

GÓIS JUNIOR, E. O Século da Higiene: uma História de Intelectuais da Saúde (Brasil, Século XX). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2003. 303 f. **Tese (Doutorado em Educação Física)** – Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2003.

GOMES, L. C.; QUITZAU, E. A.; MORAES E SILVA, M. As festividades dançantes no Clube Curitibano: os bailes como elemento da cultura física (1881-1914). **History of Education in Latin America-HistELA**, v. 3, p. e19729-e19729, 2020.

GRÜTZMANN, I. A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul. **(Tese de Doutorado)** – PUCRS, Porto Alegre, 1999.

GUTTMANN, A. **From ritual to record**: the nature of modern sports. New York: Columbia University, 1978.

HOFFMANN, M.L; MELO, M. O uso da fotografia na preservação da história dos clubes de caça e tiro de Blumenau. **Linguagens –Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v. 8, n. 2, p. 168-184, mai./ago. 2014.

HOFMANN, A. R. The American Turners: their past and present. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 2, p. 119-127, 2015.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados populacionais por cidade**. Disponível:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/blumenau/panorama>>. Brasília, 2020.

IMIGRANTE. Cartas enviadas (1853). **Blumenau em cadernos**, Tomo XXXII, n.9, p.279, 1991.

IMIGRANTE. Cartas enviadas (1854). **Blumenau em cadernos**, Tomo XXXII, n.9, p.279, 1991.

IMIGRANTE. Cartas enviadas (1855). **Blumenau em cadernos**, Tomo XXXII, n.9, p.279, 1991.

IMIGRANTE. Cartas enviadas (1856). **Blumenau em cadernos**, Tomo XXXII, n.9, p.289, 1991.

IMIGRANTE. Cartas enviadas (1867). **Blumenau em cadernos**, Tomo IX, n.10, p.154, 1968.

JESUS, G. M. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Revista Estudos Históricos**, v. 13, n. 23, p. 17-40, 1999.

JORGE, J.; SOARES, C.L.; DALBER, A. 2016. Dossiê Cidade e Natureza. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, v. 8, n. 2, dez. 2016.

KIRK, D. Physical culture, Physical education and relational analysis. **Sport, education and society**, v. 4, n. 1, pp 63-73, 1999.

KLAUMANN, A. P.; LINS, H. N. **O Alto Vale do Itajaí (SC) perante a ocorrência de inundações**: abordagem exploratória inspirada no debate sobre desenvolvimento territorial rural. *Economia Ensaios*, 2020.

KLAUMANN, A. P.; LINS, H. N. O Alto Vale do Itajaí (SC) perante a ocorrência de inundações: uma pesquisa exploratória. **Economia Ensaios**, Uberlândia, v. 35, n. 1, Jul./Dez. 2020.

KRISCHNER, R. Cartas enviadas (1856). **Blumenau em Cadernos**, Tomo VII, n.10, p. 200, 1966.

KRÜGER, M. Gymnastics, Physical Education, Sport, and Christianity in Germany, *The International Journal of the History of Sport*, 2018.

KRÜGER, M. The history of German sports clubs: Between integration and emigration. **International Journal of the History of Sport**, v. 30, n. 14, p. 1586-1603, 2013.

KRÜGER, M. Turnfestzwischen National- und Erlebniskultur. In: **DEUTSCHER Turner-bund**. 200 Jahre Turnbewegung – 200 Jahre Soziale Verantwortung: Beiträge zur Entwicklung des Turnens in Deutschland. Frankfurt am Main: Deutscher Turner-Bund e.V., 2011.

LEVIEN, A. L. A. Histórias do Turnen na Leopoldenser Turnverein (Sociedade de Ginástica de São Leopoldo). 109 f. **Dissertação (Mestrado)** – Universidade Federal de Pelotas, 2011.

LEVIEN, A. L. A.; RIGO, L. C. Considerações sobre o "TURNFEST" e "GAUTURNFEST" no Rio Grande do Sul. (1890-1930). **Revista Didática Sistêmica**, p. 159-176, 2013.

LISBOA, J. D. M. Cultura alemã e teuto-brasileira em terras mineiras: a história do Turnerschaft-Club Gymnastico (1909-1979)¹. **Recordes: Revista de História do Esporte**, v. 8, p. 1-17, 2015.

LISBOA, K. M. “Olhares alemães sobre a imigração no Brasil: imperialismo, identidade nacional e germanismo”. **Espaço Plural**, ano IX, n. 19, p. 95-104. 2008.

LOUDCHER, J. F. Processo civilizador e transformações sociais: uma análise das teorias elisianas em relação às ciências sociais do esporte. **História: Questões & Debates**, v. 68, n. 2, p. 14-36, 2020.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, C.B. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCENA, R. **Esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

LUEBKE, F. C. **Germans in Brazil**: a comparative history of cultural conflict during World War I. Baton Rouge; London: Louisiana State University Press, 1987.

MACHADO, R. A Invenção da Cidade Etnizada: História e Memória na Blumenau Contemporânea. (1974-2002). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul. 2011.

MACHADO, R. De Colônia a Cidade: Propriedade, mobilidade e ordem pública em Blumenau de fins do século XIX. Florianópolis, 179f. **Dissertação (Mestrado em História Cultural)** – Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

MAGALHÃES, M. B. de. **Pangermanismo e Nazismo**: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

MAILER, V.C.O. O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania. Florianópolis, 16f. **Dissertação de Mestrado** - Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

MANDELLI, B. A industrialização do Vale do Itajaí a partir da ideologia do teuto-brasileiro (1880-1900): história e historiografia. 81 f. **Trabalho de conclusão de curso (Graduação)** – Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

MARTINS, A. L. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. **História**, v.22, n.1, p. 59-79, 2003.

MAZO, J. Emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. 365 f. **Tese (Doutorado)**– Universidade do Porto. Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, Porto, 2003.

MAZO, J. Z.; LYRA, V. B. **Nos rastros da memória de um “mestre de ginástica”**. Motriz, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 967-976, October/December 2010.

MEDEIROS, D. C. C. Entre esportes, divertimentos e competições: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899-1949). **Tese (Doutorado)**– Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2021.

MEDEIROS, D. C. C.; QUITZAU, E. A.; MORAES E SILVA, M. A Travessia de São Paulo à Nado (1924-1944) e o processo de esportivização aquática paulistana. **História. Questões e Debates**, 2020.

MELO, V. A. Antes do club: as primeiras experiências esportivas na capital do Império (1825-1851). **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 49, 2014.

MELO, V. A. **Cidade Sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Faperj: Rio de Janeiro, 2001.

MELO, V. Educação do corpo: bailes no Rio de Janeiro do século XIX, o olhar de Paranhos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 751-766, jul./set. 2014.

MERKEL, U. The Politics of Physical Culture and German Nationalism: Turnen versus English Sports and French Olympism, 1871-1914. **German Politics and Society**, v. 21, n. 2, p. 69-96, 2003.

MONTENEGRO, N. R. A cultura física e suas manifestações no litoral de Fortaleza (1925-1946): novos modos de se educar e de se divertir. 2020. 1 recurso online (160 p.) **Dissertação (mestrado)**– Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

MORAES E SILVA, M. Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918). **Tese (Doutorado)** – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

MORAES E SILVA, M.; CAPRARO, A. M. O tiro de guerra 19 Rio Branco: apontamentos acerca da institucionalização esportiva de Curitiba (1909-1910). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 2, p. 229-243, 2015.

MORAES E SILVA, M.; QUITZAU, E. A.; SOARES, C. L. Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). **Educação em Pesquisa**, São Paulo, v. 44, e178293, 2018.

MORAES E SILVA, M.; QUITZAU, E. A. A cultura física na cidade de Curitiba: a emergência de uma pedagogia corporal (1899-1909). **Revista Ciências Sociais**, v.27, n.40, 2018.

MORENO, A. Corpo e ginástica num Rio de Janeiro: mosaico de imagens e textos. 2001. 246p. **Tese (doutorado)**– Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

MULLER, J. Cartas enviadas (1853). **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXVIII, n.2, p. 42, 1987.

NADALIN, S. O. **Imigrantes de origem germânica no Brasil**: ciclos matrimoniais e etnicidade. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

NADALIN, S. O.; FABRIS, P. “A comunidade alemã em Curitiba e a conjuntura da Primeira Grande Guerra”. Curitiba, Universidade Federal de Paraná, comunicação apresentada no 54º Congresso Internacional de Americanistas, Viena, 19 de julho, 2012.

NAMAN, M.; FURTADO, H. L.; MORAES E SILVA, M. Entre o rio e o mar: espaços de educação do corpo na cidade de Itajaí (1895-1920). **Conexões**, Campinas, SP, v. 18, 2020.

NIPPERDEY, T. Verein als soziale Struktur im späten 18. und frühen 19. Jahrhundert. In: BOOCKMAN, H. et al. **Geschichtswissenschaft und Vereinswesen im 19. Jahrhundert. Beiträge zur Geschichtshistorischen Forschung in Deutschland**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, p.1-44. 1972.

OLIVEIRA, M. de. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a primeira guerra mundial, uma análise da imprensa local. **Cadernos CERU**, v. 23, n. 2, p. 175-202, 2012.

PATRÍCIO, T. L.; BORTOLETO, M. A. C.; CARBINATTO, M. V. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, n. 30, Jan-Mar, p. 199-216, 2016.

PEDRINI, D.; MARTINS, A. P. As relações entre mulheres e homens no associativismo civil em Blumenau. In: SHERER-WARREN, I.; CHAVES, I. M. (orgs.) **Associativismo civil em Santa Catarina: trajetórias e tendências**. Florianópolis: Insular, 2004.

PEREIRA, L. A. M. A dança da política: trabalhadores, associativismo recreativo e eleições no Rio de Janeiro da Primeira República. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 74, p. 63-88, 2017.

PERES, J. A.; NÖTZOLD, A. L. V. “Os indígenas no Século XIX: a Selvageria nos (dos) Discursos Oficiais (1850-1880)”. **Ágora: Arquivologia em Debate**, v. 20, n. 41, p. 7, 2011.

PETRY, S. M. V. **Os clubes de caça e tiro na região de Blumenau: 1859-1981**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

QUITZAU, E. A. Associativismo ginástico e escotismo no Rio Grande do Sul (1913-1934). **História da Educação**, v. 23, 2019.

QUITZAU, E. A. Associativismo ginástico e imigração alemã no sul e sudeste do Brasil (1858-1938). **Tese (Doutorado)**– Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2016.

QUITZAU, E. A. da ‘Ginástica para a juventude’ a ‘A ginástica alemã’: observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.38, n.2, p.111-118, 2015.

QUITZAU, E. A. Educação do corpo e vida associativa: as sociedades ginásticas alemãs em São Paulo (fins do século XIX, primeiras décadas do século XX). **Dissertação (Mestrado)**– Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

QUITZAU, E. A. Entre a ginástica e o esporte: educação do corpo e manutenção da identidade nas sociedades ginásticas teuto-brasileiras. **Revista Educação em Revista**, v.35, p. 1-24, 2019.

QUITZAU, E. A. O trabalho na forma de alegria juvenil: a ginástica segundo Johann Christoph Friedrich Guts Muths. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 2, p. 359-373, 2012.

QUITZAU, E. A.; SOARES, C. L. O ideário de vida ao ar livre nas sociedades ginásticas teuto-brasileiras (1880-1938). **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, Apr 18, 2019.

QUITZAU, E. A.; SOARES, C. L. Um manual do século XVIII: culto à natureza e educação do corpo em "Ginástica para a Juventude", de Guts Muths. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 16, n. 1, p. 23, 2016.

REGGIANI, A. H. Cultura física, performance atlética e higiene de la nación. El surgimiento de la medicina deportiva en Argentina (1930-1940). **História Crítica**, n. 61, p. 65-84, 2016.

REVEL, J. Os usos da civilidade. In: CHARTIER, R. (Org.) **História da vida privada III: da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROSSBACH, R. F. A música em Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937). **Dissertação (Mestrado)**– Programa de Pós-graduação em Música, UDESC, 2008.

SALOMON, M. O Saber do Espaço: ensaio sobre a geografização do espaço em Santa Catarina no século XIX. **Tese (Doutorado em História Cultural)** – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SANTOS, A. V. Educação e colonização no Brasil: as escolas étnicas alemãs. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 538-561, 2012.

SCHARAGRODSKY, P. A. **Introducción**: Miradas médicas sobre la “cultura física” en Argentina (1880-1970). Buenos Aires: Editorial Prometeo, pp. 9-12, 2014.

SEGAWA, H. **Ao amor do público. Jardins do Brasil**. São Paulo: Studio Nobel / 226 Fapesp, 1996.

SEYFERTH G. Assimilação dos Imigrantes no Brasil: inconstâncias de um conceito problemático. In: **XXIV ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Petrópolis, 2000.

SEYFERTH, G. “A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica”. In: MAUCH, C.; VASCONCELOS, N. (Orgs). **Os Alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

SEYFERTH, G. "Concessão de terras, dívida colonial e mobilidade". 1996. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 7, p. 29-58. 1996.

SEYFERTH, G. **A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim**: um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre: Movimento, 1974.

SEYFERTH, G. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, v. 22, p. 149-197, 2004.

SEYFERTH, G. A liga Pan-Germânica e o perigo alemão no Brasil: análise sobre dois discursos étnicos irredutíveis. **Questões e Debates**, v. 10, n. 18/19, p. 113-156, Curitiba, jun./dez. 1989.

SEYFERTH, G. As associações recreativas nas regiões de colonização alemã no sul do Brasil: Kultur e etnicidade. In: **Revista Travessia**, n. 34, maio-ago. 1999.

SEYFERTH, G. Identidade camponesa e identidade étnica: um estudo de caso. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, v. 91, p. 31-63, 1993.

SEYFERTH, G. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 1990.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SILVA, A. M.; PERINI, C. G; AGOSTINI, M. de S. P. Histórias de bugres e tigres: corpo e natureza em terras catarinenses no século XIX. **ProPosições**, Campinas, Unicamp, v. 14, n. 2, p. 41, maio/ago. 2003.

SILVA, C. F. da.; MAZO, J. Z.; TAVARES, O. O estabelecimento dos esportes náuticos no Rio Grande do Sul na primeira década do século XX: entre o ruder e o remo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 10, n. 1, p. 24-31, 2018.

SIRIANI, S. C. L. Os descaminhos da imigração alemã para São Paulo no Século XIX: aspectos políticos. **Almanack Braziliense**, n. 2, p. 91-100, nov. 2005.

SOARES, C. L. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). **Pró-Posições**, (UNICAMP Impresso), v. 22, p. 67-80, 2011.

SOARES, C. L. Educação do corpo. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, p. 219-225, 2014.

SOARES, C. L. **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016.

SOUZA, R. F. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Editora Unesp, 1998.

STINGELIN, B. **Uma Taba para todos**: 150 anos do Tabajara Tênis Clube de Blumenau. Blumenau: Nova Letra Gráfica e Editora, 2010.

STUTZER, T. Cartas enviadas (1886). **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXXIX, n.5, p. 9, 1998.

TESCHE, L. **O turnen, a educação e a educação física nas escolas teuto-brasileiras, no Rio Grande do Sul: 1852-1940**. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**:mudanças de atitudes em relação as plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VIGARELLO, G. **Corrigir el Cuerpo**:História de un Poder Pedagógico. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2005.

VIGARELLO, G. Higiene do corpo e trabalho das aparências. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo**:da revolução a grande guerra. v. 2. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 375-392.

VIGARELLO, G. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História do corpo**: as mutações do olhar:o século XX. v. 3. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 197-250.

VIGARELLO, G. Panóplias Corretivas. In: SANTANNA, D. B. (Org.). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, p.21-38. 1995.

VIGARELLO, G.; HOLT, R. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo**: da revolução a grande guerra. v. 2. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 393-478.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEISE. Cartas enviadas (1855). **Blumenau em cadernos**, Tomo XI, n.5, p. 96, 1963.

WIESER, L.; KRÜGER, L. Physical education, gymnastics, games and sports In Brazil – The German Impact. **Educação em Revista**, Belo Horizonte: Dossiê Educação, Saúde, Recreação – Processos Históricos, v.35, e218011, 2019.

WITTMANN, L. T. **O vapor e o botoque**: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 267p. 2007.

ZICMAN, R.B. **História através da imprensa**: algumas considerações metodológicas. 1985.